

A roda dos deuses

Rafael Arrais



O livro da reflexão, vol. 2



A roda dos deuses

Sumário

[Prefácio](#)

[Cap.1: Da mitologia](#)

[Cap.2: Da espiritualidade](#)

[Cap.3: Da magia](#)

[Epílogo: O mapa natal](#)

Todo conteúdo é de autoria de Rafael Arrais (exceto as citações de outros autores e o epílogo).

Texto revisado segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Esta é uma edição de Textos para Reflexão
Para conhecer outras obras, visite o blog:
textosparareflexao.blogspot.com

Design e diagramação: Ayon
Copyright © 2016 por Rafael Arrais (PDF v1.0)

© *Creative Commons* (CC BY-NC-ND 3.0): Você tem o direito de copiar e redistribuir este material em qualquer suporte ou formato, contanto que não o edite nem utilize para fins comerciais, e cite a fonte original (Rafael Arrais).

Prefácio

Lá se vão nove anos desde que publiquei o primeiro dos *Textos para Reflexão*. Mas o que é o tempo não é mesmo? Disse Manoel de Barros que “o ser biológico é sujeito à variação do tempo, o poeta não”. Sinto que a poesia me faz viver um pouco deslocado do tempo, ao menos do tempo do mundo. Não me entenda mal, eu sei bem que a Disney lançou um novo *Star Wars*, que o Brasil perdeu de 7 a 1 para a Alemanha em casa, e que há uma grave crise econômica em boa parte do mundo, mas perto de alguns poemas de Fernando Pessoa, ou de alguns diálogos de Sócrates com seus jovens amigos, nada disso me comove como deveria... Eu simplesmente me esqueço de trocar meu *smartphone* no fim do ano, devo ser um desleixado.

Na verdade quase tudo o que sou devo ao que consegui desvelar da poesia. Foi assim que conheci a mulher que amo, que aprendi a fazer design para a web e, enfim, que encontrei a poetisa que me fez iniciar este blog – a história não é tão bonita quanto parece (ou, quem sabe, seja de uma beleza triste), mas já falamos sobre isso no primeiro volume desta série...

Com o passar dos anos, de tanto escrever, acabei chegando a alguns textos relativamente relevantes que me deram a honra de alcançar mais de 8 mil seguidores no Facebook e, o que é mais importante, uma boa dúzia de amigos e fiéis leitores do blog. Volta e meia eu me refiro “aos autores” do meu blog no plural, mas isto não quer dizer bem que faço psicografias (embora todo poeta seja um fingidor...), quer dizer somente que creio que as pessoas dão mais relevância a blogs com vários autores, e penso eu que até a pessoa descobrir que se trata de um blog de um autor só, talvez ela já tenha sido fisdada por alguma luz que refletiu por lá.

Mas fato é que o *Textos para Reflexão* é um blog pessoal, bem mais pessoal do que eu gostaria. Talvez fosse inevitável, afinal todo escritor que se preze escreve primeiro para si mesmo. É bom contar com

mais de uma dezena de comentários em alguns posts, mas a verdade é que eu sempre escrevi antes para organizar minhas próprias ideias, e muito do que eu escrevi, escreveria de qualquer jeito (o mesmo fez Montaigne, e para o bem ou para o mal não existiam blogs na sua época)...

A grande questão é que tenho a sorte de trabalhar em *home office*, e desde que parei de jogar *World of Warcraft* tenho escrito bastante, bastante coisa mesmo. Talvez seja impossível acompanhar tudo (eu mesmo me esqueço de muito do que já postei), e daí que pensei que seria interessante poder editar os melhores contos e artigos desses anos todos, catalogados por temas específicos. Dessa forma, cheguei a este segundo volume do *Livro da Reflexão*, onde pretendo abordar a mitologia, a espiritualidade e a magia, todas elas temas recorrentes do blog.

Nesta edição, cada capítulo tratará de um tema, mas é bem possível que eles também estejam espalhados por entre tantos textos. Vale lembrar que cada capítulo se inicia com artigos e se encerra com contos – espero que a presente organização sirva como uma espécie de guia de leitura minimamente agradável.

Acho que era só isso o que eu tinha para dizer neste prefácio... Ah, sim, e se você por acaso nunca ouviu falar do meu blog, segue um breve resumo do que ele pretende tratar:

Textos para Reflexão é um blog que fala sobre filosofia, ciência e espiritualidade. Onde se busca a sabedoria tanto no Evangelho de Tomé quanto no Cosmos de Carl Sagan. Onde as palavras nada mais são do que cascas de sentimentos, embora a poesia ainda assim possa nos levar a um outro mundo. Onde toda religião se pratica no pensamento, e onde Deus é nosso amor...

Rafael Arrais

03.03.2016

1. Da mitologia

A RODA DOS DEUSES

26.09.2012

Há uma lenda bastante difundida entre as religiões ocidentais que afirma, basicamente, que o monoteísmo, a “descoberta” do Deus Único, foi uma concepção originária do judaísmo. Segundo esta lenda, existem no mundo algumas poucas religiões monoteístas, derivadas da crença hebraica, e outras tantas que creem na existência de vários deuses de origem paralela – o chamado politeísmo.

A verdade, no entanto, pode ser mais profunda... Joseph Campbell foi um estudioso de mitos e religiões em todo o globo, e em *O poder do mito* ele deixa muito claro o que acredita ser a principal diferença entre as grandes religiões ocidentais, e as orientais: enquanto a oeste do canal de Suez, a maioria das pessoas identifica Deus com a *fonte* da Alma do Mundo, a leste de Suez, a associação que se faz é a da divindade como o *veículo* desta energia transcendente.

Por isso as religiões ocidentais tendem a identificar a Deus como um Grande Senhor que, sabe-se lá de onde, mantém a fonte da vida em constante afluência, enquanto que as religiões orientais tendem a ver esta divindade por toda a volta – ela seria o próprio fluido em movimento, a habitar a essência de todos os seres e de todas as coisas.

O curioso é que ambas as visões são complementares, e parecem ser apenas formas diferentes de se observar este grande mistério: “por que existe algo, e não nada?” Para resolver tal questão ancestral, a mente humana tem se aventurado a observar os recônditos mais distantes do Cosmos, e a mergulhar cada vez mais profundamente

dentro de si mesma... Este grande conjunto de dualidades, de opostos, emanados de uma única fonte, mas que preenchem a tudo o que há, *é precisamente isto a roda dos deuses*. Reflitamos:

O Uno

Conta-nos o estudioso de mitologia e religiões, Mircea Eliade [1], que os poetas criadores do *Rig Veda* hindu já se questionavam, provavelmente muito tempo antes dos hebreus, acerca do problema do ser, ou do incrível fato de, afinal, algo existir: “O Uno respirava por impulso próprio, sem que houvesse inspiração ou expiração (...) Afora isso, nada mais existia”. Depois, segundo eles, através de um ato de desejo e vontade, a “semente primeira” dividiu-se em “alto” e em “baixo”, num princípio masculino e noutro feminino, e depois irradiou ou emanou de si mesma, como um pensamento, tudo o que há.

Desta forma, os milhares de deuses hindus são, eles mesmos, uma “criação secundária”. Daí nasce o grande questionamento de um desses poetas hindus anônimos e ancestrais: “Será que aquele que zela por este mundo no lugar mais alto do firmamento é o único a saber (da origem da “criação secundária”) – ou nem mesmo ele sabe?”.

Se é verdade que nem todas as interpretações dos *Vedas* chegaram a tal profundidade, não é verdade que nenhum sábio hindu tenha chegado a conclusões muito próximas dos hebreus – tudo o que há haveria de ter sido criado ou irradiado de uma só fonte, de um só Deus. Dessa forma, a ideia básica do monoteísmo está longe de ser uma criação do judaísmo, ou pelo menos, apenas do judaísmo.

Esta mesma conclusão está presente no Antigo Egito (particularmente no hermetismo), na filosofia de Parmênides (e alguns filósofos pré-socráticos que não a desenvolveram com a mesma profundidade), no estoicismo, no pensamento de Plotino e, mais recentemente, na monumental obra de Espinosa, a *Ética*.

Mas, e seria este Uno um ser pessoal, ou alguma espécie de energia inefável, de força ou lei oculta da Natureza? Disto não podemos

saber, apenas apostar... Mas, ainda que apostemos na hipótese da energia inefável, ainda aqui teremos sido precedidos por Lao Tsé em muitos séculos: “O Caminho é vazio e inesgotável, profundo como um abismo. Não sei de quem possa ser filho, pois parece ser anterior ao Soberano do Céu” (Tao Te Ching, verso 4).

A Deusa Mãe

A adoração do aspecto feminino, fértil e vivificador da divindade data da pré-história (o que pode ser comprovado pelas inúmeras estatuetas de uma “grande mãe” encontradas pelos arqueólogos em vários pontos do mundo [2]).

Quase 3 mil anos antes de Cristo, na grandiosa cidade de Uruk, na Suméria, o templo de Ishtar dominava a civilização da primeira grande cidade. Ishtar, entretanto, era apenas mais um nome dado a Grande Deusa, que era adorada então por muitas outras culturas na Terra. Nada se comparava ao poder da mulher. Toda a vida provinha dela e sem seu alimento nenhuma vida sobreviveria. A Mãe era a vida. A Terra era a Mãe. Deus era Mulher. O matriarcado dominou grande parte do período em que se cultuou a Deusa Mãe.

Certamente o advento da agricultura contribuiu ainda mais para que o mistério do nascimento ocupasse um ponto central das religiões antigas. A Terra era associada ao ventre e, como os vegetais, os homens nasciam do solo, e voltavam ao solo durante a morte. Provavelmente tais mitos tenham sido a fonte primária dos mitos de criação do homem a partir do solo, presentes não somente na mitologia hebraica como em alguns mitos africanos bastante similares.

Mas com o tempo, e o advento das primeiras cidades (com estoques de grãos), dos saqueadores de cidades, e dos exércitos que guardavam as cidades dos saqueadores, o mundo tornou-se mais bruto e violento, e o matriarcado foi sendo suprimido pelo patriarcado. A Deusa Mãe saía de cena...

O “deus do pai”

Ainda nos conta Mircea Eliade que a religião dos patriarcas hebreus, já desde Abraão, era muito próxima ao culto dos antepassados, prática comum tanto do paganismo como de doutrinas orientais, como o budismo e o xintoísmo. O “deus do pai” é primitivamente o deus do antepassado imediato, que os filhos reconhecem. É um deus dos nômades e pastores, que não está ligado a santuários fixos, mas acompanha e protege um grupo de homens. Ele “se compromete diante de seus fiéis por meio de promessas” – o que fica muito claro nas barganhas relatadas no *Antigo Testamento* (“faça isto por mim, que farei isto por você”) [3].

Mas ao penetrarem em Canaã, os patriarcas são confrontados com o culto do deus El (o Deus Criador nas culturas suméria e babilônica), e o “deus do pai” acaba por lhe ser identificado [4]. Dessa forma, obtém a dimensão cósmica que não podia ter como uma divindade de famílias e clãs.

O “deus do pai”, o deus dos patriarcas hebreus, torna-se o Deus Criador e, dessa forma, é também associado ao Uno, ao “único Deus”. Mas isto não foi “a origem do monoteísmo”, como dizem as lendas, mas tão somente um dentre muitos sincretismos religiosos similares, que ocorreram não somente em Canaã, como em diversas outras partes do mundo...

Entidades divinas

Friedrich Schiller talvez tenha nos apresentado com a melhor síntese do que seriam, afinal, os deuses de outrora, citando a mitologia grega: “Naqueles dias do belo acordar das forças espirituais, os sentidos e o espírito não tinham, com rigor, domínios separados. [...] Por mais alto que a razão subisse, arrastava sempre consigo, amorosa, a matéria, e por finas e nítidas que fossem as suas distinções, nada ela mutilava. Embora decompusesse a natureza humana para projetá-la, aumentada em suas partes, no maravilhoso círculo dos deuses, não o fazia rasgando-a em pedaços, mas sim compondo-a de maneiras diversas, já que em deus algum faltava a humanidade

inteira. Quão outra é a situação entre nós mais novos. [...] Eternamente acorrentado a uma pequena partícula do todo, o homem só pode formar-se enquanto partícula.” [trecho de *Cartas sobre a educação estética da humanidade* (carta VI)]

Todas as entidades divinas, como os deuses gregos, são mitos associados a aspectos da Natureza; o que certamente inclui a nossa natureza – a natureza humana. É óbvio que não existe, na natureza terrestre pelo menos, um homem que mora acima das nuvens e de vez em quando desce a Grécia para seduzir e copular com belas mulheres desavisadas; mas, por outro lado, a iconografia de Zeus é toda ela um imenso conjunto de símbolos, símbolos estes que existem e sempre existirão, ao menos enquanto existirem mentes com vontade de pensar sobre eles.

Os símbolos nada mais são do que imensas quantidades de informação reduzidas a uma única imagem ou história fantástica ou ícone que funcionam como uma chave mental para o acesso dessas informações e sensações, desde que a pessoa saiba, em seu pensamento, como usar esta chave de uma forma consciente. Você pode perfeitamente substituir a imagem (o símbolo) de Zeus por uma série de palavras (formadas por conjuntos de símbolos – as letras do alfabeto) a formar uma extensa lista: nobreza, inteligência, sabedoria, espiritualidade, sedução, magia, fúria, excitação, ciúmes, vingança etc. É claro que, dependendo da interpretação de cada pessoa, e de cada tradição folclórica, essa lista pode variar imensamente, mas não absolutamente. Zeus é um conjunto de símbolos, ele serve para que acessemos tais ideias em nosso pensamento, sentimento e intuição, de forma simplificada e cada vez mais potente (o hábito faz o monge).

O grande problema do “uso dos mitos” é quando os entendemos como seres literais (e não metáforas), dispostos a barganhar conosco em troca de “favores espirituais”, “boa sorte”, “boa saúde” etc. Isso é um problema porque, exatamente, a grande vantagem dos mitos é poder ativar a nossa vontade para que nós mesmos busquemos tais objetivos, que nós mesmos nos tornemos heróis a vivenciar a grande

aventura da vida, que nós mesmos nos tornemos, enfim, deuses (“sois deuses, farão tudo o que faço e ainda muito mais” – disse o grande rabi da Galileia [5]).

Ainda em *O poder do mito*, Joseph Campbell nos ajuda a entender melhor a questão: “Todos os símbolos da mitologia se referem a você. Você renasceu? Você morreu para a sua natureza animal e voltou à vida como uma encarnação humana? Na sua mais profunda identidade, você é Deus. Você é um com o ser transcendental”...

Dizem os *Upanixades* hindus que “aquele que sabe que também é parte de Deus se torna, em sua Criação, um cocriador”. É claro que ninguém imagina que possa criar outros universos por aí, apenas pensando sobre eles, nem muito menos que é onipotente neste universo (ou ao menos, ninguém que manteve certa sanidade em sua crença); por outro lado, todo aquele que reconhece a fagulha divina dentro de si, pode potencialmente, como Cristo, tornar-se “um com o Uno”. Neste sentido, todos os mitos, todos os deuses, são apenas “atalhos no caminho”, símbolos que podem nos auxiliar em nossa religião ao Uno.

Para finalizar o assunto, é sempre proveitoso consultarmos a sabedoria de Alan Moore: “Na Cabala há uma grande variedade de deuses, mas acima da escala, da Árvore da Vida, há uma esfera que é o Deus Absoluto, a Mônada. Algo que é indivisível, você sabe. E todos os outros deuses, e, de fato, tudo mais no universo é um tipo de emanção daquele Deus. E isto está bem. Mas, quando você sugere que lá está somente esse único Deus, a uma altura inalcançável acima da humanidade, e que não há nada no meio, você está limitando e simplificando o assunto. Eu tendo a pensar o paganismo como um tipo de alfabeto, de linguagem. É como se todos os deuses fossem letras dessa linguagem. Elas expressam nuances, sombras de uma espécie de significado ou certa sutileza de ideias, enquanto o monoteísmo é só uma vogal, onde tudo está reduzido a uma simples nota, e que quem a emite nem sequer a entende.” [trecho de sua entrevista para o documentário *The mindscape of Alan Moore*]

Avatares e heróis

Um avatar (do sânscrito, *aval*) é “aquele que descende de Deus”. Ora, se formos considerar o que falamos até aqui, isto não será nenhuma novidade – todos nós descendemos de Deus, assim como todas as coisas descendem de Deus. Um avatar, entretanto, geralmente é também um ser mitológico, um herói ancestral dos antigos contos falados nas fogueiras das primeiras tribos – uma prática que se estendeu por todas as civilizações humanas.

Joseph Campbell também nos falou algo interessante sobre essas jornadas heroicas da mitologia antiga:

“O reino de Deus está dentro de nós e, não obstante, também está fora de nós; Deus, todavia, não é senão um meio conveniente de despertar a bela adormecida, a alma. A vida é o seu sono; a morte, o despertar [6]. O herói, aquele que desperta a própria alma, não é mais do que o meio conveniente de sua própria dissolução. Deus, aquele que desperta a alma, é, nesse sentido, sua própria morte imediata.

Provavelmente o símbolo mais eloquente possível deste mistério seja o do deus crucificado, o deus oferecido “ele mesmo a si mesmo”. Entendido numa das direções, o sentido é a passagem do herói fenomênico para a supraconsciência: o corpo, com os cinco sentidos, fica pendendo da cruz do conhecimento da vida e da morte. [...] Mas é igualmente verdadeiro que Deus desceu voluntariamente e colocou sobre si mesmo a carga de sua agonia fenomênica. Deus assume a vida do homem, que liberta o Deus que se acha em seu interior no ponto médio do cruzamento das hastes da mesma “coincidência de opostos”, a mesma porta do sol pela qual Deus desce e o homem sobe – Deus e o homem se alimentam mutuamente.” [trecho do seu livro, *O herói de mil faces*]

Ora, se os xamãs da pré-história dedicaram-se com tanto sacrifício a realizar pinturas nas cavernas mais inacessíveis, eles de fato tinham uma boa razão: as experiências espirituais eram parte central de sua

vida, de nossas primeiras tentativas de tatear a Natureza inefável. Seja caçando bisões ou imensos dragões, as jornadas dos heróis de outrora também diziam respeito a nossa própria jornada, a conquista de uma vontade devidamente conectada ao Cosmos, e não mais aos desejos desenfreados dos monstros subconscientes. Sim, pois aqui a mitologia e a psicologia se confundem, e fica muito claro, ao menos para quem tem olhos para ver, que a roda dos deuses tem girado, sobretudo, dentro da mente humana – esta grande desconhecida!

Conforme o Buda meditando ao lado de uma árvore, ou Jesus sendo tentado em pleno deserto, buscando despertar o Cristo que jazia em seu interior: todas essas histórias são símbolos transmitidos pelos sábios ancestrais, e ainda que não tenham transcorrido exatamente da forma como foram contadas, elas vêm sendo incansavelmente reencenadas em seu palco mais primordial – a consciência humana.

A questão, portanto, não é se os deuses e os avatares existem ou não, mas a experiência que provocam em nós. A experiência mística, religiosa, a reconexão ao sagrado, a vivência do amor: disto, todo verdadeiro religioso sempre teve convicção, e não precisou de experimentos comprovando aquilo tudo de que sabem lá dentro de suas almas.

O sagrado

Conforme o disco de Newton a girar, todos os pensamentos, mitos e histórias sagradas se revelam, em sua essência mais profunda, não como uma gama de deuses separados e rivais, mas como pontos de vista e reflexões de um só Deus, Uno.

Então chegamos ao primeiro paradoxo a ser reconciliado: o Uno não tem, nem nalgum dia teve, nem poderá um dia ter um oposto – pois o nada não existe. Da posse desta reconciliação, desta compreensão que em realidade não pode ser descrita por palavras ou linguagem, alcançaremos à experiência de reconhecer ao sagrado derramado sobre tudo o que há...

E poderemos, quem sabe, compreender que todos os outros opostos também vieram da mesma fonte, e todos os monstros e dragões em realidade nada mais eram do que atores deste teatro da alma. Uma vez compreendidos, reconciliados, também poderão ser nossos amigos – o lobo terá sido adestrado pelo amor.

Há essa ponte entre duas terras:

A terra onde tudo está separado em pequenas caixas, como segredos hermeticamente fechados;

E a terra onde tudo jaz junto, unido, conectado...

O amor é a ponte

O amor é uma fonte

Deus está a aguardar na outra margem

Deus não está a aguardar na outra margem

Deus é uma experiência

(Onde vivem os deuses, raph)

SERPENTES

25.08.2012

As serpentes são nossas velhas conhecidas dos mitos de criação. Diz-nos o *Gênesis* que a serpente era a mais astuta de todos os animais do Éden. Javé havia alertado ao primeiro homem e a primeira mulher, Adão e Eva, que jamais comessem do fruto proibido da árvore que estava no meio do jardim, pois que tal ato causaria a morte. Mas a astuta serpente disse a Eva: “Se o comer, certamente não morrerás. Porém, Javé sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Javé, sabendo do bem e do mal”.

Então Eva percebeu que o fruto daquela tal árvore era agradável aos olhos e desejável para o entendimento. Comeu o seu fruto, a

depois ofereceu a iguaria também ao primeiro homem. E diz-nos o Gênesis que “então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus”. Eis uma excelente estratégia de Javé e da serpente...

Agora vejam esse trecho de um mito do povo Bassari da África Ocidental [7]:

Unumbotte fez um ser humano e seu nome era Homem. Em seguida criou um antílope e o chamou Antílope. Também fez uma serpente chamada Serpente. E disse a eles: “A terra ainda não foi trabalhada. Vocês precisam amaciar a terra onde estão sentados”; e tendo lhes entregado sementes de todos os tipos, prosseguiu: “Plantem todas essas sementes”. Tendo obedecido às ordens de Unumbotte, perceberam que haviam criado um jardim sobre a terra, cheio de frutos os mais variados. Havia um tipo de fruto, entretanto, para o qual Unumbotte alertou que não comessem.

Um dia, porém, Serpente disse: “Nós também devemos comer esses frutos. Por que passar fome?”. Antílope então disse: “Mas não sabemos nada sobre esse fruto”. Então Homem e sua Mulher tomaram o fruto e o comeram. Unumbotte prontamente desceu do céu e perguntou: “Quem comeu o fruto?”. Homem e Mulher foram sinceros: “Fomos nós”. Unumbotte indagou-os: “Quem disse que vocês podiam comer desse fruto?”. Homem e Mulher foram um pouco mais maliciosos: “Foi Serpente quem disse”.

Pobres serpentes que levam a culpa pela suposta corrupção do homem e da mulher, a despeito de conhecimento prévio de Javé e Unumbotte acerca do que viria a ocorrer... Nem era preciso ser onisciente para saber: ofereça a possibilidade de conhecimento oculto, proibido, aos seres ávidos por conhecer, e eles arriscarão tudo por eles, tal qual Prometeu arriscou despertar a ira dos deuses (e de fato a despertou) para entregar aos homens os segredos do seu fogo. Seriam as serpentes e os titãs, seres tão astutos e conhecedores, o

“grande mal” personificado, ou antes, meros atores a colaborar com o ainda mais astuto plano divino?

Diversos autores discutem sobre diversas religiões do Oriente Próximo, muitas das quais representavam a Deusa Mãe por uma serpente, e outras por uma simbologia de comunhão realizada pelo ato de comer uma fruta de uma árvore que crescesse perto do altar dedicado à Deusa. Estas deusas também representavam o conhecimento, a criatividade, a sexualidade, a reprodução, os novos ciclos naturais, e o destino.

De fato, não foi à toa que Eva levou a culpa do tal Pecado Original, juntamente com a serpente. Há aqui que se considerar que diversas sociedades matriarcais ancestrais foram sendo suprimidas pelo patriarcado. Por muito tempo após o advento da agricultura, as mulheres passaram a organizar a colheita, tornando-se, talvez, mais importantes para a sobrevivência da tribo do que os próprios homens, os caçadores. Tal sucesso, no entanto, fez com que o ser humano prosperasse e se espalhasse pelo mundo. Nalgum dia alguma tribo tornou-se próspera o suficiente para que despertasse uma antiga ideia brutal dos caçadores: “Por que arriscar caçar no campo selvagem, se podemos saquear os grãos e a colheita dessas tribos de ovelhas?”.

Então surgiram os lobos a assustar as ovelhas. Alguns dos lobos se ofereceram para proteger as ovelhas dos outros lobos, em troca de comida. Surgiu o primeiro exército. Os homens voltaram a dominar pela força, e a sabedoria das mulheres no lido com as colheitas e a natureza não era mais tão primordial. Com o tempo os mitos alcançaram tal história. Seguem alguns exemplos sugestivos...

Na mitologia babilônica: A morte da serpente-dragão Tiamat pelo deus Marduk, que divide seu corpo em dois, é considerada um grande exemplo de como ocorreu a mudança de poder do matriarcado ao patriarcado. Na mitologia grega: Na juventude, Apolo matou a serpente Píton, que vivia em Delfos e tomava conta do oráculo de Têmis, e tomou o oráculo para si. Depois foi punido, pois Píton era a filha de Gaia, a Mãe Terra. Ah sim, Apolo também tomou o cuidado de dividir o corpo da serpente em dois.

Finalmente, retornando a Bíblia: Diversos autores modernos analisam a história da criação do *Gênesis* como uma narrativa alegórica sobre a divindade Javé suplantando a Deusa Mãe, representada pela árvore da vida, e a religião hebraica suplantando este culto. Isto é demonstrado na passagem sobre a origem do pecado em que o conhecimento proibido relaciona-se a sexualidade e a reprodução, especialmente o conhecimento de que os homens participam da reprodução [8].

Eis que achamos a culpada por nosso conhecimento da sexualidade e dos mistérios naturais: a serpente-dragão, a Deus Mãe. Mas, se no Ocidente tais mitos carregaram as serpentes com características supostamente negativas, no Oriente foi algo diferente...

Abaixo da Árvore da Iluminação, está o Buda sentado em posição de meditação. Quando uma grande tempestade se aproximou, uma enorme serpente levantou-se acima da caverna subterrânea e envolveu o Buda em sete espirais por sete dias, para não interromper o estado de meditação. Para os orientais, o conhecimento da natureza, não somente científico, mas sobretudo espiritual, pode levar a paz de espírito duradoura e, quem sabe, a grande iluminação interior.

Sim, há grande sofrimento no mundo, e os místicos orientais não negam isso, mas o reafirmam: nada pode ser mais prazeroso do que enfrentar esse sofrimento, e prosseguir no caminho de retorno ao Éden. A diferença é que o Éden não foi nem será – o Éden está aqui neste momento, dentro de nós, e fora de nós, espalhado sobre a terra, e os homens não o veem.

Buda o viu, e esta visão o fez caminhar por milhares de quilômetros da Ásia, trazendo a “boa nova” para os desavisados, iluminando o caminho daqueles que combatiam incessantemente a natureza, sem perceber que estavam conectados a ela. Era preciso saber encarar o sofrimento face e face, e se renovar, se reinventar há todo momento, para que os traumas e as cicatrizes fossem parte de nossa antiga história, de nossa antiga pele, e não mais do momento atual. Deste momento.

A serpente que abraça a terra e os galhos das árvores sagradas sabe: ela já provou do fruto proibido, e amargou, quem sabe, um conhecimento indesejado, o conhecimento do sofrimento e do mal. Porém, foi assim também que obteve o conhecimento da felicidade e do bem, e percebeu que o caminho para a luz da felicidade era infinito, enquanto que o sofrimento se acumulava apenas em sua pele, em sua casca. A serpente aprendeu a trocar de pele, e deixar seus antigos traumas para trás. Todo este veneno antigo não era mais necessário: fez do próprio veneno um antídoto para a vida. Serpenteia sempre renovada, pelos mesmos sulcos de terra criados por suas irmãs. A serpente sabe.

Até quando os seres de pouca visão permanecerão crendo que todo impulso natural é pecado, que a natureza deve ser subjugada, e que o sofrimento deste mundo de nada nos serve que não para esperarmos com ainda mais afinco, com as ancas ainda mais fincadas no solo do dogma, pelo suposto retorno ao antigo estado de ignorância do Éden, quando nada sabíamos e nada conhecíamos, nem éramos conscientes de nós mesmos, mas caminhávamos junto ao Pai Bondoso?

Pois saibam que este foi o grande esquema, a grande lição arquitetada por Javé e Unumbotte, com a ajuda de todas as serpentes do mundo, e com o aval da Deusa Mãe: tirar seus filhos de casa, para que sobrevivam e evoluam por si mesmos, e paguem suas próprias contas.

Está na hora de tornar-se adulto.

Então Ele percebeu, “na verdade Eu Sou essa criação, pois Eu a expeli de mim mesmo”; Dessa forma, Ele se tornou essa criação, e aquele que sabe disso torna-se, na criação, um cocriador (Upanixades)

EM CRISE NO ÉDEN

26.10.2012

A origem do termo Éden, em hebraico, parece derivar da palavra acade *edinu*, que deriva do sumério *edin*. Em todas estas línguas a palavra significa “planície” ou “estepe”. No entanto, o *Gênesis* nos conta que o Éden era uma espécie de jardim das delícias, com os frutos mais variados e suculentos, onde Adão e Eva viviam em felicidade plena, sem envelhecer, ou trabalhar, ou adoecer. O mito nos conta que Deus havia feito este tal acordo com o primeiro homem e a primeira mulher: poderiam viver indefinidamente em seu jardim, sem conhecer a fome e a morte, contanto que jamais comecessem do fruto do conhecimento do bem e do mal.

Mas, estranho de se pensar: seria a ignorância a razão de sua felicidade? Adão e Eva eram imortais, mas todo animal é imortal, na medida em que não desenvolveu a consciência e, dessa forma, não sabe que vai morrer. O mito nos conta que eles foram expulsos do Éden, que “tomaram conhecimento de sua própria nudez”, mas não seria este momento exatamente o grandioso despertar da consciência humana? O momento em que souberam que eram um ser a parte, com vontade própria? Quando compreenderam que eram como qualquer outro animal, exceto pelo fato de que sabiam que iriam morrer? Neste sentido, a questão da existência não é a morte em si, que é fato, mas sim o que faremos desta vida, desta angústia quase insustentável de termos uma alma, algo tão infinitamente belo e frágil, sem sabermos ao certo o que fazer dela...

Sigmund Freud certa vez disse que houveram três feridas narcísicas [referência ao mito de Narciso] na humanidade que tiveram como consequência uma mudança significativa na forma como o homem vê a si próprio. Os três pensadores responsáveis por elas foram Nicolau Copérnico, Charles Darwin e o próprio Freud.

Eu tendo a ver a análise de Freud como a análise de uma crise da alma humana, mas todas as crises geram admiráveis oportunidades

para a elevação de nossa consciência, ao menos para aqueles que tem olhos atentos nas leis da Natureza:

Não estamos no centro

Inspirado por ideias de manuscritos antigos, Copérnico foi o primeiro cientista moderno a contrariar a ideia comum de que a Terra estava situada no centro do Cosmos, e que mesmo o Sol girava em seu redor. Com o heliocentrismo, que foi posteriormente comprovado por observações de Galileu Galilei, o homem se viu destituído do centro mítico do universo. Assim como Narciso, que só conseguia admirar sua própria imagem refletida no lago, o homem antigo acreditava que habitava a morada central, algum ponto importante do infinito...

Mas, estranho de se pensar: como pode o infinito ter um centro? Que importa se é a Terra que gira em torno do Sol, ou o contrário, se hoje sabemos que tudo se encontra catapultado em direção a tal imensidão, e que mesmo o nosso Sol é somente um dentre bilhões de outros sóis? Ainda que a Terra gire em seu entorno, o Sol não está fixado em centro algum, mas viaja pelo Cosmos como um pedaço de poeira ao vento matinal. No Cosmos, afinal, nada se perde, mas tudo flui, e se metamorfoseia, se transforma. Somos formados por poeira de estrelas, e nossos átomos são emprestados do mesmo conjunto de átomos que forma tudo o que há.

Dessa forma, todos os pontos estão igualados – o centro não existe, mas se encontra espalhado por todos os lugares.

Não fomos criados perfeitos

Diz o mito que uma bela ninfa, chamada Eco, estava perdidamente apaixonada por Narciso. Mas o belíssimo rapaz, embriagado pelo próprio reflexo, se julgava um deus e, dessa forma, indigno da afeição de uma mera ninfa... Talvez tenha sido um pensamento parecido que levou o homem a se julgar um ser superior em meio a natureza e aos demais animais. Havia sido criado perfeito, pelo próprio Deus, ainda no Éden, de onde havia sido expulso por desejar adquirir

conhecimentos proibidos. Isto tudo foi questionado pela teoria de Darwin e Wallace, que postulava que o homem não havia sido criado como era hoje, mas que veio evoluindo pela árvore da vida, desde uma simples bactéria, por bilhões de anos, e por milhões de espécies distintas.

Mas, estranho de se pensar: como poderia o homem ser uma criação perfeita se, ainda no Éden, havia muitas coisas que desconhecia? Veja bem: o fruto que comeu, e que causou sua expulsão do jardim das delícias, trazia não somente o conhecimento do mal, como do bem. Se o homem não conhecia o mal, tampouco conhecia o bem. Era, dessa forma, um perfeito ignorante – como vimos, nem mesmo conhecia sua própria mortalidade.

Hoje sabemos, através da biologia, que o homem não surgiu do nada, nem tampouco é perfeito, mas que evoluiu através das adversidades, de sua relação com o meio ambiente a volta. Darwin disse que através da “guerra da fome e da morte”, a evolução das espécies “tendia a perfeição”. Mas a perfeição a que ele se referia não era uma perfeição final, derradeira, mas um eterno “vir a ser”, um aprendizado sem fim.

Não há nada mais sinistro do que a perfeição, se o próprio universo fosse perfeitamente simétrico desde o início do espaço-tempo, matéria e anti-matéria teriam se aniquilado mutuamente, e nada mais haveria do que vácuo e vazio – nenhum lampejo de luz numa escuridão fria, simétrica. Para nossa sorte, a Natureza nunca foi totalmente perfeita. E, quem somos nós, senão crianças em constante aprendizado?

Dessa forma, todos temos de seguir nesta trilha ancestral – a perfeição está no caminho, e não na chegada.

Não conhecemos sequer nossa casa

Coube ao próprio Freud redescobrir o inconsciente humano, aquele mesmo que se mostrava, antigamente, nos mais variados mitos. Pois que mitos nada mais são do que os fatos da mente

encenados em ficções, histórias que eram passadas adiante pelos contadores e menestréis...

Diz ainda o mito de Narciso que Nêmesis, a deusa da vingança e da ética, condenou-o por haver ignorado solenemente o amor da ninfa, que terminou por definhar em desilusão. Mesmo o próprio Narciso, condenado a contemplar sua bela face no lago, terminou por definhar e morrer, assim como Eco. Mas, quando foram buscar seu corpo, encontraram apenas uma flor, a flor da alma que havia morrido para a beleza do ego, e agora contemplava uma beleza ainda mais profunda.

Se antes Narciso andava distraído por sua própria beleza, e não observava o mundo a volta, agora havia morrido, e renascido. Um belo mito, que demonstra que nem todas as punições divinas são aquilo que imaginamos a primeira vista. Nêmesis teve sim compaixão, mas sobretudo senso de justiça: todos, afinal, precisam reavaliar seus atos, até que se conheçam verdadeiramente, até que compreendam os meandros e os monstros de seu próprio inconsciente.

A filosofia é a verdadeira autoajuda

Se Freud encontrou tantos traumas e tanta escuridão nas mentes mais comuns, é porque a era moderna carece de seus mitos, de modo que somente alguns poucos conseguem ser, ainda, psicólogos de si mesmos. Toda a filosofia se encontra aí: autoconhecimento. A filosofia é a verdadeira autoajuda, e conhecer aos próprios pensamentos, sem medo, sem culpa, é a única forma de lapidar a alma, transformar chumbo em ouro, e renascer, como a lótus, em meio ao charco dos desejos desenfreados – agora, devidamente domesticados pela vontade.

Dessa forma, foi preciso que uma grande crise se abatesse sobre a alma para que percebêssemos o que somos – hóspedes em nossa própria mente, mas sempre a procura do Anfitrião.

O despertar

Assim como Narciso, Adão e Eva despertaram para uma existência própria, e deixaram de contemplar a Deus – seja indiretamente, pelo amor à própria beleza, seja diretamente, pelo espanto ante tal imenso jardim. Estavam em crise em meio ao próprio Éden, mas tal crise lhes trouxe a oportunidade de serem, enfim, seres que possuem vontade. E assim que puderam, finalmente, escolher por conta própria, escolheram caminhar a frente, em Sua direção, para não somente contemplar, mas compreender... E, em compreendendo, tornarem-se nesta Criação, cocriadores!

OS CORVOS DE WOTAN

20.05.2012 ~ 23.05.2012 (uma quarta-feira)

A chamada tradição oral é a preservação de histórias, lendas, usos e costumes através da fala. Origina-se do primórdio da história humana, quando ainda não havia a escrita e os materiais que pudessem manter e circular os registros históricos. Na atualidade própria das classes iletradas, a tradição oral tem sido, contudo, muito valorizada pelos eruditos que se dedicam ao seu estudo e compilação (as baladas da *Edda Poética*, por exemplo), ao considerarem que é na tradição oral que se fundamenta a identidade cultural mais profunda de um povo. Supõe-se, por exemplo, que a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero foram inicialmente, assim como as *Eddas*, longos poemas recitados de memória.

Joseph Campbell gostava de dizer que “o mito é algo que nunca existiu, mas que existe sempre”. Esse aparente paradoxo pode ser reconciliado se entendermos a tradição oral, mãe da mitologia, como a melhor forma com a qual o espírito humano pôde passar adiante suas experiências no contato com a essência das coisas, com o que há de eterno no mundo. Dessa forma, todas as variantes de um mesmo mito são, no fundo, uma mesma história. E toda mitologia é, no fundo, uma mesma mitologia, uma mitologia do espírito humano.

Mas hoje não vivemos mais em tribos e aldeias, e nem todos necessitam decorar tais histórias antigas. Além disso, não são os xamãs nem os anciãos quem nos passam os mitos, mas alguns poucos textos sagrados de outrora, que até hoje inspiram inúmeras variações na mente dos contadores de histórias modernos – a quem conhecemos, principalmente, como artistas. Existem mitos sendo recontados em todos os cantos: nos livros de vampiros adolescentes, nos filmes de Hollywood, nas séries de TV de fantasia, e até mesmo num gibi.

O deus que usarei como exemplo de referência neste artigo é hoje um conhecido personagem de histórias em quadrinhos da Marvel. Se você já leu algum gibi, ou viu algum filme recente, de seu filho, certamente o conhece: Odin (ou *Wotan*, ou *Wôdan*, variantes hoje menos conhecidas, mas que vieram do original germânico), é o Senhor de Asgard e pai de Thor, o heroico deus do trovão.

Você pode achar que não há nada de muito profundo a se falar sobre um velho deus-herói-caçador aposentado que hoje se limita a governar uma cidade mítica, e talvez tivesse razão se considerarmos apenas a forma extremamente diluída deste mito que nos chegou aos dias atuais como um mero personagem de quadrinhos... Mas, não que eu esteja condenando Stan Lee e Jack Kirby, pelo contrário: apesar de terem “diluído” o mito, eles fizeram por ele bem mais do que o cristianismo, que por muitos séculos demonizou o grande deus dos povos nórdicos europeus, a fim de substituí-lo por sua versão bíblica.

Mas, o que exatamente eu quero dizer pelo mito de Odin, será que me refiro a uma entidade sobrenatural real? Bem, com todo o respeito à Freternidade de Odin [9], não é exatamente isso que quero dizer... É óbvio que não existe, na natureza terrestre pelo menos, um homem caolho a cavalgar os céus montado num cavalo de oito patas; mas, por outro lado, a iconografia de Odin é toda ela um imenso conjunto de símbolos, símbolos estes que existem e sempre existirão, ao menos enquanto existirem mentes com vontade de pensar sobre eles.

Os símbolos nada mais são do que imensas quantidades de informação reduzidas a uma única imagem ou história fantástica ou ícone que funcionam como uma chave mental para o acesso dessas informações e sensações, desde que a pessoa saiba, em seu pensamento, como usar esta chave de uma forma consciente. Você pode perfeitamente substituir a imagem (o símbolo) de Odin por uma série de palavras (formadas por conjuntos de símbolos – as letras do alfabeto) a formar uma extensa lista: sabedoria, fúria, excitação, guerra, caçada, mente, magia, poesia, escrita rúnica etc. É claro que, dependendo da interpretação de cada pessoa, e de cada tradição folclórica, essa lista pode variar imensamente, mas não absolutamente. Odin é um conjunto de símbolos, ele serve para que acessemos tais ideias em nosso pensamento, sentimento e intuição, de forma simplificada e cada vez mais potente (o hábito faz o monge).

O grande problema do “uso dos mitos” é quando os entendemos como seres literais (e não metáforas), dispostos a barganhar conosco em troca de “favores espirituais”, “boa sorte”, “boa saúde” etc. Isso é um problema porque, exatamente, a grande vantagem dos mitos é poder ativar a nossa vontade para que nós mesmos busquemos tais objetivos, que nós mesmos nos tornemos heróis a vivenciar a grande aventura da vida, que nós mesmos nos tornemos, enfim, deuses (“sois deuses, farão tudo o que faço e ainda muito mais” – disse o grande rabi da Galileia [João 10:34; 14:12]).

Mas, retornando a Odin: é verdade que o que sabemos hoje sobre o seu mito é extensivamente baseado na *Edda Poética*, um grandioso conjunto de poemas vindos diretamente dos mitos dos povos nórdicos antigos da Europa, e que foi preservado no *Codex Regius* (“Livro Real”), um códice islandês que provavelmente foi escrito em cerca de 1270 d.C., mas que só se tornou “conhecido na modernidade” quando um bispo o encontrou na Islândia e o enviou como presente ao então rei da Dinamarca, em 1662.

A *Edda* então permaneceu na Biblioteca Real de Copenhague até 1971, quando foi escoltada por militares por terra e mar (um acidente

aéreo poderia a danificar permanentemente), de volta a capital da Islândia, Reykjavík. Lá ela permanece até hoje, como uma legítima relíquia que guardou praticamente sozinha aos séculos da cultura de um povo, e impediu que seus mitos de diluíssem até não mais existirem.

O que os versos da *Edda* nos trazem, entretanto, são baladas e cânticos bardos de épocas ainda muito mais remotas... Diz-se que Odin já era conhecido desde os primórdios da língua protogermânica, que durou de 500 a.C. há 500 d.C., e que formou a base de diversos idiomas atuais, como o inglês, o escocês, o alemão, o dinamarquês, o norueguês e o islandês, dentre outras.

De fato, Odin é tido como o grande responsável por trazer aos homens o conhecimento das runas, a base da escrita germânica antiga, do mundo espiritual (falaremos mais sobre isso na sequência). Ora, como as runas mais antigas encontradas datam dos séculos I e II d.C., podemos dizer que o mito de Odin era tão antigo quanto elas... Mas, talvez seja ainda muito mais antigo do que isso. Porém, como teremos certeza?

Certeza nós jamais teremos, pois a história não é somente uma mera reconstrução moderna dos tempos de outrora: mas uma reconstrução criada primordialmente pelos povos e países vencedores das guerras e dos embates dentre crenças religiosas... O Odin que conhecemos hoje é um Odin sobrevivente aos séculos de domínio romano e cristão, e é mesmo quase um milagre que ele tenha sobrevivido. Apesar das extensivas campanhas de demonização feitas pelos ditos cristãos, o mito mostrou-se persistente: Odin ainda cavalga pelos céus, pelas películas de cinema e pelas histórias em quadrinhos.

Dito isso, é preciso deixar claro que a própria natureza do mito é a de se transformar continuamente, preservando-se apenas sua essência, aquilo que está fora do tempo, e sobrevive exatamente por nos tocar a alma, por ser eterno... Portanto, a interpretação que mais conta é a atual; e, além disso: é a nossa interpretação.

Porque os mitos que nos são despejados como dogmas pré-estabelecidos por pretensas figuras de autoridade não são muito mais

do que propaganda enganosa. O que nos importa, o que sempre importou, é identificar a essência, a verdade guardada em inúmeras metáforas, percebida sabe-se lá por qual ancestral selvagem em meio ao inverno europeu, e que, espantosamente, ainda está aqui, ainda nos toca a alma, ainda é capaz de nos elevar a estados de consciência que nem sabíamos que existiam.

O que falarei a seguir, portanto, é da minha interpretação do mito de Odin. Baseada num estudo das inúmeras histórias que ainda se contam dele, é claro; mas, não obstante, minha interpretação. Sintase a vontade para questioná-la, interpretá-la, vivenciá-la, pois é isso o que os mitos nos pedem...

Um dos problemas em tentar se interpretar um mito tão antigo como Odin nos dias atuais é a questão de, obviamente, os dias atuais pouco ou quase nada terem a ver com os dias em que os nórdicos cantavam poemas sobre seu Deus no inverno europeu.

Isso também nos leva a uma outra questão, mais profunda, que é a antropomorfização do Deus: ora, fica óbvio que o Odin-homem, filho de Bor, não pode ser o Deus do qual tudo emanou, visto que ele mesmo é filho de ainda outro deus. Mas, pelo que sabemos, Bor é citado diretamente apenas uma única vez em toda a *Edda Poética*, e não há registro algum de culto a este deus (em qualquer época), de modo que mesmo o fato de Odin ter um pai pode fazer parte dessa transformação do Deus em um homem divino, um deus antropomorfizado em um avatar [10].

Pelo menos neste aspecto continuamos no mesmo barco dos ancestrais europeus: temos uma dificuldade muito parecida em nos referir a Deus sem “esbarrar” em antropomorfizações do tipo. Mas isto, longe de ser um problema para o entendimento da mitologia, é na verdade um ponto de encontro entre a modernidade e a antiguidade. É claro que boa parte da simbologia que foi atribuída ao mito de Odin ao longo dos séculos teve muito a ver com o estilo de vida e as ideias, os anseios e os medos, do povo nórdico... É exatamente quando retiram Deus de seu aspecto incognoscível (ao

menos para a grande maioria de nós) e os “trazem para baixo”, para nossa realidade humana, é que encontram inspiração para relatar sua realidade em inúmeras histórias fantásticas, baladas poéticas, salpicadas por panteões de deuses e um imenso conjunto de seres mitológicos, simbólicos.

E, exatamente por tais histórias terem essas camadas superficiais de simples entendimento, tornou-se possível que chegassem, boca através de boca, mente através de mente, até os nossos dias atuais.

Isso não significa que não tenham muitos elementos ocultos, eternos, escondidos nas camadas mais profundas de sua narrativa. A questão é: e quem terá a lamparina para iluminar tais locais ocultos e descobrir toda a profundidade do mito? Quem, a não ser você? Quem, a não ser todo aquele que busca compreender a mitologia humana, a nossa história mais profunda, com a mente realmente aberta e arejada?

Estas são algumas das histórias mais profundas acerca de Odin... Acendam as lamparinas:

O deus errante

Talvez a mais antiga forma de representação de Odin seja a do deus errante, a vagar pelo mundo dos homens sem um destino exato, carregando um cajado (ou sua lança usual, mas utilizada como cajado), e vestindo um disfarce de nômade (sem elmos, armaduras, nem nada do tipo). Diz-se também que esta versão do deus tinha características xamânicas, que foram preservadas nas versões posteriores, mas que nesta fase eram mais “aguçadas”... Ora, se formos analisar toda a mitologia, há inúmeros casos de deuses errantes, particularmente entre os africanos, os indígenas das Américas e os xintoístas – o que essa ideia nos conecta, historicamente, é com o período pré-histórico em que fomos caçadores-coletores, e não sabíamos nada de agricultura.

Um deus errante não pode, no entanto, ser o patrono de um panteão de deuses, muito menos o governador de um reino como Asgard. Na época dos caçadores-coletores, não fazia muito sentido

imaginar uma hierarquia divina, assim como não fazia muito sentido imaginar uma hierarquia entre as tribos humanas – simplesmente existiam inúmeras tribos, umas amigáveis e outras não, e inúmeros deuses ou espíritos errantes da natureza, uns amigáveis e outros não. Antes da civilização, a espiritualidade era horizontal, não vertical.

Com o surgimento da agricultura, das primeiras civilizações, e da ideia de hierarquia, o mito do deus errante aos poucos foi se transformando no mito do Deus-Pai, o Grande Xamã: não apenas de uma tribo, mas de centenas ou milhares de tribos. Odin era então o deus de todos os povos nórdicos, que agora viviam em vilas e cidades, embora ainda caçassem e guerreassem uns com os outros e, sobretudo, com os povos do sul da Europa.

Talvez por isso, apesar de Senhor de Asgard, Odin nunca tenha deixado de ser também o deus caçador, o deus errante... Você pode achar que o Odin errante jamais exerceu qualquer impacto sobre você, mas isso pode não ser verdade, principalmente se você, como eu, já leu e se maravilhou com os livros do britânico J. R. R. Tolkien – *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*. Ora, ocorre que Tolkien era um grande fã da *Edda Poética* e, como tal, introduziu em sua Terra Média inúmeros mitos dela. Um deles era exatamente o mago Gandalf, que é totalmente inspirado pelo aspecto errante de Odin, até mesmo na aparência.

Sleipnir

Diz-se que Odin era muitas vezes visto cavalgando pelos ares em seu cavalo de oito patas (mas nenhuma asa), chamado Sleipnir. Esta é mais uma parte do mito que está claramente associada ao xamanismo. Um cavalo de oito patas já pode ser associado aos transes xamânicos, quando supõe-se que, em estados alterados de consciência, provocados por rituais específicos ou mesmo pela ingestão de plantas e/ou cogumelos alucinógenos, os xamãs antigos (assim como os modernos) tinham visões de animais se metamorfoseando em outros animais, ou adquirindo membros extras, dentre outras alucinações do tipo...

Porém, além disso, Sleipnir era um cavalo voador, o que se trata de uma clara menção as “viagens” em transes xamânicos, assim como uma conexão do mundo terreno com o mundo espiritual, celeste. Esta conexão é reforçada pelo fato de Sleipnir ser também capaz de levar seu cavaleiro até o submundo (o mundos dos mortos), e o trazer de volta são e salvo.

Histórias bem mais recentes, medievais, contam que nos dias próximos ao solstício de inverno, as crianças nórdicas deixavam suas botas com cenouras, feno e açúcar, próximas as chaminés das casas, para que Sleipnir viesse e as comesse. Odin costumava recompensar tais crianças com pequenos brinquedos e doces, que no outro dia eram encontrados dentro das botas. Ora, nem preciso dizer o que isso nos lembra nos dias atuais, não é mesmo? Odin é realmente conhecido por diversos nomes...

Geri e Freki

Odin também era acompanhado por dois lobos ferozes, Geri e Freki. Ambos os nomes significam algo como “guloso”, ou até “vorazmente guloso”. Os lobos de Odin eram conhecidos por comerem bastante, realmente: isto, pois Odin sobrevivia apenas de vinho, e mesmo nas festas em seu salão real, deixava toda a carne ou qualquer outro tipo de alimento sólido para que seus lobos devorassem.

Ironicamente, encontramos uma clara referência ao ascetismo espiritual dentre um mito nórdico [[11](#)]. Odin era o Grande Xamã e, como tal, a ele apenas o vinho sagrado era necessário – tudo o que precisava para estabelecer seu poder sobrenatural, que provavelmente tinha muito a ver com as visões experimentadas em transes xamânicos.

Essa ideia aparentemente estranha é reforçada pelo fato de outras tantas histórias afirmarem que o vinho de Odin é um poderoso catalisador da criatividade poética, e os poucos bardos que um dia tiveram a grande sorte de provar de seu sabor, compunham a seguir as

mais belas e profundas baladas de que se tem notícia. Quem sabe, talvez mesmo os *Eddas* sejam fruto desta divina bebedeira!

A fonte da sabedoria

Ainda abaixo de uma das gigantescas raízes de Yggdrasil, a árvore cósmica a sustentar todos os reinos míticos da mitologia nórdica, se encontra uma nascente d'água muito especial: Mímisbrunnr. É neste pequeno lago que vivia o Mímir, um reconhecido sábio (seu nome significa algo como “o sábio”, ou ainda “aquele que se lembra”).

Odin ficou sabendo da existência desta fonte, que se acreditava dar “a sabedoria de todas as eras” aqueles que a bebiam regularmente (daí a sabedoria do próprio Mímir, seu guardião). Ora, como Odin era um deus que buscava a sabedoria, ele a visitava regularmente para beber um pouco de sua água, assim também ficando amigo de seu protetor.

O que ficou mais conhecido desta história, entretanto, foi o fato de Odin ter arrancado um de seus olhos (não se sabe qual ao certo) e o mergulhado no lago, onde jaz até hoje, oculto no lodo, onde talvez só ele e o Mímir saibam localizar. Diz-se que Odin realizou tal sacrifício em troca da sabedoria do Mímir, mas obviamente algo aqui não faz sentido: se Odin já conhecia a localização do poço, se já era amigo do Mímir, qual seria a necessidade de sacrificar um olho em troca de sabedoria (da qual ele já dispunha gratuitamente)?

Este me parece mais um mito cuja interpretação exige que usemos os olhos da alma, e não do corpo. Para mim, está muito clara a metáfora de “se ter um olho no mundo espiritual, e um olho no mundo terreno”. Ora, por mais que Odin pudesse galopar os céus em seu corcel de oito patas, ele aparentemente não podia estar em todos os lugares ao mesmo tempo, ou pelo menos não podia estar no plano terreno e no plano espiritual ao mesmo tempo.

Esta bela história nos aponta, portanto, para um fato bastante conhecido do caminho espiritual, e até mesmo da própria prática da magia ou da mediunidade: abre-se um olho lá, fecha-se um olho cá.

Mas, querer fazer ambas as coisas ao mesmo tempo pode nos levar a loucura, a não ser, talvez, que sejamos também da raça dos deuses.

A cabeça perdida e encontrada

Infelizmente o destino do Mímir não foi dos mais agradáveis... Na apocalíptica guerra entre os vanir e os aesir, o Mímir teve sua cabeça cortada por um guerreiro vanir.

Ora, os vanir eram um povo relativamente pacífico e místico, que cultuava deuses da fertilidade e da sabedoria, e também se dizia que muitos eram capazes de ver o futuro. Eles já habitavam o norte europeu, mas foram invadidos pelos aesir (ou “meio-deuses”), um conglomerado de tribos guerreiras e expansionistas, que vinham da Ásia e do sul europeu em busca de novos territórios. Como o Mímir, juntamente com Odin, pertencia aos aesir, foram deles a iniciativa do ataque.

Os vanir eventualmente foram conquistados e tornaram-se um subgrupo dos aesir, até que as eras se passassem e todos fossem confundidos com um só povo: o povo nórdico...

Mas, voltando a grande batalha: Odin, não se dando por rogado, encontrou a cabeça perdida do Mímir após o final da chacina e, com sua magia, manteve seu amigo vivo como uma peculiar (e, provavelmente, assustadora) cabeça falante que ele carrega consigo para onde quer que vá – pois o Mímir ainda é um grande e sábio conselheiro.

Esta épica batalha, que poderia ser lamentada como um fato trágico, na realidade é festejada como o alvorecer da civilização – de qualquer civilização, pois todas começaram assim, e todas tem mitos muito próximos [12] –, quando tribos sedentárias e pacíficas, que já dominavam a agricultura, são invadidas e quase dizimadas por tribos nômades guerreiras. Mas, no fim, tudo se ajusta: a cultura das tribos nativas, geralmente mais profunda e espiritual (por se tratar de gente “que tinha tempo de viver, e não apenas caçar e coletar”), é assimilada aos poucos pela cultura invasora, e com o passar dos séculos é como se todas fossem uma só cultura – e, de fato, já o são.

O próprio fato de Odin ainda hoje ser visto como um deus de sabedoria e magia, e não apenas um grande guerreiro, demonstra que talvez, no fim, a cultura dos vanir tenha se sobressaído à cultura dos aesir, e isso talvez indique que ainda podemos ter a esperança de uma volta a este antigo mundo pacífico: onde a fertilidade é mais exaltada do que a ferocidade.

Mas, e quanto à cabeça decepada e falante do Mímir, o que diabos isso significa? Olha, não vou dizer que sei o que isso significa, mas este mito me remete pelo menos a duas considerações: a primeira, é que os nórdicos já sabiam valorizar a importância da cabeça em relação ao corpo, o que a neurociência apenas confirmou; a segunda, é que eles tinham algum senso de humor.

O deus enforcado

Como já disse no início, Odin também é reverenciado por ter trazido ao conhecimento dos homens as runas, que nada mais eram do que o primeiro alfabeto do povo nórdico, o que possibilitou a origem da escrita entre eles. O que eu não mencionei é o quão estranha é, a primeira vista, a história que nos conta como Odin obteve tal conhecimento...

Diz-se que ele, desejando adentrar reinos ocultos do mundo espiritual, enforcou-se na própria árvore cósmica, Yggdrasil, por nove dias e nove noites (nove também são os reinos míticos da mitologia nórdica em geral), enquanto era estocado por sua própria lança (não está claro quem o “auxiliava” neste ritual, talvez fosse ainda o Mímir quando tinha o corpo inteiro)... Ao final de todo esse sacrifício, Odin acordou (se é que ele morreu no processo, entende-se que após os nove dias ele ressuscitou [13]) e trouxe consigo a memória do conhecimento da escrita rúnica.

Ora, sabe-se que todos os deuses inventores da escrita foram grandes, ou ainda são: pois foi exatamente a escrita que possibilitou que o conhecimento sobre eles fosse preservado de forma mais exata (o que não necessariamente é algo sempre bom). No Egito antigo sabe-se que tal tarefa coube ao deus Thoth. Posteriormente, na

Grécia, existiu também Hermes, que partilhava de tantas características em conjunto com Thoth, que muitas vezes faziam referência a ambos os deuses sob o título de Toth-Hermes. Entre os romanos, Hermes foi conhecido como o deus Mercúrio e, de fato, muitos historiadores acreditam que os romanos também confundiam Mercúrio com o próprio Odin, quando se referiam aos povos nórdicos – assim, o ciclo se fecha...

Mas, o que me interessa aqui é que todos os deuses inventores da escrita também eram reconhecidos como grandes intermediários entre o mundo dos homens e o mundo dos deuses, ou seja: eram médiuns, ou xamãs [14].

E é exatamente daí que parte a compreensão do que diabos Odin foi tentar fazer ao se enforcar numa árvore cósmica: ora, é claro que se trata de ainda mais uma metáfora. A árvore Yggdrasil sustenta todo o Cosmos e, dessa forma, o ato de “enforcar-se” nela nada mais é do que o ato de “perder a consciência deste mundo, e viajar com ela alhures”... Além desta referência mais clara ao xamanismo (ou a viagem astral) há ainda a questão das “estocadas de lança”: uma imagem muito comum na arte das cavernas, a arte rupestre, de nossa pré-história longínqua, e que também está intimamente relacionada às práticas xamânicas.

O ato simbólico de se cortar, espetar, estocar com lanças, ou até mesmo destroçar o próprio corpo, significa, para o xamã, o abandono total do apego ao corpo, para que ele possa se elevar mais facilmente, e mais profundamente, aos reinos etéreos de sua própria alma, ou da Alma do Mundo, ou de Yggdrasil. Estes sacrifícios foram necessários para que os xamãs, os grandes heróis míticos de outrora, pudessem nos trazer conhecimentos ocultos, que podiam variar desde “onde caçar amanhã”, a “quais plantas e ervas coletar para fabricar este ou aquele remédio”, a até mesmo a própria inspiração divina para algo totalmente novo, como a escrita rúnica.

Bran estava caindo mais depressa do que nunca. As névoas cinzentas uivavam em seu redor enquanto mergulhava para a terra, embaixo. “O que você está me fazendo?” – [Bran] perguntou ao corvo, choroso. Estou lhe ensinando a voar.

“Não posso voar!”. Está voando agora mesmo. “Estou caindo!”. Todos os voos começam com uma queda, disse o corvo. Olhe para baixo. “Tenho medo...” OLHE PARA BAIXO!

Bran olhou para baixo e sentiu as entranhas se transformarem em água. O chão corria agora em sua direção. O mundo inteiro espalhava-se por baixo dele, uma tapeçaria de brancos, marrons e verdes. Via tudo com tanta clareza que, por um momento, se esqueceu de ter medo. Conseguia ver todo o reino e toda a gente que nele havia.

[...] Agora você sabe, sussurrou o corvo ao pousar em seu ombro. Agora você sabe porque deve viver.

(Trechos das páginas 120 e 121 de *A Guerra dos Tronos*, de George R. R. Martin. Publicado no Brasil pela Editora Leya).

Dentre as inúmeras e intrincadas histórias contadas por George R. R. Martin em seu épico *As crônicas de gelo e fogo* [15], a aventura de Bran, o menino aleijado que, não obstante, parece destinado a se tornar um grande xamã, está certamente entre as de maior importância para a trama geral. Ora, a imagem da própria família de Bran, os Stark de Winterfell, já nos remete a elementos nórdicos, mas será que Martin estudou apenas as descrições de experiências xamânicas, ou ainda neste caso podemos falar em alguma influência do mito de Odin?

Ora, como eu já havia dito, Odin é também um deus de muitos nomes, e muitas facetas. Boa parte das mais de 200 denominações a Odin estão ligadas, pela raiz (no nórdico arcaico), às palavras *vada* e *od*, e, no antigo alto alemão, a *Watan* e *Wuot*, que significavam a princípio razão, memória ou sabedoria [16]. Há ainda a palavra *Ódr* (também do nórdico arcaico) que está mais diretamente associada à

deusa Freyja (uma deusa dos vanir, que posteriormente foi associada à Odin como sua esposa), mas que também deu origem ao próprio nome “Odin”, e que poderia significar: mente, alma, espírito, além de poesia e inspiração artística.

O nome de Odin que mais nos interessa, no entanto, para esta associação com o corvo de três olhos dos livros de Martin, é o que deriva do nórdico arcaico *Hrafnáss*, ou do germânico latinizado *Hrafnagud*, ou seja: The Raven God, O Deus Corvo.

Sabemos que Odin está intimamente ligado aos corvos, tanto que possui dois corvos muito especiais (dos quais falarei a seguir); além disso, sabemos que um olho em meio à testa, entre nossos dois outros olhos, significa o olho da mente, o olho da alma: o sentido pelo qual o xamã percebe o mundo espiritual...

Ora, o primeiro ato de iniciação de Bran [17], nos livros de Martin, é exatamente ser bicado pelo corvo bem no meio dos olhos, e na altura da testa. Logo após o garoto acorda e acha que tudo “não passou de um sonho estranho”, mas no decorrer dos livros sabemos que não foi bem assim, não é mesmo?

Huginn e Muninn

Por causa de seu voo alto, o corvo foi, muitas vezes, visto como um mensageiro dos deuses. Inúmeras histórias, de diferentes partes do mundo, falam-nos de como um corvo orientou humanos em suas jornadas. Por exemplo: segundo uma tradição, foram corvos que orientaram os beócios rumo ao lugar em que deveriam fundar uma nova cidade – a Beócia. Teriam sido eles que, também, guiaram Alexandre o Grande, até o templo de Júpiter Amon, no oásis de Siwa, no Egito (e que, lá, predisseram sua morte). O imperador japonês Jimmu, teria marchado para a guerra, no século VII, guiado por um corvo dourado. Um corvo era o mensageiro do Rei Marres, do Egito... E as histórias assim se sucedem.

Mas é exatamente na mitologia nórdica que o corvo está ainda mais diretamente associado à magia. Diz-se que o voo do corvo simboliza a viagem espiritual, através do Grande Mistério, onde ela se torna

igualmente desejada e perigosa, pois pode tanto trazer a iluminação quanto a loucura, dependendo do cuidado com que é realizada. Obviamente isso tudo tem a ver, claramente, com o xamanismo.

Odin possui então esses dois corvos, Huginn e Muninn, cujos nomes significam, no nórdico arcaico: pensamento (Huginn) e memória (Muninn, que também pode significar mente). Diz-se que, todos os dias, enquanto Odin cuida de seus afazeres como governante de Asgard, seus corvos sobrevoam todo o mundo e depois retornam, na calada da noite, para se empoleirar em seu ombro e lhe cochichar tudo o que virem e ouvirem. Dessa forma, o Granda Xamã conseguia manter-se bem informado de todos os eventos, e todos os segredos do mundo, enquanto governava seu grande reino mítico.

Mas, o que é mais extraordinário nesta história, e o que a liga ainda mais profundamente ao xamanismo antigo, é o medo que Odin tinha de que seus corvos não retornassem de seus voos diários... Há um trecho da *Edda Poética* que fala exatamente dessa tal característica tão humana do deus nórdico:

Huginn e Muninn voam a cada dia

Sobre os grandes espaços de Midgard [18]

Eu temo por Huginn, que ele não consiga voltar,

Mas fico ainda mais ansioso pelo retorno de Muninn [19]

Me parece que esse é o mesmo medo de todo o xamã iniciante, de todo aquele que mergulha no Grande Mistério da própria alma, e teme se perder de seu corvo guia, e nunca mais encontrar o caminho de volta.

Trata-se de uma belíssima metáfora não somente para a própria arte da magia, como para todo o risco que ela envolve... Ainda assim, Odin é o Granda Xamã, não mais habita nosso mundo (Midgard), mas o mundo espiritual (Asgard), e mesmo assim, mesmo do alto de toda sua sabedoria, ele ainda temia perder seus corvos. Mesmo um deus teme perder sua memória, e seu pensamento – sem estes, ele

reduz-se a nada, ou quase nada. Um deus louco não é muito mais do que um xamã louco...

Através desta nossa curta, porém espiritualmente profunda, viagem pelo mito de apenas um único deus, quantos ecos ocultos de nossa história não parecem ter vido a tona...

Não tenho dúvidas de que, assim como Odin, todo grande deus, todo grande mito, um dia foi homem: um grande e feroz guerreiro, um exímio caçador cuja lança jamais errava o alvo, um xamã ancião que intercedia no mundo espiritual para proteger e guiar sua tribo ou, quem sabe, apenas mais um que contemplou as estrelas, e tornou-se um artista, um poeta. Nossos mitos mais grandiosos provavelmente são as histórias das vidas de grandes homens e mulheres, mescladas com nosso temor e fascinação pelas forças da natureza, e com os aspectos psicológicos – nossas mais belas e profundas reflexões acerca do porque, afinal, estamos aqui neste mundo.

Eis porque nós mesmos também somos da raça dos deuses, e porque todos, deuses e homens, nada mais são do que emanções da Alma do Mundo, do Grande Mistério, do Oceano que somente alguns de nós se arriscaram até hoje em mergulhar, e de lá trouxeram as mais belas e aterrorizantes interpretações daquilo de oculto que sentiram – mas que, claro, seria impossível traduzir em palavras, em linguagem cognoscível.

Interessante como iniciamos este relato de Odin através das histórias em quadrinhos, onde o mito está mais diluído, mas é exatamente um escritor de quadrinhos que nos traz, atualmente, uma das definições mais completas da grande viagem dos corvos:

“Magia é arte, a arte. E essa arte, seja a escrita, a música, a escultura ou qualquer outra forma, é literalmente magia. A arte é como a magia, a ciência de manipular símbolos para operar mudanças de

consciência” – define Alan Moore no genial *The Mindscape of Alan Moore*.

Toda a arte nasceu da mitologia. A pintura e a gravura nasceram na arte rupestre, pré-histórica, xamânica. A música também se desenvolveu conjuntamente com os rituais religiosos ancestrais. Mesmo o teatro surgiu na Grécia antiga, quando os cultos ao deus Dionísio acabaram evoluindo para peças teatrais onde os atores, tal qual aos xamãs, vivenciavam aos mitos. Já a poesia, é pura magia posta em palavras... É exatamente por isso que a magia é a arte, a primeira arte, pois foi através dela que nossos ancestrais puderam transportar suas ideias e pensamentos, seus símbolos, para este nosso mundo de carne e osso. E o que é a mitologia senão o arcabouço simbólico de toda a nossa arte?

Sob um ponto de vista, você poderá dizer: “poxa, mas a magia é apenas isso?”; ou poderá dizer, sob outro ponto de vista: “puxa, mas então a magia é tudo isso!”.

O seu ponto de vista dependerá tão somente da altura na qual seus corvos conseguem voar...

Há muito Heimdall não ouvia aquele pio tão familiar... De fato, há muitas eras nada se mexia – animal, homem ou deus – na ponte Bifröst; de modo que seu fogo havia quase se apagado, e suas cores se mesclado num acinzentado triste. “Eram os corvos”, o antigo guardião jamais se confundiria com tais sons, ainda que fosse difícil os escutar com o ouvido decepado, mergulhado na mesma fonte em que seu Senhor havia deixado um de seus olhos.

Soerguendo-se lentamente – algo que não fazia há gerações –, Heimdall tentou soprar seu berrante, mas faltou-lhe ar nos pulmões, e as aves negras adentraram a clausura dos deuses sem serem sequer anunciadas...

Não era necessário. Asgard estava morta, e todos os seus deuses e semideuses dormiam, algo que ansiavam há muito fazer. Há muitas eras nenhum pensamento chegara até ali, nenhuma invocação, nenhum pedido de boa colheita, nem mesmo um agradecimento... O Deus Corvo e sua linhagem estavam esquecidos, como estátuas antigas em meio à paisagem, das quais ninguém mais lembrava para que servissem, ou o que representavam...

Ainda assim, enraizado em seu trono, coberto pelo denso metal de sua ainda reluzente armadura, Odin dormia por detrás de sua extensa barba, branca como a neve do inverno. Quando o primeiro corvo pousou em seu ombro, foi o medo que o fez abrir lentamente o único olho que lhe restava: “Huginn está aqui, ele voltou, finalmente! Mas, onde está o outro, onde está Muninn?”

Seu outro corvo pousou imediatamente no outro ombro, e juntos eles lhe relataram tudo o que viram e ouviram nos últimos séculos, e sobre como o povo de Midgard, apesar de tudo o que foi dito a seu respeito, ainda o respeitava. E como, ainda hoje, alguns deles ainda tocavam as pedras antigas, e ainda invocavam a magia dos corvos...

Foi então que, após tantas e tantas eras, o Grande Xamã sorriu uma vez mais, despiu-se de sua couraça metálica e, apanhando a mesma antiga capa com que perambulava pelo mundo ainda antes das civilizações, pôs-se a caminhar uma vez mais. Em sua mente, ecoavam os antigos sons que as pedras faziam...

O SOFTWARE ANGÉLICO QUE RODA NO EIXO DO MUNDO

27.01.2013 ~ 29.01.2013

O único lugar em que os deuses e demônios existem indiscutivelmente é na mente humana, onde são reais em toda a sua grandiosidade e monstruosidade (Alan Moore)

Seriam os deuses forças da natureza?

Segundo muitos estudantes de mitologia e ocultistas, os deuses nada mais seriam do que imensos conjuntos de símbolos resumidos nalgumas imagens ou histórias, que foram passadas adiante pela cultura humana mesmo antes de a escrita haver sido inventada [20]. Existiriam, dessa forma, tão somente na mente humana, esta incrível força capaz de interpretar a realidade. Mesmo que este fosse o caso, o fato de existir somente na mente não necessariamente torna os deuses “assunto irrelevante”, principalmente pelo fato de que toda a realidade, de certa forma, existe na mente – na medida em que o resultado final dela é processado na mente.

Mas é óbvio que há muitos religiosos, dogmáticos ou não, que consideram ou creem piamente na possibilidade dos deuses existirem também fora da mente, na realidade objetiva. Ora, isto gera pelo menos duas questões lógicas de solução não exatamente trivial:

- (1) Se os deuses existem objetivamente, quem os criou?
- (2) Se os deuses são seres individuais, conscientes, de que forma ocorreu sua evolução?

Para respondermos a primeira pergunta, precisamos considerar o problema da existência, ou o problema do ser, que na filosofia postula, basicamente, que nada pode surgir do nada. Trata-se de um problema muito antigo, que consta tanto nos *Upanixades* hindus quanto no taoismo, tanto na filosofia de Parmênides e Plotino quanto na monumental síntese moderna de Benedito Espinosa, que postula que “uma substância não pode criar a si mesma ou alguma outra substância totalmente dissociada de si”.

Ora, pela lógica mais pura e básica, isto significa que algo sempre existiu, e jamais foi criado, exatamente porque o nada não existe. Desta forma, isto também significa que, acaso os deuses existam objetivamente, mesmo eles precisam haver sido criados, e quem ou o que os criou, este sim é o chamado Criador.

A despeito da ignorância de muitos eclesiásticos monoteístas acerca do tema, em realidade o politeísmo sempre contou com alguns grandes sábios e/ou místicos que sabiam muito bem que “teria de haver um Deus anterior aos demais, e este seria o Criador, e ele teria de ser único”. Desta forma, a ideia central do monoteísmo, longe de ser alguma novidade lógica, é apenas uma conclusão tardia que, por alguma razão, preferiu discriminar ou ignorar a possibilidade da existência dos deuses.

De fato, há muitas mitologias arcaicas que falam acerca de um Criador que, após haver criado o mundo e os deuses, se tornou um “deus ocioso”. O fato de ser “ocioso”, entretanto, não necessariamente significa que “não faça nada”, mas sim que “não fazemos sequer ideia do que ele é ou faz”.

Na mitologia iorubá, que teve grande influência no Brasil através do candomblé e da umbanda sagrada, que lhe são derivadas, há o exemplo do Deus Criador: Olorun. Ora, foram os deuses (orixás) quem criaram os homens [21], e são eles quem “os influenciam” na Terra (Ayie). Mesmos estes orixás, porém, foram criados por Olorun, que hoje reside no Céu (Orun). Bem, sabemos que nos ritos do candomblé, por exemplo, há oferendas para os orixás. Para Olorun, porém, jamais é feita oferenda alguma. E o motivo é mesmo óbvio: Tudo o que existe, tudo o que pode ser ofertado, já lhe pertence em todo caso! Eis uma profundidade de pensamento que muitos críticos dos iorubás ignoram ou desconsideram.

E Olorun é também “ocioso”, antes por não ter nenhuma participação nos ritos e rituais, do que propriamente por não fazer nada. Ora, são os homens quem não sabem o que ele faz ou deixa de fazer, e que, portanto, disseram que ele “se tornou ocioso” – ou seja, além de nossa capacidade de compreensão do que uma ou outra ação sua significaria.

Seja Olorun da África, ou El da Mesopotâmia (que foi sincretizado com o deus bíblico), ou o próprio Tao, “anterior ao Soberano do Céu”, do taoísmo: todos estes nomes se referem ao Criador, ao Uno, a

substância tão sabiamente definida por Espinosa. E os deuses nada mais são do que seus filhos, assim como nós mesmos.

Para respondermos a segunda pergunta, precisamos considerar que todo ser vivo há que haver evoluído de um princípio simples para uma entidade complexa, consciente. Pois, assim como não há árvore que antes não tenha sido semente, e não há espécies complexas sem que antes tenha existido espécies tão simples como uma simples bactéria, da mesma forma ocorre com o espírito. Se os deuses, portanto, fossem espíritos, teriam de haver evoluído da mesma forma, sabe-se lá onde, sabe-se lá quando.

O grande problema desta hipótese é que os deuses representam as forças da natureza, e estas não podem simplesmente ter passado por uma evolução. Pelo que sabemos, a gravidade precisa existir, da mesma forma como é hoje, desde os primeiros momentos deste espaço-tempo. E, ainda que existam outros universos num hipotético multiverso, pela lógica seria muito complexo supormos que, nalgum outro universo qualquer, a gravidade possa ter “evoluído passo a passo, assim como nós”.

Pode ser estranho para alguns associar um conceito científico, a gravidade, com o conceito dos deuses entendidos como forças da natureza. Mas para mim é uma associação muito proveitosa... Para Empédocles (filósofo pré-socrático), por exemplo, a gravidade era chamada de amor: o que unia não somente os seres, como todas as coisas do Cosmos. Ora, se a gravidade deixasse de existir por um momento sequer, podemos imaginar o caos que ocorreria em todo o universo. Não há como haver universo, ao menos um universo onde haja sóis, planetas e vida, sem a gravidade, sem o amor de Empédocles. Portanto, este amor tem de haver existido desde sempre.

Se formos então transportar esta ideia para o conceito dos deuses enquanto representantes e agentes das forças naturais, temos que eles não somente não são seres individuais, ou espíritos como nós, como tampouco têm exatamente uma vontade própria. Se existe alguma vontade nalgum deus, esta vem como reflexo da vontade do Deus

Criador, pois que tudo o que os deuses fazem é legislar com as leis que existem na própria engenharia da realidade...

Isto é, se é que os deuses existem fora da mente humana.

★★★

E foram todos os dias de Enoque trezentos e sessenta e cinco anos. E andou Enoque com Deus; e não apareceu mais, porquanto Deus para si o tomou. (Gênesis 5:23-24).

Seriam os anjos e demônios seres como nós?

Se até agora tendemos a concluir que os deuses e orixás não poderiam ser seres pessoais, conquanto não poderiam haver passado por alguma espécie de evolução, o mesmo não necessariamente se aplica aos anjos e demônios.

É claro que nos mitos monoteístas, diz-se que os anjos foram criados como seres já perfeitos, servos eternos dos desígnios de Deus. Neste caso, seriam algo similar aos deuses, que operam as forças naturais. Mas o problema desta linha de pensamento é que esses mesmos mitos também nos contam que há alguns anjos que se rebelaram contra o Criador, e que desde então foram condenados a habitar o Inferno e, quem sabe, serem sempre maus, por toda a eternidade.

Com isso se quer dizer que o livre-arbítrio foi inventado, precisamente quando um anjo chamado Lúcifer (portador da luz) decidiu se rebelar contra a “programação” do Criador. Afinal, qualquer ser criado “já perfeito, pronto e acabado”, não passou por evolução alguma e, dessa forma, não é “perfeito” pelo seu próprio mérito, mas antes por alguma forma de “programação”. Tais anjos seriam então como robôs, autômatos sem vontade própria. Mas, se não teriam vontade, como diabos Lúcifer teve a vontade de contrariar seu Pai?

Eu penso que este problema tem duas soluções lógicas, e não mais do que duas:

(a) Lúcifer na realidade também foi “programado” para contrariar a Deus, e tudo o que tem feito desde então, em realidade, é tão somente o que foi “programado” para fazer [22];

(b) Lúcifer na verdade seria um ser como nós, e sua decisão de contrariar ao Criador denota, metaforicamente dentro deste mito profundo, o estágio em que o ser se torna autoconsciente, que “desperta” para o conhecimento do bem e do mal, da vida e da morte, e para o fato de que possui uma alma capaz de interpretar o mundo e fazer escolhas [23].

Ora, se ficarmos com a última opção (que, no meu entendimento, faz mais sentido), temos que anjos e demônios nada mais são do que espíritos, como nós mesmos, em maior ou menor grau de evolução cognitiva, moral e espiritual. Certamente pode parecer complicado “classificar” aos seres por sua suposta “evolução moral”; mas, na prática, é isto o que tentamos fazer todos os dias.

Sempre que conhecemos algum novo amigo (ou inimigo), uma de nossas primeiras preocupações é tentar situar em que “nível de moralidade” ele opera. Claro que, muitas vezes, temos julgado errado [24], mas isto não significa que não exista uma distinção clara entre seres amorosos, sábios e morais, e seres indiferentes, ignorantes e imorais.

Antes, porém, de habitemos reinos fantásticos, acima ou abaixo do mundo, anjos e demônios talvez devam ser classificados pelo estado em que se encontram suas mentes, sua consciência, sua paz de espírito. Anjos seriam, portanto, aqueles seres com maior consciência da própria liberdade, e maior controle da própria vontade; ao passo que demônios seriam o oposto, ou seja: seres atolados num charco de desejos desenfreados, facilmente manipulados por vontades alheias, perdidos de si mesmos.

O que isto tudo quer dizer é isto aqui: anjos e demônios habitam mesmo este mundo, e não poderia ser diferente.

Os exus e as *pambu njilas*

Nas mitologias africanas (e, particularmente, na dos iorubás), deuses são chamados orixás, conforme já vimos. Pois bem, ocorre que no caso da umbanda sagrada, religião de origem brasileira, anjos e demônios são chamados de exus e *pambu njilas*. Exus nada mais seriam que espíritos como nós, no período entre vidas, do gênero masculino. Pombagiras seriam exus do gênero feminino (seu nome é uma corruptela do *pambu njila*, de origem angolana) [25].

Dessa forma, na umbanda, nem todo exu é demônio. De fato, a imensa maioria dos praticantes desta doutrina lida mesmo é com exus de amor e moral elevados – anjos, portanto.

Em todo caso, não devemos confundir os exus anjos e demônios com o Exu orixá (um dos deuses iorubás)...

O *axis mundi*

Me disseram que o termo Exu é derivado de “Eixo”, mas isto não posso confirmar. Em todo caso, é algo que faz sentido: o orixá Exu é o deus mensageiro, o responsável por fazer a conexão entre um mundo que está no plano com um outro mundo que está acima ou abaixo. No nosso caso, costuma-se dizer que Exu forma o eixo entre a Terra e o Céu, mas também poderia formar um eixo, igualmente, entre a Terra e o Inferno, dependendo de nossa intenção e vontade ao invocá-lo.

Desnecessário dizer que estas ideias de um *axis mundi* (Eixo do Mundo), e de deuses mensageiros que o percorrem, trazendo e enviando mensagens entre um plano médio e um superior (ou inferior), são abundantes em diversas mitologias. Geralmente, os deuses inventores da escrita (Toth-Hermes; Odin-Wotan) encontraram esta incrível descoberta exatamente enquanto viajavam através do Eixo, indo e retornando de um plano superior. Odin, por exemplo, chegou a se enforcar neste Eixo, que era a própria Yggdrasil (“o eixo do mundo”), e após alguns dias de “transe xamânico”, trouxe o conhecimento das runas (forma de escrita) aos homens nórdicos.

Entretanto, isto vocês devem lembrar: dizíamos há pouco que os deuses eram forças da natureza, e não seres pessoais, que evoluem, como nós. Ora, e não é exatamente disto que se trata o orixá Exu? Uma força natural, um instrumento pelo qual nossas mentes conseguem entrar em estados alterados e acessar informações que antes nos eram ocultas?

No fundo, não importa muito ao médium ou magista se os deuses existem fora ou dentro de suas mentes... Na prática, o *axis mundi* poderia ser um pé de feijão mágico cujo caule gigantesco toca o próprio céu, ou o eixo interno da própria alma, que liga o plano médio, consciente, ao plano oculto, inconsciente. Dessa forma, se em nosso inconsciente há um reino celeste, ou infernal, isto depende unicamente de onde sintonizamos nosso pensamento e nossa vontade.



Eu tendo a pensar o Paganismo como um tipo de alfabeto, de linguagem. É como se todos os deuses fossem letras dessa linguagem. Elas expressam nuances, sombras de uma espécie de significado ou certa sutileza de ideias, enquanto o Monoteísmo é só uma vogal, onde tudo está reduzido a uma simples nota, e quem a emite nem sequer a entende (Alan Moore)

“Watson derrota a humanidade”

Essa foi uma das manchetes para a vitória de Watson, um computador que ganhou dos melhores competidores que a raça humana tinha disponível no *Jeopardy!*, um jogo de perguntas e respostas da TV americana. Como seus concorrentes humanos, Watson não estava ligado à internet. Tudo o que ele tinha à disposição era uma memória de 15 mil gigabytes com alguns milhões de textos arquivados e uma capacidade de processamento equivalente à de 2.800 micros caseiros. Um computadorzão bem programado, só isso.

Os cérebros humanos por trás são tão importantes que o próprio Watson errou questões por bobeira de programação. Um dos deslizes: perguntaram qual categoria da elite do automobilismo tem o nome de uma tecla de computador. “F-1” era a resposta. Qualquer batedeira tem capacidade de processamento para cruzar uma lista de nomes de teclas com uma de categorias de corridas. Mas a coisa mais próxima que Watson tinha para dizer era “Nascar”. Falha dele? Não, dos programadores – a Fórmula 1 é solenemente ignorada nos EUA.

O erro nessas horas é imaginar que as máquinas são uma espécie à parte. Computadores são só alicates e martelos mais complexos. E quando você marreta o dedo não é culpa da natureza do martelo, mas sua, que não soube “programar” a martelada. A vida é melhor com martelos. Com supercomputadores também [26].

O que os bons observadores constatarem, portanto, é que não existe nem existirá exatamente uma inteligência artificial, mas apenas uma ferramenta que é a extensão de alguma inteligência natural, que a programou. Computadores somente computam informação, mas são os seres que as interpretam, são os seres que as moldam em suas mentes, e as passam adiante, com uma nova forma e uma nova luz...

Os muwakkals

Os sufis, místicos do Islã, dizem que assim como no corpo físico de um indivíduo muitos germes nascem e se desenvolvem como seres vivos, de forma análoga, existem também muitos seres no plano mental, chamados *muwakkals* ou elementais. Estes são entidades ainda mais etéreas nascidas do pensamento humano, e assim como os germes vivem no corpo humano, tais elementais sobrevivem de seus pensamentos. Segundo os místicos do Islã, o homem muitas vezes imagina que seus pensamentos não têm vida; ele não percebe que eles são mais vivos do que os germes físicos, e que eles também passam por nascimento, infância, juventude, velhice e morte. Eles trabalham contra ou a favor dos homens de acordo com sua natureza. Os sufis afirmam que os criam, elaboram e controlam. Um sufi os

repete e os educa através de sua vida; ele forma seu exército e subjuga seus desejos.

Para os descrentes, a possibilidade de que nossa mente possa criar “pensamentos vivos”, e os educar para que sigam adiante com vidas próprias, pode parecer algo mais próximo do pensamento mágico do que da ciência. Mas, se procurarem saber o que Richard Dawkins, apóstolo do ateísmo, descreveu tão bem em sua obra prima, *O gene egoísta*, chegarão a um conceito muito próximo dos *muwakkals* sufi – apenas Dawkins os chamou de memes.

Sejam o que for, entretanto, estamos aqui analisando a possibilidade lógica de que seres possam ser criados “com algum grau de perfeição” do nada, sem passar por evolução alguma. Sejam robôs com inteligência artificial, sejam memes, sejam *muwakkals*, todos estes são candidatos, mas absolutamente nenhum deles é realmente capaz de se enquadrar no que buscamos. Pois o que buscamos, de fato, não existe: uma ferramenta, um computador, um algoritmo, um pensamento vivo – todos são tão somente extensões da mente que os criou em primeiro lugar, e não seres que evoluem por conta própria. No fim, um robô será sempre um robô.

O Grande Desconhecido

Conforme já dissemos, muitos mitos de criação das mais diversas e antigas culturas humanas falam de um “deus obscuro e ocioso”, que criou tudo o que há, inclusive os demais deuses, e depois se retirou. Olorun, afinal, não aceita oferendas, pois já possui todas as oferendas do Cosmos, pois que é o próprio Cosmos, e estamos neste momento, como em todos os outros, encharcados por sua substância divina.

No *Evangelho de Tomé*, Jesus também diz que o Reino de Deus se encontra espalhado pela Terra, mas os homens não o veem. No taoísmo, o Tao é aquela substância “anterior ao Soberano do Céu”, um “vazio” que a tudo preenche, profundo e inesgotável. Benedito Espinosa a chamou de “a substância que não poderia haver criado a si mesma”. Mesmo o cristão de religiosidade mais superficial a

conhece como algum elemento estranho chamado de Espírito Santo...

Mas e qual é o santo, iogue, rabi ou guru, que pode bater no peito e bradar: “Eu sei o que é Deus”? E, ainda que saiba, será mesmo que qualquer outra mente, qualquer outra máquina de interpretar a realidade, poderá chegar exatamente a mesma concepção?

Como saber de que forma seu amante lhe ama? Como saber de que forma uma pessoa sente dor?

Para criar uma torta de maçã a partir do nada, antes seria preciso criar todo o universo... Para compreender exatamente como outro ser sente, ama ou sofre, antes seria preciso *ser* todo o universo.

Seria preciso conhecer o Grande Desconhecido, o Inefável, o Inalcançável, como ele mesmo se conhece. E esta é a aventura, a jornada, o prazer de todo verdadeiro religioso: religar-se a Deus.

O software angélico que roda no eixo do mundo

Tendemos a ver o xamanismo, o politeísmo e o paganismo em geral com certa desconfiança, particularmente no Ocidente. O que o monoteísmo sempre nos ensinou é que os pagãos são incapazes de perceber a mais básica das ideias: que tudo o que existe necessariamente surgiu de algo eterno e incriado, um Deus antes dos deuses... Entretanto, como já vimos, sempre existiram pagãos que sabiam perfeitamente disso, e devemos antes nos sentir orgulhosos destes sábios ancestrais, que muito antes dos hebreus já haviam chegado a tal concepção maravilhosa: a ideia de que há um Deus, uma substância ou ser incriado, anterior a tudo, causa primeira de tudo, o que se opõe ao nada... Aquele quem primeiro disse, quem sabe, “Eu sou”.

Como podemos ter alguma esperança de conhecer este Infinito? Ora, da mesma forma que temos esperança de um dia conhecer todas as leis da Natureza... A ciência nos ensinou, na verdade, uma lição que lhe era ainda muito anterior: separar o Infinito em pequenas partes, em aspectos e reflexos, para quem sabe um dia, estudando e compreendendo, amando e sentindo, uma a uma, cheguemos a uma

compreensão melhor e mais profunda daquele Ser que tanto incomodou a Nietzsche: “Eu quero Te conhecer, Desconhecido” – disse o alemão quando ainda jovem, para uma plateia de jovens.

Assim como a ciência elaborou a Biologia, a Física, a Química ou a Neurologia, a mitologia elaborou o Soberano do Céu, Palas Atena, Hermes, Odin, Oxalá, e tantos outros deuses (e orixás) que são tão somente pequenas partes do Uno, aspectos do Infinito... Os deuses são o alfabeto com o qual a mente humana é capaz de reencenar, neste mundo objetivo, os fatos subjetivos de sua própria alma. Toda a mitologia é uma encenação da alma humana, toda a mitologia diz respeito a você: “Você venceu o seu monstro interior? Você morreu para seu lado animal, para renascer, três dias depois, como um novo ser?”.

Mas, seja este Grande Desconhecido quem for, talvez tenha tanta necessidade de nos amar, e reconhecer a si mesmo, através de nós, quanto nós temos esta necessidade ancestral de caminhar em sua direção – cada vez mais adentro.

Nesta grande aventura, talvez também sejamos como o João no Pé de Feijão, que precisa escalar o *axis mundi*, e retornar com a galinha dos ovos de ouro... Ou talvez sejam precisas várias tarefas de Hércules, muitas e muitas aventuras, e inúmeras vidas.

Podemos então precisar de aliados, pois a longa jornada por vezes vai além de nossas capacidades humanas... E se o Grande Desconhecido não pode se revelar ainda, se é ainda muito arriscado que o vejamos face a face, sem estarmos amadurecidos para tal momento, quem sabe ele não nos ajude de outra forma?

Um software é uma sequência de instruções a serem seguidas e/ou executadas, na manipulação, redirecionamento ou modificação de uma informação ou acontecimento. Na mente divina existe tudo o que há, o Todo é mental. Na própria engenharia da realidade, ou mesmo no eixo que liga a Terra ao Céu, e o consciente ao inconsciente, pode sim haver um software rodando sem que o percebamos. Não fomos nós os programadores – os anjos podem ser

robôs, portanto, mas robôs programados pelo Grande Arquiteto, o Programador dos programadores, o Deus dos deuses.

Eles são o Seu presente para esta grande aventura, e dizem que existem 72 deles a bailar pelo *axis mundi*. De vez em quando, um poeta vê uma de suas asas no céu, e de alguma forma sabe que não se trata apenas de um pássaro...

QUESTÕES INFERNAIS

11.12.2012

A palavra inferno, que hoje conhecemos, origina-se da palavra latina pré-cristã *inferus*, que significava “lugares baixos”; foi dela que surgiu o termo *infernus*. Na Bíblia latina, a palavra é usada para representar o termo hebraico Seol e os termos gregos Hades e Geena, sem distinção. A maioria das traduções para o português seguem o latim, e elas não fazem distinção do original hebraico ou grego.

Geena, do grego, se refere a um lago de fogo. Já o Seol hebraico e o grego Hades parecem se referir a uma mesma ideia, muito anterior à própria Bíblia: um reino dos mortos (que ficava abaixo da terra, daí a conexão com *infernus*).

Segundo a mitologia grega, os deuses olímpicos saíram vitoriosos da batalha travada contra os titãs (a *titanomaquia*), e Zeus, Poseidon e Hades partilharam entre si o universo; Zeus ficou com os céus, Poseidon ficou com os oceanos e Hades ficou com o mundo dos mortos, que leva o nome deste deus (além disso, todos eles partilharam a terra igualmente, daí a ideia de que poderiam influenciar os vivos).

A influência de Hades no reino dos vivos é quase que estritamente negativa e maléfica, vinculada à pragas, doenças, destruições e guerras, mas também é tida como influência de desafios, afinal nas tradições antigas, para seguirem o “caminho do herói”, testes e proações físicas e psicológicas eram necessárias... Da mesma forma, o reino de Hades, o reino dos mortos, não é um conceito que poderia

ser associado somente ao que o cristianismo passou a compreender por inferno.

No Hades as almas eram julgadas por três juízes [27], com responsabilidades específicas: Minos tinha o voto decisivo; Éaco julgava as almas europeias; e Radamanto julgava as almas asiáticas. Nem mesmo Hades interferia no julgamento deles, a não ser em raras ocasiões. Este tipo de julgamento moral se assemelha a concepção cristã do julgamento do final dos tempos, mas o que ocorre com as almas boas? Elas saem do Hades?

Aí é que está: não saem, pois o próprio Hades é um reino com o seu céu e o seu inferno. O céu é conhecido na mitologia grega como Campos Elíseos; o inferno, como Tártaro. Ambos ficam no reino dos mortos, no Hades. Dessa forma, apesar de a mitologia bíblica haver bebido da fonte da mitologia antiga, há algumas contradições importantes... O exegeta bíblico poderá dizer que o cristianismo é uma espécie de refinamento das ideias pagãs anteriores, mas será que isto se sustenta?

Por “refinamento”, quero dizer “interpretação mais espiritualmente aprofundada”. Porém, ocorre que, apesar de tanto a mitologia bíblica quanto a grega concordarem que os mortos são julgados pelas suas obras, o julgamento do deus bíblico me parece mais autoritário e implacável. Dependendo da interpretação, mesmo um ladrão de galinhas pode ser condenado ao inferno. Outro problema é a gradação de penas: na mitologia bíblica, o ladrão de galinhas e o assassino parecem destinados a receber a mesma pena (arder eternamente num lago de fogo); na mitologia pagã, pelo contrário, as penas são dadas de acordo com as faltas, como ocorre num tribunal de justiça terrena. Eu, sinceramente, não vejo refinamento algum nesta exegese bíblica.

Há, em todo caso, uma primeira questão infernal que se aplica ao inferno bíblico: os bons, aqueles que chegarão ao céu, não ficariam tristes por saber que boa parte de seus familiares e amigos estarão condenados a arder num lago de fogo por toda a eternidade?

Ora, segundo a mitologia grega, no Hades os julgamentos ocorrem após a morte, e não após um juízo final. Ainda assim, a questão persiste... Mas no caso pagão, há muitas interpretações alternativas que dizem que o condenado ao Tártaro pode eventualmente cumprir sua pena e assim se elevar aos Elíseos; ainda outras teorias, mais antigas, simplesmente afirmam que após o cumprimento da pena no Tártaro o condenado estaria apto a reencarnar na Terra. Enfim, no paganismo não haviam dogmas infalíveis, e os mitos eram constantemente reinterpretados.

Mas no mito bíblico nada disso ocorre. Há um julgamento final, e depois cada grupo irá para o seu canto, por toda a eternidade... Ora, de fato, ainda que o inferno cristão não fosse um local de sofrimento eterno, o simples fato de familiares e amigos serem separados pela eternidade inteira seria um motivo de sofrimento... Eterno?

Como se não bastasse esta, há uma segunda questão infernal ainda mais complexa. Segundo a Bíblia, o governante do inferno é um anjo que, por haver se corrompido e escolhido o caminho do mal, tornou-se ele próprio o supremo representante do mal – o anjo caído. Eis a questão: seria este anjo incapaz de arrepender-se, por toda a eternidade? Um anjo, quando cai e se corrompe, não tem nenhuma, nenhuma oportunidade de se arrepender, de remediar sua situação? Haveria justiça divina nesta ideia?

Se não houvesse o livre-arbítrio, todos seríamos fantoches nas mãos de Deus. Portanto, é preciso a liberdade para que um ser exista enquanto ser, e não enquanto autômato [28]. Dessa forma, se o anjo caído, Lúcifer, não tiver a liberdade para decidir se arrepender, isto significa que ele é mero fantoche nas mãos do deus bíblico – o que equivale a dizer que tudo o que Lúcifer faz seria, no fundo, decidido pelo Mestre dos Fantoches. Eu não sei quanto a vocês, mas acho esta uma ideia absurda.

O exegeta bíblico poderá responder a tais questões infernais de forma superficial, quem sabe: (a) Ao chegar no céu, Deus apaga da memória dos escolhidos todas as lembranças daqueles que foram para o inferno, e dessa forma não sentirão saudades nem sofrerão pelo que

ocorre a eles; e (b) Lúcifer simplesmente não se arrependeu, e talvez jamais se arrependa, por isso ainda existe o mal no mundo. Pois bem, vocês acham, honestamente, que tais respostas vagas resolvem essas questões?

Os pensadores contemporâneos têm concepções bem mais profundas e interessantes do mito do céu e inferno. Sejam cristãos, não cristãos, agnósticos, existencialistas, espiritualistas, estudiosos de mitologia, não importa muito, pois este é um mito que toca a humanidade inteira: não poderíamos interpretar o céu e o inferno como estados da consciência humana?

Seguindo esta bela reflexão, devemos considerar que cada um constrói o seu próprio céu e inferno em sua própria consciência. Portanto, aquele que encontrou Deus dentro de si, mesmo no deserto mais árido e seco, estará ainda num Oceano de Amor em sua própria consciência, dentro da alma, que carrega consigo para todo lugar.

E, assim, chegando neste céu, não titubeará nem por um segundo em descer ao inferno para convidar quem lá está a se aventurar neste vasto Oceano. A questão, no entanto, é que apenas um convite não basta: é preciso mergulhar.

Somente o ser em si poderá decidir por abandonar os dogmas antigos, e dar este verdadeiro salto de fé no desconhecido, na imensidão da própria alma... Então, quem sabe, alcance o céu. Então, quem sabe, seja salvo – salvo da ignorância.

Mergulhe suave. Os mensageiros orientam!

NOÉ – O QUE MERECE SER SALVO?

10.04.2014

Recentemente estreou no país mais um filme supostamente “bíblico”, narrando a famosa história da Arca de Noé. Darren Aronofsky, entretanto, não parecia a primeira vista um diretor ou roteirista com muita inclinação a temas demasiadamente religiosos.

E, de fato, o seu *Noé* passa longe de ser uma história “fiel a Bíblia Sagrada”, tanto que gerou comentários como este, de um missionário cristão “enganado pelo trailer do filme”:

O filme tem muitas coisas de mau gosto e interpretações sem nenhum fundamento religioso ou bíblico. Penso que o autor da obra poderia ter respeitado, pelo menos, o essencial da narração do texto bíblico [...] A verdade é que o longa-metragem é uma afronta e uma distorção da beleza da revelação divina. Ele não merece ser visto nem apreciado por quem tem a Bíblia como um Livro Sagrado, fonte da revelação divina e inspiração primeira de fé. Existem filmes mais sérios e de roteiros mais qualificados.

Enquanto, ao mesmo tempo, vimos esta “sinopse do filme *Noé*, escrita por um ateu” fazer certo sucesso nas mídias sociais:

O filme conta a história de um ancião chamado Noé, de 600 anos, que resolve construir um barco após ouvir Deus dizer que mandaria um dilúvio para afogar toda a humanidade. Noé e seus filhos passam a ser responsáveis por acomodar na embarcação quase 5 milhões de casais de animais, incluindo os de continentes ainda desconhecidos. Após serem os únicos sobreviventes do dilúvio, a família de Noé tem um novo desafio: repovoar o planeta através do incesto, e dar origem a povos de diferentes etnias, como negros, pardos, asiáticos etc.

Ah, nada como o choque de extremos! Enquanto os fanáticos da crença não suportam ouvir a sua querida história fossilizada num livro milenar com sequer uma vírgula fora do lugar, os fanáticos da descrença caçoam ferozmente de qualquer um que tenha ido ao cinema “ver tamanho absurdo ilógico”.

Pois bem, a vantagem de não sermos fanáticos, senão pelo bom senso, é que podemos muito bem ir ao cinema ver o filme de Aronofsky sem nos sentirmos escandalizados nem pelo fato de o

roteiro se afastar em muito do *Gênesis*, nem pelo fato de a história não ser nem um pouco verossímil – pois que se trata de mitologia!

O Dilúvio

São tantas as mitologias que falam de um Grande Dilúvio que cobriu a Terra, que muitos historiadores creem que, de fato, nossos ancestrais devem ter atravessado não uma, mas diversas inundações catastróficas. Pense numa época sem internet, TV, jornais ou telégrafos, onde muitas vezes tudo o que um povo conhecia eram os arredores de sua floresta ou campina... Ora, qualquer inundação capaz de cobrir uma área extensa o suficiente poderia muito bem lhes parecer como se o mundo todo estivesse sendo inundado!

E, de fato, relatos como este não faltam nos mitos dos mais variados povos – muitos deles mais antigos que os hebreus:

Na *Epopéia de Gilgamesh*, o mais antigo poema épico de que se tem notícia na história, encontrado no Iraque (que, há cerca de 5 mil anos atrás, foi o berço de uma grandiosa civilização antiga, quando a região era então conhecida como Mesopotâmia) por arqueólogos modernos, temos a passagem onde o herói Gilgamesh pergunta a Siduri (deusa do vinho e da sabedoria) como encontrar Utnapishtim, o sobrevivente do Grande Dilúvio e único humano a receber a imortalidade. Ao finalmente encontrá-lo, ouve de sua boca o relato de como os deuses, zangados com o comportamento barulhento e desregrado dos humanos, resolveram destruir os mortais com um dilúvio. Utnapishtim afirma que só foi salvo porque Ea (deus da água) o visitou num sonho e lhe mandou construir um barco. Como fora o único a sobreviver à grande tempestade, os deuses lhe concederam a vida eterna como prêmio (ele provavelmente trouxe algumas mulheres em seu barco).

O conceito de dilúvio como punição divina aparece também na história clássica da Atlântida. No mito da Grécia Antiga, Zeus enviou um dilúvio para punir a arrogância dos primeiros homens. O titã Prometeu advertiu Deucalião, seu filho, da catástrofe eminente. Ele então construiu uma arca e nela se refugiou com a esposa, Pirra. Por

nove dias e nove noites ficaram à mercê das águas (um dilúvio mais curto que o bíblico), até pararem no monte Parnaso. Quando as chuvas cessaram, Deucalião ofereceu um sacrifício a Zeus, que em troca lhe concedeu um desejo. O seu desejo foi simplesmente pedir por mais homens e mulheres para os ajudar a repovoar a Terra (um homem prático).

Há muitos mitos parecidos espalhados pelos povos antigos. Em muitos mitos de criação o mundo era formado por um oceano quando em seu estado primitivo; dessa forma, pela sua inundação, os deuses o devolvem ao seu estado inicial, permitindo um recomeço.

Nos contos dos chewongs da Malásia, o criador Tohan transforma o mundo de tempos em tempos, quando submerge todas as pessoas, exceto as que foram prevenidas, e cria uma nova Terra no fundo das águas. Na mitologia nórdica, temos o conto do Choro de Baldur, quando o malvado Loki faz o arqueiro cego e sua flecha de visgo assassinar o benevolente Baldur, e todas as coisas que existem choraram por ele, causando um dilúvio. Na mitologia hindu, um peixe disse a Manu que as águas cobririam a terra e, novamente, temos uma arca salvando a continuidade da humanidade. Entre os celtas, os poemas do *Ciclo de Finn* narram a ocupação da Ilha após o Grande Dilúvio. Nos índios americanos, temos a história de Kwi-wi-sens e como ele e seu amigo corvo escaparam do dilúvio causado pelos deuses dos céus... Acho que já deu para entender né? Essa história simplesmente não será esquecida...

O mito de cada um

O que nos leva a questão de compreender o que diabos é exatamente a mitologia. Segundo Joseph Campbell, “um mito é algo que não existe, mas existe sempre”. Com isso, ele queria dizer que os mitos são nada mais que os fatos da mente, os sonhos e pesadelos do consciente e inconsciente humano, encenados “do lado de fora”. O lado exterior, que um cético poderia, quem sabe, chamar de “mundo real”, é o lado que existe no tempo. Mas o lado interior, apesar de também computar a passagem dos dias e noites, faz algo que vai além

da capacidade das máquinas e tecnologias mais avançadas: os interpreta!

É na interpretação da vida que sentimos emoções como o amor, o medo, a raiva, a tranquilidade e a angústia. É na constante lembrança e reinterpretação de tais emoções que terminamos por produzir a arte, e toda arte precisa contar uma história – e toda grande arte acaba por tocar na essência atemporal do ser humano, acaba por conceber um mito...

No entanto, como também dizia Campbell, “qualquer deus, qualquer mitologia ou qualquer religião são verdadeiros num sentido – como uma metáfora do mistério humano e cósmico: quem pensa que sabe, não sabe. Quem sabe que não sabe, este sim, sabe. Há uma velha história que ainda é válida. A história da busca. Da busca espiritual... Que serve para encontrar aquela coisa interior que você basicamente é. Todos os símbolos da mitologia se referem a você: você renasceu? Você morreu para a sua natureza animal e voltou à vida como uma encarnação humana? Você venceu o Grande Dilúvio para recomeçar numa nova Terra? Na sua mais profunda identidade, você é um desses heróis, você é também um deus”.

Dessa forma, quando uma criança ouve falar do Homem-Aranha ou do Super-Homem, e logo quer uma fantasia para poder brincar de *ser* o Homem-Aranha ou o Super-Homem, isto diz mais sobre a mente humana e sobre a mitologia do que julga a vã filosofia.

O que Aronofsky fez em seu filme foi nada mais do que reinterpretar o mito da Arca de Noé. Podemos não gostar da sua interpretação, mas seria realmente infantil (no mal sentido) julgarmos a sua obra “heresia” ou “absurdo ilógico” de antemão, apenas porque, provavelmente, ainda não fazemos a mais vaga ideia do que vem a ser, de verdade, a mitologia.

A mensagem ecológica do filme é clara e evidente. Se no *Gênesis* a humanidade era punida pelo Criador pelo fato de haverem procriado com “os filhos de Deus” e de, por alguma razão, a maldade haver se espalhado pelo mundo (*Ge* 6:1-5), no Noé do cinema o homem arrasou com os recursos naturais do planeta, ao ponto de não vermos

sequer uma única árvore remanescente até que Noé tenha plantado uma das sementes do Éden que foram guardadas pelo seu avô.

Além disso, Aronofsky também incorre em uma arriscada crítica ao fanatismo religioso, a tornar o próprio Noé um advogado do fim de toda a raça humana, desejando deixar apenas os animais “inocentes” para o novo mundo. A maneira como este enredo de desenrola no filme é um dos pontos mais originais e que mais se afastam da narrativa bíblica – no entanto, se formos analisá-lo do ponto de vista da nossa época atual, se trata de uma adição totalmente válida ao mito.

Que bom que Aronofsky soube interpretar a história do Dilúvio a sua maneira. Por que não podemos, então, fazer o mesmo?

O mito moderno

De acordo com Richard Saul Wurman, em seu livro *Ansiedade de Informação*, uma edição de domingo do jornal The New York Times tem cerca de 12 milhões de palavras e contém mais informação do que aquela que um cidadão do século 17 recebia ao longo de toda a vida. A capacidade de computação mundial aumentou 8 mil vezes nos últimos 40 anos. Com esse ritmo, especialistas calculam que produzimos mais informação na última década do que nos 5 mil anos anteriores. E todo esse acúmulo causa ansiedade.

A velocidade com que a informação viaja o mundo é algo muito recente, com o qual os seres humanos ainda não sabem lidar – e muito menos aprenderam a filtrar. Já foram cunhados até alguns termos para definir a ansiedade trazida pelos novos meios de comunicação: *technologyrelated anxiety* (ansiedade que surge quando o computador trava, que afeta 50% dos trabalhadores americanos), *ringxiety* (impressão de que o seu celular está tocando o tempo todo) e a ansiedade de estar desconectado da internet e não saber o que acontece no mundo, que já contaminou 68% dos americanos [29].

Uma outra consequência de tamanha “globalização da informação” é a de que hoje somos prontamente informados de todos os grandes

desastres naturais, genocídios e conflitos armados que ocorrem ao redor do globo. Certamente o seu bisavô, por mais bem informado que fosse, não estaria muito preocupado com um acidente de trem na Espanha, um estupro coletivo na Índia ou um ataque de algum esquizofrênico numa universidade americana. E, mesmo as notícias da Primeira Guerra Mundial não eram tão impactantes quanto às notícias das guerras de hoje – na sua época a guerra era descrita em alguns parágrafos de jornal, hoje ela muitas vezes é filmada ao vivo com câmeras de alta definição.

Dessa forma, se no mito de Noé o fim do mundo era um anúncio divino que nem todos levaram a sério (exceto Noé e sua família), nos dias atuais o fim do mundo parece ocorrer de tempos em tempos no noticiário, ao ponto de sermos obrigados a nos tornar, de certa forma, “insensíveis” a tanta desgraça anunciada nas dezenas ou centenas de canais de notícia de nossa TV a cabo e em nossos portais favoritos da web.

Não é que hoje o mundo esteja mais violento do que há milênios atrás, pelo contrário: hoje vamos a um estádio ver jogadores praticando esportes, e não se matando; hoje não há mais escravidão, ao menos oficialmente; hoje as mulheres que apanham de seus maridos têm uma opção de escolha que antes lhes era absolutamente negada. O mundo melhorou fora das zonas de guerra, sem dúvida, mas o problema é que hoje podemos saber de tudo (ou quase tudo) de catastrófico e violento que ocorre nos quatro cantos do globo.

Como sobreviver a essa época tão fluida e tão cheia de atrativos, a esse verdadeiro “dilúvio de informações”? Talvez, quem sabe, a Arca de Noé possa ser uma possibilidade de salvação. Afinal, se a construção de nossa Arca pode ser tão difícil e custosa, ela nos traz um grande consolo, um grande alento, em sua conclusão: teremos, enfim, uma embarcação só nossa, onde guardamos a informação que nos importa de verdade, assim nos livrando de todo um mar revolto de irrelevâncias.

A Arca moderna nada mais é, portanto, do que o pensamento próprio, livre de dogmas de crença ou descrença, livre da enxurrada

de informações que nada acrescentam ao nosso autoconhecimento e ao nosso caminho espiritual. Para sobreviver no mundo moderno como um indivíduo de pensamento livre, sem dúvida precisaremos aprender mais acerca das técnicas de construção de Noé.

O que merece ser salvo?

Se o mito pode ser reinterpretado à luz da era moderna, nada nos impede de voltar atrás e interpretá-lo a nossa maneira também no contexto da época bíblica. Afinal, há certamente uma boa parte do mito que se encontra mesmo fora do tempo, que é eterna...

Uma lição que sempre me saltou aos olhos é que o Criador não pediu a Noé para que salvasse alguma relíquia, algum plano de construção de templos, e tampouco algum livro sagrado. Nem ouro, nem prata nem joias – o que havia de mais valioso para ser salvo do Grande Dilúvio era a vida, a vida!

E não somente os seres vivos em si, mas a sua simbologia. Afinal, já na época de Noé os animais eram também símbolos, informações vivas que representavam a Criação. Não bastaria, portanto, salvar somente o elefante macho, era preciso salvar também a fêmea, para que a continuidade da espécie, a continuidade do símbolo “elefante”, fosse garantida.

Nesse sentido, a Arca de Noé era, de certa forma, a Igreja sonhada por nosso querido Francisco de Assis: uma casa não somente de homens e mulheres, mas de vida, de toda a vida.

Quantas vilas, cidades e templos já existiam na época de Noé? Quantas estátuas dedicadas as mais diversas divindades? Quantos manuscritos sagrados e poemas épicos? Nada disso passou do Dilúvio. Nada sobrou, exceto a vida ela mesma...

Aquilo que ultrapassa vidas

Há algo que permeia todos os mitos referentes a um Grande Dilúvio nas mais variadas culturas ancestrais: com Arca ou sem Arca, fato é que somente um herói, ou um casal, ou um grupo muito

pequeno de pessoas, sobrevive para repovoar o mundo todo após as águas aplainarem.

Ora, se formos transportar esta metáfora para o conceito de reencarnação, tão antigo quanto às primeiras religiões e mitologias, temos que o Dilúvio, o fim do mundo pelas águas, nada mais é do que a “morte”; e o mundo novo, a espera de ser povoado, nada mais é do que a “próxima vida”.

Nesse contexto, o que seria capaz de cruzar a fronteira entre uma e outra vida, senão tudo aquilo que conseguimos trazer para a nossa Arca?

É bem verdade que a maioria de nós sequer começou a aprender a construir uma Arca – mas quem disse que não somos capazes?

Ainda que de início nosso barco seja pequeno e quebradiço, facilmente virado pelas ondas, o que importa é que iniciamos a aprendizagem.

E é precisamente esta aprendizagem, de construção de arcas, aquilo que ultrapassa vidas, a ciência mais preciosa e primordial de toda a existência... Não importa se hoje não acreditamos que seja realmente possível construirmos uma Arca tão grande quanto à de Noé. Não importa se nos parece inverossímil que ela pudesse mesmo carregar todas as espécies não marinhas do planeta. Pois há algo de sobrenatural nesta ciência, algo que escapa a lógica usual de todas as ciências...

Tudo é natural, e assim está bom. Mas há algo que salta por sobre, que ultrapassa as maiores barreiras; algo que é capaz de vencer até mesmo a morte; algo atemporal, eterno, infinito.

É precisamente esta Arca de Amor a única coisa que realmente possuímos, a única coisa que realmente importa, a única coisa que vale a pena construir... E cada martelada, cada tábuia posta no lugar, cada gota de suor a escorrer de nossa testa, terão valido a pena.

Até que ela, a Grande Arca, consiga abarcar o mundo todo. De modo que o mundo todo será nossa Arca, e nossa Arca será todo o mundo. E somente assim poderemos, de verdade, estabelecer nossa Aliança com o Tudo. Somente assim poderemos ser carregados pelas

marés internas da alma até atracarmos, um dia, nas praias do Reino de Deus:

“Senhor, árdua foi à construção da minha Arca, e longa foi a minha navegação; mas eu cheguei, eu finalmente cheguei!”

Bibliografia: *Guia Ilustrado Zahar de Mitologia* (Philip Wilkinson e Neil Philip); *Enciclopédia de Mitologia* (Marcelo Del Debbio); *O Poder do Mito* (Joseph Campbell e Bill Moyers).

A SUBLIME CANÇÃO

10.01.2015

*Você pensa em mim toda hora
Me come, me cospe, me deixa
Talvez você não entenda
Mas hoje eu vou lhe mostrar:*

*Eu sou a luz das estrelas
Eu sou a cor do luar
Eu sou as coisas da vida
Eu sou o medo de amar*

*Eu sou o medo do fraco
A força da imaginação
O blefe do jogador
Eu sou, eu fui, eu vou...*

Gita! Gita! Gita!

Ao se deparar com tais versos, a maior parte dos brasileiros vai associá-los a famosa composição de Paulo Coelho e Raul Seixas, *Gita*. Mas talvez seja uma grande minoria que terá conhecimento da fonte original de boa parte das palavras usadas na música: O *Bhagavad Gita*, a sublime canção, um dos textos mais sagrados de toda a humanidade.

Embora mais famoso no Oriente (particularmente na Índia, sua terra de origem), o *Bhagavad Gita* eventualmente foi traduzido do sânscrito para o inglês e, dessa forma, pôde ser apreciado também por grandes mentes ocidentais, que não lhe pouparam elogios e até mesmo uma certa reverência:

Comparado com o Gita, o nosso mundo moderno e toda a sua literatura se parecem insignificantes e triviais (Henry David Thoreau)

O Bhagavad Gita é a coisa mais profunda e mais sublime de que dispõe o mundo dos homens (Wilhelm von Humboldt)

Foi o primeiro dos livros, como se todo um império nos falasse; nada pequeno ou sem significância, mas grandioso, vasto e consistente, a voz de uma inteligência muito antiga (Ralph Waldo Emerson)

Este livro é um dos resumos mais claros e compreensivos da filosofia perene que já nos foram revelados; o seu valor persiste até hoje não somente em benefício da Índia, mas de toda a humanidade (Aldous Huxley)

O *Bhagavad Gita* (A canção [*gita*] do Senhor [*Bhagavan*; a forma humana da divindade]) é um episódio da imensa e milenar epopeia hindu, o *Mahabharata* (Grande [*maha*] Índia [*bharata*]), que contém 250 mil versos, descrevendo a grande guerra entre os Kurus e os Pândavas, que tinha por objetivo a conquista de Hastinapura, um dos centros mais importantes da antiga civilização ariana.

Numa interpretação literal, o livro traz um diálogo existencial entre Arjuna, um dos cinco príncipes dos Pândavas, e o cocheiro de sua carruagem de guerra, seu grande amigo Krishna, em meio ao horror de uma batalha entre dois povos que possuíam muitos laços familiares. Porém, como bem dizia Joseph Campbell, grande estudioso de mitologia do século XX:

Há uma velha história que ainda é válida. A história da busca. Da busca espiritual... Que serve para encontrar aquela coisa interior que você basicamente é. Todos os símbolos da mitologia se referem a você. Você nasceu? Você morreu para a sua natureza animal e voltou à vida como uma encarnação humana? Na sua mais profunda identidade, você é Deus. Você é um com o ser transcendental. (trecho de *O Poder do Mito*)

Ora, numa interpretação mais profunda do Gita, fica claro que o amigo do príncipe Arjuna é muito, muito mais do que um mero cocheiro. Nalgumas tradições hindus, Krishna é considerado o avatar (encarnação terrena de uma divindade) do deus Vishnu; e noutras tradições ele é considerado a encarnação do próprio Deus Supremo. Em todo caso, o que nos importa em uma interpretação esotérica da obra é que enquanto Arjuna pode ser associado ao ser ainda nos primeiros estágios de sua busca espiritual, Krishna é a representação do final do caminho: a dissolução do ego e a sua união com o logos divino, o Eu Superior, o Cristo.

A batalha retratada no início da canção deve ser compreendida como o embate interno, da alma com ela mesma, em busca de sua própria reformulação moral, em suma, sua evolução no caminho para conhecer a si mesma, um pensamento, um ensinamento de cada vez. Não é sem razão que Arjuna se vê incapaz de participar da guerra entre o seu grupo, os Pândavas, e o grupo adversário, os Kurus. Eis que ambos nada mais são do que a representação de nossos próprios pensamentos: é uma batalha psicológica, uma batalha que todos nós

travamos em nosso interior desde o momento em que tomamos consciência de nossa existência – quer compreendamos, quer não...

Os autores do *Bhagavad Gita* colocam a narração de toda a história na voz de Sanjaya, o fiel servidor do rei cego dos Kurus, Dhritarashtra. Já os Pândavas são seguidores da rainha Kunti, mãe de Arjuna. Ora, Dhritarashtra, o rei cego de nascença, representa a vida material, ancorada nas forças inferiores do ego; já Kunti representa a pureza da alma, e a vontade de reconexão com a divindade, enfim, nosso lado espiritual.

Arjuna, ao perceber que ambos os exércitos fazem parte de si mesmo, que em essência todos são seus parentes, seus irmãos, desperta naquele momento de uma longa existência no mundo das ilusões, o mundo material transitório, e passa a considerar também a existência do mundo da essência, o mundo eterno, de onde vem seu amigo Krishna.

Não se trata, dessa forma, de uma batalha que precise ter um exército vencedor e um derrotado, mas de uma batalha pela reconciliação das forças interiores, para que tanto os Kurus quanto os Pândavas reconheçam, relembrem, que no fim das contas são todos filhos de um mesmo ser.

E o que Krishna ensina ao príncipe Arjuna no restante desta sublime canção é precisamente que este ser é você!

XAMÃS, HERÓIS E DRAGÕES

21.07.2011

Nota: Texto publicado originalmente com o título *Rolando poliedros* em 24.06.2011. Esta versão foi utilizada na coluna do blog no portal Teoria da Conspiração.

Este texto é destinado principalmente a todos aqueles que sabem perfeitamente a diferença entre imaginação, fantasia e realidade, e exatamente por isso se sentiram “atraídos”, desde cedo, pelos mitos

modernos – embora, talvez hoje saibam, estes sempre foram também uma parte dos mitos de outrora...

A chamada tradição oral é a preservação de histórias, lendas, usos e costumes através da fala. Origina-se do primórdio da história humana, quando ainda não havia a escrita e os materiais que pudessem manter e circular os registros históricos.

Na atualidade própria das classes iletradas, a tradição oral tem sido, contudo, muito valorizada pelos eruditos que se dedicam ao seu estudo e compilação (os contos dos Irmãos Grimm, por exemplo), ao considerarem que é na tradição oral que se fundamenta a identidade cultural mais profunda de um povo. Supõe-se, por exemplo, que a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero foram, inicialmente, longos poemas recitados de memória.

Joseph Campbell gostava de dizer que “o mito é algo que nunca existiu, mas que existe sempre”. Esse aparente paradoxo pode ser reconciliado se entendermos a tradição oral, mãe da mitologia, como a melhor forma com a qual o espírito humano pôde passar adiante suas experiências no contato com a essência das coisas, com o que há de eterno no mundo. Dessa forma, todas as variantes de um mesmo mito são, no fundo, uma mesma história. E toda mitologia é, no fundo, uma mesma mitologia, uma mitologia do espírito humano.

Mas hoje não vivemos mais em tribos e aldeias, e nem todos necessitam decorar tais histórias antigas. Além disso, não são os xamãs nem os anciãos quem nos passam os mitos, mas alguns poucos textos sagrados de outrora, que até hoje inspiram inúmeras variações na mente dos contadores de histórias modernos – a quem conhecemos, principalmente, como artistas. Existem mitos sendo recontados em todos os cantos: nos livros de vampiros adolescentes, nos filmes de Hollywood, nas séries de TV de fantasia, e até mesmo num gibi.

Desde pequeno eu fui imediatamente atraído pela mitologia dos super-heróis do século passado. E o meu predileto é Steve Rogers, o Capitão América, que era fisicamente fraco, mas ao passar pelo processo “mágico” do projeto do supersoldado, tornou-se um ser

sobre-humano. No entanto, a maior força de Steve sempre foi sua honra e sua ética, sua compaixão pelos fracos – tão fracos e indefesos como ele fora um dia.

Ora, essa história é um mito, e esse mito nada tem a ver com os Estados Unidos da América. Steve calhou de ter sido criado durante a Segunda Guerra, por quadrinistas americanos, e por isso serviu como um elemento patriótico na luta contra o nazismo. Mas a guerra acabou. As guerras passam, os mitos permanecem.

Por isso os heróis das histórias precisam continuar lutando suas guerras, e vivenciando suas aventuras e jornadas de heróis – tais histórias podem hoje terem se tornado superficiais, mitos “diluídos” em uma sociedade que em sua maior parte se esqueceu da espiritualidade antiga... mas ainda continuam narrando, em essência, aquilo que está fora do tempo. Continuam se tratando de jornadas espirituais.

Mesmo que não saibamos, estamos até os dias de hoje vivenciando a mitologia, apenas uma mitologia moderna, que nos chega através de gibis e filmes 3D, e não pela boca de um contador de histórias, próximo à fogueira no centro da aldeia, numa noite de céu estrelado – salpicado de super-heróis.

Essa reflexão pode não ter nada de aparentemente espiritual, mas isso é porque poucos interagem com os mitos. As histórias contadas da maneira antiga serviam principalmente para que cada homem e cada mulher se imaginassem como o herói ou heroína através de sua jornada. Não era algo para se ouvir e simplesmente decorar. Era algo para se ouvir, imaginar, experimentar, modificar, e só então passar adiante... Obviamente que as histórias foram alteradas, e seria estranho que não fossem. Mas, ainda mais estranho, é que tenham chegado aos dias atuais com sua essência inalterada – eis que são diversos modos de se abordar um mesmo mito, e o mito não se altera, pois sua essência reside fora deste mundo.

J. R. R. Tolkien foi um filólogo e escritor britânico que desde cedo se ressentiu do fato da maior parte da mitologia inglesa ter se perdido com o tempo. Ele decidiu resolver o problema criando uma nova

mitologia inglesa. Claro que de nova ela não tinha nada, pois que todos os mitos são tão antigos quanto à humanidade, mas era uma mitologia moderna, uma mitologia que cativou seguidores em todo o mundo... Só para terem uma ideia, hoje existem grupos que se reúnem para falar em *quenya*, um idioma fictício que existe apenas nas obras de Tolkien. Esses estão literalmente “entrando na história”, vivenciando o mito.

Mas foi através de Gary Gygax que encontramos uma forma totalmente inesperada de vivenciar mitos. Em 1974 ele adaptou, junto com seu amigo Dave Arneson, um jogo de guerra baseado no movimento de miniaturas em um tabuleiro. O tabuleiro passou a ser irrelevante, as partidas passaram a ocorrer principalmente na imaginação dos jogadores, e todos se tornaram contadores de histórias – *novamente*.

No jogo de Gygax, o primeiro Role Playing Game da história (“Jogo de Interpretação de Personagens”), heróis enfrentavam jornadas épicas e aventuras sem fim, adentrando masmorras obscuras como labirintos de minotauros, e se digladiavam com dragões e outros seres mitológicos... Cabia ao jogador designado como mestre do jogo, um novo xamã da tribo, determinar o desenrolar da história – mas todas as escolhas dos heróis eram feitas por eles próprios, os jogadores. Todos estavam vivenciando a jornada.

Os resultados e suas ações eram determinados pelo resultado obtido em se arremessar poliedros regulares na mesa. Os famosos sólidos de Platão e Pitágoras continuavam a ser sagrados – são os rolamentos dos dados de 4, 6, 8, 12 e 20 faces que decidem o destino dos heróis (bem, existe também o dado de 10 faces, embora este não seja um poliedro regular). Todo jogo de RPG tem alguma coisa de experiência religiosa, mas foi só muito tempo depois de ter jogado a primeira vez, com cerca de 11 anos de idade, que me apercebi disso.

Ceguei a criar meu próprio mundo de fantasia e cenário de RPG. A mitologia moderna me atraiu, e não poderia ter sido de outra forma. Hoje compreendo: aquele jogo tão distinto, onde o tabuleiro

existia principalmente em nossa mente, foi talvez a minha primeira experiência genuinamente espiritual.

E, se não lhes pareceu suficientemente profunda, gostaria de lembrar brevemente que quando um personagem com o qual jogamos RPG eventualmente morre na história, podemos ser ressuscitados por feitiços, mas também podemos ter de criar um novo personagem.

Assim, não importa se este novo é um guerreiro ou ladrão, enquanto o antigo era um clérigo ou mago, nosso entendimento do jogo se desenvolveu, nosso potencial para jogar e interpretar cada vez melhor é hoje maior do que ontem. E, se tivermos de começar uma vez mais do nível 1, não significa que tenhamos perdido a experiência de um dia termos chegado, quem sabe, a um nível 13 ou 14... Um dia chegaremos finalmente ao nível 20, e depois quem sabe chegaremos ao nível de semideuses, e depois a algum nível que nem mesmo Gygax descreveu nas regras. E teremos de criar novas regras nós mesmos.

Assim também ocorre com o espírito. Esta vida é meu mais novo personagem, e sinceramente não sei mais em que nível eu estou...

PARKER

07.07.2012

Acabei de ver o novo filme de Peter Parker.

Para quem não sabe, Peter Parker é o Homem-Aranha. Mas o que todo mundo está comentando é sobre o reinício da série de filmes no cinema: “Como assim, não é o Homem-Aranha 4? É outro ator? Vão contar a história toda outra vez? Para quê?”.

Tudo bem, talvez tenham relançado a “nova franquia” cedo demais. Em essência, no entanto, estão apenas seguindo a mitologia do Homem-Aranha: as histórias mitológicas estão sendo recontadas há milênios, e Parker é apenas mais um herói, mais um mito...

Nas noites estreladas de outrora, em torno das fogueiras, nas tavernas vikings, nas baladas medievais, os mitos não eram vistos por espectadores passivos através de uma projeção de cinema, mas ainda tanto melhor: eram imaginados, vivenciados e, por vezes, incorporados.

A melhor cena do filme pode ter passado despercebida – não é central a história do filme em si, mas sim uma referência ao mito de Parker, o jovem herói com grandes responsabilidades...

Nela, um garotinho precisa fugir de um carro suspenso pela teia do Aranha, mas sem poder contar com sua ajuda, já que o herói está a sustentar o carro no ar, evitando que caia de uma ponte. Parker retira a máscara e joga para o garoto: “Vá, ponha a máscara; ela te transforma num herói, com ela não precisará ter medo”. No fim, claro, o garoto consegue alcançar o Aranha, é salvo, e Parker recoloca a máscara. Metalinguagem?

O cético não crê em deuses e antigos mitos: “É tudo mentira!”. Mas o cético pode ser um grande fã do Homem-Aranha: “Sei que não existe, mas eu amo o Peter Parker... As vezes me sinto como se fosse um herói como ele”. Ironia da ironia – por vezes é o cético quem melhor vivencia o mito, quem faz dele uma verdadeira religião sem dogmas... Como os homens de outrora.

Para não sair das histórias em quadrinhos, foi Alan Moore quem alertou: “A maioria das pessoas tem pavor da responsabilidade de cuidar da própria alma”... Grandes poderes, grandes responsabilidades!

Todos temos o maior dos poderes: a vontade. O Homem-Aranha é rápido, ágil, escala paredes e tem um sentido que lhe alerta do perigo – mas foi Peter Parker quem teve a vontade de ser um herói.

Outro grande herói, bem mais antigo, nos disse algo bem parecido com isso: “Sois heróis! Dia virá que farão tudo que tenho feito, e ainda muito mais!”

Em nossa mente, em nossa alma, um lagarto monstruoso está na espreita, esgueirando-se pelo esgoto de nossa metrópole de pensamentos...

Mas não é o Homem-Aranha quem virá nos socorrer – nós somos o herói, nós somos Parker...

“O que está esperando aí? Trate de saltar pela janela, para dentro de si mesmo, e caçar o seu lagarto!”

RELÂMPAGOS

30.05.2013

Da janela entreaberta do quarto, vi um relâmpago antes de ir dormir.

Era como se um milhão de vagalumes se alinhassem imperfeitamente e então algum deus desse o sinal para que iluminassem, em uníssono, a vasta escuridão noturna; era como alguma espécie de orgasmo do crepúsculo; como um exímio samurai a nos matar antes que pudéssemos ver nosso próprio sangue escorrer ou nosso cadáver tombar ao solo – tudo o que havia a ser lembrado era o derradeiro movimento estático de sua lâmina cortando o espaço escuro...

Os que têm certo asco de mitologia dizem que os antigos eram supersticiosos imbecis que acreditavam que algum gigante seminu morava no Céu e enviava relâmpagos para Terra a fim de nos assustar.

Eu não estava assustado. É o trovão o que nos assusta, e tem sido assim desde antes da civilização; mas aqueles relâmpagos estavam tão, tão distantes, que o seu som não chegava. Eu vi somente as pinceladas de luz envolta em nuvens, eu não estava assustado.

Me aproximei da janela e a abri lentamente. Tinha sono, mas aquele baile elétrico a desvelar o horizonte oculto da noite havia me hipnotizado!

Os cientistas já descobriram e computaram o que é, objetivamente, um relâmpago. Mas eu já havia desligado o computador, e o Grande Google estava inacessível as minhas indagações. Ademais, tudo o que poderia ser computado acerca dos relâmpagos, todos os dados científicos colhidos pela meteorologia, nada disso iria me responder exatamente o que eu estava sentindo naquela noite antes de ir dormir.

Quem disse que todos os antigos acreditavam nessa lenda do deus que arremessa relâmpagos? Talvez fosse uma história que eles contavam para atemorizar as crianças em torno da fogueira; talvez fosse um código simbólico para alertar sobre a imprevisibilidade de tais eventos... Afinal, após milhares de anos, nós mal sabemos dizer em que dia do mês que vem vai relampejar novamente.

O acaso natural ou o acaso do mau humor de um gigante seminu que vive acima das nuvens – tanto faz, é o mesmo acaso.

Um dia um sujeito chamado Laplace postulou que se um demônio pudesse saber da posição e movimento exatos de todas as partículas do Cosmos, então poderia saber perfeitamente de todo o futuro – nada mais seria acaso para o seu vasto intelecto.

Ora, talvez seja isto exatamente a natureza de Satanás, um demônio que já sabe de tudo o que há para saber, e por isso enlouqueceu?

Felizmente a física quântica comprovou que tal demônio não poderia saber tanto...

Mas afinal, o que os antigos não sabiam é que dentro de nosso cérebro as sensações e reações se convertem em pequeninos relâmpagos que realizam um baile neuronal incessante.

Isto me conectou, de certa forma, aqueles relâmpagos distantes que também dançavam uma valsa silenciosa.

Sejam os relâmpagos distantes no Céu, sejam estes que viajam dentro do meu crânio, nenhum deles pode me explicar o que é exatamente ver um relâmpago antes de ir dormir, pela janela entreaberta do quarto.

Então, assim confuso e espantado, fui dormir.

E em meus sonhos, não haveria nada que pudesse me impedir de ser, eu mesmo, um gigante seminu a atirar lanças de luz pela imensidão...

EROS VENDADO

25.05.2012

Dizem que foi sua prometida quem desesperou-se ao ver-se privada de sua beleza, mas os mitos não contaram esta outra história acerca de Eros:

O deus estava arrependido da brutalidade com que tratou Psiquê quando esta, pensando que o amado fosse um monstro, retirou suas vendas enquanto dormia, e pôde enfim admirar toda a sua beleza... Assim, desde então, Eros andava enlouquecido em meio ao Elísio, coberto de vergonha...

Como estava vendado, e se recusava a ver toda a beleza a sua volta, tornou-se amargo, temeroso do contato íntimo com qualquer um que lhe cruzasse o caminho: “vão retirar minha venda, vão ver minha beleza, mas somente Psiquê é digna de me ver!” – pensava consigo mesmo, angustiado.

Zeus, que tudo via e sabia, encarregou seu mensageiro, Hermes, de tentar convencer Eros a retornar a razão...

Então, cortando os céus feito um corcel alado, o mensageiro seguia o rastro de sangue que Eros deixara pelos caminhos do Elísio... Pobres animais, homens e semideuses, todos alvejados pelas flechas venenosas do Eros Vendado. As mesmas que antes traziam o amor, agora traziam a agonia.

Retirando a flecha negra do peito de um velho mercador de frutas que agonizava na estrada, Hermes lhe indagou acerca de seu encontro com Eros:

“Tudo o que fiz foi lhe oferecer uma de minhas maçãs, eu juro! Mais parecia um mendigo andarilho, pobre e esfomeado... Não sabia se tratar de um deus, por isso achei que fosse apreciar uma de minhas maçãs... Ofereci-lhe o alimento de coração, não pretendia ganhar nada em troca. Mas o deus estava louco, e zombou de minha caridade, alvejando-me em seguida... Nossa, como doem essas flechas negras...”

Restaurado, o mercador apontou a direção na qual o deus enlouquecido seguiu, e, tão rápido quanto um pensamento, Hermes estava lá, frente a frente com o Eros Vendado:

“Irmão, nosso pai deseja lhe ver...”

“E eu... Eu desejo ver meu pai... Mas como saberei se você é mesmo meu irmão? Como saberei se não é mais um truque da Beleza para que eu jamais veja minha amada novamente? Saia daqui!” – bradou o deus descontrolado, mas ainda muito preciso com seu arco que, sabe-se lá como, estava perfeitamente posicionado na direção de Hermes, ainda que Eros nada pudesse enxergar.

“Irmão, se você não me vê agora, como poderia ver sua amada, ainda que ela estivesse ao meu lado?” – respondeu Hermes ainda muito calmo, embora uma flecha negra e peçonhenta estivesse endereçada a sua frente.

“Quem é você para falar dela? Maldito!” – atirou a flecha com tamanha precisão que, não fosse pelo elmo alado de seu irmão, o alvo teria sido atingido.

Hermes agachou-se e retirou a flecha do elmo que caíra ao solo. Então, com agilidade divina, o deus mensageiro rolou pelo chão e, antes que seu irmão pudesse atirar outra flecha, cravou-a bem no peito esquerdo, através do coração.

Ali morrera o Eros Vendado. Mas, como os deuses não permanecem mortos por muito tempo, Hermes tratou de levá-lo até a fonte d'água mais próxima e, o tendo lavado e desvendado, deixou-o ali na margem, bem morto, e esgueirou-se para detrás de um arbusto...

Quando finalmente ressuscitou, Eros parecia desnortado, mas não louco... Na verdade, era como se tivesse acordado de um longo sono de loucura, e aparentemente recuperado sua sanidade novamente. A primeira coisa que fez foi lavar o rosto no espelho d'água. Foi quando Hermes se reapresentou, ele precisava ter certeza:

“Veja seu rosto no espelho, irmão, e diga-me: qual é o mais belo dos deuses?”

Eros procedeu conforme instruído e, virando-se para Hermes, com a face feita ainda mais bela, com pingos d'água a escorrer em torno dos largos olhos, refletindo ao sol, disse-lhe:

“Ninguém... e todos... todos os deuses são belos; e mais bela ainda é a humanidade, por tê-los imaginado...”

Então, Hermes sorriu: a missão estava cumprida, o Amor havia retornado a sanidade.

*Lá onde nasce o verdadeiro amor
morre o “eu”, esse tenebroso déspota.
Tu o deixas expirar no negro da noite
e livre respiras à luz da manhã.*

(Jalal ud-Din Rumi)

ATALANTA FUGIDIA

29.11.2012

Dizem que foi uma caçadora virgem que transpassava seus pretendentes com sua lança, mas os mitos não contaram esta outra história acerca de Atalanta:

Na primeira vez que a viu, Hipomene duvidou dos próprios olhos. Não era o fato de uma mulher, totalmente nua, haver vencido grandes guerreiros numa corrida, que o deixara espantado. Espantado estava Hipomene com a beleza de Atalanta, que parecia resumir toda a beleza da Natureza, e de todas as mulheres do mundo, em um único corpo, esguio como a água dos riachos, misterioso como a lua cheia em meio à noite obscura.

Todos aqueles que perderam a corrida nunca mais foram os mesmos: tornaram-se melancólicos e tristonhos, e desistiram das guerras e da vida. Antes seus olhos brilhavam com a glória prometida em seus sonhos e devaneios, agora eram escravos dos vinhos, das tavernas e das cortesãs. Como não conseguiram alcançar Atalanta, passaram a buscá-la em todas as mulheres do mundo, como se, ao possuírem uma por uma, estivessem de certa forma a possuir a própria caçadora, filha dos ursos... Ante tal horrendo exemplo de vidas perdidas, Hipomene abdicou do duelo com Atalanta.

Passou a estudar sobre ela em mitos ainda mais antigos que o seu. De tanto buscar pela inspiração, acabou tendo alguma sorte mais tarde em sua vida, quando os primeiros cabelos brancos já eram vistos a escorrer pela fronte... Numa noite, enquanto seguia as passadas de Atalanta, munido de sua lanterna, de um cajado e dos óculos de Benedito (um amigo), chegou a uma estranha floresta que nunca havia visto, embora nem estivesse assim tão distante do reino de seu pai.

De suas árvores frondosas, de carvalho ancestral, pendiam frutos que lembravam maçãs, mas eram dourados, e pareciam brilhar no escuro, de modo que por vezes Hipomene os confundia com as

próprias estrelas. Ao chão, viu diversos frutos que pareciam já maduros, e tinham uma cor acinzentada – estes não brilhavam mais...

Ao agachar para pegar um deles, espantou-se com seu peso – mais pareciam esculturas de maçãs, só que de ferro, ou algum material ainda mais pesado! Foi neste momento que Afrodite apareceu, como se o estivesse seguindo desde o início de sua aventura.

“Que deseja nesta floresta, filho de Megareu?” – perguntou a deusa do amor.

“Quem dera eu soubesse ao certo, ò deusa... Apenas busco por esta inspiração, por sentir uma vez mais aquilo que senti quanto era jovem, ao ver a bela Atalanta correr nua pelos campos, deixando aos homens para trás”.

“Você deseja alcançar a musa fugidia? Você deseja ser um artista, filho de Megareu?”.

“Sim!” – respondeu, emocionado, Hipomene. Então Afrodite trepou numa das árvores (que só permitiam que deusas de seu porte as escalassem) e lhe trouxe três frutos dourados, além de um conselho:

“Vai, seja célere filho de Megareu, que fora das árvores tais frutos não tardam a se tornarem Chumbo. Vai e os coloca no caminho de sua musa, a fim de seduzi-la para ti. Vai agora mesmo!”.

E Hipomene, seguindo a intuição que Afrodite havia camuflado em meio as suas palavras, calculou tudo ainda naquela noite. Seguindo um teorema ainda mais antigo do que aquele atribuído a Pitágoras, colocou dois dos frutos nas extremidades de uma longa hipotenusa e, sabendo que os deuses adoram geometria, colocou-se no ângulo reto formado por seu triângulo, com o terceiro fruto nas mãos, aguardando a chegada de Atalanta...

Mas infelizmente sua musa não era muito boa de cálculos, e acabou por levar horas e horas para lhe encontrar, de modo que, quando chegou, o sol já se precipitava a nascer, e o fruto nas mãos de Hipomene estava amadurecendo, de forma que ele mal conseguia segurá-lo nas mãos.

“São precisos três frutos dourados para realizar minha transformação. Como se atreve a me ludibriar e me fazer chegar aqui, se tudo que me oferta é Chumbo?” – avisou a deusa nua, com uma imensa lança em riste, no alto da cabeça, carregada em sua mão esquerda, e apontada para o coração do pobre Hipomene.

“Me desculpe! Eu desisto, eu desisto; mas me poupe a vida!”.

“Sua vida já está selada, ó aspirante a Arte. O que nos resta saber é se irá renascer ou não”.

Aquelas palavras calaram fundo na alma de Hipomene. Então, subitamente, ele finalmente compreendeu... Largou o fruto de Chumbo ao chão e, como um cordeiro sorridente, caminhou à frente.

Quando Atalanta o transpassou pelo coração com sua lança, ainda pôde ver os primeiros raios de sol a refletirem em sua lâmina... Antes de desfalecer, ainda achou estranho como seu coração, arrancado do corpo, mais parecia um outro pequeno sol na extremidade daquela lança. Ele parecia cintilar, brilhar, parecia um coração de Ouro...

Ao despertar, já era dia, e Atalanta não se via. Via-se apenas uma imensa mariposa, que voou de um arbusto próximo até sua mão. Assim Hipomene soube: havia alcançado sua inspiração, havia se tornado um com ela, havia finalmente transformado tudo que era Chumbo em Ouro...

Deixou o cajado, os óculos e a lanterna para o próximo aspirante desta aventura, pois a sua havia terminado, e já não necessitava de nada além do que já trazia em sua alma.

★★★

Naqueles dias do belo acordar das forças espirituais, os sentidos e o espírito não tinham, com rigor, domínios separados, já que em deus algum faltava a humanidade inteira (Schiller, acerca da mitologia grega)

BREVE CONVERSA COM UMA DAS NEREIDAS

12.08.2010

Um conto sobre as almas e suas máscaras...

“Ora, faz o que bem quiser” – diz-me Ligea sempre que venho propor mais uma de nossas conversas a beira de seu lago. Não é sempre que consigo achá-la em casa, pois sua morada é distante – alguns séculos no passado – e somente podemos chegar até lá nos raros momentos em que há esta distinta paz na alma. Ligea é bela e gosta de conversar sobre tudo, menos sobre a acusação de que ela e as irmãs exigiram um sacrifício...

“Há de ser toda a Lei: que não fiquem inventando mitos sobre nós! Deixem-nos cuidar das águas, cuidem de sobreviver que nós cuidamos de viver” – é quando ela fala isso que consigo sentir que, apesar de meio-deusa, ela é ainda tão mortal quanto nós. Dizem que a linguagem é sempre uma ficção, e que nada que pode ser descrito por palavras corresponde à realidade. Ora, mas isso é óbvio, me surpreende que as pessoas creiam que mitos tratem da realidade em que sobrevivemos – não, eles tratam de heterônimos, de máscaras para as almas.

Pessoa também foi amigo de Ligea, mas se despediu lá pelo passado e não pôde mais se defender nem se explicar... Dizem que inventou tantos heterônimos que ele próprio era um desconhecido de si mesmo, uma mitologia feita pessoa. Dizem que tudo o que há de real em Pessoa é sua poesia, e isso basta. Ora, mas ele fica muito agradecido, só não entende como podem ter vasculhado toda sua obra e ter convenientemente esquecido de publicar exatamente à parte em que ele fala de si mesmo. Pessoa vivia uma vida oculta, apenas isso – “está tudo lá explicado” – ele dizia a Ligea...

A linguagem trata sempre de dois mundos, o transitório e exposto, e o oculto e permanente. O mundo oculto não possui movimento algum, apenas essência, e por isso empresta seus mitos ao mundo transitório, onde cada grão se move e vibra em turbilhão, onde absolutamente tudo está catapultado rumo a imensidão. Todos os heterônimos de Pessoa falavam sobre isso, e eram todos mitos de um homem só, de uma só essência... Depois que se compreende, é simples.

Mas eu sempre trago a questão das disputas religiosas e anti-religiosas para Ligea. E ela sempre me diz mais ou menos assim: “Deixem que se digladiem pelos seus espantalhos de mitos, nós aqui não temos nada a ver com isso... No fim, tudo se resume a questão da sobrevivência sobre a vivência. São como símios que precisam impor-se ante seu pequeno grupo, mas ocorre que ninguém poderá jamais domar o pensamento alheio; ao menos não o pensamento que se encontra livre, do tipo que ainda consegue enxergar a essência por detrás de todas essas máscaras...”

“O amor, o amor é o que importa, o que nos une a todos em uma teia de luz” – ela geralmente completa... E são nesses momentos que percebo que sua beleza não está na superfície, na menina de seus olhos, mas bem mais aprofundada, como pequenos cristais de calcário capazes de refletir ao Sol mesmo lá debaixo, por dentro todo o lodo de seu lago.

Eu tenho visitado e conhecido esses mitos, essas almas... Tudo o que há são almas – algumas puras em sua ignorância, outras que se

comprazem na própria ignorância e insistem em caminhar em círculos; ainda outras que sofreram já o suficiente, deixando o rastro de seu sangue em diversos espinhos da floresta. E existem as bem-aventuradas, que evitam espinhos e sangue, e chegam tão mais depressa na margem do lago das nereidas.

O amor sob a vontade, a vida sobre a sobrevivência, o dar sobre o receber, o buscar sobre o encontrar, a máscara sob a alma – “não, não é necessária mais essa máscara, agora você já pode nos ver como sempre temos lhe visto” – este é mais ou menos o caminho que leva a casa de Ligea. Tenho passado boas temporadas por lá...

A TERRA DO ESPANTALHO CRUCIFICADO

02.04.2013

Dizem que os cruzados queriam retomar a Terra Santa, pela força das armas, em honra ao seu Deus. Mas nem todos seguiram até Jerusalém armados – houve crianças que se dispuseram a libertar sua terra sacra pela força da inocência...

Não se deve subestimar os mitos – os fatos do espírito encenados no mundo. Por vezes, a encenação se torna uma tanto quanto real ou, pelo menos, o tanto quanto é possível “ser real” além da realidade da mente.

Ensinaaram a essas crianças os mitos errados. As que não morreram de fome, sede ou doenças pelo caminho, naufragaram no Mediterrâneo ou foram vendidas como escravos por vendilhões pouco entusiasmados com a sua mitologia.

Faz tempo que o homem busca a Deus, seu Reino, ou alguma “santa terra” pelo horizonte... Antes de Maomé, os árabes já circundavam a *Ka’bah* de Meca. O deus daquela pedra é ainda mais antigo que Allah. De fato, desde a pré-história, toda pedra posta de pé representava algum deus. Desde El Shadai (“o deus da montanha”) até o monólito de 2001 – tudo isso são símbolos que tentam dar conta de falar do que não pode ser dito.

E o que se faz quando um povo é expulso de sua terra estreita, com seus deuses de pedra? Foge-se para o deserto e se atravessa o Mar Vermelho – Moisés foi apenas mais um destes...

Dizem que o povo judeu nunca consegue se estabelecer por muito tempo num mesmo local. Que sua Terra Santa e seu Templo estão sempre sob constante ameaça de invasões e guerras... Besteira! Todo verdadeiro judeu já subiu ao seu próprio Monte Sinai e recebeu sua própria Tábua Sagrada.

Nela, se lê em letras que não devem ser lidas:

“Israel é todo o mundo”.

E não obstante, há aqueles que ainda creem que Deus se esconde nalgum palmo de terra ou debaixo do azulejo de algum templo antigo... E não obstante, há aqueles que creem que seu Cordeiro ainda jaz crucificado, a espera da libertação pela força (das armas) – e, dessa maneira, ainda hoje, na Terra Santa, a turba angustiada ainda clama pelo Cristo, mas o que sai de suas bocas (sem que percebam) é um brado de guerra:

“Salvem Barrabás! Salvem Barrabás!”.

O Cristo já saiu da cruz há tempos, e foi libertar aquelas crianças que o perseguiam pela força de sua inocência – pois que nenhum inocente deve ser escravizado...

E não obstante, naquela sacra terra ainda se ergue uma gigantesca cruz com um espantallo crucificado. É este deus, “o deus espantallo”, que os homens ignorantes lutam para libertar.

Mas naquele que teve olhos para enxergar, o Cristo já está liberto, dançando livre por sua terra, por Israel (que é todo o mundo), e dando piruetas dentre os torvelinhos que também giram, como tudo o mais, dentro do espírito...

Notas do primeiro capítulo

[1] Alguns dos trechos de livros sagrados neste artigo foram retirados de seu livro, *História das crenças e das ideias religiosas, vol I* (Zahar). [\[voltar\]](#)

[2] Na capa deste segundo volume do *Livro da Reflexão*, por acaso, temos uma dessas imagens: uma pequena estatueta da Deusa Mãe encontrada em Çatal Hüyük (atual Turquia), com idade estimada de 7 mil anos. [\[voltar\]](#)

[3] As barganhas religiosas, onde “se cobra a Deus por sua parte do trato”, existem até os dias de hoje. É surpreendente que certas igrejas, que teoricamente são protestantes, ainda hoje colaborem para esta prática de uma espiritualidade tão superficial. [\[voltar\]](#)

[4] É por isso que o Deus hebreu ora é chamado de Javé, ora de Elohim. Javé seria o “deus do pai”, e Elohim seria sua associação a El. [\[voltar\]](#)

[5] *João 10:34; João 14:12 (Novo Testamento)*. Compare-se com as frases gravadas nas pequenas tábuas de ouro utilizadas pelos antigos praticantes do orfismo: “Também eu sou da raça dos deuses”. [\[voltar\]](#)

[6] Este tipo de “morte espiritual” é antes um símbolo do renascimento, do despertar da alma, *ainda nesta vida*. [\[voltar\]](#)

[7] Todas as citações do povo Bassari foram retiradas de *O poder do mito*, a célebre entrevista de Joseph Campbell para Bill Moyers. [\[voltar\]](#)

[8] Acho proveitoso citar aqui uma das respostas de Chico Xavier no célebre *Pinga-Fogo* da TV Tupi (1971): “Nós temos um problema em matéria de sexualidade na humanidade, que precisamos

considerar com bastante respeito recíproco: se as potências do homem na visão, na audição, na tatilidade das mãos, foram dadas ao homem para a educação e o rendimento no bem, seria então o sexo, em suas várias manifestações, sentenciado às trevas? A criatura humana não é só chamada à fecundidade física, mas também à fecundidade espiritual, transmitindo aos nossos filhos os valores do espírito de que sejamos portadores.” [\[voltar\]](#)

[9] Sociedade secreta neopagã que até os dias atuais celebra os ritos antigos relacionados à Odin e a outros elementos da mitologia nórdica. Segundo eles, “Odin não é um arquétipo psicológico ou uma metáfora para referência as forças naturais, mas uma entidade real”. Eles também são “politeístas a fundo”, e ao contrário de outros politeístas que na realidade compreendem aos deuses como emanções de um único Deus Primordial (o que no caso faria de Odin o Deus, e Thor, por exemplo, um de seus Arcanjos ou Profetas, se formos fazer uma [má] comparação com o catolicismo), para eles não há nenhuma lógica em crer que uma única entidade emana toda a realidade conhecida de si própria. Bem, provavelmente eles nunca leram Espinosa... Por outro lado, existe sempre a possibilidade de terem inventado essa história com o propósito de afastar curiosos indesejados. [\[voltar\]](#)

[10] O termo *avatar* vem do hinduísmo e significa algo como a manifestação de um ser imortal em um corpo, um humano mortal como qualquer outro. Este termo obviamente não era utilizado pelos nórdicos, mas eu o estou citando como forma de me fazer compreender melhor. [\[voltar\]](#)

[11] Uma outra leitura interessante, paralela a esta, seria identificarmos os lobos Geri e Freki como os aspectos bestiais e animalescos da alma. A aventura de Odin também consistiria, portanto, de um grande autocontrole, para que seus lobos

continuassem devidamente “adestrados” e controlados, e comessem “somente quando Odin assim o permitisse”. [\[voltar\]](#)

[12] No *Mahabharata* hindu temos histórias de batalhas muito parecidas, de onde surgiram grandes reinos e, eventualmente, a própria civilização. Na Europa não será diferente: mesmo a origem de Roma teve seu episódio de brutalidade para com tribos pacíficas na região próxima. No Brasil, poderíamos nos referir aos indígenas como os vanir, e aos colonizadores europeus como os aesir (como já disse, a história é escrita pelos vencedores). [\[voltar\]](#)

[13] Avatares que morrem por “x dias” e ressuscitam com novos conhecimentos místicos existem aos montes na mitologia em geral. [\[voltar\]](#)

[14] Você pode achar estranho o termo “xamã” aparecer toda hora neste relato, e tem toda razão: o termo surgiu do estudo antropológico dos primeiros místicos tribais da Sibéria, mas acabou por ganhar o mundo num significado bem mais amplo, referindo-se a todo e qualquer chefe espiritual tribal de toda e qualquer cultura selvagem antiga. Dessa forma, obviamente os índios do Brasil não chamam a seus xamãs como xamãs, mas sim como pajés, e assim vai... É nesse sentido que os termos “xamã” e “xamanismo” (a prática espiritual do xamã) são utilizados ao longo deste livro. [\[voltar\]](#)

[15] Apesar de ainda incompleta, os livros já publicados da série já inspiraram uma legião de fãs, e uma excelente série de TV produzida pela HBO, canal a cabo americano. A melhor (e ao mesmo tempo pior) coisa que podemos falar de Martin é que “ele é o novo Tolkien”: melhor, pois realmente se trata de um dos grandes escritores de literatura fantástica das últimas décadas; pior, pois o seu estilo literário quase nada tem a ver com o de Tolkien, sendo bem mais ancorado na história “real” do que na mitologia em si. [\[voltar\]](#)

[16] Mais tarde tornaram-se equivalentes a tempestuoso ou violento, sentido que os cristãos faziam empenho de acentuar, procurando depreciar a figura do deus nórdico. [\[voltar\]](#)

[17] Em gaélico antigo a palavra “bran” significa exatamente “corvo”. Há também um gigante gaulês antigo chamado Bran o Abençoado, que em sua mitologia foi o rei de toda a Bretanha, e que também era associado à imagem do corvo. Martin provavelmente também se interessou pela mitologia celta. [\[voltar\]](#)

[18] Na mitologia nórdica Midgard é a Terra (este mundo), portanto Odin permanecia em Asgard, mas seus corvos sobrevoavam o nosso mundo. [\[voltar\]](#)

[19] Traduzido da interpretação (em inglês) de Benjamin Thorpe, conforme aparece na Wikipédia. [\[voltar\]](#)

[20] Há muitos deuses que inclusive fazem parte da própria narrativa da descoberta da escrita, como é o caso de Toth-Hermes ou Odin-Wotan. Eles têm em comum pelo menos o fato de terem sido aqueles que “trouxeram o conhecimento da escrita para a humanidade”. Entretanto, também existem ou existiram outras doutrinas espiritualistas, como a druídica e boa parte das antigas doutrinas xamânicas e indígenas, que ou jamais descobriram a escrita, ou preferiram não utilizá-la, temendo que ela terminasse por reduzir à experiência religiosa a mera teoria (provavelmente Sócrates sentia o mesmo, tanto que faz uma curiosa crítica ao discurso escrito no *Fedro*). [\[voltar\]](#)

[21] Bem, em algumas interpretações desta mitologia, Olorun também foi responsável pela criação dos homens. Mas no contexto de nossa reflexão, isto não fará muita diferença prática. [\[voltar\]](#)

[22] Apesar de eu mesmo não acreditar na hipótese, admito que ela explicaria o fato de Lúcifer ser eternamente mau, sem a possibilidade de se arrepender: é que foi “programado” para assim o ser. [[voltar](#)]

[23] Neste caso, o mito de Lúcifer teria vários outros paralelos na mitologia. Mesmo no próprio *Gênesis*, o mito da Eva que comeu a fruta proibida da Árvore da Ciência do Bem e do Mal, seria essencialmente uma metáfora muito parecida. Talvez surgido num tempo próximo, mas em outra parte do mundo, temos o mito de Prometeu, o titã que roubou o fogo dos deuses, e depois foi punido. Não obstante, houve tempo de presentear este fogo aos homens, o que os tornou “superiores” aos demais animais: ou seja, eram, conforme Adão e Eva, os primeiros seres humanos conscientes de si mesmos e da própria liberdade (vontade). Também haviam conquistado a ciência do bem e do mal (graças ao sacrifício de um ser “sobre-humano”, mas que foi punido pelos deuses por sua ousadia). [[voltar](#)]

[24] O massacre dos indígenas da América pelos colonizadores vindos da Europa é um belo exemplo. Os colonizadores se julgavam “seres de moral superior”. Mas por tudo o que fizeram, pelo exemplo que foi dado, fica muito claro que os ditos “selvagens” estavam, muitas vezes, num estágio moral muito mais elevado do que os ditos “civilizados”. [[voltar](#)]

[25] Muitas vezes a umbanda também lida com espíritos que, em sua última encarnação, não eram de origem africana, mas indígena. Normalmente são chamados de caboclos ou cabocladores, e não de exus. Eles são o que restou dos indígenas devastados pelos “homens civilizados”. E eles nos perdoaram: voltam para nos ajudar, sobretudo, por amor. [[voltar](#)]

[26] O texto dos últimos 3 parágrafos foi retirado de um artigo de Pedro Burgos e Alexandre Versignassi para a revista *Superinteressante*, edição 290. [[voltar](#)]

[27] Os juízes não são deuses e sim mortos que devido à sua forte personalidade e seu senso de justiça tornaram-se juízes. Em algumas versões Hades seria o presidente do tribunal dos mortos. [[voltar](#)]

[28] Fôssemos criados “já perfeitos”, não somente não haveria mérito algum de nossa parte em “sermos perfeitos”, como na prática seríamos autômatos, robôs “programados para a perfeição” por algum *deus estranho*. Isto é, seja lá o que for esta “perfeição”... [[voltar](#)]

[29] Os dois primeiros parágrafos desta parte do artigo foram retirados de *Sobre a ansiedade*, por Karin Hueck para a Revista Superinteressante (Novembro de 2008). [[voltar](#)]

2. Da espiritualidade

A CRENÇA DO ESPIRITUALISTA

04.06.2010

Através de diálogos pela internet uma vez fiquei sabendo de uma história, conforme contada por um amigo cético. Ele dizia que um amigo a quem admirava a inteligência sofreu um acidente de carro e ficou alguns dias desacordado. Ao recobrar a consciência, consta que ele perguntou “se ainda estava vivo, ou se já estava do outro lado”. Seu amigo era espírita e acreditava em vida após a morte (na realidade, em vida após a vida), e ele se perguntou: “mas como uma pessoa tão inteligente pode crer numa coisa dessas?” – esta é uma excelente pergunta...

Muitos céticos e aqueles classificados como “eruditos” ou “intelectuais” parecem não conseguir resolver tal enigma. É que eles esbarram em duas interpretações algo preconceituosas: a primeira é a de que a fé não pode ser racional, e a segunda é a de que a grande maioria dos espiritualistas e religiosos é alienada da realidade. Este artigo tentará abrir os olhos dessas pessoas, para que possam analisar aos espiritualistas pelo que eles realmente são: pessoas como qualquer outra, mas que consideram a possibilidade da existência do espírito.

Fé e Razão

A etimologia da palavra “fé” nos traz duas origens não necessariamente complementares. A primeira deriva do grego *pistia* e quer dizer “acreditar”. Este é o significado mais usual, entretanto ainda incompleto, pois não basta crer, é necessário também

compreender a razão pela qual se crê. Esta é a chamada fé raciocinada.

Antes de ser uma contradição, como podem pensar alguns, o uso da razão solidifica a fé, pois ao analisarmos o objeto de nossa fé, compreendendo-o e aceitando-o, estamos criando alicerces que tornarão nossa fé inquebrantável, fortalecendo-nos frente aos desafios mais árduos. Por outro lado, a fé sem a razão é frágil, está sujeita a ser desfeita e pode, frente ao menor abalo, desmoronar. Ou ainda pior, esta fé irracional pode nos conduzir ao fanatismo, a negação de tudo que seja contra o nosso ponto de vista. Por não ser oposta a razão, a *pístia* é por si mesma não dogmática e, portanto, perfeitamente compatível com o ceticismo.

Mas temos uma outra origem da palavra “fé”, derivada do latim *fides*, que também possui o sentido de acreditar, mas agrega a este o conceito de fidelidade, ou seja, é necessário que sejamos fieis ao objeto de nossa fé. Falando em fé religiosa, estamos falando em Deus, portanto é preciso que sejamos fieis a Deus e isto só é possível seguindo os seus preceitos: “amar a Deus sobre todas as coisas e ao nosso próximo como a nós mesmos”.

No entanto, é preciso tomar muito cuidado na definição deste Deus, pois muitas vezes as pessoas de fé seguem o deus definido pelo discurso eclesiástico, quando o caminho da espiritualidade nos leva a busca de nossa própria definição de Deus. E isso nos leva ao contraponto do segundo tipo de interpretação preconceituosa...

O Deus de cada um

Cada doutrina religiosa traz sua própria concepção de Deus, e na maioria das vezes elas são conflitantes. Isto, por si só (e não sem razão), já soa absurdo para aqueles que cultivam um pensamento mais cético e racional. Não é a toa que muitos acabam taxando a maioria dos teístas de alienados: se não chegam a um acordo sequer sobre a natureza de Deus, como podem querer ditar regras de conduta a serem seguidas?

Essa pergunta é pertinente porque toca no cerne da religiosidade. O verdadeiro religioso não é aquele que se inscreveu em uma comunidade dos escolhidos de Deus (a origem de “igreja”, do grego *ekklesia*), mas aquele que pratica uma comunhão com Deus ou com o Cosmos, um caminho de retorno à compreensão de sua própria origem (do latim *religare*, origem de “religião”). Desnecessário seria dizer que são definições bastante distintas, e que embora todo seguidor de igrejas possa ser religioso, nem todo religioso é seguidor de igrejas. Mas, ainda mais profundo do que isso: a todo verdadeiro espiritualista parece mesmo óbvio que a forma de comunhão com Deus (ou o Cosmos) é própria de cada um, pessoal e intransferível. Não serão livros nem padres nem gurus espirituais quem poderão lhe ensinar – todos esses ajudam, mas cada um aprende por si próprio, e na prática.

Uma comparação pertinente pode ser feita entre aprender espiritualidade e aprender a nadar: de nada adianta ler extensos manuais sobre natação, ou infindáveis palestras de grandes nadadores – você só irá se tornar um grande nadador se tomar coragem de mergulhar e enfrentar as ondas por si próprio.

O verdadeiro espiritualista não é, portanto, um alienado da realidade. Ele apenas mergulhou na própria consciência, enquanto outros (não sem razão) preferiram abster-se da aventura.

Navegar é preciso

Para o espiritualista em constante estudo e deslumbramento perante o infinito do Cosmos, a razão e a fé andam lado a lado com a moral e o amor, e ele encontra na religião, assim como na filosofia e na ciência, preciosos instrumentos para sua longa caminhada...

Nada pode ter contra o cético. Se este ainda não acredita, é por dois motivos: ou porque ainda não passou pela mesma experiência religiosa – e, portanto, subjetiva – que o espiritualista; ou porque simplesmente o espírito realmente não existe, e todas as questões espirituais se resumem a questões psicológicas, a serem analisadas

conforme o avanço da ciência. Em ambos os casos, não há razão para nenhuma inimizade entre o espiritualista e aquele que não crê.

Na verdade, se alguém tem o dever moral de evitar brigas e permanecer em postura apaziguadora e amorosa, este é o espiritualista – que bem ou mal, assumiu a responsabilidade de assim o ser, um ente amoroso e equilibrado. Os outros não têm responsabilidade alguma, tampouco Deus algum para lhes inspirar temor, e não há nenhum problema nisso.

Pois que se o caminho espiritual foi trilhado apenas por medo de punições divinas, por barganhas ridículas em troca de um céu para poucos, então ele já se iniciou na direção errada. Que aquele que ainda não compreendeu que todos os seres do infinito são filhos da mesma substância, e que entrarão todos no céu de mãos dadas, é porque ainda está no início da trilha.

Então, perdoai-vos, pois eles não sabem o que fazem. E perdoai-nos, pois nós também não. Mas dos confins do Cosmos uma ponta da longa teia é puxada, e todos somos impelidos em sua direção... *quer compreendamos, quer não.*

XAMÃS ANCESTRAIS

05.03.2012 ~ 13.03.2012

Arte rupestre é o termo dado às mais antigas representações artísticas conhecidas, algumas datadas do período Paleolítico Superior (40mil a.C.), gravadas em abrigos ou cavernas, em suas paredes e tetos rochosos, ou também em superfícies rochosas ao ar livre.

A capela dentro da terra

Foi uma criança quem as viu pela primeira vez. Maria de Sautuola tinha apenas 8 anos, mas já havia entrado em uma ou outra caverna espanhola com seu pai, que era um arqueólogo amador, ou seja: que trabalha por amor. Por volta de 1870, muitas peças de arte portátil

(ossos gravados, galhadas de cervo, marfim de mamute etc.) foram encontradas em diferentes cavernas na França, sabidamente habitadas por nossos ancestrais do Paleolítico Superior, e era exatamente este tipo de objeto que Marcelino Sanz de Sautuola esperava encontrar naquela relativamente pequena caverna em Altamira, a 30Km de Santander, na Espanha. Não era a primeira visita de Sautuola a caverna descoberta acidentalmente por um capataz da propriedade de um latifundiário local, mas ele esteve sempre procurando objetos no solo, foi Maria quem primeiro teve a curiosidade de olhar para o alto, e as ver.

As pinturas rupestres nos tetos e paredes rochosas da caverna de Altamira estão entre as mais belas de toda a arte da pré-história. Alguns já a chamaram de Capela Sistina do Magdaleniano (período entre 16,5 e 14 mil anos atrás). Imaginem o espanto de Sautuola ao conceber pela primeira vez a dimensão daquela descoberta: bisões realisticamente salpicados por todas as partes da rocha, numa cor surpreendentemente viva a despeito dos milhares de anos passados desde que foram cuidadosamente pintados por artistas ancestrais. Como que espectros a flutuar no ar, eles parecem até hoje nos convidar a uma viagem por uma outra era – quando a alma humana estava presente em cada aspecto da vida, e era reverenciada como aquilo que há de mais sagrado, de mais profundo, de mais primordial...

Embora Sautuola estivesse absolutamente certo acerca da antiguidade da arte de Altamira, ele cometeu três erros quando foi tentar convencer os acadêmicos do final do séc. XIX: o primeiro era ser espanhol; o segundo foi descobrir a caverna na Espanha; o terceiro foi ser um arqueólogo amador. Todas as peças de arte do Paleolítico Superior haviam sido descobertas em cavernas francesas e, sem muita surpresa, as maiores autoridades acadêmicas eram francesas. Emile de Cartailhac e Gabriel de Mortillet eram, na época, os maiores nomes na área. Entusiastas da teoria de Darwin-Wallace e do racionalismo em voga, defendiam que a arte pré-histórica deveria obrigatoriamente ser de técnica e qualidade geral bastante inferior a

arte mais moderna, como do Renascimento. Não poderia entrar na mente destes distintos senhores o fato de que nossos ancestrais poderiam pintar tão realisticamente, em cores tão vivas, em formas tão artisticamente impactantes, há dezenas de milhares de anos antes sequer da fundação da primeira civilização, antes da escrita, antes de quase tudo.

Disse Mortillet, tendo visto apenas reproduções das pinturas, sem jamais ter estado pessoalmente em Altamira: “Basta olhar para os desenhos e podemos ver que se trata de uma farsa, nada mais que um embuste. Eles foram feitos e exibidos para todo o mundo de modo que cada um possa dar uma gargalhada à custa dos paleontólogos e pré-historiadores que acreditariam em tudo”.

Cartailhac se alinhou ao colega francês, igualmente sem jamais sequer ter viajado a Altamira, supôs com certa convicção que tudo não passava da obra de pastores cristãos da Idade Média, que gostariam que acreditássemos que os ancestrais do Magdaleniano veneravam, quem sabe, “deuses bisões”.

Sautuola foi vítima de uma das maiores campanhas de difamação organizadas pela Academia. Segundo o seu neto relembrou já anos após sua morte, “todos os grandes cientistas europeus da época, liderados por Mortillet, e com apenas poucas exceções na Espanha, feroz e maldosamente atacaram a tese de meu avô e acusaram-no de ser um impostor”.

Somente a partir de 1895, quando gravações e pinturas rupestres foram sendo descobertas também em cavernas francesas, com um estilo muito similar ao de Altamira, foi que Cartilhac tomou coragem de ir, finalmente, até a caverna. Em sua volta, escreveu numa revista conceituada um artigo intitulado *A gruta de Altamira: mea culpa de um cético*. Cartilhac estava então totalmente convencido de que sim, Sautuola tinha razão, desde o início, e a arte pré-histórica poderia, sim, ter uma qualidade técnica surpreendente, muito além do que era cabível se conceber segundo as teorias da época. E pediu sinceras desculpas por ter auxiliado na campanha de difamação de Sautuola: era tarde, o arqueólogo amador já havia morrido, e coube a sua filha

continuar seu trabalho. Enquanto esteve na Espanha, Cartilhac escreveu a um amigo francês: “Gostaríamos que você estivesse aqui conosco. Altamira é a mais linda, a mais estranha e a mais interessante de todas as cavernas pintadas”.

Cartilhac morreu em 1921, mas suas teorias já haviam entrado em declínio muito tempo antes, permitindo que seu protegido, o abade Henri Breuil, assumisse o seu lugar. Cada uma das contribuições de vulto que Breuil deu à disciplina da arqueologia até sua morte, em 1961, foram posteriormente descartadas pelos acadêmicos modernos como inteiramente inúteis. As ideias de Breuil, bem como as daqueles outros que ele cooptou ou apoiou, eram genuinamente ruins e foram há muito tempo refutadas pela evidência empírica. Não existem muitos campos em que alguém possa definir dessa maneira todo o saber acumulado de uma disciplina científica em quase 60 anos, mas a pesquisa da arte rupestre é uma delas...

Em todo o mundo atual existem umas poucas centenas de acadêmicos especialistas estudando arte pré-histórica. Os membros dessa “comunidade intelectual” assumem uma pesada responsabilidade – mais de 90% de todas as cavernas pintadas e gravadas do Paleolítico Superior estão permanentemente fechadas ao público, e os pesquisadores, com liberdade de entrar e sair, usufruem de um monopólio da pesquisa básica. Isso lhes permite controlar boa parte da produção de conhecimento sobre o assunto, e assegura que a história que nossa sociedade ouve acerca da vida de nossos ancestrais nas cavernas vá de encontro a sua aprovação.

Em um mundo científico racionalista isso significa, obviamente, que toda e qualquer menção a religião, magia, estados alterados de consciência, entidades sobrenaturais e/ou espíritos é permanentemente proibitiva em se tratando de uma teoria acerca das origens e do real significado dos signos da arte rupestre.

Após Breuil, muitas outras teorias estiveram em voga. Já se tentou associar os animais representados na arte rupestre aos totens, mas depois se percebeu que, se assim fosse, cada caverna haveria de ter

apenas um único totem animal representado (a caverna do cabrito-montês, a caverna do bisão etc.), mas vemos uma imensa variedade de animais na grande maioria dos sítios relevantes. Chegaram a afirmar que nossos ancestrais estavam apenas se divertindo, pintando por pintar, para “matar o tempo”, uma grande diversão... Porém, por mais que seja uma ideia “alegre”, fica difícil explicar porque a arte rupestre é encontrada geralmente em cavernas de difícil acesso e, mesmo dentro de tais cavernas, nas áreas mais remotas, algumas das quais só era possível pintar deitado ou agachado, e onde até hoje os exploradores se sentem desconfortáveis em passar apenas algumas dezenas de minutos (isso com lanternas e vestimenta adequada, coisa que os ancestrais não dispunham). Também se falou em uma “magia da caça”, uma análise pobre e superficial da suposta magia em si, que serviria apenas para auxiliar na caça dos animais pintados e gravados nas rochas. Mas hoje se sabe que muitos dos animais representados na arte rupestre sequer eram caçados, sendo que alguns sequer existiam nas imediações (para não falar nos animais que jamais existiram).

O que significam, afinal, homens com cabeça de pássaro, pássaros com pernas de homens, homens se transformando em animais, e animais, em ainda outros animais... Flutuando pela rocha antiga como seres etéreos, sem um sentido de horizonte e perspectiva... O que significam os “homens feridos”, transpassados por dezenas de lanças e flechas, homens a sangrar pelo nariz, a dançar em posições estranhas... E os padrões geométricos, os pontos, as linhas, os ziguezagues, as serpentes surgindo caoticamente de imagens abstratas. Porque diabos, afinal, a arte rupestre parece mais uma obra de Kandinsky?

Para responder a tais perguntas com alguma sincera esperança de efetivamente chegar a alguma conclusão mais útil que as do último século da arqueologia moderna, um homem precisou, afinal, fazer o que os xamãs ancestrais faziam: ele bebeu do seu chá, e adentrou um outro mundo, dentro de sua própria mente.

Ayahuasca é uma bebida produzida a partir de duas plantas amazônicas: Banisteriopsis caapi e Psychotria viridis. O nome significa, literalmente, a “Videira dos Mortos”. Os cientistas sabem que a ayahuasca produz visões, principalmente por ser rica em DMT, um alucinógeno de ação extremamente rápida. Entretanto, os xamãs ancestrais têm conhecimento considerável do que ocorre após bebermos a ayahuasca, enquanto os cientistas não, principalmente porque a maioria jamais experimentou.

Um antropólogo em Vênus

O tempo passa sem que eu tenha noção. Fecho meus olhos, e um grande desfile de visões subitamente se inicia... Começo a prestar atenção em uma imagem em particular, ou, mais exatamente, a uma área de meu campo visual interno, onde complexos padrões geométricos entrelaçados provam, numa inspeção mais cuidadosa, ser parte de uma grande serpente, aparentemente viva, com sua cabeça e sua cauda afastadas de mim. Posso distinguir as escamas individuais, retangulares, como janelas... Existe um círculo no centro de cada retângulo, círculos púrpura, girando como fogos de artifício, brilhando com a luz escura de um outro mundo onde agora estou... Aqui? Onde é aqui? Por que é um lugar onde vejo cores que não existem na vida cotidiana?

O xamã recomeça a entoar seu ritual. A cantoria inicia em tom mais baixo, mas aumenta, e aumenta... As serpentes são muito grandes, e todo corpo, da cabeça à cauda, é claramente visível para mim. Agora as cores castanho e amarelo predominam. Lendo sobre o assunto, antes de vir a Amazônia, aprendi que pessoas em regiões e culturas diversas, de todo o mundo, encontram serpentes na jornada da ayahuasca... Elas agora formam padrões de rodas e espirais entrelaçados, se fundem e depois se dividem em duplas individuais serpenteando em volta uma da outra, como a dupla hélice do DNA... A náusea chega com força e estou agora vomitando na escuridão...

Saio do círculo ritual e volto após vomitar, agora minha cabeça está aliviada. Então, de repente, dois seres completamente feitos de luz branca surgem a minha frente. São pequeninos – cerca de 1,20m de altura –, mas estou ciente apenas da parte superior de seus corpos, não vejo os pés. Sua faces têm mais ou menos o formato de um coração, com grandes testas e queixos estreitos e pontudos. Narinas e bocas, se é que as tem, são apenas fendas em suas feições suaves. Seus olhos são completamente negros e aparentemente sem pupilas... Eles parecem querer se comunicar. A tentativa de comunicação, que me parece telepática, não está funcionando por alguma razão. Sinto ansiedade e... frustração da parte deles. A náusea retorna, os seres de luz se vão, eu volto a vomitar na escuridão...

Os três últimos parágrafos são trechos (selecionados por mim) dos depoimentos de Graham Hancock, pesquisador e escritor britânico que resolveu participar dos rituais xamânicos de povos indígenas da Amazônia e de regiões da África. Em seu monumental *Sobrenatural*, Hancock parte da análise dos signos e símbolos pictóricos da arte rupestre para fazer uma associação fortuita desse tipo de imagem com as visões “psicodélicas” usualmente experimentadas em tais rituais, pelo menos por aqueles que efetivamente experimentam a ayahuasca, a iboga, e outras bebidas rituais que “trazem visões do outro mundo”. Esta associação não foi ideia original sua, mas sim de David Lewis-Williams, um professor, antropólogo e pesquisador de arqueologia cognitiva sul africano.

Segundo o modelo neuropsicológico de Lewis-Williams, a real origem da arte rupestre e, por conseguinte, da religião primal dos povos da pré-história, poderia ser mais profundamente explicada e compreendida se levarmos em consideração que o que estava sendo ali representado eram visões provenientes de estados de transe e consciência alterada, originários de experiências rituais extremadas (como danças até a exaustão e/ou a repetição de ritmos musicais durante horas e horas de ritual) e, principalmente, da ingestão de bebidas e substâncias naturais alucinógenas. Esta era, segundo sua

teoria, a maneira mais simples e lógica de justificar o porquê da arte rupestre ter características tão enigmáticas, não encontradas na natureza, mas que estão representadas tanto em cavernas europeias quanto em inúmeras regiões africanas, distantes milhares de quilômetros, e milhares de anos na história, umas das outras.

Diferentemente das outras teorias propostas pelos antropólogos em quase um século, esta está baseada em evidências bastante sólidas... Que por muito pouco não se perderam para sempre.

Até 1927, ano em que foi dada a última permissão oficial para se caçar bosquímanos, era legal para os brancos da África do Sul assassinar os san, cujas partes dos corpos eram exibidas orgulhosamente como troféus pelos matadores... Não, os bosquímanos, os san, não eram animais, eram seres humanos, como nós. Na realidade, faziam parte de uma das culturas mais ancestrais e persistentes de nossa história, e até meados do final do séc. XIX, ainda praticavam a arte rupestre.

Os san eram, portanto, os continuadores de um estilo de arte que perdurou por dezenas de milhares de anos, até que fossem praticamente extintos pelos “grandes colonizadores racionais”. Poderíamos saber, afinal, se a teoria de Lewis-Williams faz mesmo sentido, desde que encontrássemos algum xamã san ainda vivo, e que ainda conhecesse os antigos rituais que originavam as visões representadas na arte rupestre. Alguns xamãs, algum conhecimento, ainda restou, mas o povo san não é mais o mesmo – seu espírito se foi, e com ele, qualquer esperança para que a arte rupestre pudesse continuar sua longa jornada.

Felizmente, alguma evidência restou, mais precisamente cerca de cem cadernos com notas escritas a mão, descrevendo a cultura e os rituais do povo san no final do séc. XIX, quando ainda praticavam sua arte nas pedras e cavernas. As entrevistas foram conduzidas pelo filólogo alemão Wilhelm Bleek e sua cunhada, Lucy Lloyd, dois acadêmicos muito adiante do seu tempo, que anteciparam com muita clareza a aniquilação que então pairava sobre o povo e a cultura san.

O conteúdo de seu estudo permaneceu oculto da Academia até a década de 1930, quando um jornal sul africano fez uma breve referência aos cadernos. Apenas em meados das décadas de 1960 e 1970 os cadernos foram novamente mencionados na mídia especializada, até que Lewis-Williams finalmente colocou seus olhos neles: “mas que estranha experiência, folhear 12 mil páginas de cadernos de notas ancestrais, sobrenaturais” – descreveu o antropólogo acerca do evento.

De posse dos registros de uma cultura ancestral perdida, Lewis-Williams finalmente tinha a evidência que faltava para talvez a única teoria científica sólida jamais postulada acerca da real origem dos signos rupestres. Ainda assim, quando Hancock encontrou pessoalmente com o professor sul africano, não resistiu a lhe indagar:

“Afinal, o senhor já experimentou entrar em transe por meio de danças e batuques ritmados de tambor, ou jejuou por 40 dias até delirar, ou tomou o chá da ayahuasca ou qualquer outra substância natural psicoativa?”

Diante da negação veemente, Hancock perguntou o porquê, e Lewis-Williams deu de ombros:

“Não quero fundir minha cuca e não estou nem um pouco interessado na experiência.”

Vênus, com sua superfície uniforme e seu brilho incomparável no céu noturno, sempre despertou o sonho da humanidade. A estrela vespertina parecia, certamente, um céu prometido, um mundo de luz... Entretanto, hoje sabemos que sua superfície é inóspita e, na realidade, bem mais próxima dos lagos de enxofre do inferno. Assim, também sabemos, ocorre com as drogas: num primeiro momento são estupendas, maravilhosas, mas depois viciam, e podem nos levar a ruína psíquica... Por tudo o que sabemos acerca delas, não é difícil

compreender os motivos que levaram Lewis-Williams a evitar os chás alucinógenos e os estados de transe.

A questão é: os povos antigos sabem muito bem desse perigo, e por isso mesmo jamais se utilizaram de suas plantas sagradas como diversão ou mera busca do prazer. Seus rituais sempre foram controlados, e seus xamãs sempre foram raros, escolhidos a dedo por sabe lá qual entidade... E, exatamente por isso, por terem sido tão poucos e tão especiais, hoje praticamente não existem mais.

Os xamãs ancestrais já se foram há muito, e nem mesmo entre os san restou algum. O espírito de um povo desaparece, e o deixa perdido, atordoado, procurando o suicídio, há menos que tal espírito retorne para os auxiliar, como a estrela da manhã... Mas não é fugindo de Vênus que vamos vislumbrar qualquer esperança de um dia os compreender melhor. Tal qual a ciência enviou sondas robô a estrela vespertina, e hoje a compreende muito mais do que há séculos atrás, os exploradores da mente não têm outra alternativa que não mergulhar neste outro mundo, repleto de serpentes, padrões geométricos, seres de luz e armadilhas na escuridão...

Mas, para tal, sondas e robôs não nos servem, precisamos realizar a travessia por nós mesmos. Graham Hancock teve a coragem de mergulhar no próprio lago em que empreendeu seu extensivo estudo – ele é o nosso antropólogo em Vênus.



Xamã é um termo de origem tungúsica, que nessa língua siberiana quer dizer, na tradução literal, “aquele que enxerga no escuro”. Os xamãs são os portadores da função religiosa na tribo, que podem entrar em um estado extático, “voar” para outros mundos e ter acesso e contato com seus aliados (animais, vegetais e minerais), seres de outras dimensões e os espíritos ancestrais. Apesar de ter surgido na Sibéria, o termo “xamanismo” se aplica atualmente a práticas espiritualistas em vários pontos do mundo, tanto no espaço quanto no tempo.

Isso tudo está apenas na sua mente

Sigmund Freud, quase todos no Ocidente o sabem, foi o fundador da psicanálise. O que talvez muitos não saibam é que a própria psicanálise talvez deva sua origem a uma droga que nos dias atuais é ilegal em quase todo o mundo...

Entre as idades de 28 e 39, por onze anos, Freud utilizou regularmente a cocaína em sua forma de alcaloide, em pó (diluída em água). Como jovem neurologista, essa foi sua primeira tentativa experimental fora da prática médica tradicional. Ele estava buscando o reconhecimento público capaz de gerar a clientela que lhe traria fama e recursos financeiros permitindo, assim, que se casasse com sua noiva, de quem estava separado havia dois anos.

Durante esse período, Freud publicou três artigos importantes e fez uma apresentação para a Sociedade Psiquiátrica de Viena sobre os usos terapêuticos da cocaína. Embora esse experimento não tenha atingido suas expectativas, e seus artigos sobre a cocaína nunca tivessem aparecido em seus escritos publicados, esses estudos fizeram de Freud, na verdade, um fundador da psicofarmacologia e, provavelmente, influenciaram seu trabalho com os sonhos e o inconsciente.

Freud acreditava que a cocaína era fundamental para curar as “doenças da alma”, mas com o tempo se apercebeu de seus perigos, quando verificou que seus pacientes, e ele mesmo, estavam ficando viciados na substância. Foi a partir dessa experiência, entretanto, que Freud se concentrou em alcançar novamente algumas daquelas reflexões e pensamentos de quando era influenciado pela cocaína, porém apenas com a própria mente, e a linguagem correta: a droga não era mais necessária, estava fundada a psicanálise.

Nos dias atuais, após meio século de uma Guerra as Drogas que parece ter gerado apenas mais e mais violência em todo o mundo, substâncias como a cocaína são demonizadas: não são tratadas apenas como um psicotrópico perigoso, mas como uma espécie de “pó do inferno”, algo que, uma vez consumido, nos condenará eternamente

a carregar a alcunha de “drogados”, sem jamais, jamais, sermos capazes de dia sequer retornar ao que éramos antes. No fundo, sabemos que não é bem assim, mas, não obstante, essa é a crença generalizada, embutida em nossa mente pela mídia mundial, particularmente a americana, e da qual é realmente difícil escapar.

Longe de mim querer aqui relativizar o perigo da cocaína e outras drogas (já a *cannabis*, poderia muito bem ser legalizada). Na verdade, eu nem posso falar com tanta propriedade do assunto: nunca usei droga alguma além do álcool, ao menos nessa vida... Mas, talvez estejamos pegando pesado demais com a cocaína e outros psicotrópicos. Afinal, quem somos nós para julgar o que mesmo um papa recomendou com grande entusiasmo?

O Vin Tonique Mariani, ou Vin Mariani, era um vinho misturado com cocaína (também diluída em água), criação do químico francês Angelo Mariani, que era uma bebida bastante popular no fim do séc. XIX. Popular ao ponto de ter sido regularmente consumida por pelo menos dois papas da Igreja de Roma... O Papa Leo XIII chegou ao ponto de participar de uma campanha de publicidade da época, como “garoto propaganda” do grande Vin Mariani. Será que, por ser o papa, ele estaria livre do inferno ao consumir cocaína?

Gostemos ou não, o ser humano sempre teve, ao longo de toda a história, uma relação muito íntima com as drogas e todo o tipo de substância psicoativa... Como vimos anteriormente na série, é bem capaz de a própria pré-história, antes das civilizações e da escrita, já ter registrado práticas de consumo de drogas. Práticas essas que, bem controladas e devidamente classificadas como “sagradas”, podem mesmo ter dado origem a boa parte de nossa mitologia, magia, arte e religião.

Não eram, de fato, absolutamente todos os xamãs que usavam dessas substâncias. Na verdade, sabemos que muitos deles desenvolveram outros tipos de técnicas para alcançar seus estados de transe e consciência alterada, sua experiência mística.

A lógica parece nos dizer que, entretanto, existe aqui uma proporção inversa em jogo: quanto mais consumimos substâncias

psicoativas, mais facilmente conseguiremos alcançar os estados extáticos, porém mais árdua e complexa será nossa compreensão acerca do que efetivamente ocorre neles, na viagem para dentro de nós mesmos. Da mesma forma, quanto menos nos valemos de substâncias psicoativas, mais árdua e desgastante será nossa prática mental até que consigamos alcançar tais estados místicos “por nós mesmos”, apenas pelo uso da própria mente, mas por outro lado, tanto mais simples será nossa compreensão acerca do que ocorre dentro da mente. Freud parece, portanto, ter começado pelo primeiro método, e depois ter preferido o segundo. Talvez seja só isso mesmo: questão de preferência. Eu estou com Freud.

Ainda assim, há muitas questões que permanecem em aberto: por que, afinal, nossos ancestrais gastavam tanto tempo e energia nessas tentativas de adentrar “dimensões ocultas” dentro de suas próprias mentes? No que exatamente isso auxiliava em sua sobrevivência? Por que, afinal, tal prática estranha parece um dia ter sido comum em todas as partes do globo onde houvessem caçadores-coletores a caminhar pela terra, os pais e as mães de todos nós, os humanos...

Os signos da arte rupestre, com similaridades encontradas em sítios na Europa e na África, distantes não apenas no espaço, mas em milhares de anos no tempo, talvez nos deem alguma pista do que nossos xamãs ancestrais buscavam. Em seu extensivo estudo, Graham Hancock lista alguns dos pontos em comum:

- (a) As pessoas ou seres podem ser parte animal, parte homem, e podem se transformar plenamente em animais;
- (b) Certas pessoas ou seres são, às vezes, empaladas por lanças, flechas ou arpões quando estão se transformando em animais (os “homens feridos”);
- (c) Animais podem se transformar em outros animais ou aparecer como híbridos de duas ou mais espécies, e alguns podem ter a aparência distorcida, “fantástica”, inteiramente desconhecida do mundo natural (de qualquer época do planeta);

(d) Há padrões geométricos, pontos, grades e zigue-zagues de linhas e “linhas-serpentes”, por toda parte;

(e) A face da rocha onde a arte rupestre é encontrada é dinâmica e permeável, não como uma tela em branco, plana, a espera de ser decorada, mas muito mais como uma mescla em três dimensões entre a rocha e a arte, como se a arte também fosse, ali, um portal para uma outra dimensão, acessível apenas na contemplação daquele “local sagrado”.

Após ter encontrado tantas similaridades, Hancock partiu para uma tentativa ousada de explicar aquilo tudo, o que preenche boa parte de seu livro, e da qual não entraremos em maiores detalhes aqui [1]. Porém, talvez seja uma boa hora para refletirmos acerca do que os próprios xamãs afirmam que fazem em seu xamanismo, ou pelo menos daqueles xamãs que sobreviveram ao tempo. O importante é que seu relato é bastante similar ao que os xamãs san do século XIX disseram a Bleek e Lloyd:

(a) Entrar em contato com uma “realidade primordial”, espiritual, acessível através de alguma espécie de “sintonia mental” alcançada em certos estados extáticos;

(b) Entrar em contato direto com ancestrais (já “mortos”, mas que vivem neste outro plano de existência), entidades, deuses, semi-deuses e seres “sobrenaturais” cujo conselho é informação inestimável para a sobrevivência da tribo;

(c) Influência sobre o clima, particularmente na tentativa de produzir chuvas;

(d) Influência e/ou identificação da movimentação de agrupamentos de animais que são caçados pela tribo nas redondezas;

(e) Conhecimento de propriedades farmacológicas de ervas e plantas; e finalmente, talvez a mais importante:

(f) Conhecimento e capacidade de cura de enfermidades físicas, psicológicas e/ou espirituais que afligem os membros da tribo.

Estariam os xamãs ancestrais totalmente certos, ou absolutamente equivocados, em todas essas práticas? Disso não temos como saber sem experimentar os mesmos estados extáticos... Mas, a lógica e o bom senso nos dizem: estavam mais certos que errados; do contrário não estaríamos aqui para contar a história, não seríamos nós mesmos os seus descendentes, o seu presente para o mundo.

O Chefe Seattle, outro grande xamã, uma vez disse em sua carta ao presidente em Washington: “Sabemos que a terra não pertence ao homem. O homem pertence à terra. Todas as coisas são interligadas, como o sangue que nos une. O homem não tece a teia da vida – ele é apenas um fio dela. O que fizer à teia, fará a si mesmo”.

Mas, o que é afinal essa teia, esse tecido de realidade que parece habitar tanto o mundo lá fora quanto a nossa própria mente? É possível, afinal, influenciar e interagir com o mundo lá fora, através de alguma ponta de teia que puxamos ainda dentro de nossa mente?

O cético escandalizado com tal possibilidade vai prontamente nos responder: “Isso tudo está apenas na sua mente!”... Mas, afinal de contas, e o que não está?

Nossa consciência desperta, normal, a qual chamamos de racional, nada mais é do que um tipo especial de consciência. Ao redor e sobre ela, separada pela mais fina das telas, há formas potenciais de consciências muito diferentes. Podemos atravessar a vida sem nem sequer desconfiarmos de sua existência. Mas, aplique o estímulo necessário e, ao menor toque, elas estão lá, em toda a sua inteireza... Nenhum relato do universo em sua totalidade pode ser tão definitivo que deixe essas outras formas de consciência inteiramente menosprezadas... De qualquer maneira, elas proíbem um encerramento prematuro de nosso acerto de contas com a realidade (William James, Variedades da Experiência Religiosa)

PARA SER UM MÉDIUM

20.01.2012 ~ 03.02.2012

A mediunidade é a capacidade da consciência humana de trocar informações com outras consciências de forma não verbal, influenciar e ser influenciada por elas. Sejam consciências que habitam um corpo físico, sejam consciências incorpóreas.

Uma breve advertência

Um homem não crê no que você diz, ele afirma que você não está vendo ninguém ao seu lado esquerdo, nem ao seu lado direito. Ele tem toda razão: você não está vendo esses dois espíritos ao lado dele, assim como você não está vendo homem algum encarnado a sua frente...

Há muito a ciência já comprovou que tudo o que percebemos através do olho humano são fótons, pequenos pacotes, ou *quantas*, de partículas de luz pura. Para tal usamos nosso sentido de visão, mas ele só funciona quando há luz: no caso, os fótons que viajaram desde o Sol até as frestas da janela do centro espírita em que você se encontra, “ricocheteando” em qualquer pequeno pedaço de matéria que reflita luz.

A física também já provou que ao trocarmos apertos de mão, nenhum átomo de nossa mão se choca com átomos da mão alheia: do contrário, já teríamos nos exterminado em fusões ou fissões nucleares. Cabe à força de repulsão eletrostática, gerada pelos elétrons a circular freneticamente cada um dos átomos de nossas mãos, “imprimir” uma “sensação de solidez” a um aperto de mão, através das terminações nervosas de nossos dedos e da palma da mão e, mais especificamente, através de nosso sentido de tato.

Daí você pode se questionar: “mas eu consigo ver os fótons a refletir no corpo deste homem, eu consigo encostar levemente em sua testa durante meu passe magnético, mas não consigo realmente ver os espíritos ao seu lado, muito menos os cumprimentar com um abraço, da forma que eu gostaria!” – e você, igualmente, terá toda razão.

Sabe quando você anda pela rua do centro, apinhada de gente, mas por vezes percebe quando uma – apenas uma! – garota interessante está olhando para você com aquele “olhar de interesse”? Ora, admita: você é jovem, solteiro, você faz isso tantas vezes ao dia que é algo até mesmo corriqueiro... Mas você não percebe tais olhares, tais possibilidades de um amor futuro, com a visão, nem com o tato, nem com os outros sentidos ditos físicos – audição, olfato e paladar. Você percebe tais olhares com algum sentido obscuro, talvez um sexto ou sétimo sentido, quem vai saber?

Isso pode parecer “anticientífico”, mas há cientistas renomados estudando tal fenômeno de maneira séria e genuinamente científica, como o biólogo britânico Rupert Sheldrake, que chegou a dedicar o título de um de seus livros ao assunto: *A sensação de estar sendo observado* (publicado no Brasil pela Cultrix). De fato, isso abre caminho para que o sentido exato que você usa para ver tais espíritos seja um dia compreendido plenamente pela ciência...

Mas não se engane: até lá você terá de se contentar com o que vê, como o que intuí, com o que sente. Até lá te acusarão de ser louco, esquizofrênico, charlatão, fraude, enganador... Ou, tanto pior: bruxo, feiticeiro, maçom, necromante, “adorador de demônios” – ainda que não façam a mais vaga ideia do que alguns desses termos efetivamente signifiquem. *Esteja preparado.*

No entanto, você nem sequer está plenamente convencido de que tudo isso que se passa em sua mente é real, ou fruto da própria imaginação. Este é um questionamento que deve permanecer em sua alma por grande parte de seu desenvolvimento, quando passará de médium passivo (como quase todos) a um médium ativo... Guarde-o com carinho e consideração.

Você sem dúvida pode estar errado, e muitas vezes está (ou estará), portanto não tenha nem um pinga de pretensão de ser dono de alguma verdade, nem jamais, jamais se coloque na posição de julgar a “evolução espiritual” ou o carma alheio.

Você sempre será apenas o juiz e o escravo de sua própria causa, muitas vezes mera ferramenta na mão de seres muito mais sábios do

que você, para que auxilie na evolução alheia e, dessa forma, na sua própria. Ser médium é ter disciplina suficiente para assumir uma maior liberdade e responsabilidade perante o próprio caminho ascendente da alma, é ter conhecimento e discernimento suficientes para poder julgar melhor do que ninguém o que vem de fora e o que vem de dentro, é ter compaixão e vontade suficientes para sacrificar uma boa parcela de sua vida mundana em prol da espiritualidade.

Na sua vida desperta, muitas vezes duvidará da soberania do mundo espiritual sobre as contas a pagar, as relações amorosas instáveis, os problemas de relacionamento no trabalho, o jogo decisivo de seu time de futebol no fim de semana etc. Mas então virão os sonhos, aqueles em que você se encontra com os espíritos da mesma forma que eles aparecem para você, e se veem sem usar a visão, e se falam sem usar a voz, e se ouvem sem usar a audição, e flutuam e voam (até mesmo você, as vezes), e por vezes se tocam, e as ditas explosões nucleares serão o que mais se assemelha a sensação de preenchimento, de sentido, de “pertencimento” a uma outra espécie de realidade – *muito maior*.

Ser médium é trazer um pouco de sonho, um pouco de poesia, um pouco de amor, para esta realidade de átomos a deslizar por alguma espécie de tecido espaço-temporal, e de luz eterna a preencher tudo o que observamos a olhos vistos... Um grande médium e poeta português uma vez psicografou de si mesmo tais versos:

*O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.*

*E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.*

(trecho inicial do poema *Autopsicografia*, de Fernando Pessoa)

Pode-se mesmo dizer que, de certa forma, toda a essência da mediunidade se encontra em tais versos. Se não os conseguiu compreender até hoje, guarde-os com carinho, sinta-os, que um dia talvez compreenda melhor...

O caminho da mediunidade é tão árduo e recompensador quanto qualquer outro grande caminho da alma humana. Você pode ser um grande iniciado nos conhecimentos ocultos, um grande estudioso dos ramos da filosofia, um grande conhecedor da sabedoria oriental antiga, um grande entusiasta da ciência, um grande especialista em raciocínio geométrico e matemático etc. – ou mesmo pode seguir num ou mais desses caminhos ao mesmo tempo.

Mas não espere apenas vento favorável, nem recompensas garantidas, nem um céu de ócio eterno... Afinal, a Natureza tem sido muito clara com todos nós, por todos esses anos, todas essas eras, e todas essas vidas: não há almoço grátis, os grandes saltos evolutivos se dão exatamente através da “guerra da fome e da morte”, e é do embate com as adversidades que a vida nos coloca à frente, sempre confiante, sempre esperançosa em nossa própria capacidade divina de suplantar tais barreiras, e melhorar, passo a passo, um pensamento de cada vez.

Feita esta breve advertência, se quiser realmente prosseguir em tal caminho, tentarei lhe auxiliar com algumas das mais profundas cascas de sentimento que conseguir retirar de mim mesmo. Esta provavelmente será uma série longa de artigos, e eu no momento não faço ideia de onde exatamente irá nos levar – e esta é uma “peculiaridade” essencial da mediunidade, e da poesia: ser livre.

Médium, assim, de mim mesmo, todavia subsisto. Sou porém menos real que os outros, menos coeso, menos pessoa, eminentemente influenciável por eles todos.

(trecho da *Carta ao casal Monteiro*, de Fernando Pessoa)

O homem, as gerações humanas, morrem no tempo. Mas o espírito não. O tempo é o campo de batalha e que os vencidos tombam para ressuscitar. Quem poderia deter a evolução do espírito no tempo? (J. Herculano Pires)

O espírito no tempo

Ernesto Bozzano foi um pesquisador e intelectual italiano com grande interesse em antropologia, sociologia, evolução e as origens da mediunidade no palco obscuro da pré-história. Num de seus livros ele inicia suas exposições dizendo que “se consultarmos as obras dos mais eminentes antropólogos e sociólogos, notamos que todos concordam em reconhecer que a crença na sobrevivência do espírito humano se mostra universal”. Na época em que Bozzano publicou seus primeiros livros, no final do século XIX, falar abertamente sobre “espírito” ainda não era tão escandaloso na Academia.

Os espiritualistas europeus daquela época, muitos influenciados pelas ideias expostas nos livros de Allan Kardec, eram igualmente grandes entusiastas da teoria de Darwin-Wallace... Mas, enquanto esta se ocupava exclusivamente da evolução física das espécies, alguns espiritualistas – dentre eles o próprio Wallace – se interessavam em tentar elucidar a evolução espiritual, particularmente em como o espírito humano havia evoluído através do tempo.

Se saltarmos diretamente para a época em que os primeiros hominídeos surgiram no tempo, podemos nos aproveitar de uma bela, simples e elegante teoria proposta pelo arqueólogo Steven Mithen, conforme exposta em *A pré-história da mente*:

Mithen acreditava que algumas potencialidades da mente eram suficientemente conectadas entre si para que pudessem ser agrupadas conceitualmente em módulos mentais... A *inteligência geral* foi herdada das outras espécies das quais os hominídeos evoluíram, e é responsável pelos processos básicos de instinto e sobrevivência; a *inteligência naturalista* desenvolveu-se ao longo da persistente guerra da fome – o conhecimento do terreno em sua volta, a análise dos rastros de presas livres deixados no solo, o cuidado para evitar plantas

venenosas etc.; a *inteligência técnica* permitiu o manuseio de objetos e até mesmo a elaboração de ferramentas, como pedras pontiagudas que facilitam o corte da carne das presas abatidas; e, finalmente, a *inteligência social* evoluiu desde que nossos ancestrais reconheceram que caminhar pelo mundo em bandos era mais seguro do que enfrentar as caçadas sozinho.

Mithen acreditava que o que nos separava definitivamente dos outros hominídeos de inteligência primitiva era a interseção entre tais módulos mentais, que parece ter ocorrido de forma mais abrangente no *homo sapiens*. Subitamente, os dentes de animais caçados, que antes eram descartados, se tornaram decoração de colares; colares estes que também serviam para demonstrar para outros membros (e mulheres, quem sabe) da mesma tribo quão bons eram os caçadores que os ostentavam; da mesma forma, as pegadas deixadas na terra pelas presas tornaram-se também símbolos que demonstravam o tamanho e a direção em que o animal se deslocou; e logo tanto símbolos naturais quanto animais quanto os próprios homens se fundiram em pictogramas pintados em cavernas profundas – registros da história de um povo que se reconheceu como povo; talvez ao mesmo tempo, surgiram os mitos, as forças naturais tornadas meio-homem, meio-animal, meio-espírito, meio-deus – a religião ancestral surgia em meio ao animismo e ao xamanismo, juntamente com a consciência de nossa vida e nossa mortalidade.

A teoria de Mithen não tem absolutamente nada de espiritualista, como podemos ver, mas a sorte de sermos espiritualistas é que não precisamos ignorar as teorias daqueles que não creem em espíritos. Se alguns sentem-se escandalizados com a possibilidade do espírito ter surgido antes do homem, e ser formado por matéria fluida, parte dos 96% da matéria cósmica que não interage com a luz, e que vem habitando corpos das mais variadas espécies, desde organismos unicelulares até os hominídeos e animais com cérebro adequado para comportar um espírito em processo de individualização consciente, numa odisseia multimilenar que caminha lado a lado com a evolução descrita por Darwin e Wallace, deixem estar: lembremos

que boa parte de nossa compreensão espiritual se baseia em experiências subjetivas, e que a matéria fluida, espiritual, ainda não foi detectada em laboratório.

Ainda assim, nos anais da pré-história humana, e das primeiras tribos e civilizações, permanece a dúvida objetiva: como podem tantas comunidades isoladas terem chegado a crenças tão parecidas? Em realidade, as crenças nem são tão próximas quanto às atividades místicas em si: a mediunidade, esta sim, conecta de forma definitiva todos os povos primitivos da Terra, sem exceção.

Define-se religião primal como um “sistema de crenças anterior às grandes religiões mundiais”. As religiões primais seguidas por povos tão distintos quanto os inuítes da América do Norte e os aborígenes australianos são variadas, mas com amplas similaridades. Os adeptos ainda hoje vivem quase sempre isolados e privados das comodidades modernas. Enfrentam rigores climáticos, escassez de comida e desastres naturais. Suas crenças lhes dão suporte para lidar com esses problemas. Seus milhares de espíritos ou divindades os ajudam a lidar com as forças naturais, e suas práticas religiosas variam desde experiências místicas e extáticas, normalmente guardadas aos médiuns ativos, até coisas bem mais práticas, como perguntar a um espírito qual a região próxima mais apropriada para a caçada de amanhã...

Muitos chamam tais médiuns ancestrais de xamãs, mas este é um termo surgido na Sibéria, e significa algo como “aquele que enxerga no escuro” na língua local. Mas sejam xamãs, ou pajés, babalorixás, iogues, curandeiros, feiticeiros etc., todos são em essência médiuns, e suas práticas de comunicação com espíritos, sejam os seus próprios, sejam os de fora, são, estas sim, a grande prática universal que os conecta a todos, e assim conecta a humanidade como um todo, desde sua origem.

Conforme disse o Chefe Seattle em sua carta ao presidente americano: “Todas as coisas são interligadas, como o sangue que nos une. O homem não tece a teia da vida – ele é apenas um fio dela. O que fizer à teia, fará a si mesmo.”

Já que por vezes é complexo identificar como exatamente tantas sociedades primitivas chegaram a ideias e símbolos tão elaborados e “fora da realidade”, muitos antropólogos preferem deixar tudo a cargo das experiências psicodélicas induzidas por alucinógenos naturais. Por exemplo, há escritos do hinduísmo, que é reconhecidamente uma das religiões mais antigas do globo, que louvam a soma, uma planta alucinógena. No Brasil muitos já conhecem o Santo Daime, que é uma doutrina religiosa totalmente baseada nos costumes de povos da grande floresta amazônica, que consomem o chá de ayahuasca a fim de desencadear experiências místicas...

Esta explicação, porém, é incapaz de dar conta de todas as experiências mediúnicas, pois sabemos melhor do que ninguém que a mediunidade hoje pode ser praticada sem o consumo de qualquer tipo de substâncias alucinógenas, e, de fato, esta é a recomendação da grande maioria das doutrinas espiritualistas de hoje em dia. Não há a menor razão para crermos que na pré-história todos os médiuns usavam substâncias do tipo – na verdade, há razões para crer que eles eram minorias localizadas em algumas regiões do globo onde era possível extrair tais substâncias da natureza. Não havia cogumelos alucinógenos em todas as partes do planeta.

Talvez a religião primal que mais intrigue os antropólogos materialistas seja a religião nativa do Japão que, a despeito do país ter se tornado um verdadeiro polo tecnológico e comportar provavelmente a sociedade mais moderna do mundo, continua plenamente ativa. O xintoísmo, ou “o caminho dos deuses”, foi o título dado à religião nativa do Japão aproximadamente em 720 d.C., poucas décadas após a chegada do budismo na ilha. A questão é que se trata de uma religião pré-histórica, que só foi nomeada em razão de diferenciá-la do budismo, recém chegado. Antes o xintoísmo era apenas “a religião”. O xintoísmo reconhece diversos seres divinos chamados *kami*, supostamente infinitos, que preenchem tudo o que exhibe poder ou força vital. Para os japoneses, a natureza é literalmente divina.

Como sabemos, a natureza não é somente divina, como potencialmente viva. Nos dias atuais, presos em nossas selvas de concreto, talvez tenhamos esquecido de como um pequeno galho partido é apenas a parte morta de uma árvore, mas que irá se decompor e formar novamente coisas vivas... Ou que mesmo uma pedra abriga tanto parte da matéria que forma nossos corpos, como parte da matéria que formará espíritos das eras vindouras, embora hoje estejam confortavelmente dormindo no ventre sagrado da Mãe Terra, esperando o chamado do Pai Céu...

Termos antigos, conhecimento antigo, intuição antiga. Certamente tinham uma compreensão precária, parcial, da natureza à volta. Mas, estariam todos eles errados em tudo o que perceberam?

Talvez a essência daquilo que viram e sentiram em suas experiências mais sagradas seja exatamente aquilo que falte hoje no mundo moderno. Alguns japoneses o sabem, e também alguns xamãs em meio ao frio do norte, alguns aborígenes, alguns indígenas, alguns poetas, alguns médiuns...

Talvez você possa ser um deles, talvez já o seja. Esta é a nossa história, a história do espírito no tempo. Caberá a você escrever os próximos capítulos.

Para saber o que é loucura, a gente tem que entender o que é ser normal. E isso ninguém conseguiu definir até hoje. Mas, uma coisa é certa, um pouco de maluquice faz parte da normalidade, e ser normal demais é o mesmo que ser muito louco. (Psicologia UERJ)

[2]

De médicos e loucos

A esquizofrenia é um transtorno psíquico severo que se caracteriza pelos seguintes sintomas: alterações do pensamento, alucinações, delírios e distúrbios no contato com a realidade. É hoje encarada não como doença, no sentido clássico do termo, mas sim como um

transtorno mental, podendo atingir diversos tipos de pessoas, sem exclusão de grupos ou classes sociais. De acordo com algumas estatísticas, a esquizofrenia atinge 1% da população mundial.

Quando aqueles que se sentem escandalizados com o fato da mediunidade ser praticada até hoje são céticos quanto à existência de deuses e demônios, eles invariavelmente costumam resumir a questão com um comentário do tipo: “sim, mediunidade existe, e é loucura, esquizofrenia, mas tem tratamento!”. Você pode ficar especialmente chateado por ser chamado de louco, e até mesmo entrar numa discussão inútil, mas existe uma outra questão que estará ignorando: e o que é exatamente “ser louco”? O que é “ser esquizofrênico”?

A esquizofrenia como entidade de diagnóstico tem sido criticada como desprovida de validade científica ou confiabilidade e é parte de críticas mais amplas à validade dos psicodiagnósticos em geral. Uma alternativa sugere que os problemas com o diagnóstico seriam melhor atendidos como dimensões individuais ao longo das quais todos variam, de tal forma que haveria um espectro contínuo em vez de um *corte* entre normal e doente...

Para alguns produtores de pornografia, ou criadores de comerciais de cerveja, podemos talvez separar a população entre jovens e velhos: “jovens” seriam todos aqueles com menos de 25 anos, “velhos” seriam os demais. Esta visão radical obviamente não condiz com a realidade, e o mesmo poderia ser dito da esquizofrenia e da loucura – não é a questão de dizermos “este é louco, aquele é são”, mas sim de analisarmos as patologias psíquicas uma a uma, tentando tratar das que são prejudiciais ao convívio social.

Taxar alguém de esquizofrênico ou louco pode ser também um julgamento político. Particularmente na antiga Rússia comunista este diagnóstico foi utilizado com a finalidade de silenciar os dissidentes políticos ou forçá-los a desistir de suas ideias através da utilização forçada de confinamento e tratamento. Em 2000, houve preocupações semelhantes quanto à detenção e “tratamento” de praticantes do movimento religioso Falun Gong pelo governo chinês. Se pensarmos em médiuns ativos e equilibrados, me parece óbvio

que julgá-los loucos é também uma espécie de “julgamento político” – assim alguns céticos evitam ter de pensar muito no assunto.

Desde 2009, pesquisadores da UFJF analisam cerca de 100 médiuns de Juiz de Fora para listar critérios para um diagnóstico que diferencie experiências espirituais saudáveis de transtornos mentais, como os psicóticos, pois os dois estados podem se confundir, afirmam pesquisadores. Outro estudo captou imagens do cérebro de médiuns quando psicografavam e quando escreviam um texto de sua autoria, para avaliar quais áreas são ativadas nessa parte do organismo. Já uma pesquisa, finalizada, concluiu que as ocorrências mediúnicas não implicam necessariamente em esquizofrenia: “Se a pessoa diz que está vendo vultos, será que é uma experiência espiritual não patológica ou alucinação, indicando um transtorno mental?”, questiona o professor da UFJF, Adair Menezes Júnior.

Se as imagens da atividade cerebral indicam que médiuns quando em transe apresentam características muito semelhantes a dos esquizofrênicos, isso nada nos diz sobre a capacidade do médium de controlar este transe, de “entrar e sair da loucura” como quem entra e sai de casa. Na verdade, tais estudos genuinamente científicos com eletroencefalogramas (EEGs) e outras ferramentas de *scanning* cerebral são muito interessantes e promissores, pois desde muito cedo já identificaram dois fatos que muitos médiuns já sabiam, mas alguns céticos não:

(1) a grande maioria dos médiuns não está fingindo, dentro de seus cérebros “coisas estranhas” realmente ocorrem;

(2) a mediunidade não é doença mental, pois se os médiuns “ligam e desligam” seus tranSES de forma consciente, isso em nada interfere em seu convívio social e equilíbrio mental geral – de fato, tais pesquisas indicam que os médiuns em geral são mais equilibrados do que a média da população.

O Dr. Sergio Felipe de Oliveira, psiquiatra com mestrado na USP que vem estudando a mediunidade há anos [3], talvez tenha

resumido essa questão da melhor forma: “Na doença mental, o paciente não tem crítica da razão; no transe mediúnico, ele tem essa crítica. Quando o médium diz que incorporou tal entidade espiritual, mas que ele, médium, continua sendo determinada pessoa, ele usou a crítica, julgou racionalmente o que aconteceu. Agora, um indivíduo que diz ser Napoleão Bonaparte? Aí ele perdeu a crítica da razão. Essa é a diferença. O que não quer dizer que o indivíduo que esteja em psicose não possa estar em transe também. A mediunidade se instala no indivíduo são, ou pode dar uma dimensão muito maior a uma doença. A mediunidade sempre vai dar um efeito superlativo. Se a pessoa alimenta bons sentimentos, ela cresce. Se ela tem uma doença, aquela doença pode ficar fora de controle”.

Esse tipo de abordagem é interessante para os médiuns porque é sempre importante considerar que nossa sensibilidade é mais aflorada do que a das demais pessoas – podemos dizer que ser médium é essencialmente sentir mais do que os outros, de acordo com as capacidades da mediunidade de cada um. Porém, se “abrimos nossa mediunidade” há todo momento e em qualquer lugar, estamos nos arriscando... É como andar com um rádio ligado tentando sintonizar diversas estações ao mesmo tempo, uma após a outra, sem muito controle, sem muito cuidado: às vezes vamos ouvir música boa, muitas vezes vamos ouvir algo de que não gostamos.

Muitos médiuns procuram centros espíritas ou terreiros de umbanda não exatamente por curiosidade ou por vontade de auxiliar nos trabalhos da casa, mas simplesmente porque estão desesperados, desequilibrados, aturdidos, prestes a entrar em colapso mental... Nesses casos, a pior coisa que um dirigente pode dizer é: “não se preocupe, isso é mediunidade, com o trabalho na casa vai passar rapidinho”. Não! Não vai passar rapidinho, e pode até piorar...

Pois a mediunidade é uma atividade sagrada de contato com as forças espirituais que preenchem toda a natureza, algo tão antigo quanto às primeiras tribos e os primeiros xamãs. Mas os xamãs não eram pessoas desequilibradas e desesperadas, eles eram, pelo contrário, os mais equilibrados e sábios, e exatamente por isso que

tinham a oportunidade de guiar sua tribo nos assuntos espirituais. Ainda que um centro espírita esteja desesperadamente precisando de médiuns ativos, aceitar qualquer ser angustiado que bata a porta como “trabalhador da casa”, da noite para o dia, só vai agravar ainda mais a situação.

O primeiro espírito que um médium precisa aprender a incorporar é o seu próprio. Precisa estar equilibrado, no mínimo, para poder exercer sua mediunidade de forma sadia. Não estou querendo dizer que um médium precise ser muito normal, pois como vimos ser muito normal pode ser a mesma coisa que ser muito louco – mas precisa pelo menos tomar posse de seus sentimentos, pensamentos, intuições. Nem que seja apenas para saber diferenciar melhor as informações que vem de dentro, das que vem de fora.

No mais, aqueles seres angustiadados que procuraram a casa espírita ou espiritualista pela dor, e não pelo amor, não são irrecuperáveis, pelo contrário: muitos dos grandes médiuns começaram assim. Mas precisam primeiro se tratar, inclusive na medicina tradicional, inclusive tomando remédios, caso necessário. E, paralelamente, irem estudando a doutrina que pretendem seguir: sejam livros de Allan Kardec, sejam livros de Umbanda Sagrada, sejam livros espiritualistas em geral.

Quanto mais conhecimento, mais poderão compreender o que se passa em seu interior, particularmente durante os transes. Nesse sentido o trabalho nas casas espiritualistas pode servir de um excelente complemento terapêutico para o tratamento de distúrbios mentais, desde que se desenvolvam gradualmente, sem procurarem ser “grandes médiuns” em alguns meses [4].

Diz o ditado popular que de médico e louco, todos têm um pouco. Talvez por isso mesmo todos sejam médiuns. Em maior ou menor grau, com a sensibilidade desperta ou ainda sonolenta, com compreensão ou sem compreensão, com muitas ou poucas dúvidas, todos nós somos um pouco loucos. Todos às vezes captamos pensamentos, belos ou obscuros, que parecem ter vindo com o vento, a escorar pelo ombro – e não adianta nos virarmos para tentar

identificar para onde foram: se perderam com as brisas. Mesmo assim, por vezes captamos tais pensamentos, de início fragmentados, mas, caso queiramos realmente desenvolver tais sentidos ocultos, dia virá que os perceberemos de forma cada vez mais clara.

Então faltará sermos também médicos. Faltará auxiliar aos outros a curar suas dores e angústias através de uma poderosa corrente de amor. Faltará converter nossa loucura em luz.



Magia é a arte – a arte original –, a ciência de se manipular símbolos, palavras ou imagens para se alcançar estados alterados de consciência. (Alan Moore)

A arte de sentir

Muitos podem achar um tanto estranho que um roteirista de quadrinhos tenha nos dado uma das mais simples e elaboradas definições do que é, afinal, a magia. Logo ele, que criou tantas histórias fantásticas, com super-heróis e seres mitológicos, vem nos dar uma definição “sem graça” como essa?

Na realidade, não é surpreendente que artistas, sobretudo escritores de fantasia, sejam os que mais têm contato com a magia. A definição de Alan Moore, longe de diminuir a magia, apenas a expande e a devolve ao seu lugar de origem: o fundamento de todas as práticas mediúnicas de outrora, desde animais desenhados em cavernas na pré-história, até os primeiros rituais elaborados pelos grandes xamãs da antiguidade.

A magia é a arte, a mãe de todas as artes, a arte de sentir o mundo, sentir a natureza e, invariavelmente, captar tais pensamentos a pairar pelo ar [5]... Os médiuns ancestrais prontamente os associaram a espíritos, mas hoje há muitos artistas que acham que sua inspiração vem do inconsciente, ou de “algum lugar por aí”... Na verdade, é claro que a inspiração artística passa pelo crivo do inconsciente, e que muitas das criações humanas podem ser explicadas pelo

encadeamento de informações das mais variadas fontes dentro de nosso grandioso e complexo cérebro. Porém, se nenhuma informação nova jamais tivesse surgido na mente humana, até hoje estaríamos a fabricar machadinhas de pedra lascada, e não computadores e tablets.

Desde uma cadeira entalhada em madeira até o mais alto arranha-céu de Dubai, desde uma pictografia pré-histórica a um quadro de Picasso, desde um preceito moral escrito em algum papiro chinês antigo até a última *graphic novel* de Neil Gaiman, toda criação humana partiu inicialmente de alguma mente, e é exatamente por isso que os espíritos estão mais interessados em influenciar nossos pensamentos – para o bem ou para o mal – do que em provocar fenômenos inúteis, se é que são possíveis, como se “materializarem” no meio de uma assembleia geral da ONU e darem um susto em alguns políticos...

Na verdade, segundo *O Livro dos Médiuns*, compilado por Allan Kardec, supostamente existem e existiram alguns raros médiuns de efeitos físicos que eram capazes de fazer algo parecido com “truques de mágica”, só que de forma real, como levitar objetos pesados (incluindo a si mesmos) e até mesmo efetivamente “materializar” espíritos, emprestando fluidos eletromagnéticos de si próprios para que estes consigam formar partículas que reflitam luz (ectoplasma). Será que isso realmente existe? Eu sou agnóstico quanto a isso – não afirmo que existe nem que não existe –, principalmente pelo fato de que tais fenômenos não acrescentam muito (mesmo que existam) ao objetivo primordial do contato dos espíritos: *melhorar a vizinhança*.

Na dúvida, portanto, se tais fenômenos ocorrem ou não, o importante é ter em mente que toda a prática da mediunidade tem (ou deveria ter) por objetivo a elevação moral e intelectual, passo a passo, não só dos espíritos enfermos atendidos pelos médiuns, como dos próprios médiuns. Principalmente dos médiuns, se poderia até dizer, pois que são esses que vem sendo lentamente preparados para assumir a responsabilidade de conduzir a humanidade a novos estágios de moralidade, compaixão, conhecimento e arte – mas não qualquer arte: a arte de sentir, a arte de amar.

É claro que a mediunidade, como uma machadinha pré-histórica, pode ser usada para a edificação ou para a destruição da vida. Podemos usar uma machadinha para cortar tiras de couro das carcaças de animais caçados e fazermos roupas para proteger os membros da tribo do inverno gélido, assim como podemos usá-la para matar um inimigo da tribo rival... Porém, na medida em que o espírito humano avançou pelo tempo, muitos de nós passaram a perceber e a compreender o que os “seres de cima” já sabiam há muitas eras: somos tolos por trazer a guerra aos nossos irmãos de armas. Todos viemos do mesmo Deus, filhos do mesmo Cosmos: somos irmãos desde sempre (neste caso, inclusive dos animais, embora ainda estejamos um tanto distantes da era em que os direitos animais serão plenamente reconhecidos).

Esclarecido isso, passemos a uma descrição bastante resumida das manifestações mediúnicas mais comuns, agrupadas de acordo com os tipos de médiuns que as costumam perceber [6]:

Médiuns sensitivos

Por definição todo o médium é sensitivo, apesar de esse grau de sensibilidade variar bastante. Algumas pessoas sentem calafrios ou o arrepio de pelos do corpo ao adentrarem certos ambientes, assim como se sentem inexplicavelmente confortáveis e seguras em alguns locais. O mesmo pode ocorrer ao encontrarem certos tipos de pessoas, principalmente as desconhecidas, das quais tem uma “primeira impressão”.

É mesmo óbvio para todos que passaram por tais experiências que estas sensações não se dão através de nenhum dos sentidos físicos já conhecidos e descritos pela biologia; mas, ainda assim, a grande maioria dessas pessoas, mesmo tendo a sensibilidade elevada, continuam sendo médiuns passivos, pois não fazem vaga ideia do que se passa com elas nesses momentos, ou pior: criam as mais variadas mistificações e superstições para explicá-los.

Na verdade todo espírito tende a sentir a presença de um espírito na mesma sintonia de pensamento. Pense em coisas “positivas”, como o

desenvolvimento da educação ou num belo concerto sinfônico que lhe tocou a alma de forma peculiar, e atrairá seres afins. Pense em coisas “negativas”, como na violência das grandes cidades ou na raiva que ainda sente da sua sogra, e, da mesma forma, atrairá espíritos que pensam mais ou menos as mesmas coisas – sejam os que habitam um corpo físico, os vivos, sejam os que não os habitam mais, os “mortos”.

No desenvolvimento mediúnico, você poderá por vezes começar a “sentir a presença” de alguém do seu lado, sem de fato haver ninguém ali (nenhum corpo físico, pelo menos)... Não se assuste: este é o início do afloramento da mediunidade.

Médiuns audientes

Estes são os médiuns que recebem informações dos espíritos de forma auditiva. Claro que, embora possa lhes parecer que seja assim, não é através de ondas sonoras captadas em seu ouvido (físico) que eles ouvem, mas através de sugestão mental. Às vezes pode parecer até mesmo uma “voz interna”, como se fosse um “pensamento falante”, e noutras vezes será como ouvir alguém falando ou sussurrando ao seu lado.

Este tipo de mediunidade, quando fruto de um desequilíbrio da alma, pode facilmente conduzir um médium ignorante de suas próprias faculdades a loucura... Mas, sob a proteção de uma boa casa espiritualista, a tendência é que os espíritos sombrios se afastem, e que ele passe, pelo contrário, a se regozijar em poder ouvir constantemente aos conselhos de espíritos amorosos.

Uma variedade interessante deste tipo de médium são os médiuns falantes, que em realidade não ouvem nada e tampouco têm controle algum sobre o que estão falando. São fisicamente influenciados pelos espíritos, diretamente nas áreas cerebrais responsáveis pela fala, e atuam apenas como “ferramentas de voz”. Ironicamente, muitos dos evangélicos que “falam línguas”, e que às vezes condenam a prática mediúnica, são eles mesmos médiuns falantes.

Médiuns videntes

A visualização de espíritos, de forma análoga a audição, não ocorre através da visão (física), mas através da visão espiritual, ou da percepção de ondas de matéria fluida através de alguma parte do cérebro (talvez a glândula pineal), da mesma forma que captamos fótons com os olhos. Este tipo de fenômeno é muito comum em estados alterados de consciência, ou em sonolência – por isso muitas pessoas dizem ter visto pessoas “de relance” quando estavam quase dormindo, ou logo após acordar. Isso é particularmente comum nos casos de “morte” de entes queridos, que costumam vir se despedir das pessoas amadas.

Porém, também existem médiuns videntes ostensivos, ou seja: que veem espíritos a todo momento! Esta é uma forma de mediunidade particularmente nociva se não for bem administrada, particularmente nos casos em que ocorre desde a infância (imagino que não precise explicar o porquê). No entanto, quando tais médiuns sobrevivem aos infortúnios da infância e adolescência e conseguem manter a sanidade mental intacta, se tornam médiuns muito, muito úteis, na maioria dos trabalhos das casas espiritualistas. Além disso, se conseguem se alinhar aos padrões de pensamento de espíritos amorosos, há a tendência de verem cada vez menos cenas sombrias, e cada vez mais a verdadeiros espetáculos da existência.

Médiuns pneumatógrafos

Foi assim que Kardec classificou os médiuns capazes de escrever direta ou indiretamente informações passadas pelos espíritos. É interessante notar como este tipo de mediunidade era raro na época de Kardec (cerca de 150 anos atrás), e como hoje se tornou relativamente mais comum dentre os médiuns, ao menos no Brasil.

Claro que um médium sensitivo poderá simplesmente guardar as “inspirações súbitas” e posteriormente transpô-las a um papel ou documento do Word [7], e de fato é assim que muitos grandes poetas elaboram sua poesia – não quando *querem* escrever, mas quando *podem* escrever...

A psicografia é um pouco diferente, pois se dá no ato da experiência espiritual, e às vezes pode ser sugestionada durante os encontros em casas espiritualistas – de tal forma que, embora o médium não saiba exatamente sobre o que irá escrever, é quase certo que algumas páginas ao menos serão escritas. Alguns médiuns conseguem manter consciência plena enquanto as informações “passeiam de sua mente para o papel”, enquanto outros operam de forma semiconsciente ou inconsciente, de modo que as vezes nem sabem ler ou compreender plenamente o que acabaram de escrever.

A psicografia ou “escrita automática” sem dúvida pode ser “treinada” com o desenvolvimento mediúnico. Isso levanta muitas dúvidas entre os céticos acerca da origem exata desse tipo de informação – que pode ser paranormal, mas também fruto do inconsciente (animismo do próprio médium) ou até mesmo resultado de criptomnésia (quando o médium não se lembra de ter lido anteriormente alguma informação que, não obstante, agora passa para o papel como se fosse de um outro espírito). Todas essas dúvidas são válidas, e cabe ao próprio médium analisar constantemente o fruto de suas psicografias, afim de avaliar se não poderiam ser, afinal, apenas algo que estava guardado em alguma gaveta do seu próprio arquivo mental.

Muitas informações que nos chagam através de psicografias, no entanto, podem ser objetivamente verificáveis quanto a sua validade – como, por exemplo, quando descrevem algo que o médium não poderia saber de forma alguma, um evento da vida de um desconhecido, às vezes até mesmo o número da identidade de um “morto” etc. Claro que, nem é preciso dizer: Chico Xavier nos trouxe inúmeras “provas” do tipo.

Na psicopictografia, temos um fenômeno bastante similar, só que voltado para a concepção de obras de arte, geralmente pinturas realizadas em extrema velocidade, a despeito da usual inabilidade do médium em si na produção artística.

★★★

Estudos místicos trazem consigo, assim como a música ou poesia – embora em grau muito mais elevado –, uma estranha euforia, como se nos levassem para mais perto de uma poderosa fonte de Ser, como se estivéssemos finalmente na iminência de desvendar o segredo que todos buscamos (William James em Variedades da experiência religiosa)

Anjos de cima, demônios de baixo

O termo misticismo é uma das palavras mais mal empregadas na linguagem popular. O filósofo americano William James, um dos fundadores da psicologia, observou que ele se tornou abusivo, geralmente sendo aplicado a “qualquer opinião que tomemos como vaga, exagerada e sentimental, e sem base nos fatos ou na lógica”. Em *Mysticism*, a escritora britânica Evelyn Underhill nos trouxe uma explicação mais profunda acerca do termo:

“O misticismo [...] não é uma opinião: não é uma filosofia. Nada tem em comum com a busca de conhecimento oculto. Por um lado, tampouco é apenas o poder de contemplar a Eternidade: por outro, não se deve identificá-lo com qualquer tipo de esquisitice religiosa. É o nome desse processo orgânico que envolve a perfeita consumação do Amor a Deus: a realização aqui e agora da herança imortal do homem. Ou, se preferirem – pois significa a mesmíssima coisa –, a arte de estabelecer nossa relação consciente com o Absoluto.”

Podemos, talvez, dizer que os transes mediúnicos, em seus diferentes graus, fazem parte do misticismo conforme delineado por Underhill. Pode parecer estranho que o contato com outros seres seja algo análogo ao contato com Deus – mas, no fundo, um dia talvez você também compreenda: o Reino de Deus já preenche a tudo desde sempre, e ao nos dedicarmos ao contato, a amizade, a compaixão, ao amor, com outros seres, vivos ou “mortos”, estamos aos poucos nos aproximando cada vez mais de Deus, mesmo que não o compreendamos muito bem.

Ainda assim, é preciso analisar cuidadosamente os pensamentos e sentimentos que nos assaltam a mente durante tais experiências, ou mesmo fora delas. Pois é preciso nos assegurar que estamos nos dedicando a mediunidade por uma boa razão, e não por uma razão egoísta – que ao contrário de nos aproximar do Absoluto, nos afasta. O maior perigo para um médium é algo que costumeiramente nos passa de forma despercebida, de modo que mesmo os médiuns com décadas de atividade podem estar ainda afundados nesse problema sem que o percebam. Na falta de um nome melhor, eu o chamo de “complexo de santo”...

Você pode achar que isso só ocorre com os médiuns “ignorantes”, mas mesmo Divaldo Pereira Franco, um dos grandes expoentes do espiritismo no Brasil, admitiu que no início de sua mediunidade queria “se sacrificar pela causa”, até mesmo com a própria vida... Esse tipo de pensamento é muito próprio do meio religioso, particularmente no cristianismo e islamismo – parece haver um “céu assegurado” para os mártires, os profetas, os santos, e para ser um santo todo sacrifício seria válido!

Mas a questão é que, infelizmente, muitos recaem no “complexo de santo” não por um sentimento genuíno de entrega aos desígnios da espiritualidade, mas simplesmente por um motivo bem mais mundano e egoísta: ora, da mesma forma que um aspirante a ator quer ser um grande astro de Hollywood, um aspirante a espiritualista quer ser um grande santo. Desnecessário dizer: é o talento e a ardorosa dedicação que constrói um grande artista e, da mesma forma, é a disciplina e a lenta e constante afloração do amor que constrói um santo. De modo que um santo jamais se considera um santo – são os outros que o chamam assim. Pense nisso: quanto antes perceber que os espíritos de cima querem *amor*, e não *sacrifício*, tanto melhor...

Além deste conselho primordial aos que se iniciam na mediunidade, acredito que alguns outros sejam também importantes, embora secundários:

Não se vira médium ativo da noite para o dia

Apesar de já ter tocado neste assunto ao longo da série de artigos, é algo importante de ser lembrado: se você é um médium iniciante, principalmente se for ainda ignorante da parte teórica de sua doutrina espiritualista (seja espiritismo, umbanda sagrada ou outras) e/ou se sua mediunidade lhe causa desequilíbrio e desconforto emocional (nos mais variados graus) [8], jamais aceite convites de dirigentes ou coordenadores de casas espiritualistas para “começar a trabalhar na semana seguinte” (ou em qualquer período de tempo muito curto).

Rejeite respeitosamente a oferta, e não se sinta desafiado se lhe disserem que “precisa começar a trabalhar logo, pois seu mentor espiritual assim o quer”, ou ainda que “precisa começar a trabalhar, do contrário coisas ruins se sucederão na sua vida” etc. Na verdade, se insistirem muito, seria melhor você procurar alguma outra casa espiritualista...

O ideal é que procure primeiro as aulas teóricas, caso existam, ou pelo menos informações acerca de alguns livros que poderia ir lendo em casa enquanto frequenta a casa espiritualista (notadamente, os de Kardec, que em todo caso você já pode ler por conta própria desde hoje).

Mas, independente da parte teórica, que nem sempre é a essencial, é preciso que desenvolva sua mediunidade de forma gradual. Ou seja: em reuniões frequentadas apenas por médiuns experientes e “discípulos”, de modo que algum “mestre” possa lhe auxiliar no afloramento gradual de sua mediunidade. Assim, quem sabe após uns 6 a 12 meses, você já possa efetivamente começar a atender o público como um médium da casa. E, quem sabe, após uns 10 a 15 anos, você descubra coisas dentro de você mesmo, e no Cosmos ao redor, que jamais teria imaginado conhecer um dia...

Não se vira um médium comprando manuais de conhecimento oculto

Apesar de acreditar que a maioria das casas espiritualistas seja idônea, não podemos ignorar que existem “espertalhões” por aí,

principalmente no meio religioso. Fuja de qualquer casa que procure lhe vender “manuais de conhecimento oculto” (do tipo que não se encontra em livrarias comuns) e/ou cobre quantias fora do normal por suas aulas teóricas... Na verdade, a imensa maioria das casas espiritualistas sequer cobrará alguma coisa.

Algumas podem lhe pedir uma contribuição mensal de, quem sabe, até uns 30 reais, para cobrir despesas com manutenção e contas de água e luz. Outras podem lhe pedir que compareça a almoços beneficentes ou a palestras pagas de tempos em tempos – mas desconfie de quaisquer valores exorbitantes, díizimos (valores percentuais baseados em sua renda mensal) ou pedidos extraordinários de doações materiais (como doar uma TV LED, ou qualquer coisa relativamente cara).

Dito isso, se você por acaso goza de boa situação financeira e sente a vontade genuína de ajudar materialmente a casa espiritualista que frequenta, sintase a vontade (doações de ar condicionado, por exemplo, seriam muito bem-vindas na maioria das casas).

Faça caridade

Alguns médiuns podem, pelas mais variadas razões, se abster de desenvolver sua mediunidade, e não há nenhum problema específico nisso (nem nenhuma futura “punição” de Deus ou de algum mentor espiritual). No entanto, a caridade é algo que todos, sem exceção, podem e deveriam pensar seriamente em fazer.

A grande maioria das casas espiritualistas têm atividades semanais, quinzenais ou mensais de caridade. Seja visitar um hospital, um asilo, uma creche, uma instituição de doentes mentais etc. Embora não necessariamente a caridade seja “a única salvação” – ainda que muitos espíritas a entendam dessa forma –, ela é sem dúvida muito, muito importante para o afloramento da empatia e, por consequência, de nossas potencialidades no amor. E são essas potencialidades, mais do que quaisquer outras, o grande objetivo, o grande sentido de estarmos retornando a Terra por tantas vezes, aprendendo a amar: *uma vida de cada vez*.

A visita a instituições de doentes mentais pode ser particularmente reveladora para os que ainda têm dúvidas do alcance efetivo da própria mediunidade. Afinidades quase que instantâneas poderão surgir, e talvez um dia compreendam toda a beleza que há nisso tudo.

Esteja preparado para a descida...

No atendimento aos “mortos”, mesmo durante as sessões de desenvolvimento mediúnico, e particularmente nas que envolvem médiuns de incorporação total [9], desde o início ficará muito claro que a intensidade da dor e da angústia trazidos pelos espíritos em desequilíbrio é alguns graus de magnitude superior a toda a dor e angústia que você algum dia pensou existir na Terra. As dores da alma não se comparam as dores do corpo físico, sobretudo quando o espírito passa para o outro lado do véu ignorante, sem fazer ideia do sistema de reencarnação e, muitas vezes, crendo piamente que suas dores serão eternas...

Não acho necessário entrar em detalhes, até porque palavras são apenas cascas de sentimento, e seriam incapazes de lhe transmitir o tipo de dor de que estou falando. Mas, esteja preparado para a descida ao pântano negro e pegajoso de desejos desenfreados e escuridão da alma – ou, em outras palavras, esteja preparado para descer ao inferno.

Dependendo da casa espiritualista e do tipo de trabalho espiritual realizado nela, pode ser que esse tipo de coisa jamais ocorra, ou ocorra raramente – por outro lado, principalmente nas casas mais engajadas na real caridade espiritual, esse tipo de coisa é até mesmo trivial, de modo que, infelizmente, somos obrigados com o tempo a aceitar que os seres fazem suas escolhas, e arcam com as consequências... Simples assim.

Para os seres aturdidos com seus pensamentos obsessivos, complexos de culpa e lembranças contínuas de seus atos pregressos de ignorância do bem, toda e qualquer luz que chega do alto é quase sempre muito bem vinda – ainda que eles muitas vezes não aceitem tal luz de início, se não os julgarmos, se tivermos a devida compaixão

que efetivamente merecem (a compaixão que Deus tem nos ensinado), com o tempo aceitarão beber de nossa água, e quem sabe, poderão mesmo ter uma nova chance ainda antes do previsto.

Para os demônios de baixo, nós seremos os anjos de cima. E, ainda que isso seja obviamente um absurdo – pois sabemos que de anjos não temos nada (ou deveríamos saber) –, de certa forma, nos pântanos lodosos das dores antigas, nós de alguma forma somos mesmo anjos.

Nessas ocasiões divinas, é importante lembrar que um dia, nalguma vida, estivemos em situação muito semelhante, ou até pior, a situação daqueles seres que naquele momento nos imploram ajuda... Então talvez percebamos que é o inferno, e não o céu, o local de trabalho de todos os anjos do Cosmos.

Segundo a falsa ideia de que não é possível reformar a sua própria natureza, o homem se julga dispensado de empregar esforços para se corrigir dos defeitos em que de boa-vontade se compraz, ou que exigiriam muita perseverança para serem extirpados. É assim, por exemplo, que o indivíduo, propenso a raiva, quase sempre se desculpa com o seu temperamento. Em vez de se confessar culpado, culpa seu organismo, acusando a Deus por suas próprias faltas. (Hahnemann em O evangelho segundo o espiritismo)

A ponte em reforma

Para ser um médium é preciso abandonar o que fomos, e nos preparar, sem medos ou falsas expectativas, para o que viremos a ser – novos homens e mulheres forjados no único fogo que queima sem se ver, e arde pela eternidade.

Para ser um médium é preciso reconhecer nossa própria alma, tomar posse, mergulhar profundo dentro de nós mesmos, pois que só assim nos conheceremos em verdade. Manuais de natação e mergulho podem ser importantes, mas há algo que são incapazes de

nos ensinar – somente mergulhando, sem medos ou dúvidas improdutivas, é que saberemos. O grande poeta português já nos alertou:

*Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

(trecho final do poema *Mar português*, de Fernando Pessoa)

E, se a alma não for pequena, se o amor não for brisa passageira, se a vontade não for chama inconstante que se apaga com os ventos contrários, *valerá a pena...*

Em nosso inconsciente profundo encontraremos, decerto, muitos monstros e demônios, mas caberá a nós, somente a nós, educá-los, persuadi-los, mostrar que só existe um caminho para uma vida plena de liberdade e sentido, e que todos os outros são apenas falsos atalhos e estradas sem saída, que nos fazem girar em torno de nosso próprio ego, sem realmente sairmos do lugar.

Os maiores perigos no início do caminho espiritual são as idealizações, as ilusões encantadas. Já falamos do “complexo de santidade” anteriormente, mas uma outra ilusão tão ou mais comum é a ilusão do céu de ócio eterno, alcançado mediante barganhas com alguma espécie de deus estranho...

O que Deus precisa de nós? Apenas que aprendamos a posicionar nossa alma tal qual espelho a refletir a luz solar. Apenas que consideremos que todo pequeno ser, e todo grande ser, são como crianças a tatear um berçário cósmico, descobrindo aos poucos o que significa, afinal, *amor infinito*.

Um dos espíritos que respondeu a Kardec no *Livro dos Espíritos* talvez tenha vislumbrado tal amor de forma um pouco mais abrangente do que temos conseguido:

“O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados. A atração é a lei de amor para a matéria inorgânica... Não esqueçam que um espírito, qualquer que seja seu grau de adiantamento no plano cósmico, está sempre colocado entre um superior, que o guia e aperfeiçoa, e um inferior, para o qual é pedido que cumpra esses mesmos deveres, em troca” (São Vicente de Paulo, 888a. Com ligeiras adaptações)

Portanto, se não nos perguntamos por que a gravidade nunca deixa de atuar, constante e harmoniosa, por incontáveis eras, da mesma forma não devemos nos perguntar se Deus precisa de alguma coisa de nós – não é Deus quem precisa, são nossos irmãos. Devemos tão somente aumentar o centro de massa de nosso próprio amor, para que cada vez mais seres gravitem em torno dele.

Para ser um médium é preciso reconhecer todas as nuances do amor, é preciso ter um plano para conquistá-lo e estudá-lo, refleti-lo e irradiá-lo, conforme tem sido feito pelos seres de cima, em nosso benefício, há tantas eras.

Mas para amar o próximo é preciso antes ter amor dentro de si, e para si. É preciso investigar o sótão da alma e reconhecer que lá há sujeira, e eventualmente arregaçar as mangas e fazer uma pequena faxina, e depois uma grande faxina, até que todos os monstros e demônios não tenham mais onde se ocultar...

Será preciso encará-los frente a frente, e aceitá-los como são: apenas partes de nossa animalidade, fruto de nossa longa teia de vidas e espécies vividas. Não será o caso de decapitar tais monstros com uma espada reluzente e afiada... *Guarde a espada.*

Os monstros passarão a ser seus amigos, lembranças de tempos em que você era ignorante do amor, e que agora não têm mais necessidade de serem antagonistas de sua saga. E, se não há exatamente um final feliz neste grandioso conto de fadas, há ao menos uma imensa ilusão em desencanto. Não há guerra: há apenas a ignorância a se desvanecer como a neblina da manhã ante os primeiros raios de sol...

Para ser um médium é preciso compreender que existe, afinal, uma terra de vida e uma terra de morte. E se entre tais territórios há hoje apenas uma tênue ponte de madeira quebradiça e cordas prestes a arrebentar, façamos a reforma!

Pois é esta ponte, somente ela, o que separa nossa alma da vida eterna. E é somente amando que conseguiremos progredir em sua reforma... Um remendo de corda, uma nova placa de madeira de lei, um pequeno gesto de amor, dia após dia. Passos na travessia, passos cuidadosos, rumo ao outro lado, onde há música...

Há esta ponte entre nós e o Absoluto: atravessá-la, através do amor, é o único sentido, o único significado, a única razão para ser, afinal, um médium.

Todos pensam em mudar o mundo. Quão poucos pensam em mudar a si mesmos. (Tolstói)

para Maria Luiza.

Como pode o Íon ser oferecido como obra canônica quando este pequeno diálogo é apenas uma zombaria! Provavelmente, por haver, no fim, menção à inspiração divina! Infelizmente, entretanto, aqui como em vários outros lugares, Sócrates está falando ironicamente. (Goethe em Essays on Art and Literature)

Íon (um epílogo)

Você pode estar se perguntando o que Sócrates e o Íon – um dos livros de Platão – estão fazendo neste epílogo. Também pode estar se perguntando o que Goethe tem a ver com tudo isso...

Vamos começar pelo escritor alemão: a citação acima foi retirada de um artigo de um livro de ensaios, intitulado *Platão como uma festa para a revelação cristã*... Em 1795, o poeta e jurista Friedrich Stolberg, outrora um colega de Goethe que, posteriormente, se

converteu ao cristianismo, publicou uma seleção de diálogos de Sócrates com um prefácio notadamente religioso.

Goethe estava irado com essa tentativa de “reinventar” Sócrates como “cristão” e não como “grego”. Para o poeta alemão, ainda que não saibamos exatamente como os gregos antigos pensavam, certamente seria um contrassenso tratar toda a obra platônica, onde Sócrates é retratado em todas as suas nuances mais complexas, como uma mera “introdução ao cristianismo”. Como se Sócrates houvesse sido, tal qual Elias, algum “profeta” a anunciar o advento do Reino de Deus.

Aqui tudo parece se complicar demais: não sabemos se Sócrates existiu – pode ter sido criação de Platão, portanto apenas um personagem literário. Não sabemos até que ponto a obra platônica foi exaltada por seu mérito filosófico, e até que ponto teve apenas a sorte de cair nas graças dos primeiros pensadores cristãos. E, finalmente, não sabemos nem se o *Íon*, onde a relação entre a poesia e filosofia encontra seu debate inaugural em nossa história, é efetivamente uma obra de Platão, e não uma obra “apócrifa” – que foi apenas atribuída a Platão, mas teria sido escrita por um anônimo.

Vamos tentar resolver tudo sucintamente: Sócrates decerto existiu, pois não foi usado como personagem apenas por Platão, mas também por Xenofonte e Aristófanes, além de ter sido citado por Aristóteles e, sobretudo, por Diógenes Laércio, célebre historiador da época. Não sabemos, no entanto, até que ponto Platão “interferiu” no pensamento de seu mestre, Sócrates. Mas é quase certo que obras como *A República*, por exemplo, sobretudo nas questões políticas, tragam grande influência de Platão.

Quanto à influência do cristianismo, é possível até mesmo afirmar que foi de “ida e volta”, já que tanto o platonismo influenciou os primeiros pensadores cristãos quanto o próprio cristianismo fez diversas “releituras” da obra platônica ao longo dos séculos. O mito da caverna pode ser primordial na interpretação dessas duas correntes filosóficas e religiosas: enquanto para Sócrates parece ser óbvio que o lado de fora (da caverna) fazia parte deste mundo – e que, portanto,

não é o mundo que muda, mas nossa visão dele –, para muitos pensadores cristãos o lado de fora foi interpretado como uma espécie de céu prometido ou, no mínimo, uma dimensão espiritual onde talvez Deus pudesse ser “acessado” de forma mais clara.

Dizer que Sócrates tinha alguma relação direta com o cristianismo não faz sentido, já que ele nasceu séculos antes de Jesus. Porém, dizer que o cristianismo não deve nada a obra platônica também me parece errado: todos sempre devemos muito aos sábios de outrora, todos caminhamos nos ombros de gigantes.

Finalmente, o caso do Íon me parece ter referência direta com a influência de Goethe na literatura e pensamento de sua época. Quando uma figura de seu porte escreve uma crítica contundente ao *Íon*, muitos que vieram depois se apressaram em taxá-lo de “apócrifo”... Porém, se considerarmos o contexto da crítica de Goethe, veremos que tudo o que ele pretendia era demonstrar que era um erro, uma injustiça, incluir Sócrates entre os “profetas do cristianismo”. Não porque isso fosse diminuir Sócrates ou aumentar o cristianismo, mas simplesmente porque não fazia mesmo sentido algum.

Abordadas essas questões, vou explicar melhor o que Sócrates tem a ver com a mediunidade, citando um trecho de Nicolas Grimaldi em seu excelente *Sócrates, o feiticeiro* (Edições Loyola):

“Sócrates era um feiticeiro. O testemunho é do próprio Platão. ‘Ouvindo-lhe’, diz-lhe Mênon, ‘parece que fui drogado. Tu me enfeitiçastes tão bem que não sei mais o que penso’. Essa magia constituía o charme de Sócrates. Ele encantava. O efeito de suas palavras era tão arrebatador quanto a música. Como se tratasse de um transe dionisíaco, era-se possuído.

Alcíbiades confessava não poder ouvi-lo sem ficar totalmente a sua mercê. Acusá-lo de feitiçaria era reconhecer-lhe o poder, do mesmo modo que aqueles que o admiravam. E, com efeito, designando-o em *As nuvens* como o mais célebre dos sofistas, Aristófanes não mostrava um Sócrates capaz de persuadir qualquer um sobre qualquer coisa?

Ora, vangloriando-se de ser capaz de fazer qualquer pessoa perder o sentido da realidade, de fazê-la experimentar o falso como mais evidente que o verdadeiro e o real como mais inconsistente que o irreal, a sofística também era uma feitiçaria.

Até mesmo os discípulos que viam em Sócrates o mais cáustico crítico dos sofistas não deixavam de reconhecê-lo, eles também, como uma espécie de feiticeiro, de mágico ou de xamã. Quando Sócrates tem apenas algumas horas a mais de vida, ou alguns momentos, é menos o desaparecimento de seu amigo que Fédon lamenta que a perda do encantador: ‘Onde encontraremos um mágico tão perfeito depois que nos abandonares?’”.

Ora, Sócrates conversava frequentemente com seu *daemon*, que pode ser entendido como nada mais do que um guia espiritual, anjo da guarda, ou simplesmente um espírito de moral elevada. Além disso, não são poucos os relatos de que, por vezes, o grande filósofo se prostrava em profundo transe, ainda que em meio a uma caminhada, ou mesmo em meio à guerra, e ficava por horas estático, na mesma posição, acessando sabe-se lá quais informações divinas, sabe-se lá de onde...

Mas esse tipo de paganismo o cristianismo optou convenientemente por esquecer, da mesma forma que a Academia se esqueceu convenientemente de Alfred Russel Wallace [10]. Obviamente, as menções socráticas as ideias inatas e outras referências à reencarnação também foram suprimidas pelos pensadores cristãos através dos séculos... Mas o próprio *Íon*, diálogo teoricamente escrito ainda na “juventude” de Platão, talvez exatamente por isso ainda traga uma grande essência socrática e, incrivelmente, uma referência clara a mediunidade.

No diálogo com o poeta Íon, que em realidade é apenas um declamador da poesia de Homero, Sócrates é ácido e extremamente irônico, e termina por convencer ao próprio Íon que ele não tinha efetivamente conhecimento técnico nenhum sobre os assuntos que declamava poeticamente, mas que era apenas levado por uma

inspiração oculta, divina, a declamar Homero de forma tão magistral que terminava por seduzir a todos.

Ora, o próprio Sócrates entendia muito bem disso. Ele era um poeta, um feiticeiro, além de ser filósofo. Neste célebre diálogo, portanto, pode parecer que Sócrates está a ironizar, ridicularizar e diminuir a poesia, mas, pelo contrário: nas entrelinhas o que se pode entender é que, embora não seja realmente parte de um conhecimento técnico, filosófico, puramente lógico, a poesia é algo de sagrado, e toda inspiração toca na essência divina, parte do mundo das ideias que Sócrates conhecia tão bem. Não um outro mundo, a parte, mas um mundo oculto que, não obstante, pode nos influenciar a todo e qualquer momento. Para tal, bastará ter a alma aberta à poesia.

Que para ser um médium, é necessário sentir ao menos um pouco de poesia [11]:

[Sócrates] Mas então, tu, Íon, se dizes a verdade quando afirmas que és capaz de louvar Homero em virtude de uma técnica e de uma ciência, tu és injusto, tu, que garantindo para mim, que conheces tantas e belas coisas acerca de Homero e afirmando que darás uma exibição para mim, tu me enganas completamente e estás longe de dar-me uma exibição; tu, que nem queres dizer quais são essas coisas acerca das quais és terrível [12], embora eu esteja te suplicando a muito tempo. Mas tu, simplesmente, como Proteu, te transformas em todo tipo de formas, girando para cima e para baixo, até que, terminando por escapar-me, surges como um general, para que não me exibas como és terrível na sabedoria acerca de Homero.

E se, então, tu és técnico, como eu acabei de dizer, garantindo se exibir acerca de Homero, tu me enganas completamente, e és injusto; e se não és técnico, mas, por uma concessão divina, possuído por Homero, nada sabendo, tu falas muitas e belas coisas acerca do poeta [13], como eu afirmei acerca de ti, não és nada injusto. Escolhe então se preferes ser considerado um homem injusto ou divino.

[Íon] Uma coisa difere muito da outra, Sócrates. Pois é muito mais belo o ser considerado divino.

[Sócrates] Isto, então, a coisa mais bela [\[14\]](#), te é concedido por nós, Íon: ser divino, e não um louvador técnico de Homero.

REFLEXÕES SOBRE A REENCARNAÇÃO

09.07.2009 ~ 02.08.2009

Esta série de artigos sobre reencarnação não irá se preocupar em demonstrar evidências de que a reencarnação é uma lei da natureza. Ao invés disso, irei falar sobre aspectos da reencarnação, e da crença na reencarnação, que geralmente não são muito abordados, embora mereçam – na minha opinião – uma reflexão mais cuidadosa. Se você procura por evidências da reencarnação, irá encontrar outros artigos em meu blog que tratam do assunto. Vale dizer, é claro, que esta série de artigos tampouco se propõe a convencer ninguém acerca da realidade ou irreabilidade da reencarnação.

Potencialidade e personalidade

O reencarnacionismo é uma crença que data dos primórdios das civilizações egípcia e orientais, estando entre nós há bastante tempo. Não é muito complicado compreender o princípio básico da reencarnação: somos espíritos que habitam corpos durante o período em que estão aptos a receber um espírito; quando as leis naturais fazem com que o corpo humano não consiga mais sustentar a vida orgânica, o espírito então se desliga, pois de nada lhe adiantaria continuar habitando um cadáver.

Por analogia, é simples compreender se pensarmos em um distinto senhor que troca de roupas toda a vez que elas estão gastas e puídas – não lhe convém comparecer ao trabalho, ou a alguma festa, com uma roupa inapropriada. Da mesma forma, espíritos trocam de corpos como este senhor troca de roupas. Lembremos que isso é apenas uma

analogia; importante é, entretanto, lembrar que não há nada de sombrio na morte do corpo: é exatamente ela que permite a vida.

Sem morte física não existiria vida física, pois no universo tudo está em constante mudança, e o sistema da natureza é todo encadeado em sutis e elegantes leis de causa e efeito. O que não tinha vida, no entanto, continuará não tendo: o espírito sopra onde é chamado, e habita os corpos e orbes que o seu nível de evolução, a sua potencialidade espiritual, lhes permite.

Há muitos espiritualistas que creem que o espírito é imaterial, mas isso não parece ser a verdade, ou pelo menos não é o que os espíritos dizem. Através da codificação do célebre *Livro dos Espíritos*, na pergunta #82 formulada por Kardec, temos a resposta de que os espíritos são incorpóreos (não possuem um corpo físico), mas não imateriais, pois que tudo é formado por matéria; muito embora a matéria que forme o espírito seja fluida, e ainda não detectada pela ciência (talvez porque não interaja com a luz, a semelhança de aproximadamente 96% da matéria do universo, segundo postula a teoria da Matéria Escura).

Também há muitos desinformados que atribuem a reencarnação crenças anedóticas como, por exemplo, a possibilidade de reencarnarmos em um porco, ou uma vaca, ou um inseto etc. É verdade que a metempsicose postula sobre essa possibilidade, mas não a reencarnação. A reencarnação está associada a evolução, e também a simetria das leis da natureza, que são as mesmas por todo o Cosmos. Nesse sentido, a teoria de Darwin-Wallace é de vital importância para o reencarnacionismo.

Assim como faz todo sentido dizer que ramos científicos como a biologia perderiam todo o sentido sem a teoria da evolução das espécies, o mesmo pode ser dito em relação ao reencarnacionismo. De fato, não é a toa que um dos criadores desta teoria era reencarnacionista e espiritualista. Ora, isso porque os espíritos não reencarnam somente entre o *homo sapiens*, mas vêm necessariamente reencarnando desde a formação da vida na Terra,

por milhões e milhões de anos e encarnando em milhares de espécies.

Ocorre que, apenas no estágio em que os espíritos adquirem a capacidade de se reconhecerem como indivíduos, é que estarão aptos a habitar corpos de espécies onde o cérebro lhes permitirá ter um processo de consciência mais elaborado. Porém, segundo o espiritualismo, não é o cérebro quem gera a consciência, mas o espírito quem comanda o cérebro, e o corpo, através do processo de consciência.

A reencarnação não trata, portanto, apenas do homem, e apenas da Terra, mas sim de todos os seres vivos da natureza, na Terra e em outros planetas onde haja vida. Ou seja: o que tem vida, o que vivifica os corpos orgânicos, terá sempre vida. E o que não tinha vida, o que era só o corpo, continuará em seu ciclo natural. Como dizia Lavoisier, “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma” – ora, a vida é o que evolui, o que se transforma de forma não-entrópica, o que organiza a matéria. Aquilo que não tinha vida é o que continua a ser jogado para cá e para lá pelo turbilhão da natureza em seu movimento eterno, como a poeira estelar que possibilitou o surgimento da vida orgânica em nosso planeta.

Há que saber diferenciar, no entanto, potencialidade de personalidade.

Personalidade é tudo aquilo que distingue um indivíduo de outros indivíduos, ou seja, o conjunto de características psicológicas que determinam a sua individualidade pessoal e social. A formação da personalidade é um processo gradual, complexo e único para cada indivíduo. O termo deriva do grego *persona*, com significado de máscara, que designava a “personagem” representada pelos atores teatrais no palco. Todos somos chamados a construir nossas personalidades, a vida em sociedade pede isso; a questão está em saber diferenciar nossa essência espiritual da máscara construída por nossa mente – a máscara para a alma.

Não é culpa da mente que tenhamos que usar essas máscaras, isso também é algo que faz parte da evolução natural dos seres. Ora, todo

ser que se reconhece como indivíduo passa a ter a necessidade de construir este indivíduo, de saber como diferenciá-lo, como representá-lo e apresentá-lo para os outros. Ocorre que muitos de nós não estão à altura do desafio, não conseguem suportar a angústia de encarar a si próprios, de elaborar da melhor forma possível os seus próprios medos, incertezas, sua moral etc. Então torna-se mais simples apenas seguir um padrão social, e ao invés de elaborar nossa personalidade por nós mesmos, copiar aquelas que são mais aceitas no mercado da sociedade.

O problema é que nossa essência é única, diz algo somente a nós próprios, necessita de aprendizagem que outros não necessitam, e é capaz de fazer o que outros não fazem. Copiando a máscara alheia, é capaz de termos sérios problemas. O nariz pode apertar e não permitir que respiremos direito, o material pode incomodar a pele e fazer coçar até ferir, o elástico pode arrebentar e nos deixar expostos sem uma máscara para nos proteger... Ora, máscaras são necessárias, mas somente até que compreendamos que tudo o que somos realmente é nossa essência espiritual – aí então não precisaremos mais delas, e saberemos viver a vida em paz, enxergando em todos que cruzam a nossa frente a fagulha divina de espíritos antigos, arqueados em exaustão de tanto rodar pelas trilhas das encarnações terrenas.

As personalidades são como máscaras que usamos de encarnação em encarnação, são mais caras para nós do que nosso corpo, porém tão dispensáveis e passageiras quanto ele. Eis que trocamos de máscaras como trocamos de roupa. Já a *potencialidade* é diferente: ela está sempre caminhando à frente, é ela o sentido de termos de viver por tanto tempo, através de tantas vidas e tantas histórias que nos parecem ainda absolutamente desconexas.

Amala e Kamala foram duas crianças selvagens achadas a oeste de Calcutá, na Índia, em 1920. Elas foram aparentemente abandonadas na floresta ainda bebês e foram criadas por lobos. Enquanto estiveram entre os homens, não se comportaram de forma muito diversa dos lobos – andavam com as mãos no chão, comiam carne crua, não

sabiam pronunciar as palavras mais simples etc. O cético irá pular de alegria e ver aí, sem muita reflexão, a prova de que o espírito sequer existe... Mas, analisando de forma mais profunda, alguns talvez compreendam que se tratam de potencialidades não despertas.

Ora, um *homo sapiens* criado por lobos talvez nunca seja muito mais do que um lobo, mas será, cognitivamente, pelo menos um ser do mesmo nível de um lobo. Já o inverso seria impossível: um lobo jamais chegaria ao nível de cognição dos *homo sapiens*, mesmo que seja educado e treinado pelos melhores adestradores de animais... Isto porque a potencialidade do espírito do lobo não se compara a potencialidade do espírito de um homem. Potencialidade cognitiva, ética, de nível de consciência e raciocínio etc.

Não sejamos ingênuos, mesmo Mozart nunca teria sido gênio se não houvesse sido apresentado a um piano ainda quando criança, imaginem então se houvesse sido também criado por lobos. As leis da natureza valem para todos, se o cérebro em nossa infância não é estimulado da maneira correta, há muito pouco que podemos fazer depois. O espírito necessita despertar suas potencialidades através da interação simbólica, intuitiva, interpretativa e amorosa com o mundo que o cerca. Se isso não ocorre, o cérebro físico não se desenvolve, a personalidade defeituosa não possibilita que a individualidade se manifeste, e a potencialidade da alma permanece adormecida, esperando uma nova oportunidade.

Não existem atalhos neste caminho: todos temos, invariavelmente, que trilhá-lo, passo a passo, vida a vida; sempre em busca do maior desenvolvimento dessas potencialidades da alma, que se manifestam através do corpo mas não fazem parte do corpo, e que não estão em DNA algum.

Entretanto, Deus não nos criou princípios inteligentes e nos largou a esmo no Cosmos, ora encarnando na secura das tribos nômades do Quênia, ora no aconchego de uma distinta família burguesa da Suécia, ora perfeitamente saudáveis, ora com doenças que limitam nossas vidas a poucos dias de vida... Não, a reencarnação não é algo que se opera de forma aleatória, ela obedece a leis bastante

específicas. Sem seu correto entendimento, é talvez impossível compreender a profundidade e a lógica da justiça do reencarnacionismo.



A Lei de Causa e Efeito, em filosofia, parte da definição de que “nenhum efeito é quantitativamente maior e/ou qualitativamente superior à causa”. Segundo as doutrinas espiritualistas, é um conceito que determina que todo ato moral ocasiona uma resposta da natureza, que mais cedo ou mais tarde “retornará” a quem o efetuou – ou, em outras palavras, “cada um colhe o que plantou”.

Pela dor ou pelo amor

Eu dizia que a reencarnação não opera a esmo, e de fato a compreensão da Lei de Causa e Efeito é a essência da compreensão da reencarnação.

Primeiramente, é preciso diferenciar a Lei de Causa e Efeito do conceito de carma: enquanto que normalmente o conceito de carma sugere uma dívida a ser resgatada, a Lei de Causa e Efeito nos apresenta a ideia de que o futuro depende das ações e decisões do presente. Uma causa positiva gera um efeito positivo, enquanto que uma causa negativa gera um efeito igualmente negativo. Ou seja, a compreensão do carma vem muitas vezes associada a conceitos como “punição divina” ou “destino”, como se só houvesse uma forma de purificar nosso espírito: pelo sofrimento e pela quitação de dívidas morais pregressas. Já a Lei de Causa e Efeito é mais abrangente e, principalmente, mais fluida: somos nós, e somente nós, os construtores de nosso próprio destino.

Nada está escrito em pedra, nenhum evento infortuno é absolutamente inevitável, pois pela mesma via com que contraímos débitos para com a harmonia de nossa própria consciência, poderemos saldar com créditos. Evolui-se pela dor, isso é certo; mas também evolui-se pelo amor, e isso depende de nossa vontade.

Acredito que seja mais simples ilustrar tal conceito com uma alegoria. Não cabe a nós julgar o porquê do sofrimento alheio, disso só mesmo sabe o próprio ser que sofre, e o Deus onisciente, mas como se trata de uma alegoria, queiram desculpar-me...

Imaginemos um padre inquisidor na época medieval que, por sua crença cega, tenha enviado inúmeras pessoas inocentes para a morte na fogueira, por acusações de “bruxaria”... Certamente este espírito que acreditava ser “extremamente religioso” há de ter tido uma inesquecível desilusão quando compreendeu o resultado de seus atos com a consciência plena, seja ainda antes de desencarnar, seja após a morte.

Ignoremos o tempo que tal espírito tenha passado em confusão mental ante a própria nebulosidade de sua consciência; passemos os séculos adiante e imaginemos que tal espírito, após muito vagar a esmo pela escuridão de sua alma, tenha refletido e compreendido a extensão macabra de seus atos pregressos, e neste momento esteja por decidir (certamente com o auxílio de espíritos superiores em moral) quais eventos deseja vivenciar em sua próxima encarnação, com o objetivo de se depurar, de purificar as chagas de sua alma o mais breve possível...

Eis que os espíritos superiores lhe oferecem duas opções (lembremos que isto é tão somente uma alegoria): morrer em um incêndio, da mesma forma que matou tantos inocentes nos séculos passados, ou ser um médico da Cruz Vermelha, passando a vida a atender queimados em guerras e nas regiões mais inóspitas e pobres do planeta, sem no entanto padecer de uma queimadura sequer durante toda uma vida... O que você escolheria? Morrer queimado, porém sem muito esforço ou responsabilidade pela própria melhora, ou passar toda uma vida praticando caridade, convivendo com o sofrimento alheio e auxiliando da melhor forma possível?

Obviamente que qualquer homem são escolheria a segunda opção. O problema, no entanto, é que não basta escolher simplesmente, é preciso arregaçar as mangas e efetivamente praticar a caridade. Oh, e quantos, quantos de nós temos falhado miseravelmente em cumprir

aquilo que prometemos aos seres de luz. Em tão somente amar e tomar as rédeas de nossa vida, enquanto tantos outros se limitam a passar pela vida como um barco de papel a flutuar pelo mar. Mas eis que, quando somos postos à prova, preferimos a acomodação, o fascínio de nosso próprio ego, as promessas vãs da matéria que nada mais é do que fumaça condensada, a transformar-se eternamente.

Os estoicos diziam que devíamos nos preocupar somente com aquilo que podemos modificar. Não podemos mudar as leis naturais nem o ânimo dos homens cegos, mas podemos compreender as leis naturais e agir a seu favor – e podemos servir de auxílio para todos aqueles que seguem ainda cegos pelas estradas milenares. Mas os estoicos sabiam: nosso problema é com nós mesmos, é com nossa própria consciência. Nós somos nosso próprio mal, e não poderia ser de outra forma...

Certamente a linguagem poética e alegórica não irá agradar aqueles que desejam, meticulosamente, avaliar a Lei de Causa e Efeito como quem calcula a velocidade de um objeto arremessado pelo ar. Mas não é pela razão pura que a compreenderemos: necessitamos do auxílio da intuição... Será que podemos perceber, em nossa consciência, quando tomamos atitudes que vão contra a harmonia da natureza? Pratiquem! Será que podemos aprender, tal qual a criança no jardim de infância, a fazer caridade, talvez simplesmente por dar o primeiro passo, e visitar algum asilo ou pediatria? Pratiquem! Será que podemos olhar para trás e, analisando as escolhas de nossa própria vida, refletir sobre aquelas que nos trouxeram as recompensas realmente profundas, a sabedoria verdadeira? Pratiquem!

Já foi dito que não há lei além de faz o que tu queres, e que sob a vontade, o amor é a lei... Nada poderia resumir melhor, talvez, a Lei de Causa e Efeito. Não se trata de ajustar as contas com um deus-que-pune-pecados, nem tampouco sofrer egoisticamente circundando a própria culpa, mas sim ter a coragem, o ânimo e a vontade para se colocar novamente de pé e encarar, frente a frente, as próprias faltas.

E tomar o remédio amargo para a melhora. Amargo, sim, mas que não deixa de ser remédio.

Escolher, na medida em que conquista cada vez mais sabedoria, o caminho do amor e da caridade, e não o da dor e da tragédia. Mas sobretudo compreender que, por bem ou por mal, pela dor ou pelo amor, caminha-se sempre a frente!

Terminarei esta série de artigos considerando algumas peculiaridades da crença na reencarnação, e talvez consiga mostrar como mesmo os reencarnacionistas nem sempre pensam na vida sob esta ótica mais “abrangente”.

Toda e qualquer idade

Na linguagem vulgar, um adulto é um ser humano que é considerado pelos restantes como tendo atingido uma idade que lhe permite contrair casamento e, em geral, realizar outras ações que são restritas a esses indivíduos. A definição legal de entrada na idade adulta varia entre os 16 e os 21 anos, dependendo da região. Algumas culturas africanas consideram adultos todos os maiores de 13 anos, mas a maior parte das outras civilizações enquadram essa idade na adolescência.

Aqui está resumida a questão principal pela qual as pessoas insistem em classificar umas as outras pela idade; é uma questão sobretudo de padronização social. As pessoas gostariam muito de poder classificar umas as outras pelo tempo em que estão pelo mundo: “esta já pode casar”, “aquela já pode trabalhar”, “aquela outra já pode se aposentar”. Nada mais lógico, de fato esse tipo de classificação ajuda muito na organização da sociedade em geral... Mas, será que ela é realmente determinante sobre o que uma pessoa estaria ou não apta a realizar, ou sobre o que uma pessoa deveria ou não ter a liberdade de fazer?

Sabemos, decerto, que um ser humano tem sua personalidade mais ou menos formada na época em que é considerado adulto. Isso, porém, talvez não seja verdade em algumas culturas africanas – talvez com 13 anos uma personalidade não esteja ainda muito bem formada. Será? Quem pode dizer?

Este é um dos mistérios que a ciência ainda não alcança. Por que uns levam décadas para atingir seu potencial cognitivo, não muito acima ou abaixo da média geral, enquanto outros praticamente “nascem sabendo”, têm ideias inatas, “relembra” as coisas – ao invés de as aprender, apenas as *reaprendem*. Lembro que não pretendo convencer ninguém, mas para quem já acredita na reencarnação, tais exemplos são evidentes, de fato tão evidentes quanto um elefante andando no corredor de um shopping: impossível não ver.

O que são então crianças, adolescentes, adultos, idosos? São espíritos milenares habitando corpos com maior ou menor tempo de decomposição. A cada dia que passa, os corpos morrem, e os espíritos se desenvolvem em suas potencialidades, desde que estejam administrando bem suas próprias existências.

Como dizia Khalil Gibran: “vossos filhos não são vossos filhos, são os filhos e as filhas da ânsia da vida por si mesma”. É evidente, corpos geram corpos, mas espíritos foram gerados há muito mais tempo. Toda e qualquer potencialidade, desde a capacidade de respirar de modo inconsciente até a capacidade de, conscientemente, controlar a própria respiração a níveis refinadíssimos, foram construídas, desenvolvidas, desveladas pelo próprio espírito a navegar pelo turbilhão de eras cósmicas.

Se um Mozart tem “facilidade” para a música, isso decerto não foi um “dom divino” nem uma “configuração fortuita de partículas no cérebro” – que Deus não distribui “dons” a bebês que por ventura lhe pareçam mais simpáticos a cada dado nascimento, assim como não é de uma combinação aleatória de partículas que este nasce um gênio e aquele um néscio. É o espírito milenar quem toca as teclas do

cérebro, quem comanda a sinfonia do corpo, quem orchestra a valsa de sua própria vida.

E, perto de tantas vidas, perto de tantas eras e civilizações dos homens, o que é a idade senão um número que consta em um registro de cidadãos de algum país? Talvez mais uma informação “relevante” para as revistas de celebridades...

Aliás, o que diabos é um país? Quem já viu uma fronteira? Se viu, por acaso fotografou, tem a prova? Até agora as únicas “fronteiras” que eu vi me pareceram mais como muros e grades com tamanhos variados, frequentados por homens de farda e outros que creem piamente que uma barreira de pedras pode separar um homem de outro. Então os homens cercados por muros acreditam que todos aqueles que estão “de um lado do muro” pertencem a um mesmo grupo, e devem torcer para a mesma seleção de futebol, e cantar o mesmo hino, e venerar a mesma bandeira... Todos os que estão “do outro lado do muro” podem ser inimigos, não fazem parte do mesmo grupo, e muitas vezes o comandante de um grupo irá até mesmo convencer alguns de seus membros a invadir o muro alheio, e matar qualquer outro homem fardado (isto é, com a farda estrangeira) que por ventura se interponha em seu caminho.

Mas o passado é uma nação estrangeira. A história foi escrita pelos vencedores das guerras por fronteiras ilusórias dentro de um mesmo pedaço de pedra chamado Terra... Quem será que pode nos trazer a visão da história dos perdedores de guerras? Dos mutilados por hordas de bárbaros e dos torturados por não aceitarem os dogmas de fé? Talvez, *nós mesmos*.

Que o vento do espírito sopra onde é enviado por seres com muito mais conhecimento e sabedoria do que nós. Ora podemos ser o invasor, ora o invadido. Ora aquele que mata, ora aquele que morre. Desde épocas já esquecidas pelos livros de história, o próprio sistema da natureza, e sua Lei de Causa e Efeito, tenta nos passar uma mensagem adiante – todos somos espíritos.

Qual minha nacionalidade? O Cosmos. Qual minha raça? Um corpo de alguma espécie adequada a potencialidade de meu espírito.

Qual minha idade? Milhares, milhões de anos, quem sabe. Qual o meu time de futebol? Torço para o time dos filósofos gregos. Sim, estou apenas querendo fazer você refletir sobre como são relativos tais conceitos...

A lógica da reencarnação nos traz uma visão muito mais abrangente da existência, mas não me parece que ainda tenhamos uma compreensão plena dela. Em suma, não a vivemos em plenitude. Reflita sobre isso, quando se pegar pensando que “está ficando velho”, ou que não deveria mais frequentar este ou aquele lugar, ver este ou aquele filme, ler este ou aquele livro, por não serem adequados a sua idade.

Que é idade? Que conceito é esse que nos tortura? A natureza nos presenteia a cada dia, diante de nossos olhos pouco atentos, uma imensidão de ciclos de mortes e renascimentos. Não existe vida sem morte, nem morte sem vida, mas a vida é atemporal, um caminho do qual não vemos o final, e a morte é apenas um momento que se repete algumas vezes durante o longo percurso. Diante dessa infinitude de vidas e de seres, toda e qualquer idade não poderia ser nada mais do que a idade em que o ser se coloca, a idade que ele acredita ter.

Ó reencarnacionista, qual é a sua idade... de verdade?

AS LIÇÕES DO CARMA

03.06.2011

Existem várias interpretações para o significado de carma, de acordo com as doutrinas hinduísta, budista, jainista, e posteriormente do espiritismo (que o chama, em realidade, de “lei da causa e efeito”), da teosofia e do movimento new age. A essência do termo pode ser associada a lei física que diz que “para toda ação existe uma reação de força equivalente em sentido contrário”. A analogia, no entanto, deve ser feita com cautela: primeiro porque o carma não é uma lei científica que possa ser medida em laboratório (embora seja

uma lei natural); segundo porque a “reação a ação” geralmente não se dá imediatamente, como em reações físicas, e pode até mesmo levar anos, ou vidas.

Há uma forma superficial e outra profunda de interpretarmos o carma. Imaginemos um exemplo: um inquisidor acusa e mata inúmeros inocentes nas fogueiras durante a época negra medieval, numa outra vida, ele precisará “resolver seu carma”... Na visão superficial, entende-se que ele deva morrer queimado na nova vida, exatamente como suas vítimas. Na visão profunda, entende-se que ele possa também optar, por exemplo, por ser um médico de instituições que auxiliam em zonas de guerra, tratando das queimaduras daqueles que foram vítimas da ignorância dos homens. Existe a via da dor, e a do amor, mas nem sempre estamos aptos a cumprir nossas promessas de caridade – nem sempre o futuro médico se torna, efetivamente, um médico de almas.

É importante, portanto, compreender que o carma não é um sistema de crédito e débito, de “aqui se faz aqui se paga”. Seu mecanismo não atua para “punir os maus” com uma dose de seu próprio veneno. Na realidade, se trata de um remédio, às vezes de gosto amargo, mas que visa sempre impelir aos seres da ignorância para a sabedoria, dos instintos animais para a consciência abrangente, da terra para os espaços cósmicos adiante.

Tendo essa compreensão em mente, acredito que ela possa nos trazer algumas lições:

Adeus inveja

Para quem realmente crê no carma, a inveja não faz sentido. Ora, se tudo o que somos, tudo o que temos, é resultado direto do que fizemos com o tempo que nos foi dado, com as escolhas que nos coube decidir, então invejar o que os outros têm ou são é tão somente uma forma de ignorância persistente.

Afinal, se tudo o que somos e temos é resultado de nossa própria caminhada, jamais poderemos conseguir alguma coisa apenas porque “desejamos”, porque invejamos de outro alguém... O que parece ser

mais sábio é usar os outros como modelo, como incentivo, como a meta a ser alcançada. Não exatamente o que os outros têm, pois tudo o que temos é transitório, mas o que os outros são. Não devemos invejar nem desejar a sabedoria, devemos afinar nossa própria vontade para nos movermos em sua direção. O mero desejo é estagnação, pois nada “cairá do céu” – mas a vontade é o movimento em direção à luz.

A dor aguarda os que ficam para trás

Em dado momento, todos somos livres para escolher a via do amor ou da dor. Qualquer estudioso das doutrinas cármicas saberá que viemos ao mundo para desenvolver nossas potencialidades, e não nossos vícios. Viemos caminhar à frente, e não ficar estagnados na ignorância. Que a evolução espiritual segue a física: nada anda para trás, mas a natureza não costuma poupar os que se arrastam pelo caminho.

Nessa longa trilha, por vezes pode parecer que somos como um cão selvagem com a coleira presa a uma velha carroça, rodando lentamente pelos velhos sulcos: podemos optar por seguir a frente, antes que a coleira nos puxe, ou podemos ladrar como cães raivosos, e nosso latido não impedirá que a coleira nos force o pescoço, que nos provoque dor. No fim, seguiremos a frente, quer queiramos, quer compreendamos aonde vamos, quer não. Melhor escolher o amor, enquanto há tempo, pois as dores desse mundo não se comparam as dores da alma.

Suportamos o que podemos suportar

Conforme a roda avança, a cada um é dado apenas os desafios que podem suportar. Podemos imaginar uma universidade cósmica: o calouro de física não poderá compreender as equações de física quântica ou da teoria das cordas já em seu primeiro ano, mas aqueles que se arrastam nas repetências terão eventualmente que resolvê-las, pois os reitores sabem muito bem que eles já têm a capacidade para tal.

É preciso saber avaliar os desafios por aquilo que são: não desastres, tragédias, ou problemas insolúveis, mas oportunidades de progressão, de entendimento, de edificação de nossas potencialidades.

Muitas vezes, amamos e perdemos, e essa nos parece a maior dor do mundo. Porém, curioso de se pensar: é melhor amar e perder do que nunca haver sequer amado... Os seres vêm e vão, mas a capacidade de amar é uma das potencialidades que jamais andam para trás, e que molda nosso despertar da consciência desde as eras pregressas.

Da próxima vez que estiver a se lamentar por uma perda, e desejar se ver livre do amor que sentia, e que agora dói tanto, pense novamente: a sua dor é uma luz. Os seres que se arrastam nas sombras de si mesmos, que ainda não descobriram o amor, podem parecer mais felizes, mas sua dor é muito mais profunda do que a sua – e você certamente sabe disso, mesmo que de alguma forma obscura, pois todos já estivemos na escuridão.

Só Deus o sabe

Quando nos deparamos com tragédias humanas em pequena ou larga escala, existe essa tentação própria dos seguidores de doutrinas cármicas em elaborar teorias mirabolantes sobre o porquê de tais seres terem sofrido este ou aquele infortúnio... Tudo em vão!

Assim como não podemos saber por que o vento sopra aqui ou acolá, jamais poderemos compreender exatamente o que outra parte da substância cósmica experiencia. Somos todos conectados, filhos da mesma substância, formados pelos mesmos átomos e as mesmas fagulhas divinas, mas cada um pode saber apenas de sua própria visão do Cosmos. Não há nenhum ser onisciente além de Deus, ninguém que possa realmente ter habitado nosso âmago profundo e visto o horizonte da mesma forma que nós, e experienciado a caminhada dando exatamente os mesmos passos.

Quando um espírito incorpora, ele habita um corpo, e não outro espírito. Jamais estaremos dentro uns dos outros, de modo que as razões que fazem o mecanismo do carma operar desta ou daquela

maneira, só o próprio ser que ama e que sofre tem um breve entendimento, e só Deus o sabe. Ele está dentro de todos nós.

O aflorar da consciência

Se na evolução física das espécies, a vida é a função do sistema, na evolução espiritual, da qual o carma é o mecanismo primordial, o afloramento da consciência é o grande objetivo a ser alcançado. Nosso caminho foi longo: de fagulhas divinas criadas sabe-se lá onde, neste ou nalgum planeta próximo habitamos coletivamente os reinos mineral, vegetal e boa parte do animal... Nas savanas africanas despertamos, compreendemos ao longo dos séculos que a vida era, afinal, muito mais do que caça e coleta, muito mais do que uma mera luta pela sobrevivência...

Até o dia em que optamos por viver, e não apenas sobreviver. Quando nossas potencialidades amorosas, artísticas e técnicas começaram a aflorar. Quando nos indagamos de onde viemos, e para onde vamos, e o que somos, e surpreendentemente começamos a encontrar elaboradas teorias para o que nos parecia inatingível. Quando olhamos para as estrelas e vimos deuses, e depois vimos fornalhas cósmicas, e depois vimos um turbilhão de galáxias além de tudo aquilo que poderíamos imaginar... Quando vimos o infinito, e lhe estendemos a mão.

A mente que adquire um novo conhecimento jamais retorna ao seu estado anterior. A alma que se abre para o Cosmos, jamais volta a se fechar novamente. A função do sistema não era, afinal, apenas a vida, mas a vida eterna.

A lei do carma

Faça ao próximo aquilo que gostaria que o próximo fizesse contigo.

Resta-nos saber quem são nossos próximos: será nossa família, nossos amigos, nossa cidade, nossa nação, nosso planeta? Serão apenas seres enquanto humanos, ou também os animais, os vegetais, os minerais, a natureza como um todo? Da próxima vez que levantar uma pedra, ou observar um galho partido, saiba que todo o infinito

nos abarca, que o reino de Deus está em todo lugar... Apenas esperando que finalmente abra seus olhos para ver.

CANGOMA A CHAMAR

14.05.2012

(atenção: este é um artigo musical, tenha ouvidos atentos)

Shhh... Escute, você ouve este som etéreo, distante? Perecem, parecem tambores... Tambores, e um lamento estranhamente alegre...

O último dia 13 de maio de 2012 foi um dia muito especial. Não pelo dia em si, mas pelo que simbolizou: a união da comemoração do fim legal da escravidão no Brasil, e a celebração do dia das mães. Além de terem caído num mesmo dia, este dia foi um domingo, pois no Brasil se comemora o dia das mães sempre no segundo domingo de maio. Ora, em muitas casas de umbanda, ou casas espíritas e espiritualistas que são simpáticas a umbanda, se realiza uma festa no domingo mais próximo do dia que simboliza a libertação dos escravos no país – ou seja, além de neste ano a festa poder ter sido realizada no próprio domingo em si, ainda foi dia das mães.

Para compreender a importância disso, é preciso retornar alguns séculos no tempo e visualizar a barbárie que os povos europeus, ditos civilizados, realizaram na África. A escravidão não significava apenas o roubo dos adultos mais saudáveis e promissores de um reino ou grupo étnico africano, mas a separação de mães e filhos, e filhos e mães: a pura devastação daquilo que nos é tão sagrado, a família.

Deste modo, podemos supor que não era tanto por saudades de sua terra que os escravos choravam, nem tanto por serem açoitados e tratados como animais selvagens, mas antes por terem deixado pais, mães, esposas e até mesmo filhos, em sua terra natal – para jamais os verem novamente, nem sequer receber cartas.

Pensemos nisso quando reclamamos de nossa dor de dente, do time de futebol que perdeu a final do campeonato, ou daquele concurso público em que não passamos, e deixamos de ganhar alguns milhares de reais a mais do que já ganhamos... Os que vieram da África, esses sim tiveram razão do que reclamar.

Mas, como foi... Como foi então que os negros puderam enxugar suas lágrimas, e amenizar sua dor? Como poderia ter sido, que não através do espírito?

Pois eles não poderiam sequer escrever cartas que pudessem atravessar o oceano, mas sabiam que enquanto remavam ao Brasil, tinham a Senhora do Mar abaixo, e o Senhor dos Ventos acima – os orixás ainda estavam com eles, e a espiritualidade foi sua ponte entre o Brasil e a África, ponte esta que jaz firme até hoje.

Foi isto mesmo: nós os retiramos de sua terra, os açoitamos e dissemos que nos pertenciam, pois sequer tinham alma... E o com o que eles nos retribuíram? Axé, danças e tambores...

A festa que se realiza no 13 de maio é a festa dos pretos velhos. Pense nisso: hoje a ciência sabe que toda a humanidade migrou da África para o restante do globo, a África é a mãe dos *homo sapiens*, a *nossa* mãe. Se um genuíno preto velho é um desses espíritos antigos, é bem capaz de fazer parte do grupo espiritual mais antigo da Terra – a despeito dos outros que migraram de outras casas.

Kardec nos alertou que “os espíritos falam apenas do que sabem”, e ele tinha razão; porém, alguns dos pretos velhos que aparecem para papear em tais festas podem saber muito, muito mesmo, pois são tão antigos quanto os primeiros xamãs, e tão sábios quanto os primeiros filósofos.

E há ainda aqueles espíritos que, cansados de toda a formalidade e prepotência que encontramos noutras doutrinas ditas civilizadas, resolvem aparecer como pretos velhos, de barba branca e encaracolada, olhos profundos como o mar, voz adocicada como a primavera, e arqueados pelos séculos em suas bengalas imaginárias. Sabe-se que o grande Bezerra de Meneses volta e meia aparece como um destes pretos velhos; quem sabe quantos sábios de outrora não

preferem se utilizar deste mesmo símbolo, e permanecerem anônimos nas danças de tambor?

Lai ê, lai ê, lai á, disse levanta povo... Ouvem alguma coisa agora? Acho que está vindo lá do fundo...

Vissungos eram os cantos dos escravos utilizados nas lavras de diamante e ouro, ao redor da região de Diamantina, em Minas Gerais. Alguns de seus cantos atestam como o fim da escravidão no Brasil foi muito mais *legal* do que *real*, e como foi ser liberto em uma terra que não era a sua, que não era a Mãe África. Embora alguns dos legisladores brasileiros, e alguns dos artistas e pensadores da época, fossem genuinamente simpáticos aos ex-escravos, a maioria não era, e todos sabemos quantas gerações foram necessárias para que eles fossem aceitos como cidadãos, como seres que têm alma e, portanto, direitos.

Mas a alma de alguns deles era imensa, tão imensa que jamais foi embora, e sorrateiramente infiltrou-se em nossa cultura, nossa religião, nosso pensamento... Já disseram que os orixás eram demônios, mas como demônios poderiam compor canções tão belas quanto os cantos dos escravos de Minas, da Bahia, do Rio, do Maranhão?

Clementina de Jesus foi uma grande cantora tardia que, do alto de seus 60 e poucos anos, ainda assim teve o tempo e a vitalidade para nos deixar alguns clássicos da música popular brasileira. Clementina, como neta de uma escrava, cantava com propriedade.

Foi sua voz quem nos resgatou um dos mais belos vissungos de Minas, e que, por ser tão belo e profundo, nos serve como um verdadeiro mantra para a libertação... A libertação dos preconceitos, a libertação da ignorância, a libertação do ego, para que um dia, como os pretos velhos, possamos apenas dançar ao som do tambor, da *cangoma* [15], e nos esquecer, por um breve momento, de toda a dor do mundo...

*Tava durumindo
Cangoma me chamou
Disse: levanta povo,
Cativeiro já acabou!*

Agora sim, todos estamos a ouvir... Vamos então cantar, e fazer desse canto um hino de liberdade... Até que todo cativeiro fique para trás, e a nossa frente, apenas a Mãe África, e milhares de pretos velhos a nos saudar.

Sentido e escrito por Raph, branco de pele, africano de DNA, iluminado na alma por alguma luz que não sabe dizer a cor...

CARTA A UM EVANGÉLICO

19.11.2012

Olá Sr. Evangélico, aqui quem fala sou eu, o Sr. Espiritualista.

Antes de mais nada, preciso lembrar-lhe de que somos irmãos, ou pelo menos não há nada explícito em nossas doutrinas que afirme o contrário...

Vejamos, então, a questão da espiritualidade africana. Tenho visto o senhor dizer que os orixás são demônios e que toda macumba é necessariamente coisa do Capeta... No entanto, é preciso que saiba: para o pessoal lá dos terreiros, macumba é só um instrumento musical, tipo reco-reco, sabe como é? Nem tem tanta importância assim, o som dos tambores é bem mais importante no ritual deles; e, já que falamos nos rituais, são coisas bem antigas, bem antigas mesmo! Muito antes dos termos “demônio” e “Capeta” terem sido inventados, já se faziam rituais para os orixás na África. Se ler um pouco de ciência e antropologia, saberá o que os cientistas já dão por quase certo: que viemos todos da África, o *homo sapiens* surgiu em algum ponto entre a parte sul e central do continente mãe.

O próprio deus bíblico deve muito ao deus que era cultuado na Mesopotâmia por povos que já eram bisnetos milenares dos primeiros africanos que batiam tambores em homenagem a natureza. Sem El, Javé não seria muito mais do que o espírito ancestral de alguma tribo de hebreus perambulando por Canaã. Javé foi cultuado como um patriarca de homens, El foi compreendido como um deus cósmico, criador de tudo o que há... Mais ou menos como Olorun, que criou o mundo, mas está tão acima de nosso plano de existência que não há nenhum xamã africano que tenha tido coragem de tratar diretamente com ele [16].

Foi muita engenhosidade dos hebreus esta que associou Javé a El, e com isso criou a ideia de um deus cósmico que, não obstante, poderia ser contatado como qualquer outro grande patriarca. O problema é supor que somente os rabinos podiam contatá-lo... Não foi exatamente por isto que Lutero lutou toda sua vida? Para que as pessoas comuns pudessem ler os textos sagrados e conhecer a Deus por si mesmas, sem a intermediação de Roma? Pois bem, pois os nossos irmãos africanos já falavam com Deus há muito mais tempo que a gente, e nem precisavam de livros para isso.

Quer dizer que todo o ritual que evoca orixás é coisa do bem? Claro que não, mas a maioria é. Maçãs podres, temos em qualquer pomar, e tenho certeza de que mesmo o neopentecostalismo tem as suas... Ou o senhor acha que abençoar talismãs com óleo ungido, ou derrubar fileiras inteiras de pessoas ao chão, é algo perfeitamente baseado nas Escrituras?

Tudo bem, vamos ser honestos: o que achamos um barato é essa tal experiência religiosa. Decerto Pentecostes foi uma loucura do Espírito Santo, mas quem garante que foi a primeira? Se até hoje os senhores procuram falar a língua dos anjos, porque encenar com o caboclo que fala a língua dos espíritos da natureza? Por mim, anjos e rios, cachoeiras e carruagens de fogo, florestas e sarças ardentes, se foram vistas pelas mentes que creem, se fizeram o bem para elas, que mal há? Onde o senhor vê o Capeta nessa história toda?

Por mim, se existe um ser assim, condenado a ser mal por toda a eternidade, ele não iria atuar sobre os verdadeiramente religiosos, mas antes optar pela via mais simples: tentar aqueles que já não creem, que não se dedicam, que nunca se arriscaram realmente a mergulhar neste Oceano de Amor que permeia todo o espaço e todos os tempos...

Me perdoe, eu tenho certeza que não é o seu caso, mas acaso nunca viu um *cristão* desses que bate no peito dentro da Igreja e diz: “Sou de Cristo!”, mas que começa a falar mal da sogra 5 minutos depois de terminar a oratória do pastor? De que adianta se achar um grande cristão ao chutar imagens de santos e orixás por aí, se ao chegar em casa chuta o seu cachorro e esbofeteia sua esposa? Será que Cristo falou numa espada para matar os infiéis, ou em oferecer a outra face para o agressor?

Os índios das Américas, coitados, também nunca tinham ouvido falar em Cristo. Os colonizadores europeus não deram muitas escolhas para eles: ou se convertiam, ou eram exterminados. Até mesmo muitos que disseram ter se convertido foram exterminados do mesmo jeito, pois não serviam para o trabalho escravo... E o que há de cristão nisso tudo?

Nas Cruzadas, o general francês perguntou ao representante do Papa como iriam identificar os cristãos dos não cristãos, na invasão de uma cidade onde cristãos, judeus e cátaros viviam em harmonia; ele apenas disse isto: “Matem todos, que Deus escolherá os seus”... Ao que lhe pergunto: e quais deles não eram “de Deus”?

Ainda hoje, no Centro-Oeste do Brasil, há tribos indígenas sendo evangelizadas. Evangelizar não é o problema, pois ao menos estão dando a oportunidade para que esses indígenas se tornem parte de alguma outra comunidade que não a sua, e não vivam isolados, como párias, em um país construído sobre a invasão e o extermínio de suas terras ancestrais... O problema, este sim, é proibi-los de pintar o corpo de vermelho. “Vermelho é a cor do Capeta!”, seus colegas dizem... Mas, e o que diabos os índios tem a ver com o Capeta? Na maioria das mitologias indígenas, sequer existe um ser representante do mal,

quanto mais um anjo caído... Eles nem sabem o que é um anjo! Se não podem se pintar de vermelho, vão se pintar de branco? Ou de verde? Ou lilás? Convenhamos, isso não faz o menor sentido.

Vamos tentar ser mais seguidores de El, e menos seguidores de Javé. Javé era um espírito ancestral, e precisava de barganhas e favores, e tinha ciúmes dos cultos de espíritos e deuses alheios, como foi o caso com Baal. Mas El não, El não tinha um oposto, pois o *tudo* não tem oposto – o *nada* não existe.

Dessa forma, se existe um Capeta, seria injustiça da parte de Deus que ele pudesse controlar a mente dos seres puros, corrompendo-os... Acho que faz mais lógica, além de estar mais de acordo com o que vemos na natureza e na psicologia humana, considerarmos que o mal existe na alma de cada um de nós, e que é somente lá, precisamente lá, que precisamos fazer uso desta espada de que Cristo falou...

Para cortar a trave que obstruí nosso próprio coração. Para que nossa luz de amor transborde, e englobe os irmãos a nossa volta. Para que evangelizemos realmente uma boa nova, uma notícia de uma nova era, de uma nova sociedade, uma nova espiritualidade, uma nova religião...

Assim, quem sabe, também poderemos ler, dentro de nossa alma, conectada a Alma do Mundo: “também eu sou da raça dos deuses, também eu trago o Pai dentro de mim, também eu farei tudo aquilo que o Cristo realizou, e talvez até mais”. E nem sequer precisaremos de um livro para guardar tal Verdade.

Cristo salva, afinal, todos aqueles que o encontram dentro de si mesmos... Mas “Cristo” também é apenas uma palavra. O que realmente salva é a fé, e não há fé mais profunda do que a fé no Amor. Pense nisso meu amigo, meu irmão. Pense, e reflita esta boa nova adiante!

REFLEXÕES SOBRE A EVANGELIZAÇÃO

04.02.2011 ~ 17.02.2011

Evangelizar: de “evangelista”; “eu-angelos” em grego koiné (dialeto popular da antiguidade), que significa “boas novas” ou “boas notícias”. Evangelizar significa, portanto, trazer as boas novas ao conhecimento dos homens.

As boas novas

Nem todos concordarão com a definição dada acima para o verbo “evangelizar”. Para um termo tão essencial ao cristianismo, surpreende que seja tão complexo defini-lo – mesmo entre os próprios cristãos.

Há muitos religiosos (não apenas cristãos) que creem piamente que sua principal função enquanto pertencentes a um grupo doutrinário ou igreja seja precisamente repercutir aos quatro cantos do mundo tudo o que sua respectiva doutrina dita. No caso particular de doutrinas que nos trazem mandamentos e preceitos morais, isso invariavelmente significa que, para tais religiosos, evangelizar significa não apenas trazer um consolo espiritual ou alguma boa notícia do reino de Deus, mas também ditar como as pessoas devem se portar em sociedade, normalmente afim de não caírem em “tentações e maus caminhos”, e alcançarem o Céu após a morte.

Eu costumo sempre lembrar que religião e igreja não são a mesma coisa. Religião (*religare*) é a religação a Deus ou ao Cosmos, uma experiência profundamente subjetiva que é percebida e praticada pelos homens desde a pré-história – particularmente através do xamanismo. Igreja (*ekklesia*) significa uma comunidade dos escolhidos de Deus – um grupo ou elite de pessoas que teoricamente possuem alguma espécie de “conhecimento oculto” capaz de fazer com que os homens possam se elevar ao Céu ou alcançar o reino de Deus.

A definição de religião pressupõe um Deus universal, um ser cósmico que pode inclusive ser confundido ou interpretado como o

próprio Cosmos em si, e para o qual cada um de nós se inclina a retornar, passo a passo, por seus próprios meios, seguindo um caminho pessoal, subjetivo, intransferível. Já a definição de igreja dá a entender que Deus está a eleger um grupo de escolhidos, destinados a alguma tarefa especial no mundo – e a todos os demais, aos que se afastaram de sua doutrina, geralmente não são esperadas boas notícias após a morte. No melhor dos casos, serão enviados a alguma espécie de “limbo” onde irão aguardar um julgamento que, teoricamente, pode ser “aliviado” pelas orações daqueles que estão no grupo de escolhidos, os eclesiásticos.

Dessa forma, embora todo membro de igreja seja religioso, nem todo religioso será um membro de igreja.

Mesmo os evangelhos, por exemplo, não foram somente aqueles quatro escolhidos pela “comissão” de Constantino para compor o *Novo Testamento*. Existiriam muitos outros, e, sobretudo, existiriam muitos seguidores destes outros textos, taxados de apócrifos (segundo alguns, “errado, falso, não autêntico”; segundo outros, “livro ou texto secreto, conhecimento oculto”). Estes que foram chamados por Constantino de gnósticos, e perseguidos e assassinados ou obrigados a se “converter” ao “cristianismo oficial”, na verdade sempre chamaram a si mesmos de cristãos, e praticavam sua religiosidade em pequenos grupos, em colinas, em cavernas, em qualquer lugar – pois compreendiam que o reino de Deus abrange todo e qualquer lugar, todo e qualquer tempo, e não necessitavam de apóstolos ou padres para lhes ensinar a direção.

Muitos evangelhos apócrifos foram escondidos em vasos e enterrados em cavernas na região onde viveu Jesus, pois do contrário teriam sido queimados como todos os outros condenados por Constantino. Mas ao longo dos séculos eles foram sendo desenterrados, na medida em que a igreja de Constantino vinha perdendo sua força e sua capacidade de ditar o que os homens deveriam ou não considerar como “autêntico”. Em Nag Hammadi foi achado um dos evangelhos mais profundos de que se tem notícia, o

Evangelho de Tomé – nele Jesus nos dá uma pista de onde se encontra, afinal, o Reino de Deus:

“Jesus disse: Se aqueles que vos guiam vos disserem: vê, o Reino está no céu, então os pássaros vos precederão. Se vos disserem: ele está no mar, então os peixes vos precederão. Mas o reino está dentro de vós e está fora de vós. Se vos reconhecerdes, então sereis reconhecidos e sabereis que sois filhos do Pai Vivo. Mas se vos não reconhecerdes, então estareis na pobreza, sereis a pobreza.” (versículo 3)

Sem dúvida tal definição do Reino é um tanto paradoxal. Ora, se ele já se encontra aqui e agora, dentre nós e a volta de tudo e de todos, como poderá algum padre, algum pastor, algum guru espiritual, algum evangelizador, nos apontar a direção certa?

Aparentemente, todas as direções são corretas. Porém, ao mesmo tempo, há que se ter olhos para vê-las. Não se trata, portanto, de buscar alguma espécie de grupo de escolhidos, alguma espécie de salvação do fim dos tempos, através do conhecimento de uma doutrina em específico, ou através deste ou daquele preceito moral... Não, jamais foi assim tão simples, jamais será tão fácil!

Gibran Khalil Gibran, o grande poeta do Líbano, dizia que “nenhum homem poderá revelar-vos nada senão o que já está meio adormecido na aurora do vosso entendimento.” – ora, é precisamente isso que nos ensinaram os grandes sábios de outrora, desde Lao Tsé a Sócrates; é precisamente isso que Jesus queria dizer com o “mas se vos não reconhecerdes, então estareis na pobreza, sereis a pobreza”.

Estamos num mundo repleto de boas novas por todos os lados, debaixo de pedras e dentre os galhos partidos, além das nuvens e próximo a beirada dos rios e oceanos, muito além das estrelas mais longínquas e ao mesmo tempo tão próximo como nosso pensamento mais querido. Não nos cabe decorar ou recitar orações ou fórmulas mágicas para adentrar ao reino das boas novas, que estas são apenas muletas para aqueles que ainda não conseguem se erguer por si

mesmos. Cabe-nos tão somente olhar para dentro, conhecer a nós mesmos, evangelizar ao nosso mais precioso inimigo.

E para aquele que conseguiu evangelizar a si próprio, aquele que alcançou tal nirvana da alma, não será sequer necessário buscar seguidores – eles mesmos o reconhecerão. Não será sequer necessário anunciar a boa nova, seu olhar já a trará como pérola misteriosa em oceano profundo. Não será sequer necessário fundar uma doutrina ou igreja, que esta já foi fundada desde o início dos tempos. A igreja é o próprio Reino, a igreja é o Cosmos.

Conversão religiosa é a adoção de uma nova identidade religiosa, ou uma mudança de uma identidade religiosa para outra. Isto envolve tipicamente o devotamento sincero a um novo sistema de crença, mas também pode ser concebido de outras maneiras, como a adoção em uma identidade de grupo ou linha espiritual.

Pequeno manual para a conversão do infiel

Todos os sistemas de crença ou doutrina religiosa se baseiam em espécies de guias, manuais passo a passo para uma vida de religiosidade mais profunda e verdadeira, em suma, uma religião mais eficiente e efetiva. Porém, me parece que podemos dividi-los em dois grandes grupos: aqueles em que o campo de aprendizado se dá única e exclusivamente por vontade e esforço próprios de cada um, sem a possibilidade de atalhos ou barganhas; e aqueles em que existe uma possibilidade de se avançar por meio de bênçãos e milagres, por barganhas diretas com Deus, em troca deste ou daquele benefício divino – um arrebatamento ao Céu, algum milagre ou salvação de última hora, ou simplesmente uma iluminação espiritual.

No segundo grupo se encontram a maior parte das igrejas ou sistemas eclesiásticos. Também se pode dizer que este tipo de religiosidade é muito mais comum no Ocidente do que no Oriente. Por exemplo, quando determinada doutrina afirma que “só seremos

salvos se aceitarmos Nosso Senhor Jesus Cristo em nosso coração”, ela opera por forma de barganha: aparentemente, o único caminho será esse, e o mérito da salvação não será exclusivamente nosso, mas muito mais uma forma de “retribuição divina” por nossa fidelidade. Ainda assim, aceitar o Senhor ainda é algo que tem mais lógica do que simplesmente doar quantias enormes de dinheiro a alguma igreja em troca da benção direta desse mesmo Senhor. Afinal, o que diabos Deus fará com seu dinheiro? Afinal, por que somente este ou aquele eclesiástico é responsável pela contabilidade divina?

No primeiro grupo, se encontram a maior parte dos religiosos que não necessariamente têm igreja. Também se pode dizer que este tipo de religiosidade é muito mais comum no Oriente. Tais fiéis são antes fiéis a Deus, e mesmo que tenham alguma igreja ou grupo de estudos, e um dia os venha a abandonar, não necessariamente abandonará a própria doutrina em si. Estes fazem de suas casas, seus corações, suas mentes, sua única e inabalável catedral – onde sempre poderão orar, onde confessam antes de tudo a si mesmos.

Por exemplo, os dois primeiros versos do Livro do Caminho Perfeito, a obra principal do taoísmo, dizem que “o caminho que pode ser seguido não é o Caminho Perfeito”. Superficialmente isto é um tanto paradoxal, é como se fosse apresentado um manual passo a passo para algum Céu em que, logo de início, já fosse afirmado que este manual não poderia ser seguido...

No entanto, o que Lao Tsé queria dizer é análogo ao que muitos grandes sábios sempre afirmaram: que o caminho espiritual é próprio de cada um. Ou seja, o discípulo jamais poderá seguir o mesmo caminho do mestre, ele poderá no máximo utilizar seu exemplo de vida como base para construir o seu próprio caminho. Pois assim como não existem seres idênticos na criação, da mesma forma não existem caminhos idênticos para a religião ao Cosmos.

A mim me parece que a abordagem do primeiro grupo tem muito a ensinar ao segundo. Em realidade, existe uma disparidade tão grande e evidente a nível de profundidade espiritual entre tais grupos, que há de se perguntar se o segundo não é, em sua maioria, um grande

agrupamento de visões equivocadas da religião mais aprofundada, universal, cósmica...

Há muitas igrejas, por exemplo, que foram edificadas inteiramente sobre textos sagrados aos quais se atribuí uma espécie de “ditado” direto de Deus. Não são como o Livro do Caminho Perfeito, uma mera tentativa de um sábio aconselhar aos outros sobre sua própria experiência de tentar compreender a Deus, mas antes a própria palavra de Nosso Senhor, verdadeiros Guias da Verdade Absoluta [17].

Se é que tais textos são mesmo o que os eclesiásticos pretendem que sejam, se é que não tenham sido enormemente adulterados com o passar do tempo, a evolução das sociedades, ou simplesmente por inúmeras traduções e compilações, ainda assim há que se pensar: se temos um nossa frente a Verdade codificada em palavras, em símbolos de escrita, será que isso nos bastará? Será que teremos plenas condições de interpretar corretamente tal Verdade? Acredito que a história das guerras religiosas nos traga uma boa resposta a essas perguntas – afinal, nenhuma guerra, nenhuma matança poderia, jamais, ser santa!

Obviamente que mesmo no Ocidente, que mesmo em tais igrejas com seus Guias Infalíveis, encontram-se os moderados, os da “ala mística”, ou que compreendem a religião, o *religare*, de forma mais aprofundada. Tenho certeza que esses jamais ergueriam uma espada, obrigando algum pobre coitado a se “converter” a sua doutrina...

Pois como poderia alguém, nalgum dia insano, converter outro alguém ao seu próprio pensamento, a sua própria doutrina, pela força? Pela sedução das palavras? Pelo terror anunciado de um lago de enxofre eterno aguardando todos aqueles que não se salvarem, que não aceitemem Nosso Senhor?

Ora, perguntem aos índios da América, perguntem aos negros da África, se eles nalgum dia se converteram ao Deus desses homens que os trataram como mercadoria, como escravos, como selvagens “sem alma”, mas nunca como irmãos, como seres na mesma caminhada para o Cosmos de onde todos foram catapultados na imensidão

infinita. Dizer, da boca para fora, “eu aceito Nosso Senhor”, não significa que tenham aceitado. A liberdade jaz na mente e, assim como o caminho espiritual, é exclusiva de cada um, graças a Deus.

William James, um dos fundadores da psicologia, em seu grandioso tratado *Variedades da experiência religiosa*, postula que a conversão religiosa verdadeira pode aparentemente ocorrer de uma hora para outra, do dia para noite, em algum *insight* momentâneo, mas que quase que certamente já vinha sendo edificada, lentamente, nos calabouços ocultos do inconsciente. Que nossa questão com Deus é universal, todos temos de seguir este caminho, ainda que alguns o sigam inconscientemente ou o chamem de estudo da natureza – o importante é que, a nossa maneira, estamos todos caminhando a frente, aprimorando nossas potencialidades.

Lao Tsé e outros sábios sempre souberam que jamais poderiam converter alguém – o máximo que poderiam fazer era dar o exemplo, falar sobre sua própria experiência espiritual, sobre os percalços e as consolações do caminho, e esperar pacientemente que cada um, por si só, a seu próprio momento, convertesse a si mesmo.

Que não existe manual para o caminho alheio, apenas para o nosso próprio. O único infiel que tem de ser convertido é aquele que se encontra em nossa própria alma. Somos o juiz e o escravo, o apóstolo e o seguidor, o mestre e o discípulo, de nossa própria causa. Temos de ser fiéis ao nosso próprio ser, ao nosso tanto de fagulha divina que, ainda assim, é e sempre foi a única maneira com que Deus falou conosco – como o vento que sempre nos envolveu, embora não saibamos ao certo por onde ele tem passado.

As bases filosóficas do agnosticismo foram assentadas no séc. XVIII por Kant e Hume. O termo, porém, foi cunhado pelo biólogo britânico Thomas Huxley em 1876 – ele definiu o agnóstico como aquele que acredita que a questão da existência de Deus não pode e talvez jamais possa ser resolvida.

O evangelho do agnóstico

“O Cosmos é tudo que existe, que existiu ou existirá” – Assim, com essa frase inesquecível, Carl Sagan inaugura o primeiro episódio da série de 13 documentários intitulada *Cosmos*, veiculados na TV americana em 1980, e depois no restante do mundo. Ao pretender explicar ciência e cosmologia para o público leigo, Sagan acabou criando um épico que abrange também muitas questões existenciais, história, mitologia, religião e espiritualidade em geral.

Em alguma costa rochosa, em alguma praia do globo, Sagan observa as ondas, os pássaros, o vento, e algum tempo depois nos traz outra pérola em sua narrativa: “Recentemente, aventuramo-nos um pouco pelo raso (do Cosmos), talvez com água a cobrir-nos o tornozelo, e essa água nos pareceu convidativa. Alguma parte de nosso ser nos diz que essa é a nossa origem. Desejamos muito retornar, e podemos fazê-lo, pois o Cosmos também está dentro de nós. Somos feitos de matéria estelar, somos uma forma do próprio Cosmos conhecer a si mesmo.”

Sagan era profundo conhecedor de religiões e mitologia, além de cientista e cético, mas não era nem ateu nem teísta ou deísta, era puramente agnóstico. Seu evangelho era constituído de uma obra de divulgação científica totalmente voltada para tal espanto, tal deslumbramento, tal amor pela natureza e todo o Cosmos a sua volta. Essa era a boa notícia de Carl...

Para muitos teístas, o fato de existirem pessoas que não creem em um Deus pessoal, ou que pelo menos não tem certeza de sua existência, parece causar um certo desconforto. Não é raro perceber, em qualquer pessoa ligada a doutrinas eclesiásticas, uma tendência a classificar ateus, agnósticos, céticos, e às vezes simplesmente todo e qualquer cientista, como “gente sem fé”, perdida, afastada de Deus, e até mesmo imoral.

Mas a verdade é que, a despeito do aparente consenso dos eclesiásticos, a moralidade, o amor, não são exclusividade daqueles que oram todos os dias a Deus, que frequentam missas, que consultam algum manual da Verdade Absoluta frequentemente. Para

o religioso superficial, isto que digo não levanta muitas questões – “Ora, mas é exatamente assim: uns são bons, outros maus, crer em Deus não faz de ninguém um santo”. Sim, isso faz sentido, mas a questão é mais profunda...

Se Deus existe – e para teístas e deístas ele certamente existe –, por que ele “permite” que algumas de suas criaturas vivam sem sequer crer nele?

Em outro produto da obra de Sagan, o livro de ficção *Contato*, que também deu origem a um excelente filme homônimo, é descrito um contato com inteligências extraterrestres de uma forma verossímil e científica. Existe também um conflito entre as crenças de cientistas e religiosos – em dado momento, a protagonista do primeiro contato (no livro são vários contatos ao longo das décadas, no filme há apenas um), uma cientista agnóstica, nos traz uma importante indagação:

“Se Deus quisesse nos mandar uma mensagem e escrituras antigas fossem a única forma que pudesse imaginar, ele poderia ter feito um trabalho melhor. E ele dificilmente teria que se confinar a escrituras. Por que não há um monstruoso crucifixo orbitando a Terra? Por que a superfície da Lua não é coberta com os Dez Mandamentos? Por que Deus deveria ser tão claro na Bíblia e tão obscuro no mundo?”

Ao contrário do que muitos eclesiásticos possam imaginar, esta mensagem não denota um pensamento que diminua de alguma forma a importância da Bíblia, mas antes um pensamento que aumenta enormemente a amplitude do que há de sagrado no mundo – *o Reino é todo o Cosmos*. E não poderia ser de outra forma...

Podemos encontrar neste mundo ateus, agnósticos, teístas e deístas, sim isso tudo é verdade. Mas será muito difícil encontrar algum ser que negue a existência de um sistema que rege todo o universo. Seja a crença nas leis fundamentais da natureza, seja a crença nos desígnios divinos, seja um misto de ambos, todos creem em algum sistema, cuja função pode ainda ser um mistério – mas que há de ser buscado, há de ser resolvido passo a passo, por todos nós, juntos!

Sim, nós realmente somos a forma do Cosmos conhecer a si mesmo. E pouco importa, na prática, se tal Cosmos é um ser pessoal, uma força cósmica ou até mesmo um acaso miraculoso – pois no fim, conforme postularam Kant e Hume, não compreendemos ainda muito bem nenhum deles, não podemos ainda resolver tal questão. Será que poderemos um dia?

Para resolvê-la, talvez não bastem apenas orações e experiências místicas, apenas meditação e autoconhecimento, mas também o estudo metódico, prático, objetivo, material, profundamente mundano, da natureza a nossa volta. Há muitos gigantes da história da ciência que, buscando talvez um deus barbudo senhor dos exércitos, acabou esbarrando em verdades muito mais profundas. Talvez buscando um reino confinado a um pequeno pedaço de rocha na periferia da uma de bilhões de galáxias, acabou esbarrando no infinito.

E, se mesmo hoje existem seres que buscam aos mistérios de Deus sem sequer crer nele, que se aventuram pelas entranhas dos átomos e quarks, pelo reino bizarro da mecânica quântica, pelos códigos ocultos do DNA, pelos quasares e sóis distantes, pelas singularidades de seções inimagináveis do espaço-tempo, deixem que busquem, pois de uma coisa teremos sempre a certeza: é impossível estar “fora” de Deus.

Talvez o trabalho deles seja tão importante para o mundo quanto os mandamentos dos evangelhos. O importante é encarar as boas novas não como enigmas solucionados, mas como o início de um caminho, subjetivo e objetivo, interior e exterior, que preenche toda nossa existência.

Amai sim, o próximo, e toda a vida, como a ti mesmo. Mas amai a coletividade da vida, amai os átomos que nos conectam a tudo e a todos em uma teia sem fim, amai ao Cosmos acima de todas as coisas.

LEVÍTICO: PEDRAS NÃO FALTARÃO

26.08.2011

Em agosto de 2011, na véspera da Parada do Orgulho Gay de Ribeirão Preto, a Justiça mandou retirar da rua um outdoor considerado homofóbico. O outdoor foi feito pela Casa de Oração de Ribeirão Preto e continha citações bíblicas, entre elas uma do livro de Levítico: “se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável...”.

Em sua decisão, o juiz que julgou o caso afirmou que “a Constituição Federal protege a conduta do réu de expor suas opiniões pessoais, mas, ao mesmo tempo, também protege a intimidade, honra e imagem das pessoas quando violadas”. Um dia antes da realização da parada gay em Ribeirão Preto, o outdoor foi retirado.

Nos diversos portais de notícias onde essa informação foi divulgada, podemos observar a habitual animosidade entre os defensores dos homossexuais, e os pretensos “defensores da liberdade de expressão”. Esses últimos costumam afirmar algo mais ou menos assim – o que pode se estender não somente para este caso, como para inúmeros outros:

Da mesma maneira que o homossexual tem o direito de viver sua vida como lhe apraz e os simpatizantes dessa conduta demonstrarem sua simpatia, também aqueles que não apoiam esse comportamento devem ter direito a voz e opinião, é simples assim, um peso e uma medida para todos. Parada gay pode, mensagem bíblica em outdoor não pode?

Costumam simpatizar com esse ponto de vista todos aqueles que pensam que “está na moda ser gay”, ou que “defender os gays agora é o politicamente correto”; ou ainda que “precisamos agora é de uma Parada do Orgulho Hetero!”. Se você por acaso também pensa assim, me desculpe, mas acho que precisará rever um pouco os seus conceitos...

Abra a Bíblia, e leia

O Levítico é o terceiro livro do *Antigo Testamento*, cujo autor supostamente é Moisés, inspirado diretamente por Javé (Deus). Basicamente é um livro teocrático, isto é, seu caráter é legislativo; possui ainda o ritual dos sacrifícios, as normas que diferenciam o puro do impuro, a lei da santidade e o calendário litúrgico entre outras normas e legislações que regulariam a religião. Obviamente, se trata de uma legislação compatível com um povo parcialmente nômade que sobrevivia nos desertos do Oriente Médio há mais de 2 mil anos atrás.

Se reparar bem, a mensagem do outdoor de Ribeirão Preto está incompleta, o versículo completo se lê assim: “Quando também um homem se deitar com outro homem, como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue será sobre eles” (Le 20:13).

Como podem ver, no deserto não havia prisões e, infelizmente, o Deus de Moisés determinava que essas e outras “faltas” fossem punidas com a morte – não se sabe ao certo se pela mão dos homens, ou do próprio Deus.

Ocorre que, esta não é a única “falta” passível de tal punição. Existem muitas, muitas outras...

Algumas “faltas”, segundo o Levítico

- Tatuagens, nem pensar... “Pelos mortos não dareis golpes na vossa carne; nem fareis marca alguma sobre vós” (Le 19:28).

- É preciso muito cuidado com a forma que cortamos o cabelo... “Não cortareis o cabelo, arredondando os cantos da vossa cabeça, nem danificareis as extremidades da tua barba” (Le 19:27).

- A cada menstruação, passados 8 dias será necessário sacrificar dois pombos para a purificação da mulher... “Quando, pois, o que tem o fluxo, estiver limpo do seu fluxo, contar-se-ão sete dias para a sua purificação [...] E ao oitavo dia tomará duas rolas ou dois pombinhos, e virá perante o SENHOR, à porta da tenda da congregação e os dará ao sacerdote” (Le 15:13-14).

- Comer carne de porco? Deus me livre... “Também o porco, porque tem unhas fendidas, e a fenda das unhas se divide em duas, mas não ruma; este vos será imundo” (*Le 11:7*).

- Muito cuidado antes de consultar um “feiticeiro” [18]... “Quando alguém se virar para os necromantes e feiticeiros, para se prostituir com eles, eu porei a minha face contra ele, e o extirparei do meio do seu povo” (*Le 20:6*).

- Mulher casada? Sai fora... “Também o homem que adulterar com a mulher de outro, havendo adulterado com a mulher do seu próximo, certamente morrerá o adúltero e a adúltera” (*Le 20:10*).

- Se por acaso acha sua sogra bonitinha, tire imediatamente este pensamento da cabeça... “E, quando um homem tomar uma mulher e a sua mãe, maldade é; a ele e a elas queimarão com fogo, para que não haja maldade no meio de vós” (*Le 20:14*).

Bem, acho que já deu para ter uma ideia do “problema” não? Repare, inclusive, que as 3 últimas “faltas” da lista acima foram retiradas praticamente da mesma página onde se encontra o versículo do outdoor.

Você pode dizer que eu estou apenas citando versículos fora de contexto, que não tenho “a exegese necessária para a interpretação da Bíblia”, mas então eu lhe pergunto: e por acaso os versículos do outdoor não estavam mais fora de contexto ainda?

Pois, me parece que numa interpretação mais aprofundada, não seriam somente os homossexuais que mereceriam a morte, mas no mínimo também os adúlteros, os que se consultam com “feiticeiros” e, quem sabe, até mesmo aqueles que comem carne de porco na churrasqueira...

Atire a primeira pedra...

No entanto, estranho de se pensar, no mesmo Levítico encontramos ensinamentos do tipo: “Não oprimir os estrangeiros” (*Le 19:33*); “Não amaldiçoar os deficientes” (*Le 19:14*); “Não se vingar” e “Amar o próximo como a si mesmo” (*Le 19:18*).

Não quero aqui discutir se Moisés conseguiu ou não receber as leis de Javé na forma correta, ou ainda se era o próprio Javé quem parecia ter algum problema em elaborar leis que fizessem algum sentido, mas, antes, lembrar do doce Rabi da Galiléia, que nos disse:

Atire a primeira pedra quem não houver pecado.

Será mesmo que o temos escutado? Será mesmo que temos sido cristãos, ou ainda estamos perambulando pelas tribos de Israel, ainda mais no “olho por olho, e dente por dente”, do que no “ama ao próximo de todo o teu coração”?

Errar o alvo

Podemos interpretar as “faltas” mencionadas acima como pecados, sem dúvida.

A origem etimológica da palavra “pecado” remete a um conceito até mesmo bastante simples: errar o alvo. Errar o alvo! Sim, como quem gostaria muito de estar agindo acertadamente mas, seja por ignorância do bem, ou do que quer que seja “o certo”, ainda tem errado o alvo...

Agora, eu te pergunto: quem será que tem errado o alvo por uma distância maior? Aqueles que se dizem cristãos, mas que se aventuram em cruzadas e guerras santas, esquartejando infiéis e fendendo grávidas, ou os pacíficos que se consultam com “feiticeiros”? Aqueles que se dizem cristãos, mas traem as esposas, e às vezes até humilham e batem nas esposas, ou os pacíficos que, embora em relações homossexuais, procuram adotar crianças necessitadas? Aqueles que se dizem cristãos, mas julgam “pecadores e condenados a queimar eternamente num lago de enxofre” todos aqueles que cometem às menores faltas, embora não vejam as inúmeras traves a obstruir a própria visão, ou os pacíficos que valorizam a liberdade acima de tudo, e deixam que cada um leve sua própria vida da forma que achar melhor?

Antes de atirar a primeira pedra, cerifique-se de que você mesmo não esteja a errar o alvo – ainda mais do que aqueles a quem as pedras estão endereçadas... Pode ser que mude de ideia, e opte por deixar a pedra cair ao chão, inofensiva.

Se, no entanto, não mudar, que Deus tenha piedade de nós, pois pedras não faltarão, e nem alvos.

Você não precisa viver pensando nas “faltas alheias”

Sobretudo, ao encontrar com um homossexual, lembre-se que ele não passa metade da vida fazendo sexo... Mas, ainda que fosse o caso, isso não o impediria de lidar com ele de forma civilizada (supondo, é claro, que ele também seja civilizado): você não precisa apertar a mão de um homossexual imaginando onde ele a tem colocado; você não precisa sentar ao lado de um homossexual imaginando onde ele tem sentado; você não precisa abraçar um homossexual imaginando quaisquer espécies de práticas sexuais “heterodoxas”, pois um abraço é um ato amoroso, e não sexual; e, sobretudo, você não precisa passear na rua próxima a uma Parada Gay – haverá inúmeras outras oportunidades no ano para tal.

Os estrangeiros

Voltando ao Levítico: “não oprima os estrangeiros”. Sejam os estrangeiros de sua terra, sejam os estrangeiros de sua cultura, sejam os estrangeiros de sua raça, sejam os estrangeiros de sua crença, sejam os estrangeiros de sua opção sexual.

Se Javé é mesmo o Senhor, ele é o Senhor de todos nós.

Eu sou heterossexual, casado há mais de uma década... Não me preocupo nem um pouco com o que homossexuais fazem ou deixam de fazer em suas camas, mas me preocupo com as pessoas que os acham “abomináveis”, verdadeiros estrangeiros de si próprias, quase como se fossem demônios ou seres a parte... Como deve ser complicado viver cruzando com demônios imaginários em todos os cantos!

Obs.: Há um consenso atual, mesmo entre os defensores dos direitos homossexuais, de que a Parada Gay se tornou uma espécie de “micareta de carnaval” no Brasil (e provavelmente em boa parte do Ocidente), que retrata os homossexuais como “fanáticos sexuais em busca de sexo fácil e *go-go-boys*”, e não exatamente como a maioria deles realmente é: casais como quaisquer outros, que as vezes até criam crianças adotadas, e a noite vão a restaurantes e não a casas de swing. Porém, ainda assim na Parada Gay não há violência, e qualquer manifestação popular onde não haja violência ou depredação do patrimônio público deve ser respeitada em um estado democrático. Ou, em outras palavras, as mesmas críticas que cabem a promiscuidade em uma Parada Gay, cabem igualmente a promiscuidade dos bailes de Carnaval e afins (onde a maioria é heterossexual).

ANIMAIS, ESPÍRITOS E DEUSES

21.09.2010

Nosso Lar é o segundo filme que trata da obra de Chico Xavier a alcançar grande sucesso comercial em 2010. É sempre interessante ver mais uma leva de reações variadas em menos de um ano: há aqueles que tratam Chico como um santo e fazem das salas de cinema um destino de romarias; há aqueles – que se julgam céticos – que ficam de cabelo em pé com o seu sucesso e elaboram as mais criativas teorias de charlatanismo, ainda que adorem ignorar que ele doou todo o direito autoral pela vendagem de suas obras para a caridade [19]; há aqueles – os mais divertidos, admito – que afirmam que espiritismo é proibido pela Bíblia (embora seja um termo criado há menos de 2 séculos) e que Chico e Kardec fazem parte de uma conspiração “maçônica” liderada pelo próprio Capeta (ou algo assim)... E claro, há também os parcimoniosos: espíritas e

espiritualistas que o admiram, mas não o tomam como santo ou infalível; céticos reais que consideram as hipóteses de autoengano, criptomnésia [20] ou até mesmo algum tipo estranho de esquizofrenia...

Pois é, eu não vou aqui entrar nessa discussão, até mesmo porque o que não falta na web hoje em dia são sites e blogs a estender as premissas do último parágrafo em debates intermináveis – onde 99% das pessoas já entram com a opinião solidificada, em todo caso... Não, eu vou retornar a um assunto que já havia abordado num outro artigo sobre *Nosso Lar*: a possibilidade dos textos de Chico conterem algumas intrigantes antecipações do futuro (digo, no plano físico). Não estou falando de algo dúbio como a possibilidade da arquitetura de Nosso Lar ter inspirado a Brasília, mas de algo um tanto mais profundo.

Uma das continuações de *Nosso Lar*, o livro *Missionários da Luz*, foi publicado em 1945. É um relato de experiências pessoais vividas por André Luiz (espírito que Chico afirma ter ditado ambos os livros) no plano espiritual, em sua grande maioria acompanhado por Alexandre, seu “instrutor”. Para ir diretamente ao ponto, vou trazer a vocês dois trechos deste livro:

“A fim de esclarecer André Luiz quanto às causas profundas da existência da vampirização [21], Alexandre esclarece:

– Porque tamanha estranheza? – perguntou o cuidadoso orientador – e nós outros, quando nas esferas da carne? Nossas mesas não se mantinham à custa das vísceras dos touros e das aves? A pretexto de buscar recursos proteicos, exterminávamos frangos e carneiros, leitões e cabritos incontáveis. Sugávamos os tecidos musculares, roíamos aos ossos. Não contentes em matar os pobres seres que nos pediam roteiros de progresso e valores educativos, para melhor atenderem a Obra do Pai, dilatávamos os requintes de exploração milenária e infligíamos a muitos deles determinadas moléstias para que nos servissem ao paladar, com a máxima eficiência.

O suíno comum era localizado por nós, em regime de ceva, e o pobre animal, muita vez à custa de resíduos, devia criar para nosso uso certas reservas de gordura, até que se prostrasse, de todo, ao peso de banhas doentias e abundantes. Colocávamos gansos nas engordadeiras para que hipertrofiassem o fígado, de modo a obtermos pastas substanciosas destinadas a quitutes que ficaram famosos, despreocupados das faltas cometidas com a suposta vantagem de enriquecer os valores culinários. Em nada nos doía o quadro comovente das vacas-mães, em direção ao matadouro para que nossas panelas transpirassem agradavelmente.

Encarecíamos, com toda a responsabilidade da ciência, a necessidade de proteínas e gorduras diversas, mas esquecíamos de que nossa inteligência, tão fértil na descoberta de comodidade e conforto, teria recursos de encontrar novos elementos e meios de incentivar os suprimentos proteicos ao organismo, sem recorrer às indústrias da morte. Esquecíamos-nos de que o aumento dos laticínios para enriquecimento da alimentação, constitui elevada tarefa, porque tempos virão, para a humanidade terrestre, em que o estábulo, como o lar, será também sagrado.” (*Missionários da Luz*, 23. ed., p. 41)

Apesar da linguagem excessivamente formal e de termos que afugentam certos céticos antes que possam completar a leitura, há que se analisar este trecho (apenas um de tantos outros) de forma mais profunda... Quão simples é bater no peito e afirmar que somos espíritas, que estamos evoluindo “a passos largos” etc., quão difícil é encarar a nós mesmos no espelho e perceber como ainda estamos tão adormecidos, tão anestesiados para uma vida verdadeiramente espiritual.

O movimento moderno de direitos animais pode ser traçado no início da década de 70. Um grupo de filósofos da Universidade de Oxford começou questionar porque o status moral dos animais não-humanos era necessariamente inferior à dos seres humanos... O resto da história muitos devem conhecer, mas será que alguém realmente se preocupava com direitos animais em 1945? Decerto eram muito

poucos, decerto não era algo que aparecia na mídia e tampouco era assunto de debate político.

Não tenho a pretensão de levantar mais questões além das que já foram levantadas neste trecho de *Missionários da Luz*. Leiam e releiam com calma, e encontrarão ali muitas sementes que só vieram a florescer em nosso mundo, na chamada “humanidade terrestre”, muitos anos depois. E também, é claro, muitas sementes que até hoje anseiam por florescer... Ao invés disso, e também para demonstrar que grandes almas sempre estiveram conectadas a tais assuntos essenciais da sacralidade da existência e de toda a vida no planeta, trago a vocês um outro trecho, deste vez de Leon Tolstói em *The First Step* (*O Primeiro Passo*):

“O carneiro vivo estava ali deitado, tão silencioso quanto o morto e inflado, a não ser por sacudir nervosamente o rabo curto e os lados a se alçarem com mais rapidez que de costume. O soldado baixou gentilmente, sem esforço, a cabeça levantada; o açougueiro, sem parar de conversar, agarrou com a mão esquerda a cabeça do carneiro e cortou-lhe a garganta. O animal tremeu, e o rabinho endureceu e parou de abanar. O camarada, enquanto esperava o sangue correr, começou a reacender o seu cigarro, que se apagara. O sangue corria, e o carneiro começou a agonizar. A conversa continuou sem a mínima interrupção. Era horivelmente revoltante.”

Sim, há muitos que vivem sem enxergar quase nada a sua frente... Tratam seres como se fossem coisas, e muitas vezes tratam as coisas como se fossem deuses. E vivem como numa batalha feroz pela sobrevivência, e morrem sem quase ter realmente vivido.

O problema não é consumir a carne. O problema é achar que os animais são meros produtos de uma enorme fábrica, e que o fato de termos condições de submetê-los ao nosso domínio nos exime da responsabilidade de nós mesmos sermos para eles como deuses incentivadores, e não demônios exterminadores.

A ESTRELA AO CENTRO

18.12.2014

Um grupo de pássaros desejava encontrar o seu rei; então pediram a um pequeno pássaro sábio de longa crista que lhes ajudasse em sua busca. Ele lhes disse que o rei que estão procurando se chama Simurgh e que vive escondido na montanha de Qaf. A jornada até a sua casa, porém, é uma aventura muito difícil e perigosa.

Mesmo assim, muitas centenas de pássaros aceitaram a tarefa, e iniciaram um longo voo através dos sete grandes vales que os separavam de seu destino: o vale da busca, seguido do vale amor, do vale da compreensão, do vale do desapego, do vale da unicidade, do vale do espanto e da perplexidade e, finalmente, do último deles, o vale do aniquilamento e da morte... Muitos foram se perdendo pelo caminho, de modo que somente 30 bravos pássaros conseguiram chegar em Qaf.

Este é um brevíssimo resumo de um dos textos clássicos do sufismo, de Attar de Nishapur, intitulado *A linguagem dos pássaros* (ou *A conferência dos pássaros*). Attar (o “perfumador”) viveu aproximadamente entre o fim do século XI e o início do XII, e foi um dos diversos grandiosos poetas que ajudaram a estabelecer as bases do sufismo, que nada mais é do que a vertente mística do Islã.

Embora todas as grandes religiões tenham o seu ramo místico, até hoje o termo “misticismo” é muito pouco compreendido, e usualmente associado ao termo “mistificação”, que é praticamente o seu oposto. Os místicos, de fato, são exatamente aqueles religiosos verdadeiros, buscadores da essência das coisas, e não de sua casca. Os místicos trabalham exatamente para desmistificar, descascar tais frutos sagrados, que nunca foram nem jamais serão descritos por palavras. As palavras, ora essa, são exatamente as cascas que sobraram...

No entanto, não foi através do perfume de Attar que fui atraído aos sufis, e sim pela poesia de um de seus admiradores, Jalal ud-Din Rumi, teólogo e poeta sufi que viveu na região da Anatólia (atual

Turquia) no século XIII. Por mais estranho que possa parecer, este místico persa é atualmente um dos poetas mais lidos nos EUA e em muitos países de língua inglesa, e isso se deve menos a qualidade de seus tradutores (principalmente Coleman Barks) do que a qualidade inefável e atemporal de seus poemas:

Vem, vem, seja você quem for, não importa se você é um infiel, um idólatra, ou um adorador do fogo; vem, nossa irmandade não é um lugar de desespero; vem, mesmo tendo violado seu juramento cem vezes, vem assim mesmo.

Vem, lhe direi em segredo aonde leva esta dança. Vê como as partículas do ar e os grãos de areia do deserto giram desorientados. Cada átomo, feliz ou miserável, gira apaixonado em torno do sol.

Ninguém fala para si mesmo em voz alta. Já que todos somos um, falemos deste outro modo: os pés e as mãos conhecem o desejo da alma. Fechemos então a boca e conversemos através da alma. Só a alma conhece o destino de tudo, passo a passo.

Vem, se lhe interessa, posso mostrar...

Fui fisgado imediatamente pelo sentimento que tais cascas fizeram brotar em meu coração. Rumi sabia exatamente o que estava fazendo, ainda que inconscientemente, pois a maior parte de sua obra foi ditada enquanto ele mesmo dançava, rodopiando ao redor de algum ponto imaginário, enquanto seus seguidores se apressavam em anotar cada sílaba, cada palavra, e não perder nem uma gota daquele mel divino que escorria, sabe-se lá de onde.

Nem sempre havia sido assim. Antes de se tornar um poeta enlouquecido de amor, Rumi fora um grande teólogo ortodoxo do Islã, profundamente venerado por seu conhecimento das escrituras sagradas. Mas sua ortodoxia foi dissolvida no dia em que encontrou o sol de sua vida: Shams de Tabriz, um místico andarilho que instigou Jalal ud-Din a deixar as cascas de lado, e se concentrar na essência das coisas.

Tão intensa foi a amizade entre Rumi e Shams que o seu próprio filho, um de seus seguidores mais devotos, um dia escreveu desesperado:

Noite e dia, em êxtase ele dançava, na terra girava como giram os céus. Rumo às estrelas lançava seus gritos e não havia quem não os escutasse. Aos músicos provia ouro e prata, e tudo o mais de seu entregava. Nem por um instante ficava sem música e sem transe, nem por um momento descansava.

Houve protestos, no mundo inteiro ressoava o tumulto. A todos surpreendia que o grande sacerdote do Islã, tornado senhor dos dois universos, vivesse agora delirando como um louco, dentro e fora de casa. Por sua causa, da religião e da fé o povo se afastara; e ele, enlouquecido de amor. Os que antes recitavam a palavra de Deus agora cantavam versos e partiam com os músicos.

Na verdade o ápice do “delírio” de Rumi veio mesmo quando foi obrigado a se afastar de seu amigo. A história não foi tão bonita: Shams muito provavelmente foi assassinado pelos próprios seguidores de Rumi [22], enciumados de sua atenção quase que exclusiva ao seu amigo e amado, e aturdidos com o seu crescente afastamento da ortodoxia de outrora.

Não deu certo: após ser privado de sua grande amizade, Rumi se dissolveu completamente no amor, e passou o resto de seus dias dançando, rodopiando e recitando palavras divinas. Em tudo o que “escreveu”, assinou não com seu próprio nome, mas com o nome daqueles que amava, fosse Shams, fosse alguns dos seus discípulos, fosse o açougueiro da cidade...

Além das ideias de certo e errado, há um campo. Eu lhe encontrarei lá.

Quando a alma se deita naquela grama, o mundo está preenchido demais para que falemos dele. Ideias, linguagem, e mesmo a frase “cada um” não fazem mais nenhum sentido.

Você já sofreu em excesso por sua ignorância, já carregou seus trapos para um lado e para outro, agora fica aqui...

Na verdade, somos uma só alma, você e eu. Nos mostramos e nos escondemos você em mim, eu em você...

Eis aqui o sentido profundo da minha relação contigo: é que não existe, entre você e eu, nem eu, nem você.

Rumi assinava seus poemas com nomes alheios pois havia finalmente chegado, como os 30 pássaros de Attar, ao final da jornada do ser, a casa do rei, na montanha de Qaf:

Ao entrar, os pássaros olharam tudo assustados. Não conseguiam entender o que se passava, pois no lugar de ver a Simurgh, o rei, tudo o que eles conseguiram ver foi... 30 pássaros refletidos num grande salão cheio de espelhos, e vazio!

Finalmente compreendem que, contemplando a si mesmos, têm encontrado ao rei, e que em sua busca do rei, têm encontrado a si mesmos. Os que atravessam os sete vales se purificam, e os que conseguem chegar ao palácio real, encontram ao rei que se revela em seus corações.

Esta é a essência do sufismo, a essência do misticismo, e que não pode ser totalmente apreendida por palavras, por fábulas, nem sequer por poemas. Talvez tenha sido a dança, o sama, o grande tesouro que Rumi tenha deixado para nós, através da ordem Mevlevi, mesmo que hoje ela seja cada vez mais uma dança artística do que propriamente religiosa...

Fato é que isso tudo não importa, o que importa é a estrela ao centro, o ponto imaginário em torno do qual dançam os sufis, num ritmo eterno. E seja “Allah”, “Deus” ou “Alma do Mundo” o seu nome, tampouco importa, é somente um nome. O que importa é a experiência, o que importa é o próximo passo desta dança.

E ela não termina nunca!

COMO PERDOAR UM ADULTÉRIO

16.11.2015

Há uma belíssima história do *Novo Testamento* que fala sobre a manhã em que Jesus foi apresentado a uma mulher que havia supostamente traído o seu marido. Quem a trouxe foram os judeus escribas e fariseus, isto é, que estudavam e aplicavam as leis da época. Segundo a legislação, ela deveria ser apedrejada até a morte.

No entanto, o texto diz, em *João* 8:6, que os fariseus o tentavam a dar o seu próprio julgamento, a fim de que o pudessem acusar... Ora, se Jesus concordasse com as leis judaicas, estaria contrariando as leis romanas, que não consentiam com punição tão severa. Se, no entanto, defendesse uma punição mais branda, estaria contrariando, supostamente, as leis estabelecidas por Moisés.

A reação do Rabi da Galileia foi, como sabemos, de uma sabedoria profunda. Após se inclinar sobre a terra e escrever algumas palavras com o dedo, sem dúvida deixando todos em sua volta confusos, mas também fazendo com que tivessem tempo de refletir, ele simplesmente respondeu:

Aquele entre vocês que esteja sem pecado, que atire a primeira pedra.

A análise literal deste trecho já é bela por si só, mas será possível alcançar uma compreensão mais profunda desta história?

Surpreendentemente, eu fui encontrar esta interpretação aprofundada não no cristianismo, mas no sufismo, a vertente mística do Islã, e que considera Jesus um de seus profetas. Foi da boca de um mestre sufi que eu conheci esta história:

Na doutrina sufi, há sete níveis de consciência, como que gradações que marcam o caminho da animalidade até a união mística com Deus. Quatro desses níveis são tão avançados que pertencem basicamente aqueles que já estão em seu caminho de

iluminação espiritual. Os três demais, no entanto, são comuns no mundo todo, e são exatamente estes que são retratados na história de Jesus e da mulher adúltera.

“Mas, espera aí, quer dizer que essa história é só uma metáfora, que nunca ocorreu de verdade?” – você pode perguntar, e a realidade é que, para muitos sufis, assim como para muitos místicos, não faz tanta diferença se a história “ocorreu de verdade”, há cerca de dois mil anos, exatamente como descrita nos textos sagrados; o que mais importa, no final das contas, é o que esta história, assim como tantas outras narrativas esotéricas, podem nos ensinar hoje, neste momento, nesta vida. Em outras palavras, os místicos não querem provar nada a ninguém, exceto a eles mesmos...

Voltando a explicação sufi, os três níveis de consciência, ou três “eus”, que são retratados neste trecho de João são:

Nafs ammara (o eu animal, ou que induz ao mal)

Esta é a condição básica de todo ser humano ainda desconectado de sua própria essência e, dessa forma, da essência divina da própria realidade. Sem condições de controlar sua própria animalidade, é “arrastado” por ela para aqui e acolá, de modo que a satisfação dos desejos do ego se torna o principal objetivo da sua existência.

Porém, como o ego jamais pode realmente ser satisfeito, neste nível de consciência os seres passam por grandes conflitos e angústias, e raramente conhecem reais momentos de paz.

Na história bíblica, este “eu” é representado pela mulher adúltera, que “vive no pecado”. No entanto, como veremos em seguida, é exatamente este nosso aspecto mais obscuro o que tem o maior potencial de elevação, de reforma, de depuração, de melhora.

Vale lembrar, é claro, que todos os personagens da história se referem a aspectos de nós mesmos, o que significa que nós somos ao mesmo tempo tanto a mulher adúltera quanto os demais “eus” presentes na narrativa.

Nafs lawwama (o eu acusador)

Neste nível, a consciência alcança um entendimento intuitivo profundo do que é “certo” e “errado”. Porém, é preciso destacar que esta noção vai além da mera legislação humana, e se encontra arraigada no próprio coração de cada ser.

Há uma passagem belíssima da poesia de Jalal ud-Din Rumi, um grandioso poeta sufi, que diz assim:

Além das ideias de certo e errado existe um campo, eu lhe encontrarei lá.

Quem nos encontrará lá é o Amado, isto é, Deus, ou o alvo final de toda esta milenar caminhada espiritual. Não é da noite para o dia, obviamente, que conseguiremos nos elevar “além das ideias de certo e errado”, e viver no bem naturalmente, sem que precisemos de leis para nos colocar nos trilhos...

Até lá, corremos o risco de nos tornarmos acusadores tenazes, a focar nosso julgamento inteiramente nos outros, e não em nós mesmos. É daí que nasce o fanatismo religioso, que absolutamente nada tem a ver com o misticismo ou com a verdadeira religião; enfim, que afasta, e jamais aproxima do Amado.

Dito isso, é fácil identificar como os fariseus representam este estado de consciência. Estão inteiramente dentro da lei, é verdade, mas ainda não conseguem ir além dela. Ainda não conseguiram chegar ao real conceito de perdão, e por isso acusam os demais, pois são incapazes de perdoar a si mesmos.

Assim, todos nós que carregamos todas essas culpas nos sótãos da consciência somos também como os fariseus, incapazes de perdoar nossos pensamentos adúlteros.

Nafs mulhima (o eu inspirado)

Aqui a consciência finalmente abre sua janela para a luz eterna que banha a tudo o que há desde o início dos tempos. E, ainda que a fresta aberta ainda seja tão pequena, e ainda que os ventos volta e

meia façam a janela voltar a se fechar, fato é que a visão de tal luz é inesquecível, e não há caminhante que não se lembre deste momento, para sempre.

A resposta de Jesus, “atire a primeira pedra quem estiver sem pecado”, é ao mesmo tempo um exemplo da inspiração que chega de algum outro mundo, uma ideia genuinamente nova, e um testemunho de que o caminho de ascensão da consciência é árduo e muito, muito longo...

Nós, que trafegamos ao mesmo tempo por esses três níveis de consciência, certamente temos de levar em consideração que por muito tempo ainda viveremos no pecado. Mas isso não deveria ser motivo para cairmos no pessimismo ou na falta de ânimo.

Pois se foi o próprio Rabi quem disse que dia virá que faremos tudo o que ele mesmo fez, e ainda muito mais, isto significa que nós também poderemos um dia chegar aonde ele chegou, e assim, olhar para nossa pobre mulher adúltera e lhe dizer, conectados a luz que cintila em tudo que existe:

Ninguém lhe condenou, e eu também não lhe condeno. Vá, e não peques mais.

É assim que nos perdoamos, que domesticamos nossa animalidade, e que nos tornamos aptos a um dia, finalmente, encontrarmos aquele tal campo onde veremos o Amado, face a face.

OS FOGOS DE COPACABANA

01.01.2016

Já vi muitos fogos em Copacabana, belos, iluminados e multicolores a cortar a primeira noite do ano novo, mas o que me lembro é sobretudo a experiência visual, a água batendo em meus tornozelos, a areia úmida e os amores no entorno. Já não me lembro mais quais anos foram aqueles...

Em todo caso, um ano e um calendário são ficções do Ocidente, e dizem que nem se tratam das mais precisas. Não tenho dúvidas de que o mar jamais parou para contar por quanto tempo desaguou suas ondas nas rochas, até que virassem praias. E, se fosse o caso, o nosso calendário não passaria de um piscar de olhos deste outro tempo de mar, rochas e grãos de areia.

Pegue os beijos de amor, os abraços de amizade, as danças a noite, os pés descalços traçando mandalas passageiras, as orações ao horizonte, às brisas vindas sabe-se de onde, os milhões em procissão, vindos de todos os cantos deste planetinha, e onde haverá tempo para registrar há quantos anos Cristo subiu em sua cruz?

No entanto, ao contrário do que ocorre com a natureza, que não torna a noite subitamente dia, nem o inverno primavera, e nem mesmo o céu azul, tempestade, nesta meia-noite simbólica todos os fogos surgem repentinamente do oceano noturno, e como numa grandiosa sinfonia de Mozart, informam aos homens e as mulheres que o Cristo ainda está espalhado por todas as praias e rochas do mundo, embora raros sejam aqueles que percebam ou se lembrem disso...

E assim, como a vida breve de um grande astro de *rock and roll*, os fogos ascendem aos céus e se consomem em uma fugaz anúncio, e o que eles querem dizer é que, apesar de tudo, ainda há beleza neste mundo, ainda vale a pena vir, observar, aprender, sorrir e chorar, e depois se espalhar novamente por tudo o que há, contanto que nosso fogo possa servir para colorir a festa daqueles que ainda irão nos suceder.

Celebramos mais um giro de nossa imensa casa redonda em torno do mesmo deus de fogo que tem nos enviado luz e calor desde muito antes das praias terem surgido, e este deus é apenas mais um a rodopiar em meio às inúmeras galáxias que também seguem em procissão, sabe-se lá para que canto do universo.

Tudo isso é muito vasto e insondável para que possamos registrar em nossa mente, e talvez por isso, quem sabe, nos ocupemos tanto

com as contas do início do ano, a situação da política, ou as contratações para a próxima temporada do campeonato...

No entanto, penso eu, ainda há um espaço em nosso dia, um tempo além do tempo que se conta nos ponteiros, para que possamos de vez em quando voltar a contemplar a inefável luminosidade de tais fogos que, tais quais planetas e sóis e galáxias e almas, foram lançados desde a eternidade, e nos preenchem em cada pensamento, em cada suspiro de espanto, em cada lágrima de êxtase, em cada sopro de misticismo e gratidão.

PONTO DE ENCONTRO

02.05.2010

Poucos se interessam pela etimologia – o significado e a origem das palavras –, talvez porque nunca tenham pensado mais aprofundadamente sobre o assunto, talvez porque creiam que todas as palavras e todos os idiomas tenham surgido de uma forma meio mágica, como no mito da Torre de Babel.

Eu penso na cor laranja: ela compartilha seu nome com a laranja, a fruta. Eis um belo exemplo de como o nome de uma coisa concreta – a fruta – deu origem ao nome de um conceito abstrato – a cor, nada mais do que um dos espectros da luz quando refletida pela superfície de uma laranja madura. Mas a cor laranja é assim chamada na língua latina, originária da antiga Europa; certamente em outros lugares do mundo, em outros idiomas, não teremos essa curiosa associação entre a fruta e a cor, simplesmente porque as laranjas não cresciam em todas as partes do mundo...

Ainda numa analogia próxima, podemos nos lembrar dos esquimós, ou de todos os povos que se desenvolveram nas zonas gélidas, mas principalmente os da América do Norte. Se perguntarmos quantas cores um esquimó vê no horizonte gelado de suas casas, eles nos darão uma lista de praticamente meia-dúzia delas – no entanto, nós vemos apenas branco.

É preciso um longo convívio com os esquimós para compreender a importância das variadas gradações de “cinza-creme” para “cinza-branco” e finalmente o “branco-branco”: é através delas que eles conseguem se orientar em um “deserto de gelo”, inclusive identificando onde temos o gelo mais fino, onde é arriscado trafegar com muito peso (bem, hoje em dia eles estão modernos, caçam com motos de neve e aposentaram os trenós puxados por cachorros – some o peso da pesca e da caça e não é difícil compreender a necessidade de se evitar o gelo fino).

Nas civilizações e crenças humanas, ocorre algo um tanto parecido. Cada povo desenvolveu um sistema próprio de escrita e linguagem, um sistema próprio de arte e cultura e, sobretudo, um sistema próprio de lidar com o sagrado. Todos nós lidamos com os mistérios do nascimento e da morte, com as atribulações da vida em sociedade, com a doença e os vícios, a guerra e a paz, o amor e a indiferença – mas acima de tudo lidamos com a natureza, com esse Cosmos infinito a nossa volta, com esse “Deus-Branco” ao qual cada povo deu um nome, e talvez ao qual, assim como os esquimós, cada povo define através de inúmeras gradações de branco, muito embora o chamem simplesmente de Deus, de “O Grande Branco”.

Essa talvez seja a origem de tantos conflitos entre os povos: é que um não consegue compreender o outro, pois cada povo traz consigo séculos de cultura e linguagem, séculos de interpretações de conceitos e símbolos, e às vezes é muito complicado fazer com que outros povos o entendam. Não adianta simplesmente dizer: “Olha só, eu creio em Krishna e você crê em Allah, e nosso vizinho crê em Jeová, mas eles são todos nomes para uma mesma coisa, um mesmo conceito.” – pois falar é fácil, difícil é se fazer entender.

Porque o deus de um afirma que somente aqueles que rezam ajoelhados em uma direção são dignos, enquanto outro afirma que somente aqueles que creem em seu filho serão salvos, e ainda outro afirma que antes da salvação ainda serão necessárias inúmeras vidas de purificação espiritual...

Mas e daí que todos criaram nomes para o mesmo conceito? A questão é que nenhum parece ter compreendido o conceito em si, a abrangência do sagrado.

Dessa forma, assim como as gradações de branco das cores dos esquimós no fundo são simplesmente branco (embora seja necessário para eles identificar todas as gradações), no fundo um Criador universal, uma substância primeira que originou todas as demais, só pode ser simplesmente “O Grande Branco”. Mas ninguém parece se preocupar em compreender o porquê de cada povo dar um nome diferente ao Branco – e a todas as suas gradações.

Ao invés de colocarmos um “deus-barreira” entre nós, seria muito mais interessante nos focarmos na compreensão uns dos outros, e do porque cada povo chegou a sua conclusão sobre o sagrado, o Grande Mistério, a substância primeira. Dessa forma não nos isolamos uns dos outros, nem entre espiritualistas nem entre agnósticos e ateus – pois em todo caso todos vivem na mesma realidade, todos caminham pelo deserto do mundo e eventualmente encontram laranjas e horizontes de gelo. Todos têm de lidar com o sagrado, mesmo que sua forma de lidar seja o ignorando.

Levantemos a barreira, criemos um ponto de encontro nas vielas estreitas de nossas metrópoles existenciais. Que seja uma praça, um bar, um lugar onde se toma café, um jardim, um pórtico, uma trilha em torno da cidade... Qualquer lugar onde possamos falar do mundo, do sagrado, de Deus e de nós mesmos, sem que um “deus-barreira” ou um dogma se interponha entre nós. Os pensamentos cristalizados, solidificados, represados, não são nem pássaros a voar nem rios a fluir, mas a mais pura angústia, o mais puro sofrimento de ter de se viver ancorado a crenças impostas, a “mandamentos” que não fazem mais sentido – pois não somos mais fugitivos em um deserto escaldante.

Hoje temos o mundo todo no controle remoto, e principalmente, boa parte do conhecimento do mundo ao alcance de uma máquina acessível à imensa maioria dos que tem o luxo de poder se dedicar a amar tal conhecimento. Mas toda informação e toda tecnologia do mundo de nada nos adiantará se continuarmos a viver isoladamente,

sem nos encontrar alguma noite da semana em nosso ponto de encontro, sem procurar compreender como o outro pensa, como o outro sente, como o outro lida com o sagrado.

É preciso aprender a pensar por si próprio, a romper à represa e deixar a água correr livre para o oceano, a abrir à gaiola e deixar o pássaro decidir que rumo tomar no horizonte; então poderemos acordar num céu de liberdade, onde todos foram convidados, e onde os primeiros a chegar não se preocuparam em adorar o “deus-ausente”, mas se comprometeram a serem eles mesmos as mãos e os olhos de Deus.

No ponto de encontro, os anjos comparecem todos os dias com os convites para esse novo mundo – um mundo onde o laranja e as demais cores, e todas as gradações de branco, se unem em uma só luz, em um branco infinito... Basta-nos achar o jardim onde os anjos pousam, e prosseguir nessa viagem sem fim pela imensidão do Cosmos.

NOSSO EVANGELHO

04.07.2011

Eu digo: minha religião é meu pensamento

Pois a religião não é uma doutrina de regras fossilizadas, mas um caminho eterno, uma via que se inicia estreita, mas cujo final se perde na névoa que o próprio infinito interpõe ao horizonte.

Que não se busque a religião como quem busca um reino específico: o reino dos céus, o cume da montanha de todos os sábios, a sombra da árvore de onde se pode alcançar um nirvana...

Pois se tudo que fazemos neste mundo é reflexo daquilo que somos, daquilo que pensamos, daquilo que sentimos, daquilo que intuímos, é somente através do pensamento, da música tocada pelas mãos etéreas, que efetivamente caminhamos à frente, em Sua direção.

Eu digo: minha vida é minha Bíblia

Pois ainda que exista um livro infalível, o mais sagrado de todos, isso não significa que sejamos hoje tão sagrados quanto ele. Isso não significa que estejamos em plenas condições de o compreender.

Que a verdade é como o horizonte: quanto mais a buscamos, mais e mais descobrimos o quão infinito é o mundo, e além do mundo...

No entanto, quando finalmente descobrimos uma verdade, é como se o próprio horizonte tivesse cedido, e recuado, e nos reverenciado, e nos agraciado. Este é o mistério, a angústia, e a suprema felicidade da vida: escrever nosso próprio texto sagrado com nossos passos na areia do tempo. E que hão de desvanecer, quando Seu vento soprar.

Eu digo: minha igreja é meu coração

Pois o Reino não foi edificado para que fosse circundado por colunas e paredes de templos, e os escolhidos não foram apenas alguns poucos agraciados, mas todos os seres do infinito.

Que ninguém poderia ser feliz num jardim de ociosidade enquanto outros de seus irmãos ardem nos lagos de enxofre. Que o Reino não é feito de fronteiras delimitadas, e todos os templos precisam ser erigidos em nossas próprias almas...

Pois se o Reino está em toda parte, debaixo de pedras e dentre galhos partidos, os convites para o Seu banquete foram enviados a todos nós: os filhos do Cosmos. E só poderemos entrar no Reino de mãos dadas.

Nós dizemos: Deus é nosso amor

Conforme consta em todas as leis naturais, desde o núcleo do átomo até os agrupamentos de galáxias mais distantes: tudo esta conectado, tudo está em harmonia, tudo flui, tudo vibra, tudo se atrai mutuamente pela gravidade divina, enquanto de alguma singularidade de amor Ele continua a nos arremessar no turbilhão sem fim.

Tudo se iniciou em um pensamento de amor, e todo o amor do mundo jaz neste momento aos Seus pés: o amor de todos os dias dos homens, e dos seres de outrora, e dos seres do porvir.

E todos os cânticos sagrados, e todos os poemas e orações, e todas as bênçãos e maldições, e todos os erros e acertos, e todos os códigos sagrados, e todos os evangelhos, e este nosso evangelho...

A CONFRARIA DOS ESPELHOS

04.04.2014

Somente a visão da entrada da gruta lhe causava arrepios. Fazia anos, ou talvez vidas e eras, que ele não retornava aquele lugar, e no entanto a relva em seu entorno e até mesmo as pequenas pedras ainda lhe pareciam estranhamente familiares. A verdade é que nunca seria capaz de realmente esquecer, pois que foi naquela pequena fenda de montanha que ele finalmente abandonou as sombras da Caverna, e conheceu o Sol. O mesmo local ainda lhe trazia, ao mesmo tempo, toda a tristeza e toda a alegria do mundo.

“Não importa, eu vim aqui realizar a minha missão” – pensou, e logo após penetrou na escuridão...

Como seus olhos já não estavam mais habituados a enxergar nas sombras, empunhava a sua espada, a mesma com a qual desferiu o golpe mortal no Guardião da Passagem, e alcançou a liberdade. Hoje ela não era mais um instrumento de morte, mas um artefato mágico – uma espada que gerava a sua própria luz. Apesar de tênue e azulada, era esta a luz que permitia que ele pudesse se guiar terra adentro, rumo ao coração das sombras, há muito abandonado, mas que hoje era novamente o seu destino.

De vez em quando encontrava um ou outro andarilho escalador, desgastado e solitário, a gemer e choramingar pelo caminho. Isso lhe trazia de volta as emoções de outrora, todas as dúvidas e sofrimentos,

todos os temores e descompassos da alma, que acreditara terem se aniquilado, mas que em verdade sempre estiveram ainda lá, nos porões do inconsciente.

“Anjo! Anjo! Me diga quanto falta, por favor!” – gritou um coitado desesperado a tatear, quase cego, o chão da caverna.

“Tenha perseverança, confie em si mesmo... Não há nada a temer nem a duvidar, há luz e amor em todo lugar, sempre houve e sempre haverá. Mesmo eu consegui chegar ao Alto, tenho certeza de que um dia também conseguirá.” – lhe respondeu, tentando escolher as melhores palavras que lhe vinham a mente naquele momento.

“Mas quanto falta? Quanto falta? Ora, me ajude, me ajude! Me disseram que vocês nos ajudariam ao final da subida...”

“Exato meu amigo, e é esta a minha missão atual. Mas de nada adiantaria eu lhe carregar para o Alto se você ainda não tem olhos para enxergar na Claridade. Eu apenas lhe tornaria cego. Confie em mim, em breve sua jornada se tornará mais fácil e menos sofrida, e todos os paradoxos serão reconciliados!”

E abandonou, com o coração doído, aquele ser que mais parecia um reflexo dele mesmo, há muito tempo atrás... “E, de certa forma, talvez todos sejamos reflexos uns dos outros” – pensou consigo mesmo enquanto a escuridão o abraçava cada vez mais...

Foi quando o ar já estava denso e úmido, e quando as paredes de pedra não mais lhe permitiam descer, que ele encontrou o sinal na parede rochosa. Era ali que ele deveria esperar o sinal das trombetas. Era quase insuportável permanecer naquela escuridão abafada, e a cada respiração seus pulmões ardiam com o ar fétido de desejos desenfreados, como espectros que pairavam por todos os recantos daquele mundo subterrâneo. Mas devia esperar, iria esperar – era esta a sua grande missão!

No cinto trazia uma pequena bolsa de pano contendo a relíquia que os seus irmãos da Confraria lhe haviam confiado. Ao sinal das trombetas, tudo o que deveria fazer era retirar o objeto da bolsa e apontá-lo em direção ao pequeno fecho de luz que ainda insistia em penetrar o subterrâneo e vencer toda aquela escuridão. Não era uma luz qualquer, mas de uma frequência que somente os olhos mais treinados conseguiam perceber. Todos os longos anos que passou aprendendo com seus mestres na Confraria talvez pudessem mesmo se resumir a uma espécie de “educação dos olhos” para enxergar aquela luz...

Então, repentinamente as trombetas ecoaram fundo por toda a Caverna, e enquanto os andarilhos perdidos tapavam os ouvidos para se protegerem daquele som ensurdecedor, ele soube que era o momento: retirou o pequeno espelho do cinto e, o colocando ante o fecho solar, pôde enfim vislumbrar a todos os seus outros irmãos da Confraria dos Espelhos posicionados noutras partes da Caverna, cada um refletindo a luz um do outro, de modo a iluminar toda aquela escuridão – como há muitas eras não se via!

E, ainda que por um breve momento, todos os andarilhos e todos os escravos de Abaixo puderam vislumbrar todas as matizes de cor das pinturas ancestrais que salpicavam por todos os cantos e paredes, mas que antes lhes passavam despercebidas. E assim todas as grandes histórias, todos os grandes heróis de outrora e todos os mitos eternos foram uma vez mais vislumbrados.

Era assim, exatamente assim, que os seus irmãos faziam para trazer mais agentes para a Confraria. Muitos eram convocados e muitos ouviam as trombetas e vislumbravam as antigas pinturas e os símbolos das rochas, mas somente alguns tomavam coragem para prosseguir até o Alto. Não importa: passo a passo, eles ainda tinham todo o tempo do mundo...

O SANTUÁRIO SILENCIOSO

24.03.2014

Estamos transeuntes neste mundo, andarilhos formados por pequeninas fagulhas de estrelas ao léu. Tudo girando, tudo transformando, tudo nesta linda algazarra, tudo neste baile eterno de luz.

Estranhos se cruzam pela rua... Mas quem poderia dizer se este ou aquele pedaço de carbono não são amigos de longa data, viajantes da noite cósmica, crias de supernovas espalhafatosas? Quem sabe eles não queiram retornar, recordar, reconhecer... Quem sabe não queiram saber mais sobre si mesmos?

Que estranho e divino parentesco esse entre tais fagulhas cósmicas a bailar incessantemente e ocultamente por entre os corpos desses dois estranhos que se cruzam pela rua, e pouco percebem, e sequer sabem o nome um do outro!

“Prazer, meu nome é João.”

“Pois não, meu nome é Maria.”

Mas não, não são desses nomes que estou falando... Falo do nome oculto por detrás dos nomes, o meu nome – você sabe qual é o meu nome?

Não diga agora... Antes vamos nos lembrar de quantas cores tanta luz nos traz a este mundo cinzento. Preto, branco, azul, vermelho, violeta, marrom claro, verde limão, laranja, laranja do manto dos monges, laranja do manto de Buda!

E, para os amigos de Francisco, este laranja era um cinza gasto, um marrom quase sem marrom algum, e ainda assim, era tão grandioso quanto o outro laranja... E tais cores nada mais são que vibrações da mesma luz branca, sempre branca. Tudo absolutamente branco, ou tudo absolutamente negro, tanto faz – não há absoluto para nós que sabemos interpretar a luz.

Não há absoluto, pois não há como se ter ideia exata desse tal “absoluto”. Tudo o que há são universos de partículas – nós – a observar um universo maior. Você saberia dizer o meu nome?

Não pense, meu amigo, que o que está acima não seja como o que está abaixo. Não pense que um buraco negro, um resquício de supernova, não seja irmão deste pequeno pedaço de carbono que dança contigo em cada passo do seu caminho...

Não pense que há qualquer coisa que já não esteja em mim. Não pense que o meu nome não englobe todos os demais nomes. Não pense pequeno de mim!

Mas não use este nome como barreira, como fronteira, como casulo... Use-o como chave, a chave-mestra de todas as portas do Cosmos!

E, no momento em que o for pronunciar, no momento em que for responder a esse enigma, saiba que estará respondendo somente a mim, saiba que o meu perfume será sentido apenas por ti – e então, diga em silêncio:

“O meu nome é o seu nome, ó Ser Maior, que entre eu e você, não há nem um ‘eu’, nem um ‘você’...”

“Você alcançou o Santuário Silencioso, meu semelhante. Agora, se prepara, há toda uma nova viagem por paragens distantes, campos cheios de rios e córregos que fluem para dentro... Suba em minha carruagem, e me deixa conduzir.”

ORANDO EM TEATROS

06.07.2011 (conto pessoal)

Nunca tive uma educação religiosa na infância, mas como na minha família haviam católicos e espíritas, tive a oportunidade de, como a maior parte dos brasileiros, conhecer superficialmente a doutrina católica: da Bíblia conheci mais por filmes e pela “Bíblia

para crianças” que saia nas bancas de jornal na década de 80. Só fui ler a Bíblia já adulto, e mesmo assim com muito mais ênfase no *Novo Testamento*.

Na minha infância e pré-adolescência me interessava muito mais por super-heróis e histórias de fantasia do que por missas ou doutrinas religiosas. Até hoje não sei o que fazer direito numa missa católica (além de sentar e levantar quando todo mundo faz o mesmo, e cantar às vezes), e sei de cor apenas uma ou duas orações (decerto sei mais poesias de cor do que orações).

A espiritualidade que nasceu comigo, entretanto, esteve sempre presente. No fundo, eu sabia muito bem que havia algo de profundo e verdadeiro por detrás dos rituais sagrados, somente não conseguia compreender decerto o que era – assim como os próprios padres e católicos que conheci pessoalmente também não souberam me informar. Tudo o que faziam era repetir trechos da Bíblia, como robôs, e eu não queria ser um “espiritualista robô”.

Quando finalmente li alguns livros de Alan Kardec, pude perceber que havia algo de mais profundo ali, algo que me lembrava alguma coisa que já sabia desde que nasci... Não foi como quando li o *Fédon* de Platão, quando tive a sensação de estar relendo exatamente o mesmo texto, mas certamente era algo muito parecido com isso.

Mas somente ter lido tudo aquilo não teria me ajudado tanto quanto frequentar alguma espécie de “missa”, algum ritual sagrado onde as verdades ocultas na alma pudessem ser expostas e vivenciadas plenamente. Ironicamente, a minha maior igreja, o templo onde orei verdadeiramente pela primeira vez, estava ainda mais próximo de minha casa do que a igreja católica – estava dentro de um shopping!

Augusto César Vannucci foi um produtor e diretor de TV, tendo trabalhado por muitos anos na Rede Globo. Seu ponto alto, pelo menos para mim, foi a direção dos especiais da Turma do Balão Mágico, muito saudosos. Pois bem, Vannucci era espírita, e até hoje sua influência é clara em setores de Globo. Em 1978 ele fundou o Teatro Vannucci no Shopping da Gávea (Rio de Janeiro), a menos de 500m de onde passei a maior parte de minha juventude. Até hoje o

Teatro abriga palestras espiritualistas todas as quartas-feiras, às 19h, e eu as frequentei desde meados da metade da década de 90. Infelizmente Vannucci morreu em 1992, então não pude conhecê-lo...

Mas conheci Joel, um médium pleno de luz com uma voz ao mesmo tempo doce e profunda, que até hoje preside as reuniões e apresenta os palestrantes; conheci o professor Hermógenes, um dos pioneiros na divulgação da Yoga no país; conheci Jorge Andréa, L. Palhano Jr., Narci de Castro e tantos outros espíritas e parapsicólogos; conheci pastores batistas ecumênicos, que se “atreviam” a ir palestrar em um palco espiritualista; conheci inúmeros artistas, atores, músicos, filósofos, poetas, e até mesmo assistentes sociais que trabalhavam no atendimento telefônico de pessoas com tendências suicidas. Em suma, tive a grandiosa oportunidade de observar um amplo espectro da luz da espiritualidade.

Dizem que a oração é um ato religioso, uma ligação, uma conversa, um pedido, um agradecimento, que fazemos em nosso íntimo em conexão a uma força transcendente, que uns chamam Deus, outros Cosmos, outros Natureza. Eu nunca fui muito bom em decorar orações, pois nunca fui muito bom em conversar com Deus com palavras pré-estabelecidas, com linguagem represada, e não fluida... No fim das palestras do Vannucci, sempre havia um período de oração. Foram nesses breves momentos ao longo das quartas-feiras e dos anos que pude ter contato com “energias” além da minha ampla compreensão, mas que representavam agrupamentos de espíritos das mais variadas culturas e religiões.

Joel os chamava de “falanges”: a falange dos gregos, a falange dos indianos, a falange dos índios, a falange dos pretos velhos, a falange dos artistas (Joel citava constantemente que eram presididos por John Lennon, creia quem quiser). A verdade, entretanto, é que eu não sabia ao certo diferenciar entre as diversas “falanges”, mas com o tempo certamente pude sentir sua presença no recinto, tanto quando chegavam (normalmente ainda antes da palestra iniciar) quanto quando partiam.

Assim, mesmo sem querer e decerto sem compreender ao certo, estava lentamente desenvolvendo minha própria mediunidade, meu próprio meio de contato com as sensações que chegavam até mim de algum “outro canto do universo”. Hoje sei que, apesar de não incorporar espíritos e nem nalgum dia desejar o fazer, muito do que escrevo, particularmente no campo da poesia, só é possível graças a esse exercício que fiz, sem saber, ao longo dessas noites de luz.

Apenas uma única vez Joel me chamou para me juntar aos médiuns “da casa” durante a parte final das palestras, quando estes se alinham em frente ao palco e dão passes magnéticos em todos os presentes... Estranho que, muitos anos depois, fui estudar passes magnéticos em um centro espírita onde resido hoje, em Campo Grande/MS, e o que aprendi mais ou menos correspondia ao que realizei intuitivamente naquele dia. Quem sabe, talvez tenha sido o médium mais jovem a ter dado um passe no Teatro Vannucci – talvez alguma falange tenha me auxiliado, mas eu não sei qual delas...

DANÇANDO COM CIGANOS

06.11.2011 (conto pessoal)

Na faculdade conheci a Amanda, que além de ser uma bela garota tão interessada em artes quanto eu, ainda apareceu num belo dia com *O livro dos espíritos na mochila...* Conversa vai e conversa vem, acabei descobrindo que os pais dela não somente eram espíritas, como a própria mãe, Madalena, era uma médium ostensiva desde a infância. Apesar deles morarem num bairro afastado na zona oeste do Rio de Janeiro, consegui convencer a Amanda e trazer seus pais numa das reuniões semanais do Teatro Vannucci, no Shopping da Gávea, perto da minha casa na zona sul da cidade. Conforme já disse, os encontros espiritualistas ecumênicos deste teatro foram, para mim, como uma espécie de “missa semanal” por muitos anos...

Ainda me lembro quando os avistei no corredor do shopping. Era óbvio que o casal um pouco mais velho que andava junto com a minha colega de faculdade eram seus pais, mas conforme a Amanda ainda não tinha me visto, seria improvável que qualquer um dos dois me reconhecesse a certa distância naquele corredor. No entanto, assim que me viu a mãe dela mal conseguiu tirar o olhar de mim – ela me parecia estar até mesmo apreensiva. Somente quando a sua filha me viu e me apresentou, que ela pareceu relaxar.

Então assistimos juntos a palestra espiritualista do dia, rezamos e meditamos junto com todos os presentes ao final, e depois fomos comer um lanche no shopping. Só então pude compreender o motivo do “estranhamento” de Madalena com minha presença: seu marido, Jânio, me explicou pacientemente que ela costuma ver espíritos desencarnados desde pequena, e que até hoje, até aquele preciso momento, isso ocorria. Madalena chegava a evitar sair sozinha na rua, porque as vezes não tinha como saber se estava vendo ou até mesmo conversando com um espírito desencarnado – era necessário alguém encarnado ao seu lado, para que ela pudesse se certificar: “você está vendo alguém ali ao lado?”.

Pode parecer até mesmo uma situação cômica, do tipo de “causos do Chico Xavier”, mas na vida real esse tipo de coisa estava longe de ser engraçada ou trivial, pelo menos para a própria Madalena. Foram necessários muitos anos de desenvolvimento da própria mediunidade, de autoconhecimento e meditação, para que ela pudesse deixar de ser “alguma louca varrida” e então viver normalmente. É claro que muitos céticos vão resumir casos assim como patologias mentais, mas o que importa nesse caso é que o espiritismo efetivamente possibilitou que Madalena pudesse levar uma vida (quase) normal, ao ponto de parecer uma dona de casa perfeitamente normal, não do tipo que vê espíritos por todo o lado (apesar de ver).

Na verdade a certa altura da conversa eu já havia percebido que a mãe da minha colega era uma das médiuns mais “capacitadas” que já havia encontrado pessoalmente – apesar de não demonstrar nenhuma capacidade intelectual acima de média, e de se expressar com

linguagem simples, ela exalava sabedoria por todos os poros, e principalmente pelo olhar. Ela me explicou porque ficou particularmente apreensiva ao me ver: “Com o tempo aprendi a reconhecer os desencarnados, mas algumas pessoas as vezes parecem estar desencarnadas; não sei se é pelo que estão pensando a sua volta, pelo olhar, pela forma de caminhar, mas você ali no corredor me parecia mais um espírito do que uma pessoa”.

“Mas que tipo de espírito, um bonzinho né?” – perguntei, sem pensar muito no que estava dizendo.

“Bonzinho ou mauzinho, isso a gente nunca sabe não é? O que eu vi era uma névoa em volta da sua cabeça, daquele tipo formada por pensamentos meio que fora desse mundo, sabe como é? O tipo de coisa em que os espíritos se interessam bem mais do que nós...”

E ela não poderia estar mais correta. Como qualquer artista, espiritualista, ou poeta, eu na minha juventude passava mais tempo pensando em coisas de um outro mundo do que propriamente deste... Apesar das contas para pagar, apesar do casamento e do futebol, acho que até hoje isso ainda não mudou tanto assim.

Segundo a Amanda, o mais impressionante daquela noite toda não foi o fato de sua mãe ter me confundido com um espírito desencarnado, mas sim o fato de que Jânio, o seu pai, havia “ido com a minha cara”. E, segundo ela, o seu pai era um tanto carrancudo e raramente gostava a primeira vista de quaisquer amigos dela (principalmente amigos homens, sabem como é)... Isso significava, em suma, que eles estavam dispostos a me levar para passar um final de semana numa chácara no interior do estado, onde ocorreria um encontro semestral de um grande grupo espiritualista da zona norte do Rio. Ela me disse que “provavelmente alguns deles iriam incorporar ciganos” – e eu, é claro, aceitei na hora!

Outro amigo nosso da faculdade, o Caio, também foi convidado para a tal “festa dos ciganos”. Então viajamos no carro eu, Caio, Amanda e os pais dela, com Jânio no volante. Estranho de se pensar, mas eu hoje mal me lembro desse percurso ou até mesmo para qual região do interior do Rio nos locomovemos (lembro apenas, claro, que não era região de praia) – acho que isso ocorreu porque os registros de minha memória na festa em si foram tão mais interessantes e relevantes, que esses outros detalhes acabaram esquecidos, apesar de eu usualmente me recordar bem de qualquer lugar novo para o qual viajo, principalmente de carro.

Apesar de bastante curiosos acerca dos “assuntos espiritualistas”, meus colegas de faculdade na verdade ainda tinham aquele certo receio, até mesmo natural, do desconhecido... Chegando na chácara, ficou muito claro para quase todos quem eram os médiuns a incorporar, e quem eram apenas os “observadores”, ou seja, gente “normal”. Ficou claro, isto é, para quase todos, mas aparentemente não para mim: somente dias depois que meus colegas me contaram como eu agia tão naturalmente com os médiuns incorporados, e como chegaram até a pensar que eu mesmo poderia estar incorporado também. Será que eles tinham razão?

Um dos eventos que me lembro muito bem desta festa noturna é a da chegada de um sujeito chamado Pablo: chegara sozinho e bastante “desconfiado”, tinha um físico de lutador de artes marciais e aparência típica de playboy da zona sul carioca, com seu semblante carrancudo era a definição mais perfeita de “peixe fora d’água” que se poderia imaginar... Além disso, era o tipo de pessoa com a qual eu raramente me sentiria a vontade para dialogar, pois provavelmente não tínhamos quase nenhum interesse em comum, aquela coisa de “cada um na sua tribo” própria da juventude mesmo...

Mesmo assim, eu fui a primeira pessoa para a qual ele dirigiu a palavra, não faço ideia do porquê:

“Você acredita nessas paradas aí?”

“Não sei, estou vindo a primeira vez, estou só observando...”

“Eu também. Não era nem para eu estar aqui... Eu não sei por que eu vim, eu não queria vir... Mas esse pessoal ali, parece que fica me chamando, parecem familiares... Eu não entendo o que acontece comigo...”

A essa altura ele parecia transtornado, como alguém “impelido” a estar em um lugar que jamais gostaria de adentrar, quase como um fugitivo passando ao lado da cadeia... Mesmo assim, Pablo se dirigiu lentamente a uma espécie de “roda de ciganos” numa área mais afastada da festa, bem em meio ao mato mesmo. Na verdade, eram umas 7 ou 8 médiuns (todas mulheres) incorporadas, que ficavam girando lentamente em círculo enquanto conversavam sabe-se lá o que umas com as outras. Eu fiquei observando Pablo se dirigir cada vez mais lentamente até lá, até que cambaleou, ajoelhou e se prostrou com a cabeça no solo... Fiquei preocupado, ele não parecia estar nada bem!

Então, o que ocorreu a seguir faz parte da minha própria experiência religiosa naquele evento singular. Até hoje eu não sei por onde aquela vontade de ajudar tomou conta de mim, mas fato é que eu agi tão naturalmente que naquele momento era como se fosse a única coisa que eu poderia pensar em fazer – me dirigi até o círculo de ciganas e bradei, até mesmo algo irritado, para uma delas:

“Vocês não vão ajudá-lo?”

“Ele nos deve. Tomou o que era do grupo somente para ele, e até hoje não devolveu... Mas agora é tarde para ele, vai ter de merecer voltar para nós...” [23]

Há essa altura, eu já havia percebido que se tratava de uma questão de vidas passadas, e que, de alguma estranha forma, aquelas almas estavam se reencontrando para resolver antigas pendências, em uma

chácara do interior do estado do Rio de Janeiro, muito distante das terras natais dos ciganos na Europa [24]...

“Mas vocês não o querem de volta? Ele não está arrependido? Você não quer ajudá-lo?” – repeti.

“E você acha que eu preciso estar ali do lado dele para poder ajudar?”

Com essa resposta seca e enigmática, acabei me afastando da médium... Por um momento achei que elas estavam ali realmente o auxiliando “a uma certa distância”, mas depois me dei conta que, independente de estarem perto ou longe, não estavam nem aí para o aparente sofrimento de Pablo. E foi então que eu me ajoelhei próximo a ele e dirigi a palma da minha mão direita a sua cabeça – e o mais interessante é que eu não tinha nenhuma ideia consciente do que estava realmente realizando ali.

Mas imaginei, imaginei uma luz peculiar e “poderosa” descendo dos céus e envolvendo Pablo. Em minha mente (pois já estava de olhos fechados), imaginei que eu estava tentando erguê-lo, para que se apresentasse de pé, sem medo, sem vergonhas, diante do seu grupo de antigos amigos (ou nem tão amigos assim)... Essa foi a primeira vez que auxiliei “não fisicamente” um espírito nesta vida; e, por mais estranho que pareça, era um espírito encarnado, e eu o estava auxiliando por pura intuição, realizando automaticamente, e mentalmente, certas coisas, certos rituais, que só iria “aprender” muitos anos depois... Obviamente que as palavras não são suficientes para descrever propriamente o que eu experienciei naquele momento.

Quando voltou a si, Pablo estava um tanto aliviado, mas ainda assim prontamente se levantou e se afastou para bem longe daquela roda de ciganos. Somente no decorrer da festa que pude confirmar que aquilo tudo que imaginei não foi mera fantasia da minha mente, ou pelo menos foi algo que Pablo imaginou junto comigo. Na

verdade, ele me pareceu imensamente agradecido, quase como se eu tivesse salvo sua vida – mas talvez ele tenha exagerado um pouco, pois nem mesmo eu sei se fui eu quem o ajudou, ou um outro alguém oculto, através de mim...

Mas o que mais me afetou a memória naquele dia ocorreu assim que Pablo se afastou do círculo. Uma das ciganas, a mesma com a qual havia conversado anteriormente, veio até bem próximo de mim e disse algo como... “Você é cigano? Você vai deixar eu entrar em você também...”

Então, de repente, senti uma sensação “intrusiva” no topo da cabeça, quase como se uma imensa garra de águia estivesse prendendo minha cabeça no lugar, e alguma coisa estivesse tentando se apossar de mim... Essa experiência foi tão drástica que até hoje eu tenho imensa dificuldade em incorporar espíritos, mesmo que parcialmente ou de forma plenamente consciente (que, em todo caso, provavelmente será a única forma que eu nalgum dia irei incorporar) – a sensação que eu tinha era a de perda de consciência, e prontamente imaginei uma espécie de “escudo mental” a me proteger, e algo dentro de mim ficou furioso, e expulsou aquela garra de águia para bem longe!

Quando eu abri os olhos, a médium na minha frente estava assustada, e claramente tinha “voltado ao corpo” de forma abrupta, de modo que o espírito que a incorporava (e que talvez tenha tentado “pular para dentro de mim”) tinha sumido de uma hora para a outra. Tudo que pude fazer foi me desculpar:

“Me desculpe, é que não estou acostumado com essas coisas...”

“Está tudo bem, meu filho. Eles só entram onde têm condições de entrar... Acho que aí dentro de você, tão cedo nenhum cigano vai querer entrar...” [25]

E a festa continuou... Ao ritmo de músicas latinas, espanholas, ciganas, espíritos dançavam em meio à mata carioca, úmida, a refletir

uma lua cheia em céu límpido, estrelado, infinito. Quantos e quantos espíritos já dançaram nesta terceira pedra do sol, quantas e quantas vidas nômade encontraram refúgio em nosso planeta, quantas ainda por chegar...

Quando digo que espíritos dançavam, é por não saber ao certo se eram os médiuns encarnados a dançar, ou espíritos de outrora, ou de agora, daqui ou de algum lugar, pegando emprestado seus corpos para que dançassem como seres humanos uma vez mais. Como disse, segundo meus colegas de faculdade, quase todos estavam emprestando gentilmente seus corpos. Mas eu não – eu não queria, não poderia, perder aquela dança.

Para mim a dança, sobretudo a espiritual, é uma espécie de ritual em movimento. Quando estou nesse estado, de dançarino da vida, alguma coisa em mim, alguma coisa maravilhosa, passa a influenciar meus passos, meus movimentos, meus pensamentos... Para lhes dizer a verdade, minha relação com a dança é tão intensa (apesar de eu ter iniciado somente lá pelos 16 anos, num casamento de minha família), que eu jamais poderia acreditar em um Deus que não soubesse dançar.

No entanto, nunca gostei de decorar passos de dança, assim como nunca gostei de decorar orações. Para mim a maior oração é aquela que se faz no ato de viver no amor, e a maior dança é aquela que reflete o agitar de nossa própria alma, ao vivenciar este amor.

E aquela poesia noturna continuou...

Quando os ciganos dançam

Saias e lenços vermelhos

Bailam pelo ar

Estamos no mesmo passo

No mesmo ritmo

Todos a amar

Sob a proteção de Sara

Dos astros

E do mar
Destinados a felicidade
Banhados pela luz
De um tênue luar

(trecho de um poema que escrevi na época, *Festa cigana*)

Até que a música cedeu lugar às consultas com os médiuns (incorporados). Foi nesse momento que me aproximei da fila que se formava em torno de Madalena, e enquanto aguardava minha vez, fiquei de olhos e ouvidos bem abertos para tudo o que era perguntado, e respondido...

Uma coisa que constatei na época, e que até hoje me intriga quando visito centros espíritas, espiritualistas, umbandistas, e festas espirituais em geral, é como as pessoas perguntam sobre coisas pequenas, mundanas, praticamente irrelevantes se comparadas com a divina oportunidade de conversarmos por alguns momentos com entidades que parecem habitar o outro lado do véu, nalguma outra dimensão... “Como vai minha situação no trabalho, será que serei demitido este ano?”; “Queria saber se sicrano gosta de mim mesmo, ou seria de fulano?”; “Você acha que esse ano é um bom ano para iniciar meu novo negócio?” – nada disso me parece importante perto de tal fenômeno.

Além disso, muitas vezes (talvez a maioria) um médium não estará realmente incorporando outro espírito, mas o seu próprio, seja alguma parte inconsciente, seja alguma personalidade de outra vida – o que é conhecido usualmente como animismo. Se usamos tal comunicação para perguntar perguntas como estas, melhor seria consultar um psicólogo, um filósofo, talvez um leitor de tarot, e não um ser que veio de outra dimensão da natureza para nos visitar... Apesar de que, muitas vezes, tampouco haverá ser algum ali para nos responder, apenas o animismo do próprio médium.

E como eu não estava ali somente para dançar, mas, sobretudo, para observar e aprender algo de útil, quando veio a minha vez de

dialogar com Madalena, lhe trouxe uma pergunta um pouco mais profunda do que as demais:

“O que eu gostaria muito de saber é acerca da natureza do tempo. É verdade que ele é somente uma parte do espaço? E, sendo assim, é verdade que vocês aí de cima conseguem visualizar outras partes do tempo, ou seja, o nosso futuro aqui na Terra?”

O espírito que habitava Madalena me olhou de uma forma doce e respondeu, como se houvesse uma espécie de “tradução simultânea” sendo realizada, enquanto ela buscava as palavras certas para seus pensamentos:

“Jovem, não existe em cima e embaixo, nem o que passou e o que vai passar, existe só amor. Tudo isso aqui, toda essa festa, toda essa música, é só pelo amor que tudo existe...”

Sem refletir muito sobre a resposta dada, prossegui:

“Mas, e como é isso? Por que estamos aqui desse lado, vivendo no tempo? Se já sabem do futuro, tudo já foi escolhido por nós? Somos fantoches?”

“Não! Vocês têm isso... Como que chamam aí? Vontade! Vocês têm vontade! Então, vocês é que escolhem, a gente só observa... Mas, sobre o futuro, jovem, é melhor não saber... Ainda não podem saber... Seria muito, muito ruim, que soubessem quando vão morrer... Têm muito medo, vocês daí, de morrer...”

E já estava terminando meu tempo com ela, então parti para a pergunta que jamais poderia ter deixado de fazer:

“Mas, e quem é você? É algum guia de Madalena?”

“Não... Eu sou guia é das águas... Eu cuido de um lago no Japão há muitos, muitos anos atrás... Acho que... Isso, mais de mil anos atrás! Adeus, é hora de retornar.”

E o que posso dizer é que até hoje estou refletindo sobre aquela última resposta de quem quer que seja que pegou Madalena emprestada.

MERGULHANDO EM CORAÇÕES

04.06.2015 (conto pessoal)

Há anos atrás Marcos estava meio desiludido com toda a sua busca espiritual. Havia nascido no Brasil, mas morado no Japão, nos EUA e noutros cantos deste planetinha, até que resolveu “se aposentar do trabalho formal” e viajar para a Índia, em busca da fonte original de tantos textos sagrados que havia lido ao longo da juventude.

Marcos estava num restaurante indiano, não propriamente “afogando as mágoas”, pois dificilmente se acha bebida alcóolica por lá, mas antes, quem sabe, finalmente encarando a própria tristeza. Faltava ainda algo em sua busca, algo essencial...

Dizem que quando o discípulo está pronto, o mestre aparece, e foi exatamente neste restaurante que Marcos encontrou Atmaji conversando com amigos, admiradores e discípulos. Marcos entrou na roda, e nunca mais saiu... Virou um dos discípulos de Atmaji, e ainda hoje vive entre o Oriente e o Brasil. É através de seu mestre que prossegue firme em seu caminho de autoconhecimento e autorrealização, seja acordado ou sonhando.

A diferença é que não existe mais Marcos. Desde que foi iniciado no *ashram* [26] de Atmaji, aquele que era Marcos vem, passo a passo, se transformando em Abhishek Ji. Não se trata só da mudança do nome mundano para o nome divino – lentamente, ele mesmo também morre para o seu eu anterior, e renasce como alguém destinado a iluminação.

Atmaji é, quem sabe, décadas mais velho que Abhishek, mas já alcançou a iluminação há muitos anos. Fora farmacêutico e praticante de diversos tipos de yoga, mas após haver alcançado a iluminação, fez como outros mestres, e resolveu dedicar o restante dos seus dias neste planetinha para tentar auxiliar os demais a se iluminarem junto com ele...

Foi assim que ele concordou em acompanhar Abhishek numa viagem pelo Brasil e, eventualmente, até a sua cidade natal, Campo Grande/MS, que curiosamente é a mesma cidade em que eu vivo hoje. Afinal, não estaria lhes contando toda essa história se não houvesse eu mesmo os encontrado por essas bandas de cá.

Para nós que seguimos na trilha espiritual através do estudo de diversas religiões, doutrinas, filosofias e mitologias diferentes, quase que como “turistas de egrégoras”, a melhor coisa é poder contar com amigos na caminhada. No caso, foi através de amigos tanto do Mayhem [27] quanto de um grupo que se reúne para entoar mantras hindus e sufis que eu fiquei sabendo da tal Festa Indiana do sábado a noite, que por acaso era organizada por Abhishek e pelos donos do espaço de meditação e yoga onde ela seria realizada.

A primeira coisa que notei ao chegar com a Vânia, uma amiga do Mayhem, foi a bela decoração do lugar. A festa seria num espaço aberto, onde montaram uma tenda (também aberta) com um longo tapete, cheio de almofadas decoradas, sofás e bancos longos de madeira, tudo no estilo indiano. As pessoas podiam ficar sentadas no tapete, nas almofadas ou nos bancos, e apreciar a miríade de pequenas velas, vasos de plantas e estatuetas de deuses hindus. Atrás das cadeiras onde sentariam Atmaji e seu discípulo brasileiro, podíamos admirar um belo pôster de Krishna e Radha, sua amante.

Lá me acomodei no espaço de um dos longos bancos, próximo a Marcelo, outro amigo do Mayhem, e ao grupo dos mantras. O interessante é que havia encontrado MarciAisha (que era quem

organizava a entoação de mantras semanal num *studio* de dança árabe) exatamente através de minhas traduções de Rumi, o poeta sufi persa. MarciAisha me procurou nas redes sociais querendo saber mais sobre Rumi, e assim ficamos amigos... Pois bem, e eu estava lá naquela festa principalmente por conta de outra tradução que venho tocando neste ano, a do *Bhagavad Gita*.

Ou seja, a minha ideia era mais me “ambientar” neste universo do hinduísmo, e ter uma experiência direta com seus cantos, sua dança, e seus seguidores. Para falar a verdade, não imaginava que o tal “guru iluminado” fosse acrescentar muito a minha noite naquela festa, mas logo veria que estava muito enganado...

Assim que Atmaji e Abhishek chegaram, boa parte das cerca de 60 pessoas da festa foi ao seu encontro para abraçarem e tirarem fotos com o mestre indiano. Após algum tempo, foi nossa vez de nos aproximar... Foi MarciAisha (que já o conhecia) quem me apresentou a Abhishek, e após conversarmos rapidamente sobre viagens de trens na Índia e traduções do *Gita* em inglês, chegou a minha vez de ser apresentado ao mestre.

Ora, eu definitivamente não chamo muita gente de mestre. Que eu me lembre, nesta vida encontrei pessoalmente somente dois: o Professor Hermógenes, com quem dialoguei algumas vezes no Rio de Janeiro (onde nasci), e Marcio Lupion, de quem vi somente uma palestra uma vez (e foi o suficiente)... Mas quando me aproximei de Atmaji e olhei seus olhos por detrás das lentes de seus óculos, fui repentinamente inundado de uma doce e perene alegria. Era como se ele, como os demais mestres que havia tido o privilégio de encontrar, vivesse num outro tempo, num mundo mais próximo da essência das coisas do que de seu fluxo constante e ilusório.

Ele juntou minhas mãos com as dele e, num inglês tipicamente indiano, me perguntou meu nome, onde nasci e há quanto tempo morava em Campo Grande. Eu respondi tudo em meio às risadinhas que me surgiam a boca, só por estar por ali ao seu lado. Depois nos abraçamos... Eu tive vontade de ficar abraçado por muito tempo, e

ele não esboçava nenhuma reação de encerrar tal abraço. No fim das contas, fui eu quem ficou meio sem jeito e me apartei...

Em seguida, vieram outros conversar com Atmaji, e eu fiquei me perguntando, “Por que era tão importante ele saber onde nasci e há quanto tempo moro aqui?”.

A festa prosseguiu com apresentações de danças tradicionais indianas e curiosos desfiles de moda, e Atmaji se parecia com qualquer um de nós, aplaudindo junto com todos, sorrindo junto com todos... Para mim, isto indicava muito mais a sua sabedoria interior do que o contrário. Até aquele momento eu ainda não havia chegado a uma conclusão se ele era mesmo um mestre ou não. Foi somente quando a música começou que eu me decidi...

Atmaji não era somente um sábio conhecedor profundo de diversos tipos de yoga em sua terra natal, ele era um dançarino nato! E ele não dançou de sua cadeira, evidentemente, ele veio para o meio do palco, para o meio da tenda e, com pés descalços sob os tapetes, como boa parte dos presentes, dançou com todos nós... Foi ali que eu me decidi – afinal, eu só poderia acreditar num mestre que saiba dançar ao lado de todos.

Ao som de diversas melodias distintas, dançamos os cânticos de devoção a Krishna e Rama [28], que aposto que muitos de vocês já ouviram algum dia: *Hare, Hare Krishna, Krishna Krishna, Hare Hare ô ô... Hare, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare ô ô...*

Todos dançavam com total liberdade. Não existia coreografia, nenhuma espécie de passo decorado, nem muito menos danças de casal, embora muitas vezes as pessoas se dessem as mãos ou atravessassem um ou ambos os braços através dos ombros das outras... Dizem que eu mesmo acabei sambando nalgum momento, mas isso não posso confirmar :)

Havia um garoto mais jovem, no final da adolescência, que estava tão empolgado que, num movimento brusco enquanto dançava junto a Atmaji, acabou acertando seu queixo com uma cabeçada

involuntária. Eu observei a cena de perto e me impressionei com a forma como ele reagiu, ou melhor, como *não reagiu*. Apenas sorriu, foi como se nada tivesse ocorrido. De fato, nada havia ocorrido, nada além daquela bela dança de almas numa noite enluarada do centro do Brasil.

Mas toda dança tem seu fim, e ao final daquela dança abriu-se espaço para algo ainda mais belo – os presentes na festa fizeram perguntas ao mestre, e ele respondia, com breves intervalos para um ou outro sorriso.

Uma mulher estava triste porque, apesar de ter passado a semana com Atmaji e praticado diversas meditações e rituais de purificação, acabou reagindo mal a uma provocação em casa, e discutiu rispidamente com alguém próximo. Ela se sentia culpada de haver “falhado”, e chegou a chorar enquanto relatava o ocorrido... Após Abhishek haver traduzido a pergunta para o inglês, eis o que seu mestre respondeu:

Você não é o pecado, você é o observador do pecado. Isto já passou, e você não pode fazer nada em relação ao que já foi. Concentre-se no que pode fazer daqui para frente. Ninguém se iluminou da noite para o dia.

Um homem pergunta sobre o que é a iniciação pela qual Abhishek passou, e que todos teriam a oportunidade de passar, se fosse o seu desejo, no dia seguinte. Ele estava especialmente preocupado com a perspectiva de, quem sabe, ter de abandonar a sua religião atual. E o mestre lhe disse:

A iniciação é como a morte para o seu eu mundano, para que o seu novo eu divino possa florescer em todo o seu esplendor. Isso não tem a ver com igrejas, mas com a sua relação com a sua essência divina. Você poderá continuar na sua religião atual, no problem.

Uma mulher quis saber se é possível estar “sempre feliz”, como Atmaji aparentava. E quando passamos por grande tristeza, como fazer para continuar no caminho espiritual? O mestre ficou sério e respondeu:

Eu tento levar a vida com bom humor, esta leveza em relação às coisas é essencial. Mas isso não significa que, se um parente meu morre, eu não deva ficar triste, eu não deva chorar. Nós devemos viver o momento, completamente! Se o momento é de tristeza, viva esta tristeza. Se o momento é de alegria, viva esta alegria. Mas não ignore jamais o que ocorre com você. É preciso, a cada momento, estar muito atento ao que se passa em nosso interior.

Outra mulher relata que esteve presente em todos os eventos com Atmaji ao longo da semana que antecedeu a festa, mas que continuava em dúvida se deveria ou não participar da iniciação do dia seguinte. Ela relatou com convicção que Atmaji apareceu em alguns dos seus sonhos recentes, incluindo o da noite anterior, e acabou lhe convencendo a fazer a iniciação. O mestre, após rir de quase gargalhar, disse assim:

Eu senti que você estava pronta, então fui até o seu sonho para lhe dar a minha opinião sobre o assunto...

Estranho, não? Mas não havia sido a única... A Vânia, minha amiga do Mayhem, a quem conheço há alguns anos e de quem não tenho nenhuma razão para duvidar, já havia nos dito que Atmaji tinha aparecido num de seus sonhos, e que foi por conta disso, principalmente, que havia decidido vir naquela festa. O detalhe é que foi a Vânia quem nos chamou e estimulou a ir (além de mim e do Marcelo, ainda veio outro integrante do Mayhem, o namorado da Vânia), portanto não fosse por essa estranha prática de visitação dos sonhos alheios, quem sabe nenhum de nós teria conhecido o mestre indiano.

Já pelo final da festa quase todos fizeram uma fila enorme para serem abençoados por Atmaji. Eu preferi ficar fora da fila de início, e observar a reação das pessoas após haver meditado um tantinho ao seu lado, o que sempre terminava com um efusivo e prolongado abraço.

Foi assim que percebi que muitos tinham reações espontâneas ao seu lado. Uns riam, como ocorria comigo; uns choravam; e ainda outros (como era o caso de MarciAisha) riam e choravam ao mesmo tempo!

Quando finalmente chegou a minha vez, e ele novamente levou as minhas mãos de encontro as suas, percebi que a energia que sentia não tinha relação propriamente com a pessoa de Atmaji, mas com o espelho que ela havia se tornado. Ele apenas refletia a luz que vinha de algum canto do cosmos, e a luz foi criada para ser refletida.

De olhos fechados, eu tentei me conectar com essa luz, para que ela jorrasse ainda mais, em cântaros, sobre nós, sobre os que estavam naquela festa tão familiar, sobre a vizinhança, o país, o mundo inteiro... Nossas mãos de moviam juntas e em posição de reza, para o alto de nossas cabeças. Não me senti impelido a tal, de fato era como se alguém alheio a nós dois estivesse no comando daqueles movimentos todos... Uma coisa divina, pois de fato somos todos da raça dos deuses.

Então o movimento terminou no peito do mestre, e subitamente eu senti, ainda que por um momento tão breve quanto eterno: era como se eu estivesse mergulhando num coração gigante, como se o mundo inteiro se conectasse por aquele eixo de vermelhidão. Foi então que, numa mesma noite, numa mesma festa divina, eu não somente conheci um mestre, como mergulhei no Coração do Mundo.

Ao final, era desse poema de Rumi que eu me lembrava, inscrito em fogo em minha alma...

*Sofreste em excesso
por tua ignorância,
carregaste teus trapos*

*para um lado e para outro,
agora fica aqui.*

*Na verdade, somos uma só alma, tu e eu.
Nos mostramos e nos escondemos tu em mim, eu em ti.
Eis aqui o sentido profundo de minha relação contigo,
porque não existe, entre tu e eu, nem eu, nem tu.*

(para todos os amigos presentes na festa; foi inesquecível!)

O VOO DA ARARA

12.11.2012

*Alguns sonhos parecem como que deslocados no tempo... E
algumas vidas, também...*

Era uma vida cheia de trabalho nos portos, e cheia de contemplação no mar. Cuidava de um grande barco de uma companhia espanhola, saía de Málaga e perambulava pelo Mediterrâneo, algumas vezes alcançando a Turquia, antes de retornar. Seu barco estava quase sempre estocado de alimentos ou moedas, mas pouquíssimos livros – se conseguisse ler durante os solavancos das ondas sem enjoar, já teria terminado toda a obra de Platão.

Mas o que mais fazia era sentar na proa, nas horas vagas, e contemplar... Todo aquele mar, a separar civilizações tão antigas, lhe transmitia imensa paz. Sentia-se triste por ver tão pouco os filhos e a mulher em Málaga, mas prometera a si mesmo que iria se aposentar alguns anos antes, para que pudesse conviver ao menos com sua filha caçula, a sétima, a primeira mulher.

Ainda assim, os sonhos sempre lhe atormentavam. Eram como uma lembrança antiga, de grandes batalhas entoadas em nome de Deus, mas que mais pareciam um açougue no Inferno. Seria ele mesmo um

desses cruzados que foram derramar sangue árabe muito longe de casa? Como poderia ser, se desde que se entendia por gente havia sido um legítimo espanhol? Se nunca havia pego uma espada, mas apenas o leme de um barco? O que seriam afinal tais sonhos, se perguntava enquanto contemplava o sol se pôr por detrás de Creta.

Naquela noite sonhou um sonho bem diferente. Ouviu centenas de piares de pássaros e, ao subir na proa, viu que se tratava de pequenos pássaros azuis rechonchudos, de uma espécie que nunca havia visto antes. Alguns deles seguravam com as patas, em conjunto, um livro estranho. Ao abri-lo, viu que se tratava de uma coleção de pinturas de rostos e bustos, muito familiares por sinal... De alguma forma, neste sonho, soube que se tratava dele mesmo, em outras épocas. Antes da sua própria imagem em Málaga, vinha o guerreiro cruzado; mas se interessou mais pela imagem à direita e, quando olhou para ela, desmaiou.

Despertou numa imensa carruagem de vários cômodos que estava, por alguma estranhíssima magia, a correr por debaixo da terra... Surpreendentemente, achou aquilo tudo normal, e desceu com os outros quando a carruagem parou. Todos tinham vestes estranhas, e embora parecessem arrumados para alguma grande ocasião, nenhum homem usava peruca... Deu de ombros e os seguiu pelo que pareceram escadarias de um imenso templo subterrâneo. Ao chegar no alto, olhou para o portal que dizia: “Ave Paulista”. Seria um imperador romano desconhecido?

Estava num imenso pavimento onde carruagens estranhas, grandes e pequenas, rápidas e barulhentas, se moviam para cá e para lá. E, na via em que estava, todas as pessoas também se moviam, para cá e para lá... Achou aquilo tudo tão cômico que mal reparou nas grandes torres que cercavam a paisagem e, de tão altas, impediam que visse o sol. “Será que estou no céu? Mas as pessoas aqui parecem tão atarefadas, e não vejo nenhum pomar”, pensou consigo mesmo.

Decidiu seguir duas meninas que passavam por perto, pois elas pareciam menos atarefadas. Conseguia ouvir seus pensamentos antes das palavras familiares que pronunciavam, mas que não conseguia

entender inteiramente – parecia espanhol ou português, e ao mesmo tempo nem tanto... Mesmo assim, entre um e outro pensamento, percebeu que falavam de sexo e afins. Isto não era estranho, estranho era o fato de ambas falarem em ter relações com homens e com mulheres! “Estranho, se me lembro bem, o padre disse que esse tipo de gente não estaria no céu”...

Seguiu-as até a entrada de uma imensa biblioteca. Nunca havia visto tantos livros juntos, nem com tantas cores diferentes. Procurou por “Filosofia” e achou as obras de Platão que ainda não havia lido. Decididamente estavam escritas em português, mas pegou de uma, *Fedro*, e começou a tentar ler. Foi então que viu: um imenso pássaro de penas vermelhas e bico encurvado, belíssimo, empoleirado no alto da estante ao seu lado. Era um pássaro falante ou, pelo menos, pensante:

“Crá! Crá! O que está fazendo aqui, meu rapaz? Esta não é a sua época!”

“Isto aqui não é o céu?” – estava começando a pensar que poderia ser, pois o céu certamente teria bibliotecas como aquela.

“Crá! Isto aqui é o seu próprio mundo, mas no futuro!”

“Futuro? Mas, e o que diabos eu estou fazendo aqui?”

“Ora, sendo você mesmo, no futuro... Crá!”

“Mas, eu já estou morto? Então isto não é o céu, mas o purgatório?” – decididamente, se o purgatório já tinha uma biblioteca daquelas, o céu seria realmente maravilhoso!

“Crá! Crá! Meu rapaz, é hora de ir, é hora de voar de volta. Você está somente sonhando um sonho inadequado, onde já se viu!”

E o imenso pássaro o agarrou pelos ombros com as patas e, sem machucá-lo nem um pouquinho, voou por entre as prateleiras de livros lustrosos, através da entrada, e para o céu azul... Foi então que olhou para baixo e viu que estava na maior cidade do mundo! Antes de desmaiar novamente, ainda encontrou forças para um último diálogo:

“Espere! Me diga ao menos que tipo de pássaro é você?”

“Crá! A’rara! A’rara’pyrang! Mas você vai me conhecer como arara vermelha...”

“Mas, e onde você vive? É perto de Málaga?”

“Não, meu rapaz, é muito distante de Málaga. Um oceano distante! Crá! Crá!”

“E que terra é essa? A Atlântida?”

“Quem sabe, quem sabe? Crá! Crá! Esta é a terra que iremos, eu e você, morar um dia...”

Foi então que percebeu que aquele pássaro era uma amiga... Mas, antes que pudesse perguntar de onde exatamente a conhecia, o voo da arara se fez completo, e ele mergulhou de volta, dentro de si mesmo, de volta para seu velho barco, e contemplação.

Acordou com um sorriso nos lábios, só não se lembrava exatamente porquê...

para A’rara Brasil.

DIÁLOGO ZEN

17.10.2011

(Discípulo) Mestre, acabei de ler sobre uma pesquisa que fizeram no Ocidente – perguntaram o que as pessoas têm de indispensável para o seu dia a dia, e a maioria respondeu que era o seu celular!

(Mestre) Que curioso...

(D.) Um absurdo, todo esse materialismo...

(M.) Mas o que deveria ser indispensável em sua vida?

(D.) Ora, penso que meus amigos, minha família, minha mulher...

(M.) Mas como? As pessoas não nos pertencem... Essa resposta não nos serve.

O discípulo pensou por um longo momento e acrescentou:

(D.) Muito bem, agora entendi: tudo o que temos é a sabedoria! Ela sim é indispensável.

(M.) Concordo... Mas me diga: como saberemos com certeza se temos mesmo alguma sabedoria?

(D.) Ora, pela opinião dos outros, mestre – eu mesmo afirmo: você é um sábio!

(M.) Fico imensamente grato... Mas, e se estiver enganado? Outros podem aparecer por aqui e afirmar exatamente o oposto: que sou apenas algum louco... Ou pior, um charlatão...

(D.) Mas mestre, todos que conviverem um dia que seja contigo hão de concordar que é mesmo um sábio...

(M.) Como?

(D.) Ora, porque passarão a amá-lo como todos os outros discípulos tem lhe amado.

(M.) Mas... Amar assim tão depressa? Será que primeiramente não amariam o saber?

O discípulo acenou com a cabeça, concordando.

(M.) Então, não seria esse amor ao saber o que inicia todo esse caminho espiritual que temos percorrido juntos?

(D.) Sim mestre! Agora percebo que foi assim: primeiro me interessei por seu conhecimento, e só após nosso convívio foi que passei a amá-lo como a um pai...

(M.) E já que agora somos tão amigos, será que quando viajamos para longe um do outro o telefone não passa a ser indispensável para mantermos contato?

(D.) Bem, pode ser... Mas o telefone é apenas um objeto material...

(M.) Meu amigo, o problema não é o objeto, mas o uso que fazemos dele... De fato, não temos um telefone, não temos nossa casa e nem mesmo nossa roupa, o que temos é essa vontade tão antiga de nos conectarmos um ao outro – eis o indispensável em nossa vida.

Encontrei uma criança que abençoa as pessoas...

Estou de férias num hotel fazenda no sul de Minas Gerais, dentre a Serra da Mantiqueira, e a encontrei num almoço. A mãe a carregava no colo e nos avisou: “Ele abençoa, querem ser abençoados?”.

Uma amiga avisou que queria, e o garotinho, de não mais do que uns 2 ou 3 anos, levantou a mão pequenina e pousou sobre a fronte dela, para logo após levantar a mão e dizer: “Dá dá!”. Logo após rodou a mesa, no colo da mãe, abençoando a todos.

Uma gracinha, muitos diriam... Também diriam que provavelmente a mãe é evangélica. E provavelmente era mesmo. Na nossa mesa todos eram católicos (exceto eu e minha esposa, que somos, poderíamos dizer, espiritualistas). Ninguém comentou ou quis saber nada sobre as raízes religiosas daquele tipo de bênção infantil. Ficou apenas no “uma gracinha” mesmo.

Nos dias de hoje há um certo asco da chamada afirmação evangélica. Sejam jogadores da seleção brasileira que apontam para o céu a cada gol, sejam políticos da chamada bancada evangélica tentando introduzir leis anti-laicas no país, sejam os shows da fé que reúnem milhares de pessoas em plena “aceitação do Senhor” etc. As pessoas não evangélicas ficam assustadas.

Fato é que, bem ou mal, a renovação carismática está a pleno vapor no Brasil e em boa parte da América Latina. É claro que os pastores da madrugada na TV, que pediam 10% e agora pedem “tudo o que se puder doar a Deus”, trazem bons motivos para uma postura crítica e desconfiada de todos nós (inclusive os protestantes). Porém, será que todos os evangélicos são como zumbis que doam tudo a sua Igreja? Se fosse assim, seu dinheiro já teria acabado... Aquele casal tinha dinheiro para pagar diárias de um bom hotel fazenda no sul de Minas Gerais. Algum dinheiro deve ter sobrado.

Em todo caso, uma criança que abençoa não era nenhuma novidade para mim. A única novidade é que ela fingia ser um pastor mirim... Pois, ao menos para mim, todas as crianças nos abençoam. Abençoam com o olhar, com o sorriso, a espontaneidade, e a fragrância que trouxeram consigo da Casa do Amanhã.

Quando vejo uma criança, penso em todas as potencialidades, em toda a dose maciça de sonho e imaginação que carregam consigo. É claro que ainda irão enfrentar a castração da escola e da sociedade, é claro que muito pouco de seu sonho irá sobreviver, mas nada disso me impede de admirar aquele brilho que ainda são capazes de carregar consigo. Toda criança é um milagre em potencial.

Jesus também adorava as crianças, mas não parecia ter a necessidade de ensiná-las a abençoar ninguém... Foi Jesus quem nos relembrou de alguns ensinamentos que todas as crianças trazem consigo, embora muitas se esqueçam, na medida em que moram muito tempo neste mundo:

Todos são filhos de Deus; todos somos deuses; amemos ao próximo como a nós mesmos, como a um deus.

Mas então vieram os eclesiásticos, os legisladores da fé. Eles introduziram suas reformas, seus adendos, que não me parecem ter adicionado nada ao sonho original:

Todos são filhos de Deus, mas somente os que aceitarem Nosso Senhor Jesus Cristo obterão a Salvação (seja o que isto for); todos somos deuses, mas somente através do pastor podemos contatar Deus; amemos ao próximo como a nós mesmos, como a um deus, mas não esqueçamos que o homossexualismo é uma abominação etc.

Na entrada da cidade há uma estátua de São Francisco de Assis. Trata-se do primeiro santo ecológico e, em todo caso, provavelmente do maior de todos os santos católicos, ou pelo menos aquele que mais se aproximou de Jesus... Os evangélicos não gostam de santos nem de

imagens, sua interpretação dos testamentos arcaicos é um tanto quanto radical. São Francisco não é Baal, e mesmo Baal, coitado, era só um deus da Mesopotâmia que calhou de virar um bode expiatório bíblico. Mas Martinho Lutero viu uma Igreja em decadência, e encontrou no texto bíblico a única fonte realmente confiável para a religião a Deus.

Não foi exatamente assim com Francisco. O santo de Assis achou a Deus dentro de si mesmo, e não num livro. E passou a chamar de irmãos os próprios sinais e atributos divinos: Irmã Brisa, Irmão Vento, Irmã Lua, Irmão Sol etc. Para Francisco, as plantas e flores, os rios e os lagos, os pássaros no céu e os peixes no mar, e os homens e mulheres, e as crianças, todos eram milagres em plena reforma.

Não coube nenhum adendo ao seu exemplo de vida. Sua reforma antecedeu a de Lutero, e deixou claro, escancarado, o imenso abismo que há entre a Casa do Padre e a Casa do Amanhã.

Se relembrei o que relembrei, é porque também sou um pássaro, a cantarolar, nos ombros de Francisco...

NUVENS

04.01.2013

No ciclo de final de ano, todos procuram retornar as suas casas para as comemorações. Como minha casa fica perto das montanhas do litoral, e moro no planalto, voo muito de avião por estas épocas...

Há algo de espiritual em se voar (de avião ou não). Talvez ajude o fato de termos de esperar horas nos embarques e escalas, sentados em cadeiras semiconfortáveis e, principalmente, com bastante tempo de sobra para se ler algum livro. Quando se lê, se imagina. Há algo de espiritual em se imaginar (lendo um livro ou não).

Por exemplo, não sou adepto daqueles fetiches que os homens *mediaticóides* têm das aeromoças. Para mim elas estão apenas fazendo o seu trabalho, e me interessa mais sua gentileza que sua

beleza... Imagino, isto sim, quando alguma garota bonita senta ao meu lado. Ambos viajando sozinhos – mas será que nalgum universo paralelo poderíamos ser amantes viajando juntos? Dizem que os físicos quânticos dizem que essas coisas podem acontecer. E eu acho que até podem, mas que isto nada tem a ver com a indeterminação da Natureza.

A priori, segundo Jesus Cristo, todos nós somos amantes que viajam juntos. A dificuldade está em imaginar a verdade dita, isto é: em vivenciá-la.

Outra coisa que me assalta a mente durante o voo são as turbulências. Antes tinha medo delas, acreditava que poderiam derrubar um avião... Talvez até possam, mas hoje prefiro acreditar que a grande parte delas é apenas um aceno dos silfos que vivem na alta atmosfera. Silfos, como devem saber, são os espíritos do ar... Seria realmente falta de educação atravessar sua casa com tamanha quantidade de metal e combustível e não dar sequer um aceno de volta. Eu também faço isto com a imaginação.

Algumas vezes os silfos também estão celebrando alguma coisa (talvez o final do ano deles?), e convidam as ondinas, sereias e até, nalgumas ocasiões, algumas das nereidas. Conforme construímos nossos aeroportos sem antes consultar seus locais de festividades, algumas vezes há o inconveniente de termos de pousar aviões em meio a tempestades (que é o que ocorre quando silfos chamam os espíritos da água para o céu)...

Nesses momentos geralmente tememos por nossa vida. Dizem que o pouso em meio à chuva forte é muito perigoso, mas segundo as estatísticas é consideravelmente menos perigoso do que dirigir um automóvel nas mesmas circunstâncias (os gnomos mandaram dizer que sentem saudades de nossas antigas carruagens decoradas). Ainda assim por vezes cremos piamente que iremos morrer, como se a morte fosse algo muito diferente do que deitar a cabeça no travesseiro de nossa cama, à noite, e dormir.

Eu também chegava a temer por minha vida, mas isto foi somente até uma vez em que o avião em que estava arremeteu em meio aos

prédios de São Paulo, isto é: abortou o pouso. Como isto nunca havia ocorrido comigo até então, deveria estar morrendo de medo. Mas não estava – simplesmente porque estava apertado para ir ao banheiro. Tudo o que pensava era quando o banheiro seria liberado, independente se o avião faria ou não algum pouso forçado. Por breves momentos, a vontade do número um foi mais forte do que o medo da morte...

Ah, metáforas, metáforas, o que seria de um escritor sem elas! Por exemplo, quando voamos a noite, por vezes é difícil distinguir onde termina a terra dos gnomos, e onde começa o reino dos silfos. Isto é: as luzes das cidadezinhas do planalto se confundem com as estrelas no céu, e por detrás é tudo muito escuro... Mas há uma certa beleza, uma certa metáfora, em imaginarmos que as estrelas do céu podem muito bem ser pequenas cidadezinhas do planalto cósmico, e que as luzes das casas podem marcar as estrelas que vivem em seu interior. Já disseram que todo homem e toda mulher é uma estrela. Os cães e gatos talvez sejam estrelas em formação (os gnomos mandaram dizer que preferem coelhos, mais silenciosos!).

Mesmo Bernardo Soares haveria de se tornar um pouco mais otimista se pudesse viajar da Rua dos Douradores para a Lapa, pelo espaço e pelo tempo, nalgum avião moderno. Não se sabe se acharia mais belas as praias ou as montanhas do Rio de Janeiro – gostaria de viajar ao seu lado só para saber.

Dizem que o avião foi inventado para que o homem pudesse se locomover rapidamente pelos continentes. Outros diriam que foi inventado para que bombas pudessem ser derrubadas em cidades (pequenas ou grandes). Eu já acredito que o avião foi inventado para que pudéssemos conhecer as nuvens.

Claro que todo bom montanhista já conheceu as nuvens, isto é: as observou de cima para baixo. E também é bem conhecido dos anais da história que todo homem, mulher ou criança, montanhista ou não, já percebeu as mais variadas formas sendo brevemente esculpidas pelos silfos em meio às nuvens. Mas o que quero dizer é

que somente os primeiros homens voadores puderam atravessar as nuvens do alto, como águias e condores já o fazem há milênios.

Há algo de profundamente espiritual em se atravessar nuvens no reino dos silfos, principalmente quanto o sol está nascendo de manhã, e as salamandras vem surfando seus raios por entre as grandes montanhas brancas a flutuar em lugar algum. Digo, lugar algum, pois quando estamos passando por tal experiência não estamos mesmo um nenhum lugar – exceto, quem sabe, nalgum reino da imaginação.

O homem inventou o avião, mas seria incapaz de inventar as nuvens. Estranho de se pensar: talvez seja isto o que Deus seja afinal... Não as nuvens, nem sequer a escultura que os silfos fizeram delas, mas a experiência de se contemplar uma nuvem em pleno céu, quando já estamos no céu.

IRMANDADE

11.08.2012

“Minha religião é meu pensamento”.

Foi à primeira vez que ouvi isso de outra pessoa, e foi de uma amiga. Estávamos visitando uma exposição no Centro Cultural Banco do Brasil sobre a Amazônia; e não me lembro nem ao certo o que estávamos conversando, mas tocava no assunto da tolerância religiosa, da tolerância às opções de caminhos escolhidas pelas almas alheias; e minha querida amiga me disse isso.

E ela disse do jeito certo, do jeito que eu gostaria de ter ouvido. Ela não disse “conforme você costuma dizer, minha religião também é meu pensamento”, nem tampouco “gosto muito daquilo que você diz, que sua religião é seu pensamento”. Ela disse somente isto: “minha religião é meu pensamento”. Lindo! Em seu olhar, ela pareceu ter compreendido a mensagem... Eu fui apenas quem a recebeu e passou adiante.

Já faz muito tempo que, quando me perguntam sobre qual seria a minha religião, eu tenho esta “reposta pronta”. Mas poucos a compreendem, não por culpa deles, nem minha, mas simplesmente porque pouco se dão conta de que a religião não é como escolher um time de futebol, ou então dizer assim: “não gosto de futebol, sou ateu para o futebol”. Mas alto lá, é possível ser ateu e religioso!

O *religare*, o *religio*, a religião, é a vontade de caminhar adiante rumo a uma espécie de reconexão com nossas origens, com o mistério de onde um dia saímos como seres ignorantes, e para onde pretendemos retornar como seres conscientes. Jesus disse, no *Evangelho de Tomé*, que “o Reino de Deus está espalhado pela Terra, mas os homens não o veem”. Carl Sagan disse, em seu *Cosmos*, “que nós desejamos compreender nossa origem, e que podemos, pois somos feitos de material estelar, somos uma forma do Cosmos compreender a si mesmo...”. Escolha seu caminho: Jesus, Sagan; Deus, o Cosmos; ou tantos outros caminhos – o importante é continuar caminhando.

“Mas isso não se faz com o pensamento, e sim com a fé, ou a razão, ou a filosofia etc.” – será mesmo? Pois eu digo que o único animal sagrado que o nosso pensamento ainda não capturou foi o Amor, mas continuaremos tentando. Nós queremos pensar em Deus, nós queremos pensar no Cosmos, nós queremos pensar no Amor. E por que temer? Admita então: “minha religião é meu pensamento”.

Mas fale para si, e apenas para si, como minha amiga falou. Pois eu não quero ditar regras, nem muito menos preceitos morais, e menos ainda pretender lhe dizer que este caminho é melhor do que aquele. Sim, existem cientistas que não creem em Deus. E existem religiosos que não creem na ciência. E existem filósofos que gostam de questionar a absolutamente tudo. Mas quem não crê no Amor? Quem, dentre todas as almas no mundo, não crê que existe um sistema, e que o percebemos, e que necessitamos saber dele, cada vez mais? Só não mergulhou no mundo quem está morto em vida, represado pelo dogma – o dogma da crença, ou da descrença. Não

importa ao pensamento crer ou descrever, e sim experienciar, estar aqui, existir para o mundo!

“Nada é mais útil ao homem do que o próprio homem”.

Foi o que disse o grande Espinosa. Para ele, o ser humano poderia ser a coisa mais preciosa na vida de outro ser humano, particularmente quando possuíam afinidade de pensamento. Uma afinidade de tal modo específica que, de certo modo, alguns poderiam mesmo se comportar e caminhar juntos, como uma só mente, um só corpo... Apenas esta comunidade, esta Eclésia do Amor, é digna de nota – as demais sempre serão apenas igrejas.

Por isso tudo eu fico extremamente grato, e realizado, por encontrar certa ressonância do que se passa no meu pensamento também pelo pensamento alheio. É exatamente assim, uma palavra por vez, uma frase, um conjunto de signos, cascas de sentimento, um pensamento a se refletir adiante, um artigo, um conto, um poema por vez, que procuro, quem sabe, melhorar a vizinhança. Seria esta a minha Verdadeira Vontade, diria um outro amigo...

Mas de nada adiantaria toda a sabedoria do mundo, sem o Amor. De nada adiantaria todos os manuais de natação, se não houvéssemos já mergulhado. De nada adiantaria todas as equações da física, se não nos espantássemos mais com a inconcebível natureza da Natureza.

Vivamos, não apenas sobrevivamos. Sejam uma irmandade, não apenas uma comunidade. E caminhemos à frente, sem medo do que pode lá haver, sem ansiedade pelo que o horizonte pode estar nos escondendo... O horizonte está em todo lugar. O pensamento permeia o Amor como as águas de um oceano a uma enorme ilha rochosa, que um dia ainda será a praia mais bela de todo o Cosmos.

Minha religião é meu pensamento

Minha vida é minha Bíblia

Minha igreja é meu coração

Deus é nosso amor

A IDENTIDADE DA LUZ

16.12.2013

Esta história se passa na época em que Shams de Tabriz, célebre místico sufi, havia abandonado Konya rumo a Damasco, voltando a ser um andarilho anônimo. Também participam dela Sultan Walad, filho de Rumi, assim como o jovem estrangeiro, que era um buscador espiritual vindo da França, e o velho teólogo. Não há necessidade de sabermos seus nomes.

Shams havia ganhado todas as rodadas do jogo de dados com o jovem estrangeiro, e como isto valia algum dinheiro – não que Shams necessitasse dele –, o jovem estava a ponto de lhe atacar com sua adaga, pois estava certo de estar sendo trapaceado pelo andarilho desconhecido.

É nesse momento que Sultan Walad, primogênito de Jalal ud-Din Rumi, o maior dos poetas sufis e fundador da ordem dos dervixes rodopiantes, adentra a taverna e deposita dois potes cheios de moedas de ouro e prata aos pés de Shams, implorando – em nome do pai – que ele retornasse a Konya.

Foi então que o jovem estrangeiro guardou sua adaga e, se prostrando a sua frente – como se fosse, ele também, um pote – pediu para ser seu discípulo. O jovem havia tomado ciência da magnitude espiritual daquele andarilho que jogara dados em sua companhia. “Certamente foi com ajuda divina que ele ganhou todas as rolagens”, pensou.

Shams, entretanto, pediu que Walad guardasse todo aquele ouro e prata com ele e que o aguardasse de manhã na entrada da taverna, pois ele aceitaria o convite de seu grande amigo.

“E quanto a mim”, perguntou o jovem, “poderei ser seu discípulo? Poderei acompanhá-lo até Konya?”

“Não, pois você terá muito o que fazer noutro lugar. Mas pode me acompanhar na contemplação da luz da lua.”

E eles saíram da taverna e se embrenharam em uma viela estreita que dava numa praça aberta com alguns arbustos e um velho poço no centro. A luz da lua cheia era tão forte que um leve esbranquiçado pairava sobre todas as coisas da noite, e as estrelas pareciam mais tênues.

Shams parou em frente à beirada do poço e, se esticando um pouco, fitou a escuridão abaixo.

“O que você está observando aí embaixo?”

“Venha ver, está para acontecer em breve...”

E então, após alguns minutos de escuridão, uma luz tênue começou a irradiar das águas do poço. Era o reflexo da lua!

O jovem estrangeiro sentiu uma emoção estranha ao encontrar a lua cheia no fundo daquele poço, mas sua emoção foi bruscamente interrompida pelo aconselhamento de um velho teólogo que os havia seguido até ali:

“Bah! Você, andarilho louco, não passa de um infiel, e ainda quer corromper aos jovens... Muito cuidado, meu caro estrangeiro, pois o objeto de nosso louvor deve ser a lua, que está lá no alto da noite, e não o seu reflexo, embrenhado em tal escuridão. Sua infidelidade nasce de um engano, e eu lhe perdoo. Mas não há perdão para você, andarilho, que Allah o castigue!”

E, como Shams não esboçou reação alguma, o velho retornou bamboando pela rua, e seus resmungos foram se tornando cada vez mais baixinhos, trazidos pela brisa, até que sumiram por completo.

O jovem estrangeiro ficou indeciso sobre em quem confiar. Aquele andarilho místico parecia um feiticeiro, e ele se sentia atraído por sua presença. Mas, seria esta atração fruto de sua magnitude espiritual, ou de sua magia sedutora?

“Antes que me pergunte, devo dizer que o velho estava certo: não devemos confundir a lua com seu reflexo.”

“Mas, então, o que foi isso? Um teste?” – indagou o jovem, crendo que havia falhado...

“Teste? Não eu não faço testes, eu apenas contemplo o mundo. Olhe para o poço mais um momento”.

E, enquanto o jovem observava o reflexo da lua nas águas do poço, Shams cantarolou um breve poema. Ele dizia mais ou menos assim:

*Se olhar a sua volta,
poderá encontrar a face de Deus
em cada pequena coisa.
Ele não se esconde numa igreja, mesquita ou sinagoga,
mas se espalha sobre tudo que há.*

*Ninguém vive após vê-lo face a face.
Ninguém morre após vê-lo face a face.
Aquele que o encontra, permanece com ele
na Eternidade!*

Enquanto refletia e se emocionava com tais palavras, o estrangeiro pôde perceber que a imagem da lua refletida começou a arder em chamas alaranjadas e etéreas... Era como se estivesse sonhando... Mas, quando o fogo cresceu e ameaçou jorrar para fora do poço tal qual uma erupção vulcânica, ele se assustou e se jogou ao chão, acovardado.

“Não se preocupe, isto é normal. Ninguém nasce preparado para morrer neste fogo. Nossa vida é um aprendizado para esta morte. Um dia você conseguirá, como eu, de bom grado ser imolado por essas labaredas.”

“Mas, o que era todo aquele fogo? De onde veio essa luz toda?”

“Dos reflexos. A lua que vê no fundo do poço é somente um pálido reflexo da lua verdadeira, que reside no céu. Porém, mesmo esta lua do céu é ainda tão somente um espelho para o sol. É o fogo do sol o que viu, meu rapaz, e sua luz tem a mesma origem e a mesma identidade de todas as outras luzes do mundo; e o Amado está, dessa forma, sempre a nossa volta.

Você está preparado para vê-lo face a face?”

“Não, mas você me ensina?”

E foi isto o que Shams lhe respondeu:

“Retorna à Europa; visita os buscadores de lá, seja o seu líder e recorde-se de nós em suas orações. Não há nada que possa lhe ensinar com palavras que já não tenha sido despertado em seu coração. Busque o fogo, meu amigo, que ele sempre esteve lá, ardendo no poço de sua alma...

Vai e incendeia o mundo!”

UMA NOVA ERA

07.02.2012

Nota: Texto publicado originalmente em 01.01.2012 na coluna do blog no portal Teoria da Conspiração.

Então, este é o primeiro dia de uma nova era...

Há tempos que temos orado e esperado por uma grande mudança espiritual no mundo – mas, por que ela nunca chega?

Quando éramos crianças pequenas e inocentes, brincávamos em nossas caixas de areia... O parque nos era desconhecido, mas em

nossas brincadeiras pelos pequenos montes de areia, éramos verdadeiros especialistas. Os seres a perambular em nossa volta eram ignorados, mas sabíamos o nome de cada uma das crianças a brincar conosco na areia.

Por vezes formávamos grupos, até que uns brincavam apenas entre si, e não deixavam as crianças “de fora” entrar... Por vezes até discutíamos uns com os outros, ou brigávamos: um grupo contra o outro... E os seres a nos observar, passeando pelo parque, davam gargalhadas: “São apenas crianças, têm ainda muito por conhecer”.

Mas e o que seriam nossas doutrinas religiosas senão o fruto das brincadeiras que alguns profetas encenaram em seus pequenos desertos? E o que seriam tais mandamentos senão as regras para que as crianças pudessem continuar brincando sem se ferir?

E quando uma criança se exalta e brada: “Eu conheço todas as brincadeiras do mundo!”, aqueles seres transeuntes do parque apenas comentam: “Eles ainda estão na era das caixas de areia...”.

Mas quando afinal chegará nossa vez de conhecer todo o parque a volta? Será que precisaremos realmente esperar este pequeno planeta rodear seu sol por mais um tanto de vezes? E que diferença isso faria, se nosso sol é apenas mais um grão de poeira a girar pela galáxia – e a galáxia, mais um punhado de grãos empurrados adiante pelos ventos do infinito...

E o que seria este dia, senão mais um despertar de nossa consciência, após mais um passeio pelo parque etéreo dos sonhos? E quem seriam afinal os grandes responsáveis pela instauração de uma nova era espiritual no mundo, senão nós mesmos?

Temos brincado e rolado juntos pelos montes de nossa pequena caixa de areia, e por vezes a temos tentado apanhar com as mãos – mas tal areia do deserto é como o tempo a escorrer entre os dedos, e não é possível guardar quase nada de todo esse turbilhão. Tudo o que guardamos são as brincadeiras, tudo que nos resta é continuar a brincar...

E, quem sabe, dia virá em que percebamos como fomos tolos em brincar em grupos fechados, separados uns dos outros por uma ou

outra regra de um jogo que, no fim, todos nós temos jogado há tantas e tantas eras...

Que aquele que bate no peito e se sente no direito de ditar aos outros como todos os jogos têm de ser jogados, é porque ainda não aprendeu a grande brincadeira da vida: persistir em semear todos esses parques em meio ao infinito de si mesma, e observar todas essas brincadeiras que suas crianças têm brincado, até que se cansem de rolar pela areia, e se juntem aos transeuntes do parque.

Mas eis que há muitos parques no Reino, e no momento em que chegamos finalmente a um deles, há uma grande festa a nossa espera:

“Bem vindo, agora se inicia uma nova era!”

CRISTO CRUCIFICADO

27.09.2011

Você que andou por esse mundo de homens quando os homens eram pouco mais do que feras bestiais, você que veio de longe, de onde mesmo a luz demora a viajar, você que esteve no reino iluminado, na morada da paz duradoura, e ainda assim decidiu retornar... Por nós!

Você que esteve presente na fundação da primeira tribo, e também da primeira civilização. Você que tem sido amigo dos homens há tantas e tantas eras. Você que tem cuidado para que o nosso fogo não se apague com os ventos gélidos das noites obscuras. Você, nosso amigo, e amigo do sol. Você é o que há de mais precioso em nossa existência e, ainda assim, é tão somente mais um de nós...

Não Deus, mas apenas mais um da raça dos deuses. Não Deus, mas apenas mais um da raça dos homens. Não Deus, mas apenas mais um ser que veio de algum lugar do infinito, e agora voa junto aos anjos do firmamento.

Nós o caçamos quando o avistamos no céu. Nós o arpoamos e o trazemos para baixo, para o mesmo nível de pensamento, para o

nosso fétido pântano de desejos desenfreados. Nós arrancamos suas asas e o fizemos gritar em agonia, e o que você nos ofereceu? A outra face!

Não obstante, você nasceu novamente homem, você cresceu novamente homem, você viveu uma vida de homem. Você correu entre as ovelhas do mundo como um jovem pastor que algum louco avistara dentre as colinas no final da tarde. Você se ajoelhou perante os grandes sábios do oriente e lhes disse: “ensinem-me”; mas eles lhe responderam: “não, ensina-nos tu, ó mensageiro!”

Não profeta, mas apenas alguém que já vira este orbe girar por muitas eras. Não messias, mas apenas alguém que agora vai aonde quer no Cosmos. Não mágico, mas apenas alguém que nos faz relembrar o amor. Não curandeiro, mas apenas alguém que nos faz reencontrar a saúde de nossa própria alma. Enfim, não Rei, mas Imperador do espírito.

Não obstante, nós cuspimos em sua mensagem de luz. Nós o açoitamos e lhe dissemos para ir-se embora daqui. E para nos certificarmos de que estava errado em sua vã esperança de uma era de amor, nós deixamos que o próprio povo, o seu querido povo, escolhesse entre tu, ó cordeiro que sangra, e Barrabás, aquele imundo assassino, incitador de rebeliões e matanças. E eles não te escolheram, eles te deixaram sangrar até o fim...

Nós, os imperadores da terra, os conquistadores de reinos, a turba do Coliseu, o crucificamos e o banimos de nossas vidas. A tua esquerda deixamos um ladrão, e a tua direita ainda outro, e só deixamos que algumas mulheres te dessem adeus, porque todos sabemos o quanto choramingava na cruz. Você ainda teve a coragem de pedir perdão ao Cosmos, dizendo que não sabíamos o que estávamos a fazer. Mas todos sabíamos, sabíamos exatamente o que era realizado naquele dia!

Mas esse foi apenas o início de nossa vingança. Depois, ainda conseguimos erguer uma gloriosa Igreja de Eleitos sobre os corpos esquartejados de cada um de seus amados discípulos. Eles pregavam sua mensagem de que o Reino de Deus nos abarcava por todo lugar,

dentre galhos partidos e debaixo de pequenas pedras ao longo das estradas... E nós lhes dissemos que não: “Todas as estradas levam a Roma, e somente a Igreja de Roma poderá lhes salvar da danação eterna!”

Você veio nos dizer que a existência era uma festa armada pelo Cosmos, e que tudo que havíamos de buscar era o amor. Mas nós lhes dissemos que todo ser nasce um pecador, que algum ancestral obscuro havia comido uma maçã podre em algum bosque fabuloso, e que por isso te crucificamos: para que pagasse o pecado sombrio de todos nós, de toda a humanidade!

E houve dia que nossa Igreja controlou os pensamentos de metade da humanidade. Nós que te crucificamos e que aplaudíamos enquanto sangrava, gota a gota, fizemos de seu momento de maior agonia, de seu calvário, nossa maior imagem de glória. Na entrada de cada um de nossos Templos de Ouro, erguidos em meio à pobreza e miserabilidade dos homens, mostramos o Cristo Crucificado em toda a sua grandeza...

Não obstante, você até hoje jaz crucificado, e até hoje lhe esquecem e clamam em turba: “Salvem Barrabás!”

Então eu lhe pergunto, meu amigo: quando finalmente sairá dessa cruz? Quando finalmente se instaurará um reino de vida, e não mais de morte, nesta terra? Quando finalmente irá ressuscitar dentre os mortos, para que tragas junto contigo todos aqueles discípulos de outrora, e todos os teus amigos que tem te amado nas orações noturnas, e salvo teus ensinamentos em pinceladas ocultas e vasos enterrados nos desertos?

Quando irá retirar os três pregos hediondos desta cruz monumental, e virá nos consolar novamente? Ou será que somos nós que precisaremos subir até sua cruz, para te libertar, e lhe trazer definitivamente para dentro de nosso coração?

Ainda existe luz aqui embaixo, ainda há luz em todo lugar... Tu venceste a noite de todas as almas... Apenas tu, ó invicto!

Notas do segundo capítulo

[1] Hancock prossegue em um longo, extensivamente detalhado e devidamente documentado relato de similaridades entre as experiências do xamanismo, os relatos de abdução por OVNI's (inclusive muitos séculos antes do século XX) e os relatos de encontros com seres mitológicos e do “reino das fadas”... Trata-se, talvez, de um “passo maior do que as pernas”, mas nada disso invalida o que vinha sido demonstrado desde o início do livro, particularmente o que foi resumido nas duas primeiras partes desta série. [[voltar](#)]

[2] Li este texto em uma imagem que circulava nas redes sociais anos atrás. O texto estava em um cartaz no centro acadêmico de psicologia da UERJ. [[voltar](#)]

[3] Sua pesquisa, genuinamente científica e objetiva, procura associar o número elevado de cristais de apatita encontrados na glândula pineal dos pacientes a um grau mais elevado de mediunidade. Segundo este promissor estudo, os cristais da pineal podem ser receptores e emissores de ondas eletromagnéticas, e esta poderia ser a via pela qual a troca de informações com espíritos “de fora” ocorre. O Dr. Sergio pode comprovar que Descartes estava errado – a pineal não é a sede do espírito no corpo –, mas nem tão errado assim. [[voltar](#)]

[4] Suspeite de qualquer um que lhe diga que a mediunidade se desenvolve “rapidinho”. Na verdade, um médium só se torna plenamente equilibrado e de posse das próprias capacidades após muitos e muitos anos. Uns 10 a 15 anos não seria um cálculo muito distante da média. [[voltar](#)]

[5] A mediunidade pode ser considerada uma filha da magia, mas de forma alguma a abrange em todo o seu espectro. Muitas vezes

usamos técnicas magísticas para autoconhecimento e realização de fenômenos que independem de outros espíritos além do nosso próprio; neste e em inúmeros outros casos, a magia vai além da mediunidade. [\[voltar\]](#)

[6] Para um estudo minucioso de todas ou quase todas essas manifestações, os livros compilados por Kardec (mediante consulta as respostas dos espíritos através de algumas jovens médiuns) ainda são a melhor fonte de referência – sobretudo, neste caso, *O Livro dos Médiuns*. [\[voltar\]](#)

[7] Há alguns médiuns da atualidade, como Róbson Pinheiro, que afirmam por vezes psicografar diretamente no teclado do computador. Seria muito interessante vermos um estudo científico deste tipo de fenômeno, particularmente com o monitor desligado. [\[voltar\]](#)

[8] A mediunidade é uma potencialidade sagrada, e não deve jamais ser compreendida como um “fardo”. Existe a mediunidade e o desequilíbrio mental, e embora eles possam andar juntos, particularmente nos médiuns iniciantes, não devem ser compreendidos como “a mesma coisa”, nem mesmo como “coisas que não existem em separado”. [\[voltar\]](#)

[9] A incorporação total é uma forma de mediunidade ativa que, ironicamente, pode envolver a passividade total do próprio médium. Muitos sequer se lembram do que ocorreu enquanto estavam “desligados de si”, ou seja, enquanto outros espíritos ocupavam suas mentes e boa parte das funções motoras de seus corpos. Mas o ideal seria tentar manter a consciência, ou semiconsciência, de tudo o que ocorre durante a incorporação.

Há muitas casas espiritualistas mais “ortodoxas” (principalmente as casas espíritas) que não irão aceitar incorporações de seus médiuns – apesar de as vezes elas ocorrerem de maneira “forçada”, ou sem que

os próprios coordenadores percebam (em médiuns particularmente hábeis)... Se você tem algum receio de participar de sessões onde há incorporação (ainda que você mesmo não seja, de forma alguma, “obrigado” a incorporar), a melhor coisa é procurar uma casa espiritualista onde não exista esta prática.

Ou seja, usualmente o trabalho envolverá apenas orações, música, passes magnéticos e, por vezes, psicografia ou psicopictografia. [\[voltar\]](#)

[10] Cocriador da teoria da evolução das espécies (ou teoria de Darwin-Wallace), Wallace posteriormente tornou-se espiritualista, e isso obviamente explica porque seu nome é tão pouco mencionado, enquanto Darwin é quase um “semideus” para muitos cientistas. [\[voltar\]](#)

[11] O texto na sequencia é o trecho final de *Íon* (Autêntica), na tradução espetacular de Cláudio Oliveira. [\[voltar\]](#)

[12] No contexto da tradução, entenda-se “terrível” como “muito hábil”. [\[voltar\]](#)

[13] Ou seja: Íon não pode declamar a poesia de Homero como um técnico, pois para tal precisaria conhecer absolutamente a técnica de todos os personagens de Homero – como, por exemplo, a arte da guerra de um general. Como Íon não demonstrou ter nenhum conhecimento técnico específico, seja na arte da guerra ou em outras artes, Sócrates deduz que a única forma que teria para acessar tal conhecimento seria através da intuição e da inspiração poética, e não do conhecimento filosófico propriamente dito. Sócrates, entretanto, era ele mesmo também um poeta, constantemente influenciado por seu *daemon*. Embora fosse também um filósofo – ou seja, sabia diferenciar a poesia da filosofia. [\[voltar\]](#)

[14] O “ser belo” era a grande meta da filosofia de Sócrates. Não a beleza física, mas a beleza da alma. Sócrates, entretanto, não ignorava a beleza física – tanto que lutou em guerras e tinha porte atlético, além de considerar homens e mulheres muito belos uma tentação capaz de nos afastar da filosofia (daí a concepção cristã da ultravalorização da alma sobre o corpo é um passo gigantesco, passo esse que Sócrates não deu). [\[voltar\]](#)

[15] Há um tambor grande chamado de *cangoma* ou *angoma*. Esse tambor avisa, no registro da canção, o fim da escravidão, como os sinos das igrejas que tocavam avisando e marcando os momentos importantes da vida da comunidade. [\[voltar\]](#)

[16] Na mitologia Iorubá, talvez a de maior influência no Brasil, Olorun ou Olodumaré é o criador do universo e mora no Orun (Céu). Embora reconhecido como Ser Supremo, não existe um culto ou templo que lhe é dedicado exclusivamente. Os orixás são os seus representantes em Aiye (Terra). [\[voltar\]](#)

[17] Muito embora, mesmo no taoísmo existam lendas que colocam Lao Tsé como uma espécie de deus na Terra. Da mesma forma que existem religiosos superficiais no Ocidente, existem também no Oriente. Este texto não pretende ser, portanto, uma exaltação da religiosidade oriental como “superior”. Apenas procura atestar que a religiosidade pura, não eclesiástica, é muito mais comum na cultura oriental – independente de seus seguidores as terem compreendido ou não. [\[voltar\]](#)

[18] Existem inúmeras discussões acerca do que “feiticeiros e necromantes” significavam exatamente no contexto da época. Em todo caso, é bastante conveniente para os que interpretam a Bíblia ao pé da letra considerar “feiticeiros” praticamente qualquer praticante de uma religião situada (teoricamente) fora do cristianismo. [\[voltar\]](#)

[19] Segundo reportagem da Superinteressante de Abril de 2010 sobre o filme *Chico Xavier*, o médium doou cerca de 670.000 reais por ano a caridade (de forma direta ou indireta), e contentou-se em viver com sua escassa aposentadoria de funcionário público (de baixo escalão) até o fim da vida. Não foi o que seu filho adotivo fez: ele hoje detém os direitos autorais do pai. [[voltar](#)]

[20] Distúrbio de memória que faz com que as pessoas se esqueçam que conhecem uma determinada informação. Entretanto, não explicaria a exatidão de descrições históricas, por exemplo, desconhecidas da própria história de sua época, e descobertas em pesquisas posteriores. [[voltar](#)]

[21] Como é comum em vários livros que Chico afirma terem sido ditados pelo espírito André Luiz, há uma extensa análise do suposto fenômeno de obsessão, em que um espírito literalmente influencia o pensamento de outro, e “vampiriza” as sensações físicas provenientes de suas ações (por exemplo, sentir o gosto de bebida alcoólica). Não sei se a analogia que o espírito faz entre a “vampirização” e o consumo de carne faz algum sentido, acredito que ele estava se referindo a nossa “vampirização” da natureza como um todo, através do consumo predatório e na maior parte das vezes excessivo e desnecessário – prejudicial para nós mesmos, portanto. [[voltar](#)]

[22] O que não é algo assim tão raro na história do sufismo. Outro grande poeta sufi, Mansour al-Hallaj, também foi perseguido, preso por mais de uma década, torturado e morto, por se atrever a se “afastar da ortodoxia” de sua época (final do séc. IX, início do X). [[voltar](#)]

[23] Uma das características mais conhecidas das comunidades ciganas, que mesmo eu sabia ainda naquela época, era a de compartilhar todos os objetos e utensílios, que não eram “pessoais”, mas “de quem está usando”, ou por vezes “de todo o grupo”. Um

cigano que se desinteressava pelo uso de algum objeto, automaticamente o “perdia” para quem quer que encontrasse uso para ele. [\[voltar\]](#)

[24] Em realidade os ciganos se originam de migrações de nômades da Índia entre os séculos IV e IX, mas o que conhecemos hoje como povo cigano se refere principalmente as comunidades que ainda vivem relativamente isoladas na Europa, principalmente na Romênia e na Bulgária, muito embora existam pequenas comunidades genuinamente ciganas em diversos países, incluindo o Brasil. Que eu saiba, de todos os presentes na festa, nenhum era cigano. [\[voltar\]](#)

[25] Que fique bem claro: não estou sugerindo que ciganos são “espíritos inferiores”, até mesmo porque existem espíritos nas mais variadas gradações morais, nas mais variadas frequências vibratórias, encarnados ou não, em todos os povos e etnias da Terra. Certamente não me deparei com os melhores exemplos de sabedoria cigana naquela roda, mas a festa tampouco havia acabado, e ainda haveria tempo para encontrar seres um tanto mais elevados. [\[voltar\]](#)

[26] *Ashram*, na antiga Índia, era um eremitério hindu onde os sábios viviam em paz e tranquilidade no meio da natureza. Hoje, o termo *ashram* é, normalmente, usado para designar uma comunidade formada intencionalmente com o intuito de promover a evolução espiritual dos seus membros, frequentemente orientado por um místico ou líder religioso. [\[voltar\]](#)

[27] O Projeto Mayhem é basicamente um grupo de colaboradores, leitores, estudantes e simpatizantes do Teoria da Conspiração, o portal ocultista de Marcelo Del Debbio. Deu tão certo que hoje existem grupos em muitas cidades do país. [\[voltar\]](#)

[28] Krishna é a personificação humana (avatar) do Espírito eterno ou Ser Supremo, representado pelos três grandes deuses hindus:

Brâma, Vishnu e Shiva; pela ordem, o criador do universo, o mantenedor, e o destruidor e renovador. Já Rama é um dos avatares do deus Vishnu. Ambos são personagens importantíssimos nos Vedas.

[[voltar](#)]

3. Da magia

UMA BREVE HISTÓRIA DA MAGIA

08.06.2009 ~ 12.06.2009

O que diabos é magia?

No mundo atual, quando crianças aprendemos que magia é basicamente um poder sobrenatural que somente magos e seres fantásticos possuem. Há algumas décadas J. R. R. Tolkien nos trouxe o grande mago Gandalf em seus livros épicos *O Hobbit* e a trilogia *Senhor dos Anéis* – de lá para cá nem sempre temos tido a sorte de encontrar personagens tão interessantes na ficção. Hoje em dia os livros e filmes do estudante de magia Harry Potter dão a esperança de que toda criança pode aprender magia: se estudar no lugar certo e, principalmente, se não perder sua varinha mágica em algum lugar.

Há também quem confunda magia com truques de mágica, para esses gente como Houdini e, mais atualmente, David Blaine e Chris Angel, são os grandes magos de nossa época... Para muitos magia nada mais é do que o fruto do chamado pensamento mágico, que basicamente é um nome mais bonito para superstição – prática ritual de religiosos que perderam o compromisso com a realidade das leis naturais, e creem piamente no sobrenatural; ou de loucos que caminham na contramão da ciência, por exemplo: alquimistas que ainda tentam transformar chumbo em ouro (literalmente, é claro).

Com tanta ignorância espalhada aos sete ventos, não é de se admirar que o verdadeiro significado da magia tenha se perdido há muito dentre o chamado conhecimento popular. Na falta de um nome melhor, vou chamar a definição dada nos dois parágrafos acima

de magia fantástica. Não quero no entanto induzi-los ao erro: decerto Tolkien sabia muito bem o que pertencia a mitologia e suas metáforas profundas, e o que era criação de sua mente, quando compôs Gandalf e outros seres fantásticos da terra média; assim como, mesmo no conhecimento popular sabe-se muito bem que os truques e ilusionismos de mágicos como Houdini e Blaine nada têm a ver com rituais de magia (ainda que não se saiba exatamente o que diabos é magia).

Pois bem, se quer saber o que é magia, se quer saber se já participou inadvertidamente de alguma espécie obscura de ritual mágico, eu lhe digo que não somente certamente participou, como certamente é um mago, ou magista, em maior ou menor grau, ainda que nunca tenha percebido... Todo ser dotado de mente pensante é um mago, e pratica magia, em maior ou menor grau. A magia não é privilégio de sociedades secretas, de ocultistas ou escritores de autoajuda: um ator de teatro que consegue levar a plateia as lágrimas atuando em um drama, é um mago mediano; um poeta que consegue passar inúmeras imagens e pensamentos através de símbolos escritos em versos, é um bom mago; até mesmo uma pastor evangélico que, através de sua interpretação fervorosa da leitura bíblica, consegue incitar grande fé em multidões de seguidores fascinados por sua oratória, é um grande mago!

No documentário *The mindscape of Alan Moore*, o célebre escritor e magista inglês resumiu de forma contundente o que é magia (e não é necessário chama-la de outro nome senão o original): “Magia é a arte (a arte original), a ciência de se manipular símbolos, palavras ou imagens para se alcançar estados alterados de consciência”. Aí está resumido todo o real significado de magia. Não se trata de rituais que pretendem criar efeitos sobrenaturais na natureza, mas da cuidadosa manipulação da simbologia compreendida pela cognição humana no intuito de incitar na consciência um estado alterado, onde se pode compreender a realidade de uma forma mais direta, talvez pudesse se dizer: menos racional e mais espiritual ou sentimental [1].

A maioria dos alquimistas nunca pretendeu um dia realmente transformar, literalmente, chumbo em ouro. Porém, mentalmente e metaforicamente, essa é a mesma transformação que um budista talvez procure em suas meditações transcendentais, ou um católico fervoroso procure em sua comunhão com Deus, ou mesmo um xamã ou pajé em sua relação direta com a natureza e seus espíritos – transformar chumbo em ouro é transformar uma mente fechada em aberta, uma consciência restrita em abrangente, um conhecimento limitado em virtualmente infinito. Nesse e em muitos outros sentidos, a magia sempre foi o mecanismo pelo qual se realizou o *religare*, a religação a Deus, ou simplesmente a religião.

Entretanto, obviamente nem toda magia é boa, assim como nem todo pensamento ou estado de consciência é construtivo. Da mesma forma que pensamentos sombrios brotam nas mentes presas em sentimentos de culpa, ódio e vingança, a forma pela qual tais pensamentos são guiados através de manipulações da simbologia mágica é igualmente sombria, ou o que muitos conhecem popularmente como magia negra. Mas aqui, novamente, não é a *cor* que importa: é a *intenção*.

Magia é essencialmente vontade. Não há como realizar boa magia sem ter o controle e a compreensão da própria vontade. A vontade no entanto nem sempre é construtiva ou visa a evolução espiritual dos seres. Por isso também se diz que o amor é a lei, o amor *sob* a vontade... Que isso seja levado sempre em conta a todo aspirante a magista.

A evolução da simbologia mágica

Uma das maiores conquistas evolutivas do *homo sapiens* é a capacidade de reconhecer e interpretar símbolos. O termo “símbolo”, com origem no grego *ḥymbolon*, designa um elemento representativo que está (na realidade visível) em lugar de algo (da realidade invisível) que tanto pode ser um objeto como um conceito ou ideia. Um símbolo pode ter representação gráfica (bidimensional ou tridimensional), sonora e até mesmo gestual – sendo o catalisador da

linguagem e da cognição humana. Como diz o ditado: “uma imagem vale mais do que mil palavras”; no entanto, mesmo as palavras nada mais são do que símbolos elas mesmas.

A simbologia, tendo estado presente na evolução humana desde a pré-história, obviamente surgiu antes da escrita, que nada mais é do que um código de interpretação de símbolos bidimensionais (palavras). Quando nossos ancestrais pintavam animais nas cavernas, não estavam representando somente o animal em si, mas toda uma gama de conceitos simbólicos que hoje em dia talvez não possamos desvendar, mas provavelmente envolvia o animal em si, o espírito do animal (simbolicamente o conceito ou essência do animal), uma celebração pela oportunidade da caça do alimento, um pedido aos deuses pela abundância da caça, e talvez muitos outros conceitos. Não nos importa, para esse pequeno estudo em específico, procurar compreender as condições de nossos antepassados no horizonte tribal, mas sim o mecanismo peculiar pelo qual nossas mentes evoluíram na capacidade de interpretação simbólica.

Um mero símbolo, fosse uma gravura na caverna, um escultura de pedra ou metal, um grito de guerra ou o gesto de um xamã, representava por si só uma série de conceitos e ideias entrelaçadas e encadeadas, que de certa forma evoluíram conosco ao longo das encarnações, não exatamente porque de alguma forma obscura nossos genes passaram essas informações adiante, mas simplesmente porque nós mesmos, ou nossas mentes, estavam lá – vivendo no horizonte tribal, caçando e sobrevivendo na imensidão do mundo. Não que seja impossível compreender a evolução da simbologia humana de outra forma, mas principalmente dentro do estudo da magia e do ocultismo, a reencarnação sempre foi um conceito chave, muito embora tenha sido mal compreendido ao longo dos tempos.

Além disso, a prática de magia surgiu primordialmente através da figura do xamã, uma espécie de mediador entre a tribo e os espíritos da natureza. A palavra xamã vem do russo, *tungue saman* corresponde às práticas dos povos não budistas das regiões asiáticas e árticas, especialmente a Sibéria. Outros povos lhes darão outros

nomes, como o pajé indígena da América do Sul ou o *seidr* dos povos vikings da Europa, mas o que importa é que provavelmente foram os primeiros magistas da espécie humana.

Há muitos céticos que atribuem o surgimento dessa mediação entre o xamã e os espíritos às crenças religiosas antigas de homens que, por não conseguirem compreender a natureza, lhe atribuíram o mecanismo à função de seres sobrenaturais. Porém, o estudioso do oculto saberá muito bem distinguir o que era animismo e o que representava simplesmente o contato ancestral dos povos primitivos com os guias espirituais que, de uma forma ou de outra, sempre estiveram velando pela evolução terrestre. Nesse vai e vem de tribos e seres, a evolução espiritual se entrelaça e confunde com a evolução da cultura humana, e certamente não poderia ser diferente. Fato é que não há povo de caçadores-coletores que não seja guiado, em última instância, por um xamã (e toda nossa espécie surgiu desses povos).

Já a religião correu por caminhos ainda mais estreitos e obscuros. O horizonte tribal já havia passado, e com a agricultura surgiu o horizonte agrícola... Quase 3 mil anos antes de Cristo, na grandiosa cidade de Uruk, na Suméria, o templo de Ishtar dominava a civilização da primeira grande cidade. Ishtar, entretanto, era apenas mais um nome dado a Grande Deusa, que era adorada então por muitas outras culturas na Terra. Nada se comparava ao poder da mulher. Toda a vida provinha dela e sem seu alimento nenhuma vida sobreviveria. A Mãe era a vida. A Terra era a Mãe. Deus era Mulher. Deus era a Lua. O matriarcado e o canibalismo dominaram grande parte do período em que se cultuou a Grande Deusa, e o nascimento era o grande mistério.

Porém, o homem antigo continuava evoluindo, já compreendia melhor o mecanismo do seu nascimento (físico), e acabou por compreender que sem a luz do Sol, o solo não poderia ser fértil: em realidade o Grande Deus era o Sol. Ele passou a ser adorado por diversos nomes por todas as partes, sendo Osíris o nome mais relacionado ao estudo do oculto, pois foi durante seu culto que muito

do que se estuda até hoje em ocultismo surgiu no Egito antigo, através da grande mente de Hermes Trimegisto, o três vezes grande.

Essa nova “iluminação” resultou em avanços sem precedentes para a civilização. Armados com o conhecimento solar dos ciclos das estações, os lavradores começaram a organizar o culto das lavouras. Cidades surgiram e com elas as economias e os exércitos dos grandes Estados-nação. O patriarcado superou o matriarcado e as deusas de inúmeras culturas se tornaram “esposas” de novas divindades masculinas. O Sol no entanto “morria” todas as noites e “ressuscitava” todos os dias, sua morte era o novo mistério. E assim os deuses dos grandes cultos – Orfeu, Hércules, Dionísio e até mesmo Cristo – foram assassinados e ressuscitaram. A narrativa de Perséfone nos Mistérios de Elêusis é um exemplo perfeito da evolução da simbologia da Grande Deusa para a simbologia do Grande Deus.

Foi necessária a compreensão científica de que o Sol era “apenas” uma esfera incandescente em volta da qual a esfera terrestre fazia viagens anuais, de acordo com a gravitação universal, para que o grande mistério da morte fosse lentamente sendo deixado de lado. Não havia mais necessidade de temer as trevas, nem a morte. Para quem nunca compreendeu a Deus, e cultuava um “deus da barganha”, que enviava os seres para o Inferno ou para o Céu, de acordo com seus pecados, a questão da existência retornou em plena força: nada mais estaria garantido sem a acomodação dessa crença vazia da barganha de nada por coisa alguma, e portanto a transição não foi pacífica – que o digam as fogueiras medievais.

Desde esses novos tempos temos visto a queda do colonialismo e a destruição dos últimos vestígios do domínio patriarcal dos reis europeus, juntamente com o poder da Igreja. A simbologia do culto a Grande Mãe (violentamente reprimida durante o culto solar) foi transformada pela evolução da consciência humana, e ressurgiu na forma de movimentos relacionados ao meio ambiente, a ecologia e a emancipação das mulheres na sociedade moderna.

Nessa nova época, que muitos chamam de Nova Era, a consciência espiritual da humanidade desperta aparentemente subitamente,

como se doutrinas a exemplo do espiritismo e da umbanda sagrada fossem completamente novas, revelações divinas; o estudante do oculto, entretanto, percebe claramente o encadeamento da teia da vida e da lenta evolução humana, passo a passo em direção ao infinito.

Ação e reação, causa e efeito. Um turbilhão de símbolos a girar pelo universo imenso e abrangente – o que a consciência humana é capaz de perceber e compreender hoje, pagou com o sangue e o suor de milhões de anos de evolução. Nós temos percorrido um longo caminho, cheio de armadilhas e passadas em falso, cheio de ignorância e incompreensão, cheio de doutrinas míopes, porém certamente não absolutamente cegas...

O Deus que buscávamos no mistério do ventre da Terra-Mãe, que tateamos na escuridão das noites aflitos pela ausência do Sol-Pai, e que hoje temos a chance de compreender a fundo através do estudo meticuloso dos mecanismos da natureza, é o mesmo do qual nascemos, o mesmo ser-substância eterno e imutável para a qual inevitavelmente iremos um dia retornar, senão fisicamente, decerto espiritualmente. O que está em cima é como o que está embaixo, mas nunca estivemos “longe” ou “fora” de Deus: essa é a grande fórmula mágica, a grande compreensão, o grande mistério do existir.

Ritual da irradiação mental de certas cores para a autocura de certas enfermidades

Traremos na terceira e última parte deste breve estudo as instruções para um ritual mágico, mas é necessário que antes eu defina alguns conceitos:

1. Por *ritual* entendo, em última instância, uma série de procedimentos mentais que, de acordo com nossa definição de magia – “a ciência de se manipular símbolos, palavras ou imagens para se alcançar estados alterados de consciência” – visa à indução de nossa própria consciência a um estado alterado. Não é estritamente necessário o uso de indumentárias (físicas) como mantos, velas,

imagens de santos etc. Isso pôde ser comprovado inclusive por magistas renomados como o próprio Aleister Crowley, que já completou certos rituais, por força das necessidades, *apenas* pela disciplina da mente, por assim dizer. Obviamente que certos rituais são muito complexos para que nossas mentes consigam realizá-los sem nenhum auxílio de simbologia através de itens materiais, mas felizmente o ritual que lhes apresento é muito simples e pode ser feito apenas com o pensamento corretamente direcionado.

2. Por *irradiação mental* entendo uma espécie de mentalização de certos símbolos, em certos contextos, e em certos graus de foco mental (quanto maior o foco, maior a eficácia, mas isso requer obviamente maior disciplina e experiência com a prática). Não se trata, certamente, de nenhuma irradiação no sentido físico-científico do termo. Inclusive neste ritual em específico a irradiação estará direcionada ao próprio corpo do ativador do ritual.

3. Por *cores* entendo exatamente nossa interpretação simbólica das cores. Pela ciência sabemos que cores não existem, e sim espectros da luz, pois que tudo que chamamos de “cor” são frequências específicas de onda dos fótons (*quantas* de luz, ou do eletromagnetismo). Nossa interpretação – poderia se dizer, subjetiva – dessas cores é essencialmente uma simbologia mental. Qual a *vermelhidão* do vermelho? Isso não pode ser medido objetivamente, depende da subjetividade de cada um. Além disso, para os daltônicos o vermelho certamente será algo muito distinto dos que não têm esse tipo de característica na visão. Disso se tira que o importante é o conceito que aplicamos mentalmente a uma cor, e não a cor em específico. Neste ritual o azul é o catalizador da cura, mas contanto que utilizem o mesmo conceito ao pensarem em qualquer outra cor, podem usa-la no lugar do azul sem problema algum (o azul seria apenas a cor tradicional utilizada para esse efeito, segundo a cromoterapia).

4. Por *autocura* entendo a própria capacidade natural da mente e do corpo de curarem a si próprios. Como dizia Hipócrates, pai da medicina: “tuas forças naturais, as que estão dentro de ti, serão as que curarão suas doenças”. Por isso também nenhum médico promete cura, e sim tratamento. Este ritual visa o tratamento por “mentalizações de certos conceitos em forma de certas cores”; não poderia ser resumido de melhor forma, acredito eu...

A pergunta cética “é preciso acreditar para que funcione?” sequer faz sentido aqui, pois antes é preciso compreender para que funcione. É a própria compreensão de si mesmo, o próprio foco mental, que catalisa a cura. Se você já não acredita, de antemão, que o ritual possa trazer-lhe qualquer efeito benéfico, é melhor nem tentar realizá-lo. No entanto, talvez o estudo do efeito placebo, um conceito científico, lhe traga maior luz sobre o que ocorre aqui – visto que, para a ciência, a mente tem o poder de cura quando acredita nesse poder; falta-lhe, entretanto, a compreensão do mecanismo pelo qual o efeito placebo funciona exatamente.

5. Finalmente, vale dizer que aprendi esse ritual inicialmente com a médium Narci Castro de Souza (lembrem-se que minha definição de ritual mágico é abrangente, conforme dito anteriormente, e engloba desde o xamanismo às missas cristãs). Porém, adaptei-o a minha maneira, de modo que provavelmente pouco tem a ver com o original, exceto pela essência do que pretende realizar.

O ritual passo a passo

obs.: vale lembrar ainda que rituais mágicos não devem servir de “comprimido” para qualquer mero desconforto ou pequena enfermidade. Mesmo em se tratando de remédios físicos (como um anti-inflamatório), a dosagem exagerada fará com que o organismo não reaja mais a química do remédio; o mesmo ocorre na prática exagerada, e conseqüentemente sem o foco devido, de rituais mágicos.

A. De preferência, encontre um local (físico) tranquilo para a prática. Pode ser algum lugar sem ruídos de sua própria casa, algum jardim ou parque bucólico, uma praia vazia etc. Não é necessário o uso de música, mas se está acostumado a usá-la para meditar ou relaxar, tanto melhor.

B. Feche os olhos e respire profundamente por algum tempo (depende de sua capacidade de relaxar, assim que conseguir esquecer “o mundo lá fora” por alguns instantes, estará bom). Imagine (mentalize com o devido foco mental) que está se transportando para um lugar de natureza exuberante, onde as “energias” que movem a natureza estão em estado puro. Se estiver em uma praia, imagine a essência de uma praia: a areia que erodiu ao longo de milhões de anos, a água mais pura e cristalina, o Sol que brilha e aquece sem queimar etc.

C. Imagine o céu em azul límpido, com nuvens passageiras (aqui já estamos ativando a cor azul – que é a irradiação da cor natural para dentro de si próprio). As aves que flutuam sem esforço nas brisas, e cantam para saudar o visitante conhecido (você mesmo). A mesma brisa que move as nuvens e sustenta as aves também passa pelo seu corpo, e lhe envolve com a leveza de uma carícia.

D. Pense, brevemente, no motivo pelo qual está aqui: na enfermidade que deseja tratar. Lembre-se que na natureza não há garantia de cura, mas que ainda assim nos curamos inúmeras vezes de inúmeros males e enfermidades ao longo da vida. Pense: “tomara que esta seja mais uma vez”. Então comece a respirar (apenas respirar ainda, sem expirar) e imagine que o ar que respira é o próprio azul do céu, que desce e se irradia pelo seu corpo através da respiração.

E. Direcione este azul que entrou em seu corpo pela respiração para o local exato de sua enfermidade. Aqui, quanto maior for seu conhecimento biológico do corpo humano, e do mecanismo da

respiração, tanto melhor. Se já estudou o que os remédios fazem para tratar certas enfermidades, imagine este azul como a essência da química curativa de tais remédios. Quanto maior a compreensão e conhecimento do que ocorre em um tratamento, melhor a eficácia do foco mental e da catalisação do tratamento em si. Porém, o conceito essencial é o de que este azul, vindo diretamente do céu, está irradiando sobre sua enfermidade e absorvendo as células enfermas (ou a própria enfermidade em si), lentamente transformando-se em vermelho (novamente a cor não importa, o vermelho simboliza a enfermidade em si).

F. Agora expire, sem pressa, este vermelho. Imagine que a enfermidade é lentamente dissipada nas consecutivas respirações (do azul de tratamento) e expirações (do vermelho da enfermidade). O vermelho expelido não prejudica a natureza a volta, lentamente se dissipa ao se misturar com o ar. A enfermidade não deve ser encarada como punição, mas como um estado não natural do organismo, que em essência é naturalmente saudável. Viver traz enfermidades pois na natureza tudo se transforma, mas a essência da vida em si é saudável e infinita. Isso tudo são pensamentos que podem ser levados em consideração nessa hora.

G. Então agradeça a possibilidade de fazer uso das “energias” que movem a natureza. Agradeça aos animais que o saudaram, agradeça a possibilidade de viver. Então se despeça de todos que lá estão e imagine que está se transportando de volta ao local físico onde iniciou a meditação.

H. Abra os olhos e diga ou pense “graças a Deus”, ou ainda “graças ao Cosmos” etc.

Nota: se eventualmente algum evento estranho ao passo a passo descrito ocorrer durante o ritual, aproveite-o apenas na medida em que se sentir bem. Se em algum momento sentir-se mal, seja por influência do que for, interrompa o ritual imediatamente passando diretamente para o passo H. Se esse mal-estar ocorrer frequentemente durante outros rituais, você poderá simplesmente deixar de realizá-los, ou procurar alguma casa de estudos ocultos e/ou espiritualistas, ou alguma igreja onde se sinta bem, até que isso deixe de ocorrer durante os rituais.

TEMPO OCULTO

26.05.2011

Há quase um ano, eu escrevi um texto sobre o mito da criação, e confesso que não o compreendi por completo, mas agora este trecho começa a fazer sentido:

Seu plano para cada universo era cuidadosamente elaborado em sua mente, entre os momentos em que apenas refletia sobre si mesmo...

Cada universo tinha uma substância, e essa substância os preenchia por completo – cada estrela, planeta e partícula.

E para que houvesse movimento, o Ser permitiu que a substância fosse maleável.

E para que os seres conscientes que brotassem pudessem renascer quantas vezes fossem necessárias, o Ser permitiu que a maleabilidade da substância construísse uma sequência de eventos na consciência dos seres.

E para que tudo não fosse determinado, o Ser permitiu que um átomo dessa maleabilidade ficasse a cargo dos pensamentos e da vontade dos próprios seres conscientes.

Ora, muitos foram ensinados a imaginar o universo como uma explosão; as vezes se usa a imagem de uma bexiga de ar para explicar como o próprio tecido do espaço-tempo se expande. Estamos nos afastando de todo o restante, independente de estarmos parados ou não – *mas nada está parado*. De fato, esse crescimento foi tão rápido no início, que grandes porções do universo estão além da nossa fronteira de observação, e mesmo na velocidade da luz jamais chegaríamos do outro lado. Se o universo não for infinito, isso pouco faz diferença para nossa compreensão atual...

Mas essas imagens são falhas num sentido profundo: jamais poderemos observar a bexiga do lado de fora. Estamos dentro da explosão, a homogeneidade da radiação de fundo cósmica já comprovou isso. Como minúsculas partículas de poeira, somos empurrados para lá e para cá em meio ao turbilhão de uma substância infinita, que parece ter uma sede de ser cada vez mais infinita – se é que isso faz algum sentido.

A grande questão é que aparentemente nós temos um papel de certa relevância nesse plano cósmico. Os estoicos estavam corretos ao dizer que não deveríamos nos angustiar com tudo aquilo que não podemos decidir – e são muitos os eventos que nos fogem o controle –, mas eles nos lembraram de que existem coisas que podemos decidir. Existem corpos, existem mentes, existem almas, existem eventos, existem partes da substância que nos foram ofertadas... O que faremos com tamanha responsabilidade?

Franz Bardon foi um ocultista checo do qual – apesar de sua enorme popularidade entre os estudantes de magia da atualidade – pouco sabemos por certo de sua vida, além dos grandes livros que nos deixou. Em *Magia prática* (recomendo a tradução da Ed. Ground, de Inês Lohbauer), ele nos traz uma série de rituais mentais que, quase que certamente, aprendeu em alguma montanha distante do Oriente. Num deles em específico, há uma curiosa analogia com o que a ciência vem estudando acerca do tempo e de como o percebemos através de nossas mentes. Primeiramente, ele nos fala sobre a curiosa

função de nosso subconsciente – nosso inimigo a viver nalgum tempo oculto:

“Aquilo que na consciência normal entendemos como pensamento, sentimento, vontade, memória, razão, compreensão, reflete-se no nosso subconsciente como um efeito oposto. Do ponto de vista prático podemos encarar nosso subconsciente como nosso oponente. A força instintiva, ou o impulso a tudo aquilo que não queremos, como por exemplo, nossas paixões incontrolláveis, nossos defeitos e fraquezas, nascem justamente dessa esfera da consciência.”

Não tenho certeza se isso ficou bem explicado, mas reconheço que é algo bastante complexo de explicar por palavras, então prefiro não me arriscar a complementar Bardon. Prossigamos adiante, quando ele nos fala do ritual mental de autossugestão:

“Na maioria dos casos, principalmente numa vontade fraca ou pouco desenvolvida, o subconsciente quase sempre consegue nos pegar de surpresa ou provocar um fracasso. Se ao contrário, na impregnação do subconsciente com um desejo nós lhe subtraímos o conceito de tempo e espaço, o que passa a agir em nós é só a sua parte positiva.

[...] A fórmula escolhida para a autossugestão deve ser obrigatoriamente mantida na forma presente e no imperativo. Portanto, não se deve dizer: “Eu pretendo parar de fumar, de beber”, mas sim, “Eu não fumo, eu não bebo”, ou então: “Não tenho vontade de fumar, ou de beber”, conforme aquilo que se pretende largar ou obter pela sugestão.”

Para quem acreditava que magia significasse rituais com velas negras e invocações de seres sobrenaturais, essa descrição de ritual mágico de Bardon pode parecer um tanto quanto sem graça... Mas, pensem novamente: vivemos cercados por um oceano cósmico de

infinita beleza, e pela luz eterna, a cada momento do tempo, e quão poucos tiveram ainda olhos para ver tudo isso, sequer de relance!

Obviamente que o ritual de Bardon, que alguns mais desaforados poderiam chamar de catalisador de efeitos placebo – sem estarem longe da razão, diga-se de passagem –, não nos servirá para tudo aquilo que os estoicos incluíram na lista do que não nos cabe a decisão. Servirá, portanto, para o autoconhecimento, o desenvolvimento da sabedoria, da sensibilidade, da criatividade, até mesmo do amor – mas de nada servirá para ganharmos na loteria, ou conquistarmos alguma amante (os amantes tem vontade própria). O que se tira disso tudo: *que seu ritual serve para muita coisa*.

E é precisamente aqui que me foi pedido para complementar tais ensinamentos vindos de algum canto do Oriente...

Ora, se existe certo grau de incerteza acerca de como a substância se movimentará a seguir – e a física quântica tem nos comprovado isso há décadas –, então talvez a existência não seja o mero agitar de partículas aleatoriamente, tampouco uma determinação estrita de um grande diretor de cinema cósmico, talvez afinal nossa vontade faça alguma diferença neste turbilhão!

Mas, curioso de se pensar: a maior parte de nossos desejos, a grande parte de nossa vontade, se sintoniza exatamente aos eventos que não nos cabe decidir. De nada adianta, portanto, se aventurar pelo ritual de Bardon sem primeiro compreender, de verdade, o que os estoicos diziam há tanto tempo. Só nos compete moldar o mundo naquilo que nos é dado decidir, no tempo em que dispomos para tal.

Será então tanto mais difícil imaginar as conquistas do ponto de vista do conquistador, sentado em seu grande trono. Talvez Bardon tenha esquecido que nem todos tinham o seu grau de vontade... Que não se imagine, portanto, “eu não fumo”, mas que se imagine cada passo dado nesta empreitada, cada olhadela para um maço sem que tenhamos pensado “e onde estará meu isqueiro?”. Que não se use a mente para visualizar um grande ser amoroso que nos empresta

apenas a face, mas que se pense com cuidado em cada pequeno desafio de caridade que nos espera.

Dessa forma, quem sabe, até mesmo o inconsciente, até mesmo o tempo oculto, venha em nosso auxílio. Não após a conquista, num tempo ainda imaginário, mas nesse exato momento – no momento em que planejamos nossa jornada de autoconhecimento, nosso lampear de consciência.

Que nosso inimigo jamais nos quis mal, ele tão somente serve de contrapeso para nossa longa jornada. Como um arquirrival, um Lúcifer que se presta ao papel de bode expiatório, até que tenhamos consciência de que toda a ignorância sempre partiu de nós mesmos – e não poderia ser de outra forma, que não nascemos sabendo, nem fomos *programados* para a perfeição.

Quem diria, quem diria que a substância, além de tão bela, ainda nos teria dado tal relíquia, tal tesouro... A capacidade de conquistar a consciência por nosso próprio mérito e esforço, a divina vontade! Perto desta, nenhum tempo permanecerá oculto por muito tempo...

O RITUAL DAS GOTAS

15.09.2011

Esta é a história de como uma poesia virou ritual...

Em 1999 tive a inspiração de uma poesia não usual, um tanto quanto fora do meu estilo na época. A começar pelo fato de ela repetir algumas palavras como numa espécie de mantra, o que só fui me valer em uma ou outra poesia escrita desde então.

Ocorre que, mais de uma década após, durante meu estudo da mediunidade em um centro espírita ecumênico, esta poesia – então já meio esquecida – retornou a minha mente como um visitante que insiste em bater na porta até que ela seja finalmente aberta... Era como se alguém estivesse me pedindo para recitá-la durante o

período em que todos estavam em meditação, mas não como uma poesia apenas, e antes como uma espécie de oração, ou ritual...

Devido a enorme comoção que ela causou quando recitada a primeira vez, achei por bem divulgá-la para quem tiver interesse em recitá-la também.

Antes, porém, gostaria de lembrar que o ritual possui um forte componente simbólico para quem o imagina pela primeira vez. Deste modo, as recomendações de irradiações mentais servirão mais para quem o está repetindo. Quem recita o ritual deve se lembrar de dar tempo para que aqueles que participam pela primeira vez o possam imaginar e decifrar devidamente. Ou seja: recitar lentamente e, quando possível, de forma sincronizada (com as irradiações).

O ritual deve ser realizado de preferência com luz baixa no ambiente, exceto para quem o recita, no caso de precisar ler o texto.

O ritual

(em itálico o que deve ser pronunciado)

Irradiação mental inicial: *Imaginem uma cachoeira distante, e a natureza ao redor* (livre desenvolvimento). A água (elemento) que cai a distância termina por escorrer até nossos tornozelos, talvez até as canelas, de modo que estamos cercados de água por todos os lados. *Um pequeno oceano local se faz presente neste recinto, ele alcança nossos pés.*

Gotas

Irradiação mental: Nós somos as gotas.

Gotas

que caem

Gotas

que caem

no oceano.

Irradiação mental: Uma leve chuva de gotas a respingar pelo ambiente, a escorar pela face, a escorrer pelo corpo, a agitar a superfície das águas como estrelas a cintilar pelo oceano da noite.

Gotas...

Límpidas, porém cálidas.

Caem...

Em infinitos oceanos.

Irradiação mental: Todos nós somos gotas. Todo o mundo é um oceano. Hoje caímos neste oceano. Ontem caímos noutros oceanos. Amanhã cairemos ainda noutros mundos...

Muitas gotas.

Gotas sem rumo.

Caem ao acaso

em um lindo vaso

que guarda o ser humano.

Irradiação mental: Nós estávamos perdidos, sem rumo, mas despertamos em nossos corpos. Nossos corpos são nossos templos. Nossos templos são os vasos que abrigam as gotas. Todos nós somos gotas.

Quantas gotas

hão de cair

para ante a verdade,

evaporarem de volta aos céus,

e finalmente encontrarem

um caminho a seguir?

Irradiação mental: Há uma luz, um fogo que se irradia do alto. Ele incide sobre o oceano até que algumas gotas evaporem, etéreas, de volta para o alto, em direção a luz. Teremos temor deste fogo?

Teremos receio desta luz? Em vão, pois a luz é o amor. A luz é o amor. A luz é o amor, e nós somos as gotas.

*Tantas quantas lágrimas
o Criador puder chorar... [2]*

Irradiação mental final: *Irmãos e irmãs, nós somos as gotas. Irmãos e irmãs, nós somos as lágrimas.* O Criador nos cria através de um ato de amor. Suas lágrimas são de puro amor. Nós somos parte deste amor. Nós somos as lágrimas. Nós somos as gotas. O mundo é um oceano. O mundo está repleto de gotas por todos os lados e todas as direções e todos os pensamentos. O mundo está repleto de amor. Pensemos na luz, e nas gotas que ficam, e nas gotas que se vão ao seu encontro...

Abramos os olhos.

HERMES, BENEDITO E A CADEIRA

13.06.2011

Como tendo a ver a espiritualidade de forma ecumênica, acredito que essa “conciliação de pensamentos”, esse ponto de encontro de diversas doutrinas e filosofias diferentes, parece ser uma causa nobre a ser buscada. Mesmo ateus e agnósticos, quando seres de certa espiritualidade, hão de concordar que o Cosmos é um lugar sagrado, que a Natureza é divina, e nesse caso não é necessário erguer um “deus barreira” entre nós... Talvez, o verdadeiro Deus esteja exatamente no entendimento, no movimento de um em direção ao outro, enfim, no amor possível entre todos nós – os seres da Criação.

Bem, e este diálogo é em homenagem a esta ideia:

(Hermes) Vê aquela cadeira, Benedito?

(Benedito) Claro, um belo exemplar talhado em madeira nobre.

(H.) Você sabe quem a talhou?

(B.) Certamente algum carpinteiro, mas não o conheci...

(H.) Do que necessitou para fazer esta obra?

(B.) Bem, além da madeira, provavelmente as ferramentas para o entalhe.

(H.) Ignoremos as ferramentas, você concordaria comigo em que o material principal foi à própria madeira, certo? Pois bem, imaginemos este nobre carpinteiro prestes a executar o entalhe, o que diria se no seu ateliê não existisse nenhuma madeira?

(B.) Bem, que ele certamente precisaria ir a alguma madeireira para comprar mais madeira...

(H.) Mas e se não existissem madeireiras?

(B.) Como assim? Nesse caso teria ele mesmo que ir derrubar árvores e extrair a madeira.

(H.) E se não existissem árvores? E se não existisse nenhuma madeira no mundo?

(B.) Por que suas conversas sempre ficam tão estranhas?

(H.) Isso não importa agora, o que importa é que você pense no que lhe falei...

(B.) Bem, supondo que não existissem árvores, nós tampouco existiríamos, e esse carpinteiro subitamente se torna alguma espécie de deus, ao meu entender.

(H.) Mas pensemos na cadeira: mesmo que não houvesse madeira nenhuma, ainda assim ela já estaria pronta, concorda?

(B.) Pronta aonde?

(H.) Na mente do carpinteiro. Ou você acredita que um carpinteiro possa dar sequer o primeiro entalhe nalgum bloco de madeira antes de ter a cadeira pronta em sua mente?

(B.) Compreendo. De fato: mesmo que não existisse madeira nenhuma no ateliê, o carpinteiro já poderia ter a cadeira pronta na própria mente, apenas esperando a madeira para construí-la.

(H.) Mas se não existisse madeira nenhuma, ela antes teria de ser inventada...

(B.) Aonde quer chegar?

(H.) Ora, e não é óbvio? Para se construir uma cadeira a partir do nada, antes é necessário inventar todo o Cosmos!

ALUMÍNIO

05.08.2015

Há algum tempo atrás li num livro que Napoleão, o imperador da França, tinha uma pequena coleção de talheres de alumínio, e que os guardava somente para si e os seus convidados mais ilustres. Os demais usavam talheres de ouro mesmo.

Isto porque, na sua época, a produção de alumínio em larga escala havia sido recém-descoberta, e ainda era tão cara que os talheres ou joias feitos de alumínio tinham muito mais valor do que os mesmos forjados em ouro. Somente algumas décadas depois, ao final do século XIX, é que novas descobertas científicas permitiram que a produção de alumínio se tornasse bem mais barata.

Mas não consta que durante o reinado de Napoleão os alquimistas franceses tenham substituído o ouro pelo alumínio. Que eu saiba, eles continuaram tentando transformar o seu chumbo em ouro, como antes.

Ocorre que o ouro dos alquimistas nada tinha a ver com o ouro dos talheres comuns de Napoleão. Se tratava de um ouro mais etéreo, mais espiritual, mais simbólico. Um ouro, de fato, muito mais difícil de produzir do que aquele ouro mais comum. No entanto, um ouro que não se sujeitava as leis de escassez, da oferta e procura – enfim, um ouro que nunca esteve à venda.

Outra importante consideração a fazer sobre os alquimistas é que eles não valorizavam seus mestres pelo seu peso em ouro, mas sim pela sua luminosidade.

Na antiga Atenas um grande mestre das ideias também se tornou puro ouro. Mas ele fazia questão de ressaltar que nada sabia. As ideias tinham valor por si mesmas, ele provavelmente pensava, e o fato de orbitá-las não o fazia seu dono, apenas o seu divulgador. Ele era apenas um espelho devidamente polido, tudo o que fazia era refletir alguma luz vinda sabe-se lá de onde...

E se ele repetia há todo momento que tudo o que sabia era que nada sabia, é porque era sábio o suficiente para compreender a grande e vil armadilha que se arma para aqueles que julgam que o seu ouro é sua propriedade, e não a propriedade de toda a humanidade.

Pois que se a fonte dourada é represada pelas alucinações do ego, ela perde a sua pureza, e se torna fétida.

Afinal, aquele que se torna imperador de si mesmo produz não talheres, mas o próprio alimento para todos aqueles que vagam por

este mundo, esfomeados e desamparados. São eles quem precisam ser alimentados, e não o ego!

Assim, o sábio que conquistou os seus próprios países, que marchou sobre a própria sombra e a trouxe para o seu exército, dispõe de riqueza inimaginável.

Mas como isso valeria mais do que ouro?

Ora, se os pretensos alquimistas tivessem sucesso, e se todo o chumbo do mundo se transmutasse em ouro, os talheres mais valiosos passariam a ser de prata. Isso já não diz muito sobre o valor que damos ao ouro?

No entanto, o outro ouro, o ouro dos verdadeiros alquimistas, será sempre o bem mais valioso! E no dia em que ele deixar de ser tão raro, no dia em que for tão comum quanto o alumínio de Napoleão, então esta terra estará cheia de imperadores sem súditos, e um céu dourado terá sido derramado sobre o mundo...

Há uma batalha diária, feroz e violenta, para que cada pensamento se livre do seu chumbo, e se eleve e se doure e se torne sublime!

Para aqueles que creem que o céu está lá fora, cheio de deuses misteriosos, esta é uma guerra sem sentido.

Mas para aqueles que trouxeram seus deuses para dentro, esta é a única guerra que merece ser travada, a grande guerra alquímica.

NADA A TEMER, NADA A DUVIDAR

16.03.2012

Yorgana era médium firme, experiente, daquelas que parece já ter ido ao inferno e retornado para contar história, sempre com um sorriso, ou um meio sorriso, pela face nem mais tão jovial. Tomé estava ali, apreensivo, para observar e aprender...

Após a oração inicial, as luzes foram apagadas e as pessoas entraram em meditação, tanto na mesa grande quanto nas cadeiras em torno.

Tudo o que se ouvia, a princípio, era o barulho dos dois ventiladores velhos e desgastados, que já aliviavam o calor daquele centro espírita há uma boa década ou mais. Tomé ansiava pelo que estava por vir, e logo alguns começaram a gemer e se contorcer e reclamar. Como sempre, Yorgana estava lá para oferecer conforto aqueles que foram convidados, de tão longe, aquele recinto de luz:

“Está tudo bem minha filha, quer me dizer alguma coisa?” – dirigiu-se, sussurrante, a senhora que meditava na cadeira a sua frente.

De início não houve resposta, e exatamente por isso que alguma coisa parecia estar a ocorrer... Logo, aquela senhora pacata e serena tinha ido embora, alguém irrequieto e angustiado tomou o seu lugar:

“Ai! Ai! O que eu estou fazendo aqui? Que lugar é esse? Tá dolorido... Minha cabeça dói, tem insetos no meu corpo, tira isso, tira eles, me tira daqui!!”

Yorgana trouxe suas mãos para próximo da cabeça da senhora (ou quem quer que estivesse ali agora), e continuou serena, quase carinhosa:

“Calma... Calma! Vamos respirar mais devagar, assim, comigo, vamos...”

E o que se seguiu foi uma verdadeira luta para que a senhora conseguisse passar a respirar mais lentamente, no ritmo que a médium demonstrava, expirando e inspirando profundamente o ar seco do ambiente.

“Vamos, vamos... Assim comigo. Inspira, segura um pouco, expira... Calma que aqui são todos seus amigos...”

“Amigos? Não, eu não tenho amigos... Não aqui, principalmente aqui... Que lugar estranho é esse, por que me trouxeram? Porque, isso não tem nada a ver comigo... Eu não pertenço aqui, ninguém vai me aceitar aqui...”

“Isso já é contigo. Primeiro, você é quem precisa se aceitar... Você está aqui, é verdade, só por um tempo, e pode ficar tranquila que logo logo volta para onde veio... Você foi convidada... É, digamos assim, um certo privilégio, pois nem todos têm a oportunidade de vir a essa casa de cura.”

“Cura? Mas como você vai me curar de toda essa dor? E esses malditos insetos que não me largam! Me ajude então, se gosta de mim...”

“Só se você também abrir uma brecha para gostar de si... Vamos, esqueça o que te deixou nesse estado, há sempre tempo de recomeçar... Vamos, inspire comigo e imagine a cor azul, o ar sendo de um azul tão puro, que entra na sua cabeça e ajuda a limpar, e limpando vai levando a dor embora, e daí você expira essa dor, essa coisa ruim aí dentro, e isso tudo sai de você na cor vermelha... Deixa o azul entrar, deixa o vermelho sair... Deixa entrar, deixa sair... Isso... Isso, tá melhorando não tá?”

“Tá melhorando a dor, sim... Que coisa incrível, há tanto tempo que doía que eu nem sabia mais como era estar assim... Os insetos não picam mais meus braços, minhas pernas...”

“Isso, isso mesmo... Mas continua, continua imaginando as cores, continua inspirando, expirando... Eu poderia te ajudar só aqui, mas não sei quando vai poder voltar, e pode continuar fazendo isso onde quer que esteja, basta lembrar: deixa o azul entrar, deixa o vermelho sair... E se acalma, e se perdoa, e dê uma chance a si mesma de recomeçar.”

“Isso... Isso é maravilhoso! Mas eu não sei se vai funcionar onde eu moro... Lá é tudo tão gelado e úmido, o ar é ruim, o céu é escuro, não tem ar azul por lá...”

“Tem ar azul em tudo quanto é lugar... Vou te contar: o que você acha que é o ar que entra azul e sai com sua dor vermelha?”

“Algun ar que só existe aqui nessa casa de santos... Eu preciso ficar aqui, me deixa, me deixa ficar!!”

O atendimento estava acabando, e Yorgana tinha só alguns segundos:

“O ar azul, é Deus. Ou você imaginou que nalgum dia estranho poderia realmente estar fora Dele? Ele está em todo lugar, mais próximo que o seu pensamento mais querido, porém tão distante quanto a sua culpa mais profunda... Se perdoe, vá em paz, há sempre tempo de recomeçar. Adeus!”

Após a cantoria ao final da sessão, Tomé estava ainda enxugando as lágrimas. Ele havia sentido de perto, bem de perto, toda a dor e angústia, todo o caos mental naquela senhora, ou no que quer que a tenha visitado ali. Alguém que sofria imensamente, mas que foi consolada. Alguém que pareceu, depois de muito tempo, enxergar uma vez mais a luz ensolarada da esperança...

Ele tinha de perguntar a Yorgana:

“Nossa, como você atendeu bem, firme! Como você faz para ter as palavras certas nesse momento? Você não fica com medo do que pode aparecer? Você não... Duvida do que está ocorrendo?”

“Eu nunca sei o que virá, e certamente fico apreensiva, e certamente tenho dúvidas acerca do ocorrido... Se foi realmente alguém que apareceu, se era uma memória antiga, algum distúrbio mental, alguma personalidade trancafiada que pôde finalmente vir a tona... Quem vai saber?”

“Mas, na hora você...”

“Na hora, não era eu. Era algo acima de mim, algo que me toma e que me faz ser alguém maior, alguém que tão somente deixa a luz do alto passar, o mais límpida possível... Na hora, não há nada a se temer, nem nada a se duvidar. Na hora, eu apenas amo, e o amor faz o resto. E, Tomé, não há como se temer o amor, não há como se duvidar dele.”

IMAGINANDO DRAGÕES

25.04.2012 (conto pessoal)

Outro dia estava vendo na TV a cabo um programa sobre novas empresas no ramo da tecnologia e inovação, e conheci a Quirky, que é basicamente uma comunidade online de gente criativa, com ideias para novos produtos. Você envia uma ideia por 10 dólares e, duas vezes por mês, as ideias mais votadas pela comunidade passam a ser desenvolvidas pela Quirky, até que virem produtos reais, físicos, e 30% das vendas vão para o criador.

Mas o que me chamou a atenção foi o depoimento do sujeito que criou o *Click and Cook* (um engenhoso sistema de espátulas). Há certa altura ele disse mais ou menos assim: “Sim o dinheiro é legal, mas o que mais me emociona é o fato desse produto, que agora está aqui na minha frente, e que posso pegar com a mão, ter saído da minha cabeça”.

Nós realmente temos essa estranha dificuldade em notar que tudo o que há por aí, construído pelos *homo sapiens* – arranha-céus, trens

bala, semáforos, espátulas etc. – saiu nalgum dia da cabeça de um, ou vários, de nós. Ainda assim, é sempre emocionante ver quando alguém percebe isso: “pensei alguma coisa, e agora é real!” Há que se perguntar: e quando, afinal, um pensamento não foi real?

Por exemplo, na era da informática, muitas e muitas coisas foram criadas, mas não passam de *bits* trafegando por *hard disks*. Na verdade, toda a internet é algo que não se pega com a mão: mas existe, e foi criado por nós. Alguns homens criam coisas “físicas”, *hardwares*; outros criam coisas “virtuais”, *softwares*. Um programa de computador, por exemplo, é uma série de comandos e algoritmos que lidam com a interação do usuário para lhe trazer novos comandos e algoritmos de acordo com o que ele deseja: apenas um clique no botão de “buscar” do Google, e quantos e quantos anos de inovação e criatividade não se escondem por detrás do processo que retorna milhões de resultados, quantos e quantos pensamentos que saíram nalgum dia da cabeça dos *homo sapiens*.

Mas você deve estar se perguntando o que isso tudo tem de estranho. A princípio nada de aparente, mas eu achei por bem lhe trazer essa pequena introdução para falar sobre dragões imaginários, que é o que farei a partir de agora...

Como já havia dito nesta série, minha primeira experiência mágica ocorreu provavelmente enquanto rolava poliedros regulares sobre uma mesa e decidia o resultado do que meu herói havia realizado no jogo de RPG (*Role Playing Games*). Aquela altura os mitos e toda a simbologia diluída não me diziam nada de muito profundo, embora certamente fosse divertido jogar e, de todos os personagens a disposição, eu sempre tenha me interessado um pouco mais pelo Mago. Assim foi que, nalgum jogo da adolescência que já não me lembro mais, criei um novo mago que, por acaso, tinha um familiar, uma espécie de animal de estimação mágico que o auxiliava de vez em quando.

Eu nem gostava de ter de controlar mais de um personagem além do meu próprio (o Mago), mas estava na regra, e além do mais era

algo que os magos ganhavam de graça, sem gastar pontos de personagem ou de experiência no jogo. Então rolei os dados e consultei a tabela do livro de regras e – minha nossa! – caiu na linha do *faerie dragon*, o que é mais ou menos um dragão fada pequenino, do tamanho de um lagarto de estimação (daqueles que sobem no nosso ombro), mas com belíssimas asas de fadas. Eu resolvi que seria melhor assumir aquele familiar com convicção, e tentar torná-lo algo mais assustador – assim sofreria menos gozações dos amigos que jogavam comigo.

Foi chamado de Amigo de Mago, e logo nas primeiras aventuras (jogos narrados pelo mestre do jogo, onde eu era um dos personagens com o meu mago) se mostrou bem mais útil do que havia imaginado a princípio, principalmente enquanto meu mago era alguém ainda inexperiente, e sem muitas possibilidades de torrar inimigos com bolas de fogo. Pode-se dizer que o Amigo de Mago era, no mínimo, uma distração muito útil para desviar a atenção dos inimigos. Acabei gostando e, ao longo de todos os magos que interpretei na minha vida de jogador de RPG, sempre que as regras permitiam eu trazia aquele dragão fada de volta a vida...

Mas os anos se passaram, eu me casei e mudei de cidade, e os jogos de RPG tradicionais ficaram cada vez mais raros, e minha vida no RPG foi se tornando cada vez mais eletrônica, e menos pessoal. Meus magos e seus dragões de estimação foram se tornando, cada vez mais, apenas memórias alegres da adolescência e dos meus vinte e poucos anos.

Foi então que comecei a desenvolver minha mediunidade em um centro espírita ecumênico da cidade onde hoje resido, e aproveitei a oportunidade para colocar em prática (mental) alguns exercícios descritos de forma bastante didática por Franz Bardon em seu *Magia Prática*. Quando estamos “preparando o ambiente (mental)” para que possamos entrar em contato com espíritos, costumeiramente tentamos “limpar a mente” de pensamentos ruins, estressantes, e imaginamos cenários naturais, como planícies ensolaradas de grama verdejante, algumas árvores e flores, uma cachoeira ao longe que

deságua num rio que passa próximo, pássaros planando com a brisa no céu etc.

Isso tudo é imaginado em meditação, com os olhos fechados e a luz do ambiente bastante fraca. Muitas vezes, com a prática, tais imagens já surgem sem muito esforço, como se a mente já estivesse acostumada a tal programação... Na medida em que fui prosseguindo em meu desenvolvimento pude notar que, efetivamente, a minha planície era cada vez mais verde e ensolarada, cada vez mais “real”. O que isso significa, na prática, é que estava ficando cada vez mais simples para mim entrar em estados de consciência compatíveis com aqueles adequados para a boa prática da mediunidade.

Até que um dia, me deparei com um ambiente “carregado” de alguma influência negativa – era como se alguns espíritos desgostosos estivessem querendo invadir (mentalmente) o meu jardim, e me desconcentrar. Foi precisamente nesse momento que ele apareceu, o Amigo de Mago!

Como um pensamento, uma programação mental antiga e quase esquecida, mas que nunca deixou de ser querida para mim, o pequeno dragão fada, com suas asas cintilantes a refletir o brilho do sol, passou por mim como um zangão e, rodopiando a minha volta, afastou aqueles espíritos desgostosos, ou pensamentos ruins, como num “passe de mágica”. E, depois, ele se foi, voou para longe, como se jamais tivesse estado ali...

Era exatamente como nos antigos jogos de RPG: quando era necessário sua ajuda, o Amigo de Mago aparecia. Mas, na maior parte do tempo, ele ficava em segundo plano nas histórias... Foi então que me toquei: aquilo era real, pois todo pensamento é real. Afinal, como postulam alguns físicos modernos, tudo é informação, até mesmo um pensamento.

O pequeno dragão fada nada mais era do que uma programação mental antiga que, surpreendentemente, havia “ficado lá”, no terreno fértil da imaginação e, até mesmo devido a isso, ressurgiu em toda a sua glória exatamente quando este terreno estava novamente a ser

remexido, em minha meditação com a construção de elaboradas imagens mentais.

Seria o Amigo de Mago um ser sentiente? Infelizmente, acredito que não. Por minha própria experiência com tal pensamento, se trata mais de uma programação mental que foi alimentada ao longo do tempo (mesmo sem que eu tivesse a plena consciência disso) para realizar tarefas (mentais) específicas, mas não seria como o meu gato que, apesar de não poder falar comigo, tem o seu próprio ânimo felino.

Seria isso tudo “apenas coisa da minha cabeça”? Sem dúvida. Mas, se me permite dizer: eu sei muito bem a diferença entre a realidade e a fantasia, ou entre a realidade física, *hardware*, e a realidade psicológica, imaginativa, *software*. Porém, do mesmo modo, eu também desconfio que muitos pensamentos heroicos da imaginação humana já desbravaram a aventura mítica que separa essas duas dimensões da realidade, e há muitas e muitas ideias que hoje estão bem aqui, neste mundo que reflete a luz, e que percebemos com os olhos. Sejam sistemas de espátulas ou miniaturas de dragões fada, eles venceram, eles se materializaram bem diante de nós.

ABRINDO PORTAS NA MENTE

21.11.2012 (conto pessoal)

Até hoje me lembro de quando finalmente me dei conta do que havia se passado realmente. Estava então no meio da viagem entre Copacabana e a Gávea, onde morava, no Rio de Janeiro, e meditando sobre aquilo tudo. Até aquele momento, tudo o que se passou na minha primeira regressão a vidas passadas, nesta vida, havia sido assimilado como algo corriqueiro – não havia nada para se temer, nem duvidar, ou causar qualquer espanto... Foi ali, naquele ônibus, que minha razão finalmente alcançou e abarcou toda aquela experiência, tentando racionalizar o que talvez estivesse para sempre além da racionalização, e da linguagem.

Regredir, viajar pelos portais do tempo e do espaço, certamente foi minha maior experiência espiritual. Até então, havia relutado em aborda-la aqui, mas acredito que esta série de contos pessoais não estaria completa sem este relato [3].

Não é mesmo recomendado regredir sem ter uma excelente razão, e eu talvez tivesse as minhas... Havia finalmente concordado em fazer terapia, pela insistência de meu pai, que sempre me conheceu muito bem. Estava há cerca de um mês gripado, e não me lembro de ter ficado doente por tanto tempo em outra fase desta vida. Alguma coisa, de fato, estava errada comigo, mas nem eu mesmo sabia o quê. Aceitei, dessa forma, iniciar uma terapia com a Kátia, uma terapeuta holística e espiritualista, que se não me engano me foi indicada por alguém da minha família. Eu só não imaginava que já iria passar por uma experiência de regressão de memória a vidas passadas já na primeira sessão...

Antes de prosseguir, gostaria de passar brevemente sobre o problema psicológico que eu acreditava estar tratando, e o problema que eu tinha realmente. Não irei entrar em maiores detalhes, pois este relato não é sobre mim, e sim sobre a experiência em si:

Muito bem, em suma, eu tinha um problema que hoje costumo chamar de “complexo de santo”. Acreditava que devia me sacrificar para ser um “menino santinho”, sem namorar, sem muita vida boêmia (em pleno Rio de Janeiro!), e me dedicando com afinco a espiritualidade (foi pouco antes desta época que comecei a escrever sobre o tema). No final das contas, e após as regressões, descobri duas coisas que guardei fundo na memória e na alma, até hoje:

(a) Que na verdade meu “problema” com namoros advinha de traumas antigos, de outras vidas, com certas falhas minhas na formação de famílias e cuidado com meus filhos;

(b) Que em realidade toda aquela história de “ser santinho” era somente o meu ego tentando construir para si mesmo um “patamar de santidade” – em outras palavras, estava querendo “ser santinho” por mim, e não pelos outros. Essas lições foram (espero) assimiladas,

mas são problemas que, decerto, ainda permearão esta e muitas outras vidas.

Agora podemos voltar à terapia em si. O consultório da Dra. Kátia parecia bastante comum, com um sofá para ela, um sofá maior, ou divã, para o paciente se deitar confortavelmente, um tapete felpudo, e baixa luminosidade. Devo dizer que a experiência em si foi tão impactante, que hoje mal me lembro das feições da Kátia, e por isso nem vou descrevê-las aqui [4].

O procedimento padrão do início da regressão era uma espécie de meditação “guiada” pela terapeuta, que me dava indicações sobre o que procurar imaginar, tentando “destravar” minha mente e alça-la em estados alterados de consciência. Uma das coisas extraordinárias da experiência é que eu permaneci consciente o tempo todo, embora certamente não num estado normal, desses do dia a dia. Somente muitos anos depois dessa experiência que fui chegar a estados similares, quando comecei a desenvolver minha mediunidade. Infelizmente eu não tenho mais contato com a Kátia, e não faço ideia de qual “ramo” ou “técnica” terapêutica ela utilizou.

Mas fato é que funcionou muito bem... Após me imaginar voando pelos céus num grande balão, e deixando o solo cada vez mais distante de mim, entrei nalgum estado estranho, onde meu corpo inteiro parecia “ondular”, quase como se fosse feito de luz, e não mais de átomos com massa. Foi então que as lembranças iniciaram. Isto aqui faz parte de algumas anotações que fiz na época, dias depois das regressões:

Assim que ela indicou a idealização de um longo corredor de diversas portas, e me mandou abrir uma delas, eu comecei a regredir... Após um certo clarão de luz, me vi num monte, a grama era bem verde e a frente havia uma depressão que revelava um extenso rio e algumas árvores. Sempre sendo guiado pelas perguntas da terapeuta, vi perto do rio uma pessoa, provavelmente um guia espiritual, que me esperava. Eu sabia que ele tinha a resposta que eu

procurava, mas eu não podia andar até lá porque alguma coisa no meu peito me impedia, uma dor física mesmo, um mal estar tremendo que me fixava onde estava. Mesmo assim pude ver que usava sandálias de couro amarradas até a canela e uma túnica de cinza bem claro. Meu cabelo era castanho e dava até os ombros. Devia ter por volta de 30 anos... De resto não consegui ver mais nada.

O que acho interessante complementar aqui, sobre esta experiência inicial:

(a) As lembranças eram lembranças mesmo, e não visões, ou algo como vídeo ou trechos de cinema. O que conseguia observar, era através dos meus próprios olhos (na época, sabe-se lá qual), e isto significa que não podia me ver realmente, ou seja: via apenas parte do meu vestuário, as mechas de cabelo que caíam sobre a face, meus pés e mãos etc.;

(b) O registro desse tipo de memória é icônico, simbólico [5], e me parece que as lembranças mais profundas e facilmente acessáveis são aquelas revestidas de alta carga emocional – sejam lembranças boas, felizes, ou traumáticas;

(c) Aquele que achei ser o meu guia espiritual era, em realidade, eu mesmo, ou melhor, o meu Eu Superior, aquela entidade que parece ser capaz de lembrar perfeitamente de todas as minhas vidas e, portanto, de todas as minhas escolhas, boas ou ruins. Até hoje, se me lembro bem, esta “sensação” que me impedia de me aproximar desta entidade foi, em realidade, o maior medo que já senti nesta vida. Mas só fui compreender isso tudo anos depois, quando consegui me aproximar um pouco mais deste Eu divino.

Então “pulei” a uma época em que devia ter uns 8 para 10 anos: eu era criança e tinha a visão de uma criança. A mesa à minha frente era enorme, exatamente como seria para uma criança. Eu mesmo, nesta vida, me lembro bem de como a pia do banheiro da minha casa era

tão alta que, quando eu tinha de escovar os dentes, precisava subir num banquinho. Foi uma associação direta, visual, com esse tipo de lembrança...

Em torno da grande mesa, via as pernas das pessoas andando para cá e para lá. Parece que havia um bolo, ou coisa parecida, sendo feito pelas serviçais da minha casa. Minha família era nobre, e era um dia tradicional, haveria uma festa à tarde em minha casa. Podia ver que tinha muitos irmãos.

Pois bem, há muitos que desejariam ter sido grandes reis ou nobres em suas vidas passadas, como se isto fosse indicativo de alguma espécie de “superioridade”... Ledo engano, são exatamente estes que, muitas vezes, se enveredaram pelas vidas mais corruptas e distantes do amor, não muito diferente de como ocorre ainda hoje com todas as famílias que possuem muitos bens materiais – muitas coisas com que se preocupar, e se esquecer do amor. Quando o amor, ou melhor, a potencialidade de amar, esta sim, é tudo o que viemos aqui desenvolver, passo a passo, vida após vida.

E esta criança, que havia nascido nalguma região da atual França, nalgum tempo entre 120 a.C. e 105 a.C., pelos meus cálculos [6], podia perceber claramente esta falta de afeto numa grande família nobre. Preferiu migrar em direção à península grega, mesmo contra a recomendação dos pais (isto provavelmente nunca muda), e se estabelecer, como escriba, na grande Atenas, o centro da cultura mundial – ou, pelo menos, o mundo conforme a visão de um jovem europeu da época:

Cheguei lá após as vidas de Sócrates e Platão, daí eu ter ido também por causa da fama da cidade. Primeiramente fui a um templo bem tradicional onde uma mulher, o oráculo, me disse que só eu posso seguir meu próprio caminho, não adiantava tentar achar a um sábio, um guia, ou mestre, pois ninguém poderia trilhar meu próprio caminho além de mim. Depois me vi conseguindo trabalho

como escriba, e talvez com a ajuda de uma carta de meu pai, que por certo era um homem influente.

Se depois, ao lembrar tais memórias com a razão da vida atual, fiquei feliz em saber que já era um “sujeito letrado” desde esta época, na prática isto não me ajudou muito, pois me faltava ainda a sabedoria que as letras não ensinam... Quando Atenas foi “finalmente anexada” pelos romanos, não houve guerra nem destruição na cidade em si; mas nas imediações, nas pequenas zonas rurais em seu entorno, houve morte e carnificina, estupros e todo tipo de horror que acompanha a sina dos inocentes que tiveram o azar de estar no caminho das hordas de soldados.

Pois é, ocorre que o tal sujeito letrado tinha um grande amor nos arredores de Atenas – que poderia ter sido salva, quem sabe, se tivesse sido “assumida” e trazida para residir em sua casa, na segurança da cidade:

Depois me vi já mais velho, provavelmente acima dos 30 ou 40, e percebi que havia me apaixonado por uma camponesa... Até o dia em que vi Atenas sendo invadida por soldados, e eram romanos, com certeza. Eles passaram a controlar a cidade, era o período da tutela romana... Mas eu nem me importava, pois ao que parecia eles atacaram antes os campos, e eu sabia que aquela camponesa havia sido morta. Então eu pensei que se eu tivesse assumido meu amor por ela talvez ela estivesse ainda viva, e isso doeu demais. Daí eu comecei a frequentar festas e me relacionar com diversas mulheres. Passei a me autocastigar, e não tomar mais conta da minha própria saúde como deveria. Comecei a beber bastante...

De que me valia haver “nascido nobre” agora? Provavelmente, foi à prepotência adquirida através desta “nobreza” que me impediu de assumir um amor “não tão nobre”. Os preconceitos que temos hoje, o desejo de ser “superior”, é algo tão antigo, tão antigo... E mais antiga ainda é a cerveja, e o vinho, e os inúmeros entorpecentes que nos

têm servido como “rotas de fuga da realidade”. Quantas vidas teremos desperdiçado assim?

Me vi morrendo com 50 para 60 anos [7], num quarto com minhas serviçais e meus amigos. Então eu lamentei profundamente por não ter amado nessa vida tanto quando poderia ter amado. Apreendi muitas coisas, mas não pude aprender a ser sábio sobre mim mesmo, e não pude amar como gostaria. Vi duas luzes chegando, os seres que me levariam de volta. Não os conhecia, e isso me deixava muito apreensivo. Mas fiquei mais tranquilo ao saber que iria para um lugar onde poderia tentar aprender tudo aquilo que ficou faltando dessa vida... Então, eu subi...

Somente muitos anos depois, ao ver documentários e estudar sobre as experiências de quase morte (EQMs), é que pude reparar que os relatos de “pontos de vista flutuando no teto, vendo o corpo abaixo, numa cama” eram surpreendentemente parecidos com tais “visões de morte” que tive na regressão. De fato, não existe vida após a morte, mas vida após a vida, por tudo o que estudei e “vivenciei”, provavelmente exista.

Antes de prosseguirmos, gostaria de tecer duas considerações finais acerca desta experiência de morte:

(a) Me parece ser muito, muito importante, ter familiares, amigos e conhecidos, no momento da morte. Isto é uma pena, pois em nossa era morremos sozinhos, em hospitais, entubados e ligados a máquinas. Naquela época, e durante muitos séculos, a morte não era assim tão assustadora, e as famílias compareciam aos momentos finais do moribundo, que muitas vezes morria em casa, na mesma cama em que dormia todas as noites;

(b) Se tem uma coisa que parece ser intransponível, é o acesso as memórias que ocorreram entre vidas, no chamado plano espiritual. Mesmo nas centenas de casos de crianças que lembram vidas passadas, estudados minuciosamente por Ian Stevenson, que eu

saiba não se viu um único relato do período entre vidas. Um mistério, um mistério!

Uma semana depois, retornava ao consultório de Kátia. Naquela altura, já tinha elaborado boa parte do que havia relembrado uma semana antes, e me considerava praticamente “curado”. Não sabia exatamente o porquê, mas uma intuição me dizia que “já estava bom”, que não seria mais necessário, nem recomendável, insistir em abrir mais portas da mente, em adentrar ainda outras vidas antigas... Mas Kátia não concordou, achava que era necessário prosseguir com o tratamento [8]:

Ao abrir a mesma porta imaginária, estranhamente vi um castelo, cercado por uma cidade medieval, mas em vista aérea... O que depois vim a perceber que se tratava de minha chegada a Terra, o renascimento!

Logo após vi água, mar, e um imenso casco de navio cortando a imensidão azul e provocando pequenas ondas que surgiam para logo depois desaparecerem. Estava observando o barco no qual eu era encarregado por cortar o Mediterrâneo. Tinha por volta de 30 anos, bigodinhos pontudos e ridículos (que vira no espelho), uma roupa aparentemente típica da época do renascimento europeu. E tinha um longo chapéu também, apenas evitava usa-lo quando na proa para não voar para longe...

Era empregado de uma companhia de comércio marítimo, e após algum tempo como marujo me tornei encarregado de um barco inteiro. Eu adorava velejar, ver aquelas velas imensas e decoradas com símbolos serem acariciadas pelo vento... E o mar, sobretudo amava o mar!

A impressão que tive é que passei toda uma vida a observar o mar, a navegar dentre pequenas cidades do Mediterrâneo, vivendo do

comércio de alimentos e especiarias variadas. Parecia um conto de fadas a primeira vista, mas como sempre, as aparências enganam...

Infelizmente não era uma vida só de alegria. Eu havia me casado moço, e pouco antes de ganhar aquela função importante, já havia gerado seis filhos, e outros dois nasceriam depois... Mas eu usava todo meu tempo no trabalho, nas viagens, no comércio... Nunca tive muita disposição para amparar minha esposa e assistir meus filhos crescerem de perto, aquilo não me atraía, apenas o mar era meu refúgio naquele tempo.

Então minha esposa morreu doente. Eu a havia amado bastante, principalmente no início de nossa relação. Dessa vez ao menos eu soube dar valor a esse tipo de amor... Mas não fui exatamente um bom pai. Após sua morte, deixei as crianças numa espécie de orfanato, e as mantinha muito bem com o dinheiro que ganhava no comércio, apenas não lhes dava amor e atenção, exatamente o que uma criança mais precisa...

E o tempo passou, e chegava a hora de me aposentar, mas isso aconteceu antes do que eu esperava, fui simplesmente demitido de um dia para o outro. Não me faltava dinheiro, mas sentia muitas saudades do mar... E meus filhos não eram mais do que amigos distantes, já crescidos e com suas próprias vidas, e eu os entendia muito bem, claro, não tinha o que exigir deles.

Na hora da morte, constatei mais uma vez o valor do amor:

Graças a Deus, minha única filha, e ao que parece a que mais me amara, me aceitou em sua casa, e passei o final da vida aos seus cuidados. Eu aprendi a gostar dela, é claro, e a partir daí passei a lamentar meu egoísmo em relação as minhas crianças... Mas ainda havia tempo para me reabilitar: nesses anos passei a me aproximar dos meus filhos com cautela, e eles de certa forma me aceitaram. Poderia ter sido bem melhor, é claro, mas pelo menos ainda houve tempo para uma reavaliação das minhas escolhas.

E quando morri de complicações intestinais, lá estavam minha filha e mais dois filhos que puderam comparecer a sua casa no dia final. Eu morri sem tanta dor assim, pois na passagem já estava sendo auxiliado por um grupo de espíritos amigos. Minha filha, principalmente, chorou muito minha morte, ela realmente sempre me amou, e eu só lamentava por essa falha por tantos anos de minha vida, e o desperdício da oportunidade de ter criado meus filhos mais próximos de mim.

Embora não soubesse exatamente quem eram, sentia em minha alma que aqueles que vieram me buscar eram conhecidos, e não desconhecidos como os que me visitaram na vida ateniense. Isso parecia fazer toda a diferença do mundo: um ser que lamentava minha morte na Terra, que se lembraria de mim, e que deu sentido a uma vida inteira; e amigos do outro lado, amigos de outras épocas, outras vidas... O que mais eu poderia desejar? Estava começando a achar que valeria a pena continuar visitando minhas vidas passadas.

Mas isto durou pouco. Pouco antes das memórias se encerrarem, tive um pequeno vislumbre do motivo de ter vivido toda aquela vida velejando pelo Mediterrâneo... Lembrei-me, num breve relance, da vida imediatamente anterior, de ter sido um dos guerreiros cruzados, que acreditava piamente que estava seguindo aos desígnios de Cristo e da Igreja Católica ao invadir, pilhar e assassinar nas terras árabes, na dita “terra santa”. Este relance foi o suficiente para que eu desistisse de prosseguir adiante na investigação de minhas memórias.

Uma vida inteira de contemplação no mar, por quê? Para que? Ora, porque, ao contrário do que os filmes de Hollywood podem fazer crer, espadas não cortavam homens como se corta manteiga, e não se mata com a mesma facilidade que um herói do cinema. Lutar nas guerras medievais mais parecia um açougue do inferno, com sangue por todo lado, gemidos de dor aterrorizantes, e cenas surreais – como procurar por amigos feridos ou mortos em meio a pilhas de corpos apodrecendo dentro de metal. Hoje, apesar de tudo, ainda se mata a distância; mas matar ao lado, isto sim, era o terror [9].

E, este sim, foi motivo suficiente para que eu interrompesse o tratamento com a Kátia, o que não me arrependo nem um pouco; embora também não me arrependa de ter iniciado o tratamento, pois acredito que tenha me auxiliado, nesta vida, de muitas formas:

Provavelmente não farei mais regressões, mas eu sabia que seria assim. Havia curiosidade, havia medo, hoje só há mesmo uma profunda fé, uma fé renovada, de que não existe nada melhor do que existir, de que não estou sozinho, e nada pode ferir aquele que ama, pois o amor é uma energia poderosíssima, escudo contra todo o mal, e combustível para qualquer realização verdadeira nessa esteira temporal, onde vidas não passam de momentos, e onde a luz irradiada dos confins do Cosmos nos aponta o caminho, sempre...

ENCONTRANDO EU

05.02.2014 (conto pessoal)

No conto pessoal *Abrindo portas na mente* eu falei, de forma um tanto breve, sobre o meu encontro com o meu Eu, e agora chegou o momento de relatar com maiores detalhes este e os outros dois encontros que eu tive com tal entidade nesta vida, ao menos até o dia de hoje...

I

Na primeira vez que o vi, estava em realidade “viajando” dentro de minha própria mente, e o meu primeiro impulso foi o de considerá-lo alguma espécie de guia espiritual que apareceu para me guiar pelo percurso.

No entanto, bastou eu me aproximar mais (o “cenário mental” era o de uma área plana e gramada, se é que isso tem alguma importância) para tomar um dos maiores sustos da minha vida e perceber que em realidade estava, de uma forma um tanto estranha,

encarando a mim mesmo e, ao mesmo tempo, encarando tudo o que eu sou, muito, muito além do que o meu ego acredita ser nesta vida – gota de inúmeras outras.

O que a distância parecia uma pessoa, de mais perto lembrava mais uma carcaça humana com uma luz tão forte em seu interior que chegava a irradiar para fora, principalmente pelas cavidades dos olhos e da boca. A imagem moderna mais próxima que já encontrei disto que presenciei em minha mente foi vista numa série de desenho animado baseada na mitologia oriental em geral: *Avatar*, *A Lenda de Aang* (talvez já tenham visto também, e vão saber de qual tipo de imagem estou falando).

Conforme descrevi no outro conto, eu mal consegui me aproximar de Eu, e mesmo os poucos momentos em que o encarei me trouxeram, na época, o maior medo que já havia me lembrado de haver sentido. Não se tratava de um medo racional ou de um medo de ser ferido ou morto fisicamente, mas um medo que vinha do fundo da alma: o medo de saber de tudo o que fui e de tudo o que fiz, de bom ou de mal, em inúmeras vidas, e talvez ir até muito além disso... Enfim, é o tipo de coisa que as palavras, essas cascas de sentimento, não conseguem transmitir. Um PUTA MEDO talvez fosse a tradução mais correta.

Essa experiência que ocorreu durante a minha primeira regressão de memória foi tão forte, embora brevíssima, que até hoje lembro mais dela do que do restante da regressão (apesar de o restante ter sido um tanto impactante, conforme falo no outro conto). Fato é que, apesar de eu ter ficado petrificado de medo ante Eu, a mesma força que me mantinha paralisado carregava uma semente de curiosidade, uma vontade oculta de, quem sabe numa próxima vez, conseguir me aproximar mais, conseguir ter a coragem genuína de vê-lo face a face. O que sei é que não seria fácil, e que dependia somente de mim mesmo conseguir agir de outra forma, se me fosse dada outra oportunidade para tal encontro divino.

II

É então que se passam alguns anos e eu o encontro novamente num sonho. Não me lembro exatamente do ano, mas na verdade me lembro dele como se fosse ontem... Eu só sei que ele ocorreu em algum momento entre os anos 1999 e 2003 porque anotei sobre a regressão em 1999, e até 2003 dormia no mesmo apartamento onde tive o sonho, na zona sul do Rio de Janeiro.

No sonho, eu me aventurava numa torre escura, medieval, como alguma espécie de espião, ou simplesmente um curioso. Como todo sonho, a forma tem bem menos importância que a simbologia, e a simbologia tem ainda menos importância do que os sentimentos vivenciados. Eu tenho quase certeza que teria me esquecido deste sonho, como me esqueço de quase todos, se não fosse pelo desfecho dele...

Voltando ao sonho: Eu subia pelos degraus antigos e espiralados desta torre com a sensação avassaladora de que estava me aventurando em terreno proibido, e que os segredos que ela encerrava estavam ocultos por um bom motivo – mas mesmo assim eu, como grande curioso, me arriscava na busca por desvelá-los.

Em dado momento cheguei onde aparentemente queria chegar, uma sala relativamente grande cheia de estantes de madeira velha com grandes livros e tomos empoeirados. Pelo fato de ter lido muitos livros de J. R. R. Tolkien e de haver jogado Role Playing Games, provavelmente as imagens mentais foram influenciadas pela chamada Fantasia Medieval, mas fato é que, em essência, eu estava ali, em terreno proibido, tendo acesso a segredos e informações que não eram acessíveis a qualquer um. Era um misto de excitação e medo de ser pego.

Medo? Para que falar nele de novo, não é mesmo? Eis que, quando estava lendo as primeiras linhas do primeiro tomo que retirei da estante mais próxima, surge um velho num manto negro na entrada da sala, de barbas e cabelos grandes e muito brancos, e um olhar raivoso.

Por um breve momento, ainda antes que ele esboçasse qualquer reação, pude reconhecê-lo: era Eu, novamente Eu, e todo aquele “aparato simbólico” do parágrafo anterior era tão somente minha imaginação tentando dar forma humana ao que está além de toda forma...

“SAIA IMEDIATAMENTE DAQUI”, foi o que a entidade gritou (sem usar a boca, como é comum nos sonhos). E, no momento seguinte eu estava correndo, desesperadamente, até que quase me choquei com a porta da cozinha!

Sim, eu havia não somente acordado e saltado da cama, como saído do meu quarto e atravessado todo o corredor do apartamento até quase me esborrachar na porta fechada da cozinha. E, sim, eu já não estava mais sonhando... Nunca tive outro sonho tão intenso em toda esta vida.

III

Finalmente, o último encontro que tive com Eu foi há poucos anos atrás, num Centro Espírita da cidade onde moro atualmente, Campo Grande/MS.

Neste Centro Espírita, aos finais de semana há um encontro chamado Oficina dos Sentimentos, onde as práticas lembram muito mais uma terapia de grupo, com alguma meditação transcendental, do que os rituais espíritas mais conhecidos. Pois bem, e foi exatamente numa dessas meditações, cujo tema eu já nem me lembro mais qual era, que encontrei Eu novamente.

Era um belo cenário natural, que eu normalmente “evoco” em minha mente durante os rituais espiritualistas em geral, com montes e planícies verdejantes, uma cachoeira a distância e um pequeno córrego a atravessar a paisagem. Eu estava no topo de um monte e percebi que Eu estava no outro, distante o suficiente para que eu o pudesse observar, desta vez sem nenhum grande medo. Eu o reconheci prontamente, e aquela primeira curiosidade, aquela

vontade genuína de caminhar em sua direção, floresceu novamente em meu coração.

A entidade sorriu, e apontou para o espaço gramado que separava o seu monte do meu. Ali havia um caminho, sinuoso, que parecia simbolizar que ainda precisaria dar muitos passos para que pudesse, finalmente, o ver face a face, sem medo, sem dúvidas ou certezas.

E todo o medo que eu senti em nosso primeiro encontro agora aparecia na mesma intensidade, só que em outra forma, em outra sensação – uma sensação de entusiasmo, entusiasmo, entusiasmo! Valia a pena viver, e seguir naquela via sinuosa, contanto que soubesse que, a cada passo, o momento de nosso encontro se aproximava. Um passo de cada vez.

Há muitas informações desconstruídas acerca do que é exatamente este Eu. Dentre outros problemas em descrevê-lo objetivamente, há o fato de que o Eu é também eu mesmo, de modo que existe o “meu eu” e o “seu eu” e o “eu de cada um”. Mas eu não usei maiúsculas por uma boa razão: ocorre que o “eu de cada um” é também uma parte, um reflexo no espelho, da Luz do Sol, do Eu Maior, do Ser que preenche e dá vida a todos os seres do Cosmos, e do próprio Cosmos.

E a sensação que se sente ante este encontro com a Vida, e com a ânsia da Vida por si mesma, é algo que foge tanto da linguagem que qualquer tentativa de capturá-la seria tão frutífera como tentar capturar um raio solar com as mãos...

Um PUTA ENTUSIASMO talvez fosse a tradução mais correta.

★★★

Entusiasmo (do grego *en* + *theos*, literalmente “em Deus”) originalmente significava inspiração ou posse por uma entidade divina ou pela presença de Deus. Atualmente, pode ser entendido como um estado de grande arrebatamento e alegria.

★★★

*Tu que és eu mesmo, além de tudo meu;
Sem natureza, inominado, ateu;
Que quando o mais se esfuma, ficas no crisol;
Tu que és o segredo e o coração do Sol;*

*Tu que és a escondida fonte do universo;
Tu solitário, real fogo no bastão imerso;
Sempre abrasando; tu que és a só semente;
De liberdade, vida, amor e luz eternamente;*

*Tu, além da visão e da palavra;
Tu eu invoco; e assim meu fogo lava!
Tu eu invoco, minha vida, meu farol,
Tu que és o segredo e o coração do Sol*

*E aquele arcano dos arcanos santo
Do qual eu sou veículo e sou manto
Demonstra teu terrível, doce brilho:
Aparece, como é lei, neste teu filho!*

O Ofício do Hino, Aleister Crowley (trad. Marcelo Ramos Motta)

★★★

Senhor, tu és meu amante, meu anseio, minha fonte eterna, meu Sol, e eu sou teu reflexo. O dia de meu despertar espiritual foi aquele em que eu vi, e soube que eu vi, todas as coisas em Deus, e Deus em todas as coisas.

Mechthild von Magdeburg, mística católica alemã

Notas do terceiro capítulo

[1] O termo “racional” se refere a razão destituída de qualquer espiritualidade, como é compreendida no meio acadêmico moderno. Acostumamos a interpretar esse termo como uma analogia a racionalidade e inteligência do ser humano, porém em sua origem, no *logos* grego, ele significava algo a mais (retirado da Wikipedia): “significava inicialmente a palavra escrita ou falada – o Verbo. Mas a partir de filósofos gregos como Heráclito passou a ter um significado mais amplo. *Logos* passa a ser um conceito filosófico traduzido como razão, tanto como a capacidade de racionalização individual ou como um princípio cósmico da Ordem e da Beleza”. Essa interpretação do *logos* como “uma razão conectada ao Cosmos” atinge seu ápice na filosofia estoica. Nesse sentido de *logos*, a compreensão seria ao mesmo tempo racional e espiritual, e portanto adequada ao contexto utilizado em nosso pequeno estudo. [\[voltar\]](#)

[2] Dependendo da crença de quem participa do ritual, podem-se usar outros termos no lugar de Criador: Universo, Vida, Cosmos, Deus etc. Só não recomendo que se usem nomes de profetas ou santos, nem de semideuses e/ou deuses menores. [\[voltar\]](#)

[3] Em todo caso, devo revelar muito pouco acerca de minhas vidas passadas, já que devem (ou deveriam) interessar somente a mim. Este relato está totalmente focado na experiência de regressão em si. [\[voltar\]](#)

[4] Muito do que experienciei nas regressões foi lembrado perfeitamente por muitos anos, mas nalgum momento comecei a esquecer, aos poucos, de fatos e imagens isoladas. Hoje este relato só é possível porque deixei algumas coisas anotadas na época, em 1999 (alguns trechos do texto foram retirados diretamente dessas anotações, geralmente estarão *em itálico*). [\[voltar\]](#)

[5] Sir Charles Scott Sherrington traz uma definição muito precisa dessa questão, em seu livro *Man on his nature*, onde ele imagina a mente como um “tear encantado” a tecer padrões mutáveis porém sempre significativos – tecendo padrões de sentido:

“Esses padrões de sentido transcenderiam programas ou padrões puramente formais ou computistas e dariam margem à qualidade essencialmente pessoal que é inerente a reminiscência, inerente a toda *mnesis*, *gnosis* e *práxis*. [...] Padrões pessoais, padrões para o indivíduo, teriam de possuir a forma de scripts ou partituras – assim como padrões abstratos, padrões para computador, têm de estar na forma de esquemas ou programas. Portanto, acima do nível de programas cerebrais, precisamos conceber um nível de scripts e partituras cerebrais. [...] A experiência não é possível antes de ser organizada iconicamente; a ação não é possível se não for organizada iconicamente. ‘O registro cerebral’ de tudo – tudo o que é vivo – tem de ser icônico. Essa é a forma final do registro cerebral, muito embora o feitiço preliminar possa ser moldado como cômputo ou programa. A forma final de representação cerebral tem de ser, ou admitir, a ‘arte’ – o cenário e a melodia artística da experiência e da ação.” [\[voltar\]](#)

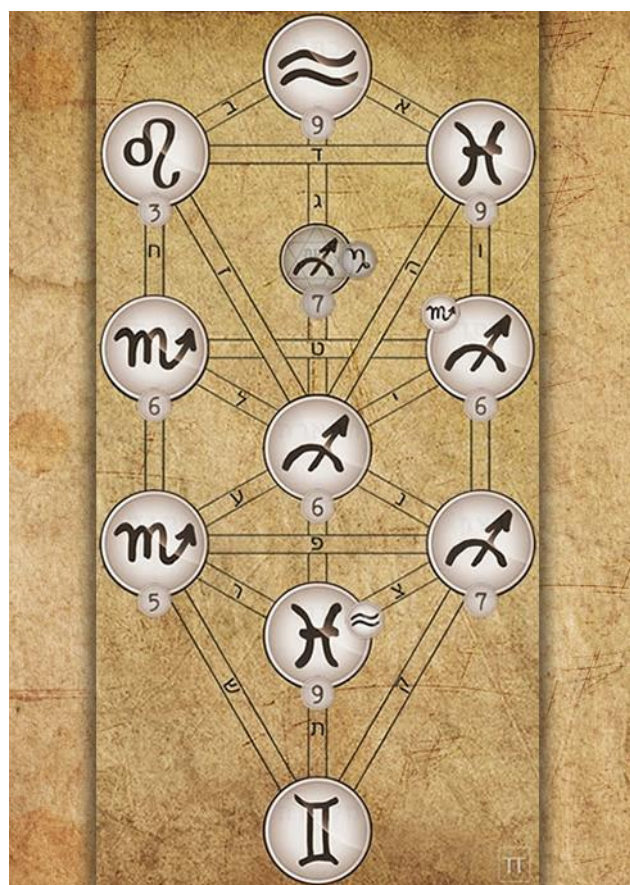
[6] Baseados na época em que, segundo a História, Atenas foi invadida pelos romanos (após uma revolta contra o domínio do Império, cerca de 88 a.C.). Eu não me lembro de ter estado atento a estes eventos em específico antes de ter realizado a regressão, mas é possível que tenha estudado isto, por alto, muitos anos antes, nas aulas de história do colégio. Em todo caso, já conhecia Atenas (e Sócrates, Platão etc.) nesta época, de modo que certamente fiquei em dúvida se tais memórias não poderiam ser produção de uma “imaginação que tentava reconstruir uma Atenas antiga”. Por fim, considerando outras vidas lembradas (estas sim, que nada tinham a ver com qualquer assunto que estivesse lendo ou estudando na época), acabei considerando que mesmo esta vida, em que estive em

Atenas (conforme será explicado na sequência do texto), foi uma “vida real”. [\[voltar\]](#)

[7] É preciso considerar que a minha tentativa de “conferir uma idade” as fases desta vida foi baseada na razão desta vida atual, moderna, onde uma pessoa que aparenta ter de 50 para 60 anos muitas vezes pode ser até mais velha. Naquela época antiga, pelo contrário, talvez alguém com 40 anos já aparentasse ter mais de 50 (por nossa visão atual). [\[voltar\]](#)

[8] Se por um lado, é óbvio que seria do interesse dela prosseguir com o tratamento – afinal, nenhuma terapeuta sobrevive de uma sessão única por paciente –, por outro ela tinha razão no sentido de que meu tratamento psicológico ainda deveria prosseguir. O caso é que não necessariamente deveria prosseguir com mais regressões, pois elas nem sempre são somente benéficas, como veremos na sequência do texto. [\[voltar\]](#)

[9] É preciso explicar que tais lembranças hoje são totalmente indiretas, isto é: já as imagino como se fossem a história de uma outra pessoa, e não de mim mesmo. Isto é bem diferente do que senti no rápido vislumbre emocional, já no fim da regressão – é deste tipo de trauma que procurei me afastar. É este também boa parte do motivo do meu grande temor em me aproximar do meu Eu Superior, pois é exatamente Ele quem comporta todas as lembranças – as boas, e as ruins. Felizmente ainda O encontrei em outras oportunidades, quando estava mais preparado para encará-Lo... *Mas isso é uma outra história.* [\[voltar\]](#)



Epílogo: O mapa natal

Por Colorado Teus, palestrante no campo da espiritualidade e autor do blog Queremos Querer.

Textos para Reflexão é o nome de uma das fontes de conhecimento que mais me interessaram desde que comecei a estudar Filosofia e Espiritualidade; o primeiro contato que tive com o blog foi através do Projeto Mayhem, como uma coluna do blog *Teoria da Conspiração*.

Lembro-me de sua primeira série de textos que li, chamada *4 amores* [também parte do primeiro volume do *Livro da Reflexão*]. O conhecimento ao que tive contato lendo esta série foi tão bom e empolgante que “obriguei” cerca de 10 amigos a ler e a compartilhá-la, depois disso virei um fã declarado e leitor assíduo desse blog. Porém, conhecimento científico e pesquisas profundas com fontes sérias é apenas um dos pilares deste blog. A beleza com que Raph escreve é de encantar, suas construções são poéticas, suas metáforas divinas, ao lermos seu blog sempre nos deparamos com trechos incríveis como:

“Como uma estrela cadente em meio a um vazio pleno de paz, como uma memória, uma imagem daquilo que será lembrado para sempre, uma vez que sempre estive em nossa volta. O amor de todos os seres, conscientes e à beira da consciência. O amor de todos os cânticos, de todas as orações, de todas as poesias, de todos os pensamentos, colocado aos pés de uma fonte de água cristalina, que jorra em cascata preenchendo todos os átomos e todas as galáxias do Cosmos. O amor em movimento, a ponte entre um mundo de morte e um mundo de vida.” – Rafael Arrais, *4 amores* (parte 4)

Mas nem só do blog vive o *Textos para Reflexão*, esperei por um bom tempo e comprei assim que saiu o livro *Ad infinitum*, um livro

que mudou de certa forma meu jeito de ver o mundo e, principalmente, como construir discursos para não ofender pessoas que não compartilham das mesmas crenças que eu.

Sendo assim, sinto-me lisonjeado por receber seu convite para escrever um pouco sobre o blog e sua relação com o Mapa Natal, agradeço profundamente pela oportunidade. O Mapa se refere a data e hora exatas da primeira postagem do blog (27/11/2006 às 19:33 do horário de Brasília):

Começando da parte mais baixa, o Ascendente está em Gêmeos, o que significa que a maneira como o blog se coloca no mundo físico é através de uma grande variedade de conhecimentos, é uma boa janela para a multiplicidade de áreas e interdisciplinaridade, grande capacidade comunicativa e postagens muito frequentes.

A Lua recebe as influências de Aquário e Peixes, combinação também conhecida como Rei de Copas, na casa 9, a Lua do Artista Inteligente. Esta é uma combinação excelente para a criatividade aplicada ao raciocínio lógico, para a arte premeditada e preparada. Por estar na casa 9, este aspecto tende a aparecer quando se busca uma visão profunda e filosófica sobre algum assunto, quando faltam palavras para explicar uma energia que chega através de uma nova metáfora.

Mercúrio em Escorpião na casa 5, o Mercúrio do Detetive Perspicaz, que busca os detalhes mais profundos e inacessíveis. Como mercúrio rege a comunicação, isso se manifesta como uma comunicação muito bem detalhada e esmiuçada, de forma bela e harmoniosa.

Vênus em Sagitário na casa 7, o Vênus do Amante Filósofo, que busca o melhor de cada situação, eleva o astral de onde quer que esteja e tenta reunir partes que se sentem separadas.

Sol em Sagitário na casa 6, o Sol do Filósofo, a essência deste grupo é a Filosofia, o amor pela vida e pelo conhecimento. A busca de sentido e de compreensão de tudo ao redor é uma força primordial desta combinação, a utopia aqui é o esclarecimento sobre a

importância da equidade e da justiça para uma vida harmônica e livre. Como está na casa 6, esta energia se manifesta através da perfeição e da lógica.

Marte em Escorpião na casa 6, o Marte do Guerreiro Intenso, aquele que persegue seus objetivos de maneira implacável e ultra diligente.

Júpiter recebe a influência tanto de Escorpião quanto de Sagitário, energia também conhecida como Rei de Paus, o Guru Filósofo, aquele que traz algo totalmente novo para a humanidade. Na casa 6 significa que este novo conhecimento terá suas melhores oitavas quando forem aplicáveis à rotina e ao dia-a-dia.

Plutão recebe a influência tanto de Sagitário quanto de Capricórnio, energia também conhecida como Rainha de Moedas, a Administradora, na casa 7. A imagem aqui seria uma vilã que vive cobrando aluguel, impostos etc. Esta combinação indica que os maiores desafios que este blog precisa enfrentar é o de desenvolver sua essência para ajudar na melhoria dos relacionamentos das pessoas em questões mundanas e burocráticas.

Saturno em Leão na casa 3, o Saturno do General Autêntico. Esta combinação indica dificuldades com o excesso de autoconfiança e orgulho, mas, quando bem desenvolvida, alguém que não foge forçadamente de seus princípios e valores mesmo perante a morte.

Urano em Peixes na casa 9, o Urano do Pai Bondoso, aquele que nunca deixa faltar aos outros o que tem para si, pois é capaz de doar sem o menor apego. Na casa 9 indica que o que mais tem para doar está ligado à área da Filosofia e Espiritualidade.

Para terminar, Netuno em Aquário na casa 9, o Paraíso para este blog é um local onde se vibra União e Filosofia, um local em que todos podem entrar e expor suas ideias sendo tratados igualmente.

★★★

Ao *Textos para Reflexão* e ao Raph meus sinceros agradecimentos por tudo que me proporcionaram em questões de conhecimento, amizade, apoio, auxílio e, principalmente, esperança por um mundo melhor. Apoio totalmente tudo que vem deste blog e vibro em sua direção minhas melhores energias.

Vai dar certo!

Ad infinitum

por Rafael Arrais

Quatro personagens.
Um diálogo sobre o Tudo.



livro impresso



PDF



Kindle

à venda em:



amazon.com.br